UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO

ANA CAROLINA PADUA MACHADO

Para além de um viaduto: uma análise de usos e discursos sobre o Parque Minhocão

São Paulo
2019

ANA CAROLINA PADUA MACHADO

Para além de um viaduto: uma análise de usos e discursos sobre o Parque Minhocão

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Turismo.

Versão corrigida contendo as alterações solicitadas pela comissão julgadora em 30 de setembro de 2019. A versão original encontra-se em acervo reservado na Biblioteca da EACH/USP e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (BDTD), de acordo com a Resolução CoPGr 6018, de 13 de outubro de 2011.

Área de Concentração:
Desenvolvimento do Turismo

Orientador:
Prof. Dr. Thiago Allis

São Paulo
2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)

CRB 8 - 4936

Machado, Ana Carolina Padua

Para além de um viaduto: uma análise de usos e discursos sobre o Parque Minhocão / Ana Carolina Padua Machado ; orientador, Thiago Allis. – 2019.

200 f : il.

Dissertação (Mestrado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Turismo, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo.

Versão corrigida

1. Lazer - Aspectos sociais - São Paulo (SP). 2. Parques - São Paulo (SP). 3. Viadutos - São Paulo (SP). 4. Espaço urbano. 5. Elevado Presidente João Goulart - São Paulo (SP). 6. Parque Minhocão - São Paulo (SP). I. Allis, Thiago, orient. II. Título.

CDD 22.ed. – 306.48120981611

MACHADO, Ana Carolina Padua.

Para além de um viaduto: uma análise de usos e discursos sobre o Parque Minhocão.

Dissertação apresentada à Escola de Artes,
Ciências e Humanidades da Universidade de
São Paulo para obtenção do título de Mestre
em Ciências do Programa de Pós-Graduação
em Turismo.

Área de Concentração:
Desenvolvimento do Turismo

Aprovado em: 30/09/2019.

Banca Examinadora

Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani
Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Reinaldo Tadeu Boscolo Pacheco
Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Guillermo Jajamovich
Universidad de Buenos Aires

Para o Vô Benjamim, que sempre se orgulhava quando eu contava sobre o mestrado. Tenho certeza de que continua nos acompanhando lá de cima.

Agradecimentos

Ao meu orientador, Thiago Allis, pela incrível parceria ao longo destes anos. Sou grata pela oportunidade de ter desenvolvido este lindo trabalho com tão importante suporte. Obrigada por tudo, sempre.

Aos meus pais, Antonio e Leny, por me apoiarem incondicionalmente, em todas as etapas da minha vida. Obrigada por sempre acreditarem em mim e por prezarem pela minha educação, em todos estes anos.

À minha irmã, Ana Claudia, por se orgulhar de cada passo meu e por me inspirar tanto. Obrigada por ser minha parceira de vida.

Aos meus tios, Aurenny e Waldir, e ao meu primo, Túlio, por me acolherem em São Paulo e me presentear com uma nova família. Vocês são maravilhosos, obrigada por tudo.

Ao meu parceiro, Marcel, por me acompanhar em meus trabalhos de campo e por sempre torcer pela pesquisa. Obrigada por sempre me encorajar.

Aos professores da Universidade de São Paulo e do Programa de Pós-Graduação em Turismo por tantos ensinamentos e trocas. Foi uma honra. Em especial, meus agradecimentos a Edegar Luis Tomazzoni, Guillermo Jajamovich, Reinaldo Pacheco e Eduardo Quierotti, pelo suporte e apoio.

Aos meus amigos da “turma das mobilidades” – Eanne, Vânia, Filipe, Bethânia e Bel - meu muito obrigada. Tenho certeza que temos muito o que construir juntos ainda.

Aos amigos do PPGTUR que ganhei ao longo desta trajetória, obrigada pela linda rede de apoio que criamos. Contem sempre comigo.

Aos entrevistados desta pesquisa que dedicaram seus tempos para me atender e auxiliar na construção do trabalho, meu muito obrigada! Obrigada por tanta colaboração.

Ao Gil Veloso, obrigada por me inspirar com seu livro e por sua disposição em participar de nossas visitas ao Minhocão. Você tornou tudo mais poético.

Aos meus amigos de sempre, obrigada por acreditarem em mim. À minha família, vocês são a base de tudo.

À CAPES pelo apoio financeiro às minhas atividades de pesquisa. Sou grata pela oportunidade do exercício de pesquisa dentro da Universidade de São Paulo. A força da educação e da ciência são revolucionárias. Torço para que ela nunca se apague em nosso país.

*“Vamos cuidar da metrópole
e deixar tudo mais lindo!
Que tal vestir os lugares
com roupas de domingo?”*

*Imagine o Elevado
feito gravata gigante
multicolorido e bordado
por bondades transbordantes
no colo desta cidade
mais limpa e mais elegante!”*

(VELOSO, 2015, p. 4)

RESUMO

MACHADO, Ana Carolina Padua. **Para além de um viaduto:** uma análise de usos e discursos sobre o Parque Minhocão. 2019. 200 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Versão corrigida.

O Elevado Presidente João Goulart/Parque Minhocão é uma via, construída em 1971 na cidade de São Paulo que atualmente desempenha atividade dupla: para além de um viaduto, também funciona como parque elevado. Sua história foi marcada por uma série de discussões e articulações sobre seu futuro, com possibilidades vinculadas à sua desativação definitiva para carros, transformação em parque urbano elevado - de forma definitiva ou parcial – ou derrubada da estrutura (via desmonte ou demolição). Deste modo, esta pesquisa tem como objetivo principal identificar, descrever e analisar, numa perspectiva histórica, os usos e discursos associados ao turismo e lazer urbanos no Minhocão, tendo por referência a circulação de modelos urbanos. Para tanto, a metodologia selecionada utilizará das técnicas de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, entrevistas semiestruturadas e observação não-estruturada. O referencial teórico estruturou-se a partir de três temas principais: mobilidades e circulação de modelos urbanos, planejamento estratégico e city marketing, turismo e lazer urbanos. Os resultados obtidos permitiram se concluir que os usuários do Minhocão são representados por um conjunto variado de atores – turistas, visitantes e residentes, de maneira geral – que apresentam a possibilidade de, enquanto usufruindo deste espaço, compartilharem de um olhar turístico. Ainda, sobre os discursos vinculados ao Minhocão, demonstrou-se que estes baseiam-se em duas diferentes visões desta estrutura, como oportunidade (em relação à sua transformação em parque elevado) ou como problema (que necessitaria de uma solução). A partir da noção de circulação de modelos urbanos, entende-se que a história do Minhocão foi marcada pela presença de influências urbanas, que podem se resumir em: modelos de vias expressas elevadas, de parques urbanos elevados ou de experiências de derrubadas de vias elevadas. O Minhocão se apresentou como um poderoso objeto de estudo para se compreender os desafiantes fenômenos urbanos atuais, suas estratégias e representações, a partir de novos sentidos concedidos aos espaços das cidades.

Palavras-chave: Minhocão. Mobilidades. Turismo urbano. Lazer urbano. Circulação de modelos urbanos.

ABSTRACT

MACHADO, Ana Carolina Padua. **Beyond a viaduct**: an analysis of uses and discourses of the Minhocão Park. 2019. 200 p. Dissertation (Master on Sciences) – School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2019. Corrected version.

The Presidente João Goulart highway/ Minhocão Park is an elevated road, built in 1971 in the city of São Paulo that currently performs double activity: besides a viaduct, it also functions as an elevated park. Its history was marked by a series of discussions and articulations about its future, with possibilities linked to its permanent deactivation of cars, the transformation into an elevated urban park - permanently or partially - or the overturning of the structure (via disassembly or demolition). Thus, this research aims to identify, describe and analyze, from a historical perspective, the uses and discourses associated with urban tourism and leisure in Minhocão, with reference to the circulation of urban models. Therefore, the selected methodology - qualitative and applied (GIL, 2008) - will use the techniques of bibliographic research, documentary research, semi-structured interviews and unstructured observation. The theoretical framework was based on three main themes: mobilities and circulation of urban models, strategic planning and city marketing, urban tourism and leisure. The obtained results allowed concluding that Minhocão users are represented by a varied set of actors - tourists, visitors and residents, in general - who present the possibility of sharing a tourist look while enjoying this space. Still, discourses related to Minhocão, it was shown that they are based on two different views of this structure, as an opportunity (in relation to its transformation into an elevated park) or as a problem (that would need a solution). From the notion of circulation of urban models, it is understood that the history of Minhocão was marked by the presence of urban influences, which can be summarized as: elevated expressways, elevated urban parks or road tearing experiences. Minhocão has presented itself as a powerful object of study to understand the current challenging urban phenomena, their strategies and representations, based on new meanings given mainly to public spaces.

Keywords: Minhocão. Mobilities. Urban tourism. Urban leisure. Circulation of urban models.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Obras da construção do Minhocão, em 1970.....	31
Figura 2 – Perspectiva artística do projeto vencedor do prêmio Prestes Maia de Urbanismo (2006)	34
Figura 3 - Sede da Associação Parque Minhocão	35
Figura 4 - Aviso sobre as novas regras de funcionamento do Minhocão.....	38
Figura 5 - Capa da revista Veja sobre a construção do Parque Minhocão	39
Figura 6 - Atividades físicas no Minhocão.....	55
Figura 7 - Um grupo de amigos socializando no Parque Minhocão	56
Figura 8 – Vendedor de milho.....	60
Figura 9 - Espetáculo "Esparrama na janela" no Minhocão	62
Figura 10 - Grupo 1 (transformação do Minhocão em parque).....	69
Figura 11 - Grupo 2 (manutenção atual do Minhocão)	73
Figura 12 - Grupo 3 (derrubada do Minhocão)	75
Figura 13 - Modelos semelhantes ao Minhocão, segundo os entrevistados.....	85
Figura 14 - Atores entrevistados da esfera pública.....	87
Figura 15 - Audiência pública sobre o PL 98/2018.....	91
Figura 16 - Atores entrevistados da esfera privada	95
Figura 17 - Mural em homenagem ao centenário de Nelson Mandela, promovido pelo Escritório de Turismo da África do Sul.....	102
Figura 18 - Folders de roteiros turísticos na África do Sul, distribuídos no Parque Minhocão	102
Figura 19 - Relações entre políticas públicas, usos e discursos sobre o Minhocão	128
Figura 20 - Convite de inauguração do Minhocão	130
Figura 21 - O projeto do arquiteto Pitanga do Amparo para o Elevado.....	131
Figura 22 - Usos e discursos relacionados ao Minhocão (1971-2019).....	138
Figura 23 - Usos e discursos vinculados ao Minhocão	141
Figura 24 - Relações entre medidas legais e notícias sobre o Minhocão	143
Figura 25 - Perspectivas da atividade turística no Minhocão	154
Figura 26 - Nuvem de palavras com as principais expressões utilizadas pelos viajantes sobre o Minhocão.....	155
Figura 27 - Turismo e vidas sociais móveis no caso do Minhocão	157
Figura 28 - Relações entre turismo urbano e o Minhocão.....	158

Figura 29 - A figura do turista, no caso do Minhocão.....	159
Figura 30 - Possibilidades de turismo e lazer no Minhocão (1)	163
Figura 31 - Possibilidades de turismo e lazer no Minhocão (2)	164
Figura 32 - Análise do processo de circulação do modelo de vias expressas elevadas.....	169
Figura 33 - Matéria sobre as vias elevadas como "novas manias"	170
Figura 34 - O High Line Park como influência para discussões sobre o futuro do Minhocão	173
Figura 35 - Condutores do modelo do parque urbano elevado, na realidade do Minhocão ...	174
Figura 36 - Circulação de modelos urbanos (estruturas de transporte que foram derrubadas)	177
Figura 37 - Quadro ideal do processo de circulação de modelos urbanos	178
Figura 38 - Embates em relação ao futuro do Minhocão	179
Figura 39 - O processo de circulação de modelos urbanos no Minhocão	183

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Documentos analisados por data, nome e tipo	105
Tabela 2 - Notícias analisadas e suas fontes.....	111
Tabela 3 - Número de portais governamentais analisados	117
Tabela 4 - Artigos de opinião	120
Tabela 5 - Portais de viagem analisados.....	125

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Art.	Artigo
BIRD	Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento
CET	Companhia de Engenharia de Tráfego
GCM	Guarda Civil Metropolitana
MDM	Movimento Desmonte do Minhocão
MTur	Ministério do Turismo
PDE	Plano Diretor Estratégico
PL	Projeto de Lei
PIU	Plano de Intervenção Urbana
PNM	Paradigma das Novas Mobilidades
RMSP	Região Metropolitana de São Paulo
SMDU	Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano
UNWTO	World Tourism Organization

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. METODOLOGIA.....	17
2.1 Estudo de caso	18
2.2 Técnicas de pesquisa.....	20
2.3 Análise dos dados	24
3. De viaduto a parque – apresentando o Minhocão	27
3.1 As vias expressas elevadas e suas influências para a construção do Minhocão	29
3.2 O processo de construção do Minhocão	31
3.3 O Minhocão em funcionamento – trajetória temporal.....	32
4. Quadro teórico	40
4.1. Mobilidades nas Ciências Sociais e a circulação de modelos urbanos	40
4.1.1 Mobilidades: significados, conexões e relações.....	40
4.1.2 Mobilidades de atributos intangíveis e processos de circulação	40
4.1.3 Circulação de modelos urbanos.....	41
4.2 Planejamento estratégico e city marketing	43
4.3. Turismo urbano.....	45
4.3.1 Turistas, moradores, visitantes... ..	46
4.3.2 Mobilidades e turismo – reflexões sobre as mobilidades turísticas	48
4.4. Lazer – reflexões iniciais.....	49
4.4.1 Relações entre lazer e o espaço urbano	49
4.4.2 Os espaços e parques públicos urbanos – lazer na cidade.....	50
5. Minhocão: caracterização de usos e compreensão de discursos	52
5.1. Entrevistas realizadas aos usuários do Parque Minhocão	52

5.1.1 Perfil de usuários e descrição geral das atividades realizadas	52
5.1.2 Motivações e intenções de visita	63
5.1.3 Impressões sobre as funções e o futuro do Minhocão.....	68
5.1.4 Turismo no Minhocão?.....	77
5.1.5 Repertório sobre experiências internacionais, semelhantes, de parques elevados	85
5.2 Entrevistas aplicadas a atores envolvidos com o Minhocão.....	86
5.2.1 Esfera pública	87
5.2.2 Esfera privada	95
5.3 Pesquisa documental.....	103
5.3.1 Registros institucionais escritos	104
5.3.2 Documentos de comunicação em massa	111
6. DISCUSSÕES DOS RESULTADOS	128
6.1- Usos e discursos associados ao Parque Minhocão	128
6.1.1 Uma análise temporal sobre o Minhocão: de concreto armado a parque...129	
6.1.2 Conclusões parciais: que usos e discursos sobre o Minhocão?.....	138
6.2- O Minhocão como espaço e objeto associado a lazer e turismo	142
6.2.1 Concepção dos usuários do Parque Minhocão a partir de discussões e conceitos de lazer e turismo urbanos.....	144
6.2.2 Possibilidades atuais representadas pelo lazer e turismo urbanos no Minhocão	151
6.2.3 Conclusões parciais: Quais são as possibilidades atuais representadas pelo turismo e lazer no Minhocão?	162
6.3- O Minhocão pela perspectiva da circulação de modelos urbanos.....	165
6.3.1 As vias expressas elevadas	169
6.3.2 Os parques urbanos elevados.....	171

6.3.3 As estruturas de transporte desmontadas ou demolidas	176
6.3.4 Conclusões parciais: De quais formas a circulação de modelos urbanos se aplica nas propostas vinculadas ao Minhocão?	181
CONCLUSÕES	184
CONSIDERAÇÕES FINAIS	188
REFERÊNCIAS	190
APÊNDICE A – Termo de consentimento aplicado aos usuários do Parque Minhocão entrevistados	198
APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido elaborado para agentes e atores envolvidos com o Minhocão	199
APÊNDICE C - Roteiro de perguntas para entrevistas aos usuários do Parque Minhocão	200
APÊNDICE D – Linha do tempo do Minhocão.....	201

1. INTRODUÇÃO

O Elevado Presidente João Goulart/Parque Minhocão desempenha, para além de um viaduto, novos sentidos para a cidade de São Paulo, ao funcionar também como parque. A construção desta via elevada, na década de 70, propunha uma solução dinamizadora para o trânsito da cidade, ao funcionar como uma ligação rápida entre suas as regiões leste e oeste. Com cerca de 3,5 km de extensão, o elevado trouxe nova lógica à região, reorganizando-a e reestruturando-a. É extremamente próximo dos prédios residenciais que já existiam anteriormente à sua construção, o que, junto com outros fatores, o definem como uma obra, no mínimo, polêmica. Atualmente, além de sua função original, exerce atividade como parque urbano, possuindo períodos – sancionados por lei – para a circulação de pessoas, que dele se apropriam para diversas atividades.

Ao longo do tempo, o Minhocão passou a apresentar caráter anacrônico, provocando o surgimento de diversas propostas ao seu futuro relacionadas, de maneira geral, à possibilidades de sua demolição (total ou parcial) ou de transformação em parque. Geralmente, nos discursos e algumas práticas que acompanham estas discussões, são vinculadas as possibilidades relacionadas ao turismo e lazer. As discussões foram e são controversas, com a presença de diversos grupos com ideias diferentes argumentando, manifestando-se e organizando-se.

Neste contexto de embates sobre o futuro do Minhocão, percebe-se o movimento de um conjunto de influências de modelos urbanos que parecem chegar até a realidade brasileira em forma de discursos, ideias ou políticas particulares. Estes modelos urbanos estariam vinculados, de maneira resumida, a experiências que transformaram as suas estruturas de transporte em parques urbanos elevados ou as derrubaram (via desmonte ou demolição). Exemplos clássicos podem ser representados pelo High Line Park de Nova Iorque (uma antiga linha de trem que foi transformada em um parque elevado) e a demolição da Perimetral do Rio de Janeiro (um elevado que foi desmontado, no contexto das obras do Porto Maravilha). Na realidade das discussões sobre o futuro do Minhocão, estes modelos urbanos são utilizados como inspirações para justificar as possibilidades de transformação deste espaço, conduzidos por atores ou organizações, que os divulgam e os mobilizam no contexto paulistano. Desta forma, como categoria de análise, a circulação de modelos urbanos (JAJAMOVICH, 2013; 2018) se mostrou útil para se compreender a história do Minhocão dentro de uma perspectiva mais ampla, do campo das mobilidades.

Neste contexto, a presente pesquisa surge a partir da principal pergunta: *de quais formas o Minhocão pode ser entendido pela ótica da circulação de modelos urbanos e quais são seus usos e discursos representados pelo lazer e turismo urbanos?*

Deste modo, o objetivo principal desta pesquisa centra-se na identificação, descrição e análise – a partir de uma perspectiva histórica – dos usos e discursos associados ao lazer e turismo urbanos no Elevado Presidente João Goulart/Parque Minhocão, tendo por referência o processo de circulação de modelos urbanos. Para tanto, este objetivo geral subdivide-se em três específicos: a) investigar as características que configuram o turismo e lazer urbanos no Minhocão, tendo por referência o contexto da urbanização contemporânea; b) articular a discussão sobre o processo de circulação de modelos urbanos com as propostas vinculadas ao Minhocão; c) caracterizar o processo de circulação de modelos urbanos considerando as mobilidades como referências teóricas.

A estrutura metodológica da pesquisa apoia-se no pós-estruturalismo (PETERS, 2000), sendo de caráter qualitativo e aplicada (GIBBS, 2009; GIL, 2008) e do tipo descritiva-exploratória (VEAL, 2011). Para tanto, como delineamento metodológico, foi realizado um estudo de caso (GIL, 2008), com o uso das técnicas de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, entrevistas semiestruturadas e a observação não-estruturada. As entrevistas semiestruturadas foram aplicadas a dois grupos distintos, representados pelos usuários do Parque Minhocão e por atores envolvidos com este espaço, direta ou indiretamente. A análise dos resultados foi qualitativa, visando captar seus aspectos multidimensionais e diferentes significados (GIBBS, 2009; ALVES, 1992).

A composição do referencial teórico foi feita a partir de três principais frentes: mobilidades nas Ciências Sociais e circulação de modelos urbanos; Planejamento estratégico e city marketing; Turismo e lazer urbanos.

Os resultados obtidos permitiram se concluir que os usuários do Parque Minhocão compõem um conjunto variado de atores – turistas, visitantes e residentes, de maneira geral – que apresentam a possibilidade de, enquanto usufruindo deste espaço, compartilharem de um olhar turístico, contribuindo para as rediscussões sobre as categorias de lazer e turismo (sobretudo no que concerne às possíveis brechas entre eles). Sobre os discursos vinculados ao Minhocão, demonstrou-se que estes baseiam-se em duas diferentes visões desta estrutura: como oportunidade (em relação à sua transformação em parque elevado) ou como problema (que necessitaria de uma solução, representada pela sua derrubada ou pelo parque). A partir da noção de circulação de modelos urbanos, a história do Minhocão foi marcada pela presença

de influências urbanas, que podem se resumir em: modelos de vias expressas elevadas, de parques urbanos elevados ou de experiências de derrubadas de vias elevadas. Cada modelo urbano apresentou ser conduzido por sua própria rede de mobilizadores, responsáveis pela articulação e contextualização no ambiente de discussões sobre o futuro do Minhocão.

O Minhocão se apresentou como um poderoso objeto de estudo para se compreender – de maneira mais ampla – os desafiadores fenômenos urbanos atuais, suas estratégias e manifestações, a partir de novos sentidos concedidos, principalmente, aos espaços públicos. Através da realidade tão particular deste objeto de estudo – juntamente com todo o seu fenômeno – foi possível a proposição de novas e desafiadoras reflexões sobre as relações entre turismo e as cidades, incluindo os seus possíveis usuários (que se mostraram diversos). Isso parece trazer nova luz aos desafios propostos pelos usos das cidades e seus espaços, a partir de recentes determinações e possibilidades dos usuários urbanos, seus olhares, necessidades e diferentes expectativas – em termos de serviços, experiências e usufruto dos equipamentos urbanos. Portanto, percebe-se a possibilidade de se compreender estas novidades de forma inovadora, trazendo luz à reflexões sobre as possíveis estratégias de gestões de atividades de turismo e lazer nas cidades.

2. METODOLOGIA

Por Teoria ou Quadro de Referência entendemos o conjunto do todo da pesquisa, que compreende a teoria pela qual utilizará como referência, sua abordagem metodológica, métodos e técnicas específicos (LAKATOS, MARCONI, 2003). Esta pesquisa se apoiará no **pós-estruturalismo** enquanto não somente um único quadro de referência, teoria ou escola de pensamento, mas como um “movimento de pensamento – uma complexa rede de pensamento – que corporifica diferentes formas de prática crítica” (PETERS, 2000. p. 29).

Portanto, a pesquisa utilizará como inspiração o caráter do movimento do pós-estruturalismo que, enquanto perspectiva metodológica, aporta possibilidades de desconstrução de aparatos teórico-metodológicos tradicionais para abrir espaço para problematizações e produções de conhecimento científico inovadoras.

O pós-estruturalismo aplicado à concepção metodológica de uma pesquisa pressupõe a não diferenciação imediata de um método definido e estruturado. Assim, implica em fazer com que os pesquisadores construam seus métodos de forma independente e ao longo do percurso de investigação, dialogando com as questões de pesquisa. Entretanto, isso não significa negar os procedimentos e técnicas anteriormente previstos no projeto de pesquisa, mas ter-se em mente de que não devemos permanecer restritos às suas lógicas (TEDESCHI; PAVAN, 2017).

A pesquisa se caracteriza pelo **caráter qualitativo** que, segundo Gibbs (2009), possui ênfase na investigação dos fenômenos. Ainda classifica-se, segundo sua finalidade, como **aplicada** (GIL, 2008; VEAL, 2011) pois, utilizando de modelos de referências bibliográficas, analisa determinada situação dentro do contexto do fenômeno estudado – neste caso, a partir de aporte teórico, os usos e discursos vinculados a turismo e lazer urbanos no Minhocão, tendo por referência a circulação de modelos urbanos.

Em relação ao seu tipo – em linha com objetivos científicos – a pesquisa é do tipo descritiva-exploratória (VEAL, 2011), pois busca mapear, descrever e descobrir o território de análise e os padrões de comportamento do fenômeno estudado, cuja abordagem se mostra nova e dinâmica, necessitando destas descrições detalhadas – mas não exaustivas. Ainda, devido a estes atributos do objeto de estudo, também procura desenvolver um conjunto de ideias e conceitos que o esclareçam e desenvolvam cientificamente, daí seu caráter exploratório. O objetivo de desenvolvimento das pesquisas exploratórias é “proporcionar visão geral, do tipo aproximativa, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é

realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis” (GIL, 2008, p. 37). Daí a classificação viável para o contexto da pesquisa, que pretende uma aproximação do Minhocão, explorando-o a partir das lentes da circulação de modelos urbanos e do turismo e lazer urbanos - até o presente, ainda não realizado.

Em relação ao grau de envolvimento do pesquisador, a pesquisa se classifica, em parte, como **pesquisa-participante**. Pode-se resumir pesquisa participante por toda pesquisa social, de base empírica (pautada na experiência), realizada em consonância com uma ação existente, com o qual o pesquisador está envolvido de maneira cooperativa ou participativa (GIL, 2008).

O delineamento da pesquisa é representado pelo **Estudo de Caso**. O delineamento ou planejamento metodológico da pesquisa se refere ao estabelecimento de um cenário em uma dimensão mais ampla, envolvendo a previsão dos meios técnicos de investigação e da coleta e análise de dados e informações (MARTINS; THEÓPHILO, 2007).

2.1 Estudo de caso

Os estudos de caso servem para diferentes finalidades para os pesquisadores sociais, como estudar fenômenos cotidianos sem características ou descrições claramente definidas – como é o caso desta pesquisa (GIL, 2008). Se trata, pois, de um estudo em profundidade de determinado objeto(s) ou contexto(s) com o objetivo de se gerar um amplo conhecimento sobre sua situação, através do uso de diferentes fontes de referência (GIL, 2008). Dentre as fontes úteis e comuns aos estudos de caso, citadas por Pozzebon e De Freitas (1998), está o uso de documentos diversos e escritos.

Inserindo-se como uma das diversas ferramentas metodológicas de pesquisa nas Ciências Sociais, geralmente o fenômeno ou contexto estudado por um estudo de caso é contemporâneo e inserido na vida cotidiana e real. Independentemente do interesse específico do pesquisador, um estudo de caso se apresenta a partir do objetivo de se compreender complexas realidades ou fenômenos sociais. Assim, esta ferramenta faz com que o pesquisador se atente aos seus objetos de interesse e, através de seu estudo em profundidade, apresente uma compreensão holística de suas realidades (YIN, 2015).

Pozzebon e De Freitas (1998) ressaltam o papel do estudo de caso para fornecer ao pesquisador informações mais completas sobre determinado assunto que se encontra em estágio inicial de conhecimento e exploração. Ainda, a possibilidade de se entender o “estado

da arte” de determinado contexto ou de se estudar melhor sobre um ou mais objetos pouco explorados, são duas das razões comuns de se utilizar do estudo de caso como estratégia de pesquisa.

No caso desta pesquisa, desenvolveu-se um estudo de caso sobre o Elevado Presidente João Goulart/Parque Minhocão, cujas técnicas previstas para a realização deste estudo exploratório e descritivo estão representadas pela pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, observação não-estruturada e entrevistas semiestruturadas, conforme descritas na seção 2.2. Às técnicas de pesquisa de caráter empírico – observação não-estruturada e entrevistas semiestruturadas – foram conjugadas, ainda que parcialmente, perspectivas oriundas da Etnografia.

Neste sentido, a tentativa se deu para a valorização da experiência no campo, que exige envolvimento do pesquisador na observação profunda e cuidadosa dos comportamentos, evitando qualquer tipo de postura especulativa ou abstrata. Na etnografia, a imersão do pesquisador deve ser completa e este deve deixar de lado todo e qualquer preconceito, envolvendo-se e interiorizando-se na cultura do pesquisado, como num caso de “aculturação inversa” (LAPLASTINE, 2012).

Assim, nesta pesquisa, utilizou-se de princípios da etnografia ao estudo de campo empírico, cujo ambiente se dará no espaço do Minhocão – enquanto parque, aberto para pessoas – com observação minuciosa dos pequenos detalhes e comportamentos, entendendo toda e qualquer manifestação como parte importante e integrante do funcionamento do ambiente particular do Minhocão. Como afirma Laplastine (2012), a prática etnográfica pode – e deve – dar atenção também a micro situações que, apesar de parecerem cotidianas e sem importância para o estudo, são representativas de realidades sociais e da recente inversão temática sofrida pelo campo da Antropologia, que traz à tona a importância do estudo do “pequeno” e do habitual.

Trata-se, portanto, do estudo de uma realidade particular pertencente à cidade de São Paulo e que se refere a tudo que se passa no espaço do Minhocão. A palavra “tudo” expressa outro aspecto que se pretendeu aplicar ao estudo de campo: a análise da totalidade (LAPLASTINE, 2012; MAGNANI, 2009). Em outras palavras, se trata de seguir um dos princípios básicos da Etnografia que se preocupa em absorver e vivenciar aquilo que se passa no contexto estudado mesmo que não se refira, necessariamente, ao foco da pesquisa. Como explica Laplastine (2012), o estudo da totalidade é importante na medida em que, para a

Antropologia, o Homem não pode ser concebido de maneira destacada de sua realidade, já que está inserido em uma complexa rede de relações que configuram o seu contexto social.

O parcelamento da natureza humana na Antropologia, segundo Laplastine (2012), representa um risco clássico pois o reduz a uma única função e compreensão. Neste aspecto, Magnani (2009) reforça que o pressuposto da totalidade tem sido visto, desde os tempos dos etnógrafos clássicos, como condição da prática etnográfica. Portanto, a absorção desta totalidade foi complementada pelo emprego minucioso do diário de campo que, segundo Magnani (1997), é um instrumento indispensável ao etnógrafo pois funciona como um depósito fiel de impressões e observações instantâneas que podem resultar, posteriormente, em ricos materiais para o desenvolvimento da pesquisa.

Resumindo, propôs-se que a prática etnográfica aplicada ao estudo de campo desta pesquisa seguisse dois princípios fundamentais e complementares: a imersão total do pesquisador, evitando pré-julgamentos ou especulações, e o estudo “de perto e de dentro” (Magnani, 2002; 2009) da micro realidade do Minhocão.

2.2 Técnicas de pesquisa

Por *técnicas de pesquisa* entendem-se os procedimentos ferramentais necessários para se atingir os objetivos da pesquisa. Enquanto o método da pesquisa se refere “ao que fazer”, as técnicas tratam sobre “como fazer” (DENCKER, 1998). Para a coleta de dados e informações da pesquisa, objetivando responder à sua pergunta e seguir sua estrutura metodológica, foram utilizadas as técnicas de *pesquisa bibliográfica*, *pesquisa documental*, *entrevista* e *observação in loco*.

- Pesquisa bibliográfica

Por pesquisa bibliográfica se entende o conteúdo desenvolvido baseando-se em materiais já elaborados no universo científico, sendo indispensável para a construção de um referencial teórico robusto e confiável, assim como a estrutura conceitual da pesquisa. O resultado da pesquisa bibliográfica deve amparar todas as etapas da pesquisa, inclusive – quando possuir – as fases empíricas (GIL, 2008).

Boni e Quaresma (2005) resumem a pesquisa bibliográfica como a reunião de um conjunto de textos científicos sobre um determinado tema que julgam-se importantes na medida em que fornecem dados atuais, confiáveis e relevantes ao pesquisador. Segundo estas autoras, a pesquisa bibliográfica é importante tanto para estudos de campo, baseados em

dados coletados, quanto para pesquisas essencialmente teóricas ou amparadas em certos documentos.

Na pesquisa bibliográfica aqui empregada, realizou-se levantamento de literatura sobre os seguintes grandes temas: mobilidades nas ciências sociais e a circulação de modelos urbanos; planejamento estratégico de cidades e city marketing; lazer e turismo urbanos.

- Pesquisa documental

A pesquisa documental compreende a busca de materiais pertinentes ao contexto da pesquisa, de naturezas não acadêmicas, como documentos oficiais, cartas, reportagens da mídia, filmes, diários, contratos, relatórios de empresas, gravações, fotografias, relatórios de pesquisas, dentre outros (GIL, 2008).

Bowen (2009) define este processo como um procedimento sistemático que tem como função a revisão e avaliação de documentos para que sejam gerados significados, compreensão e conhecimento empírico. Este procedimento é frequentemente utilizado em combinação com outros também qualitativos, para se estudar um mesmo fenômeno. Portanto, é esperado que o pesquisador utilize-o juntamente com outros métodos, procurando convergência e corroboração. Frequentemente, outras técnicas utilizadas são as entrevistas e observação participante ou não-participante.

Neste caso, analisaram-se documentos oficiais, reportagens da mídia (impressa e digital), publicações oficiais na internet, blogs e sites de turismo, dentre muitas outras fontes, que se relacionem com o universo da pesquisa. O objetivo desta pesquisa documental – para além de se traçar e compreender um amplo cenário do objeto do estudo de caso – foi o de compreender, conforme o objetivo geral da pesquisa, os discursos (em formas de narrativas) associados ao turismo urbano e lazer urbano no Minhocão.

A pesquisa documental preliminar serviu para auxiliar a elaboração da problematização inicial da proposta de pesquisa, sendo representada pela busca, nos principais jornais de circulação (em formato digital), sobre o Minhocão – desde antes de sua construção até os tempos atuais. Isso auxiliou na formação de um repertório sobre o objeto, além da compreensão de seus usos e discursos, nos últimos anos.

- Entrevistas

As entrevistas foram semiestruturadas que, segundo Martins e Theóphilo (2007, p. 86), são conduzidas com “uso de um roteiro, mas com liberdade de serem acrescentadas

novas questões pelo entrevistador”. A entrevista é uma técnica que pode ser utilizada para coletar informações e dados, quando não disponibilizados através do uso de outras, como a pesquisa bibliográfica ou observação, por exemplo.

Na entrevista semiestruturada, a partir do direcionamento fornecido pelo entrevistador, o entrevistado pode discorrer de maneira mais livre sobre suas experiências, além de expressar-se de maneira espontânea (LIMA; ALMEIDA; LIMA, 1999). As entrevistas semiestruturadas permitem, pela combinação de perguntas abertas e fechadas, que o entrevistado discorra com maior liberdade sobre o assunto. Através de um roteiro de perguntas pré-definido, o entrevistador realiza a entrevista de forma semelhante a uma conversa informal, enfatizando, sempre que necessário, os assuntos em pauta. Este tipo de entrevista é muito útil para investigações acerca de valores afetivos e comportamentos (BONI; QUARESMA, 2015).

É importante ressaltar a relevância de ancorar o conteúdo da entrevista ao referencial teórico, às questões e aos objetivos da pesquisa, devendo ser aplicadas em um clima amistoso, produtivo e devidamente planejadas. Nesta pesquisa, o registro das entrevistas se deu por meio de gravação, mediante autorização do entrevistado: no início da gravação, aplicou-se – mediante leitura gravada - o termo de consentimento livre e esclarecido, elaborado¹ para informar ao entrevistado sobre o conteúdo e intenções da entrevista, assim como as formas de utilização dos dados fornecidos. Isso os forneceu total autonomia para desistirem da entrevista a qualquer momento, com a segurança de que suas informações fossem automaticamente descartadas. O aceite – ou não – do entrevistado foi também gravado. É válido destacar que a condução das entrevistas garantiu a segurança para os entrevistados se expressarem livremente, manifestando seus modos de pensar e agir e fazendo surgir, assim, a possibilidade de investigação de suas crenças, valores e sentimentos. As entrevistas foram conduzidas como momentos de reflexão, através de princípios de empatia, respeito e aproximação (ALVES, 1992).

As entrevistas semiestruturadas foram aplicadas a dois grupos distintos. O primeiro se referiu aos usuários do Minhocão, ou seja, pessoas que dele utilizam nos momentos em que se torna aberto para atividades não-motorizadas (caminhada, bicicleta, etc.). As entrevistas a este primeiro grupo buscaram informações sobre a frequência de uso do espaço, descrição das atividades realizadas, avaliação da experiência vivenciada e comentários adicionais. Tal

¹ Apêndice A.

estrutura procurou a junção de informações que indicassem os padrões de uso do Minhocão, os discursos a ele vinculados e os entendimentos sobre o turismo e lazer urbanos a ele associados.

O segundo grupo de entrevistados se referiu aos agentes que, de forma geral, se relacionavam com o Minhocão: representantes do poder público e privado (representado por membros de associações diretamente e, de alguma maneira, envolvidas com o Minhocão). Realizou-se contato prévio com tais pessoas, solicitando a entrevista e apresentando o tema da pesquisa. Este segundo tipo de entrevista foi organizado para que se pudesse entender os discursos vinculados ao Minhocão, incluindo seus emissores, seus motivos e intenções. Para estes atores, anteriormente à aplicação das entrevistas, foi solicitado o preenchimento do termo de consentimento livre e esclarecido².

Em um primeiro momento, chegou a ser considerada a alternativa de aplicação de questionários aos usuários do Minhocão, com caráter quantitativo, ao contrário de entrevistas semiestruturadas. Contudo, chegou-se à conclusão de que as entrevistas seriam melhores opções pois pouco se sabe sobre a dinâmica de uso do Minhocão – a não ser através das visitas de campo preliminares.

Foi utilizada, para a apresentação de certos conteúdos das entrevistas, a ferramenta de nuvem de palavras, através do site wordclouds.com.

- Observação in loco

Entendemos a observação como uma forma de aproximação da realidade que permite a coleta de informações e dados pertinentes (BONI; QUARESMA, 2005). A técnica da observação se trata de um conjunto de procedimentos que exploram nossos sentidos para a captação da realidade empírica. O que a distingue da observação cotidiana é a sua rigidez científica, planejamento cuidadoso através da elaboração de um protocolo de observação e aplicação controlada por princípios de confiabilidade, ética e imparcialidade (MARTINS; THEÓPHILO, 2007). Segundo Veal (2011), a técnica da observação pode ser utilizada para, através do olhar, descrever diversos contextos de pesquisa, incluindo situações de usos informais de espaços para lazer e turismo, sem cobrança de taxas de entrada e limitações de usuário, por exemplo – o que se aplica ao caso do objeto de estudo desta pesquisa.

² Apêndice B.

Utilizou-se da técnica da observação não-estruturada (VEAL, 2011; DENCKER, 1998) no espaço do Minhocão³, considerando as possibilidades de manifestações, usos e práticas nos momentos de usufruto para pessoas. Na observação não-estruturada buscou-se, essencialmente, descrever o fenômeno de estudo e estabelecer compreensões e explicações sobre seus processos (VEAL, 2011). Esta técnica é apropriada para o estudo de comportamentos sociais e frequência a lugares públicos, e permite que o pesquisador se comporte como verdadeiro espectador do fenômeno e suas vivências (GIL, 2008). O registro da observação foi realizado mediante registro audiovisual simples e elaboração de diário do pesquisador.

2.3 Análise dos dados

A análise dos dados provenientes da aplicação das técnicas foi qualitativa, que visa apreender aspectos multidimensionais e diferentes significados de fenômenos e experiências, com foco na vivência do indivíduo em seu contexto. A análise qualitativa busca compreender os significados das falas dos entrevistados considerando sempre o contexto em que estão inseridos e o arcabouço teórico da pesquisa. A análise qualitativa portanto, utilizando do texto como ferramenta de estudo, procura auxiliar o pesquisador a responder o que está, de fato, acontecendo no universo de pesquisa. Descreve assim os eventos de forma detalhada e densa para que se possa compreender o contexto estudado e demonstrar a riqueza de acontecimentos, assim como mostrar as relações entre as pessoas, os lugares e os contextos (GIBBS, 2009; ALVES, 1992).

É importante destacar o caráter flexível da análise qualitativa que, diferentemente do estudo quantitativo, permite que os processos de análise e coleta de dados sejam, até mesmo, simultâneos, sem a necessidade de separação rigorosa entre estas duas etapas. Isso não é “não apenas é possível como pode ser uma boa prática. Você deve usar a análise de seus primeiros dados como forma de levantar novas questões e perguntas para a pesquisa. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa é flexível” (GIBBS, 2009, p. 18).

Apesar desta flexibilidade, salienta-se que na análise qualitativa o pesquisador deve manter sua postura científica, evitando a influência única de sua intuição e a noção de sujeito

³ A pesquisa focou no espaço “de cima” do Minhocão principalmente devido ao seu escopo, proposta. Isso não significa, entretanto, que os fenômenos que se dão de fora, nos baixos e em seus lados, sejam irrelevantes, pelo contrário. Existem diversas e ricas pesquisas que tratam destes outros espaços e o diálogo com estes trabalhos é de extrema importância. Por isso, devido também a questões práticas – de tempo, por exemplo – esta pesquisa possuirá este foco, abrindo-se para ser explorada, futuramente, através de novas projetos acadêmicos.

isolado. Desta forma, deve reconhecer o contato com a realidade da pesquisa, assim como – conforme mencionado – o arcabouço teórico que a sustenta. É importante, portanto, que o pesquisador siga como regra primordial o respeito ao rigor em seu trabalho. A fase da sistematização dos dados coletados é um movimento constante, cíclico e relacional na medida em que envolve o fluxo das questões de pesquisa para a realidade concreta, do referencial teórico para os dados coletados e assim por diante. Esse movimento cria, então, uma lógica que se repete e entrecruza, criando um desenho de um quadro metodológico, multifacetado e compreensível (ALVES, 1992). Assim, “uma das funções da análise qualitativa é encontrar padrões e reproduzir aplicações” (GIBBS, 2009, p. 19).

Nesta análise dos dados da pesquisa buscou-se evitar os três obstáculos da análise qualitativa de Minayo (1992)⁴ citada por Gomes (1994). Primeiro, a tendência de ilusão dos pesquisadores os quais podem atribuir conclusões precipitadas à realidade, pensando que estão apresentadas de forma nítida, simples e óbvia. Segundo, o risco do pesquisador de manter-se restrito ao cumprimento de sua proposta metodológica e deixar passar despercebidos dados pertinentes. Terceiro, a distância dos dados com o referencial teórico da pesquisa, dificultando a completa articulação entre eles (GOMES, 1994).

Por isso, durante a aplicação das entrevistas, utilizou-se do recurso de gravação para registro completo de todas as falas, palavras e expressões. Após tal processo, realizou-se transcrição integral e fiel das entrevistas, e a análise qualitativa seguiu todos os requisitos descritos. Em outras palavras, as informações coletadas foram exploradas considerando-se seus aspectos multidimensionais, as relações com o contexto em que se inserem, conjugando com o referencial teórico da pesquisa.

Por fim, a coleta e análise dos dados foi flexível para que se permitisse, sempre que possível, novas articulações para que os objetivos e questões da pesquisa conseguissem ser respondidos. O rigor científico sempre esteve presente e as informações foram complementadas com as notas de campo, resultantes da observação – material que será apresentado em fragmentos ao longo da dissertação.

Como se verá ao longo do texto, cada tipo de informação coletada em campo, resultantes das pesquisas documentais, das entrevistas e da observação in loco, serão devidamente indicadas, de maneira que se possa entender na minúcia o contexto e o objeto da

⁴ MINAYO, Maria Cecília. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Abrasco, 1992, 269 p.

pesquisa, permitindo, portanto, elementos para um debate em face do referencial teórico e o encaminhamento de reflexões e conclusões possíveis.

3. De viaduto a parque – apresentando o Minhocão

O Elevado Presidente João Goulart, popularmente conhecido como Minhocão, atualmente foge de seu uso tradicional e desempenha mais de um sentido para a cidade de São Paulo. Inaugurado em 24/01/1971, período de ditadura militar e gestão de Paulo Maluf como prefeito de São Paulo, se insere no contexto rodoviarista da época, onde a circulação viária era privilegiada. Cortando a região central da cidade, sua função era – e ainda é – de conectar a região da praça Roosevelt (centro da cidade) ao Largo Padre Péricles (zona oeste), como mostra o Mapa 1. Essa via expressa justificou-se como solução para desafogar o trânsito na região do centro, tornando-a opção paralela e duplicando a capacidade do tráfego. Seu impacto na paisagem da região trouxe transformações urbanas marcantes ao entorno, ilustrando um dos motivos que torna o Minhocão tão polêmico e alvo de diversas discussões sobre seu futuro (CAMPOS, 2008; CASTANHEIRA, 2015; GUILLÉN, 2016; LUNA; MAGALHÃES JUNIOR, 2008; NASCIMENTO; MOTTA, 2008; SILVA et al., 2017).

O percurso do Minhocão atravessa os bairros de Água Branca, Santa Cecília e Higienópolis, seguindo pela Rua Amaral Gurgel, Praça Marechal Deodoro e por um trecho da Avenida São João e Avenida General Olímpio da Silveira. Termina no túnel que dá acesso à Avenida Francisco Matarazzo e Largo Padre Péricles. O Minhocão possui 3,5 km de extensão, 5 m de altura e quatro pistas (duas em cada sentido). Seu trajeto passa por vias com prédios em ambos os lados, cujas fachadas são extremamente próximas (GUILLÉN, 2016; SILVA et al., 2017).

Mapa 1 – Percurso do Elevado Presidente João Goulart

Fonte: Arte de Ana Carolina Padua Machado sobre GoogleMaps

A região do Minhocão é servida por três estações de metrô próximas – República, Santa Cecília e Marechal Deodoro – com a presença, também, de ciclovias por praticamente todo seu percurso. Ainda, possui dois terminais de ônibus nas imediações – Terminal Amaral Gurgel e Terminal Princesa Isabel – e pontos de ônibus.

As opiniões acerca do Minhocão são diversas, sendo, em certas situações, considerado como uma cicatriz urbana - que cortou o centro da cidade de São Paulo e devastou a vida cotidiana nos prédios de seu entono -, uma estrutura feia, ofensiva, barulhenta e incômoda (ARTIGAS, 2008; ASSUNÇÃO, 2016; CAMPOS, 2008; CASTANHEIRA, 2015; GUILLÉN, 2016; LUNA; MAGALHÃES JÚNIOR, 2008; ZAIDLER JR, 2014).

A construção do Minhocão contextualiza-se dentro dos princípios do urbanismo moderno que encontrava-se em plena expressão no Brasil e caracterizava-se por sua corrente funcionalista, onde a velocidade era sinônimo de sucesso. Aliando-se ao modernismo, temos no Brasil o crescimento de políticas de subsídios à empresas do setor automobilístico, cujos efeitos foram imediatos. Seguindo com o favorecimento do transporte individual em detrimento do coletivo, proliferou-se, também, a construção de vias expressas, viadutos e túneis. Tais acontecimentos alteraram profundamente a paisagem urbana das cidades, além das relações do espaço urbano com as pessoas. O Minhocão se torna exemplo emblemático

dessa nova forma de se pensar a cidade e se destaca pelas suas particulares dimensões e condições de construção – sob avenidas já existentes e muito próximos de bairros em processo de verticalização (CASTANHEIRA, 2015; GUILLÉN, 2016). É o que Zaidler Jr (2014, p. 108) complementa:

(...) inspirado em soluções viárias consagradas, ao longo do século XX, em diversas cidades norte-americanas e europeias; uma via expressa segregada do tecido urbano, idealizada para aumentar a velocidade de deslocamento de veículos à revelia de condicionantes topográficas, visuais, históricas.

Para a configuração da história da cidade de São Paulo, o Minhocão possui papel emblemático tanto por suas características e dimensões formais, como também por significar herança de um período específico da história do Brasil, o da ditadura militar. Esta época distinguiu-se, dentre muitos episódios, por prezar pelo desenvolvimento automobilístico, de forma que as construções a ele vinculadas deveriam ser grandiosas, ofertando serviços que remetessem o país à lógica desenvolvimentista. O Minhocão representou uma marca da passagem do regime ditatorial no Brasil, reproduzindo-a, inclusive, através de seu antigo nome: Elevado Costa e Silva, alterado apenas em 2016, por um projeto de lei do vereador Eliseu Gabriel (GUILLÉN, 2016; SILVA et al., 2017).

3.1 As vias expressas elevadas e suas influências para a construção do Minhocão

A ideia da construção de uma estrutura que conectasse as regiões leste e oeste da cidade de São Paulo pode ser encontrada no Plano de Avenidas do prefeito Prestes Maia, de 1930. Já o projeto de um elevado, formado por uma via expressa, que promovesse esta ligação funcional, apresentou-se durante a gestão do prefeito Faria Lima (de 1965 a 1969). A obra fora, então, concluída na gestão seguinte, do prefeito Paulo Maluf, com duração de 15 meses e inauguração em 1971 (ANELLI; SEIXAS, 2008; ASSUNÇÃO, 2016; CAMPOS, 2008; ZAILLER JR, 2014).

A tendência de construção de vias elevadas, como soluções para alívio do trânsito, possui exemplos emblemáticos em outros países, anteriores à construção do Minhocão. A mostra “*Highways and Horizons*” (popularmente conhecida como “Futurama”) teve papel importante nesta difusão. Promovida pela General Motors, na Exposição Internacional de Nova York, de 1939, foi responsável por divulgar estes modelos de construções de vias expressas elevadas, aliando-as à perspectivas de cidades do futuro e, também, dos transportes individuais de quatro rodas. A consolidação das vias expressas como símbolos de cidades

modernas ganhou destaque, também, devido à atuação do urbanista Robert Moses, na cidade de Nova York, após a Segunda Guerra Mundial. Suas preocupações se pautavam no aumento da eficiência e segurança da circulação de automóveis na cidade, fazendo com que, de 1950 a 1960, a cidade servisse como verdadeiro laboratório para a construção de dezenas de vias expressas elevadas, sob o seu controle (ANELLI; SEIXAS, 2008).

Assim como o sucesso das vias expressas se espalhavam pela cidade de Nova York e por todo o restante do território americano, reações contrárias também surgiam, destacando seu papel negativo e destruidor das paisagens urbanas. Uma figura clássica neste embate foi Jane Jacobs - jornalista, ativista e autora do livro *“The Death and Life of Great American Cities”* - que as classifica como ataques aos princípios do planejamento urbano vigentes na época. Sobre as ações de Moses em Nova York, ela escreveu:

No plano proposto por Moses em Manhattan, por exemplo, a via expressa – aquela que afetaria a Washington Square – é sempre apresentada, de forma tentadora, como uma rota rápida entre as pontes do Rio East e os túneis do Rio Hudson para manter o tráfego de passagem fora da cidade. Ainda assim, o plano concreto inclui um emaranhado de rampas de acesso dentro da cidade. Trata-se de um desaguadouro e, assim, ao acomodar o tráfego que se dirige para o coração da cidade, tenderá na verdade a estrangular o tráfego de passagem, em vez de melhorá-lo (JACOBS, 2011, p. 245).

No Brasil, Robert Moses coordenou o desenvolvimento, em 1950, do Plano de Melhoramentos Públicos para a Cidade de São Paulo, elaborado por uma equipe de consultores norte-americanos e engenheiros municipais (dentre eles, o engenheiro Luiz Carlos Berrini Jr, que trabalhou no Departamento de Urbanismo da cidade de São Paulo e foi um dos seguidores das ideias de Prestes Maia). Tal estudo, apesar de enfrentar oposição forte do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), propunha a introdução de vias expressas para separar o tráfego da estrutura urbana. Suas ideias foram utilizadas como referência para muitas ações futuras das décadas seguintes, na cidade de São Paulo.

Esta análise envolvendo Robert Moses é importante porque ilustra a sua influência, principalmente a partir da sua consultoria no Brasil, para a configuração futura das avenidas da cidade de São Paulo, destacando o protagonismo dos carros. Dentro desta lógica, destaca-se o foco nos fluxos, velocidades e ligações estratégicas entre pontos da cidade, sem verdadeira preocupação com pedestres ou espaços de passagem (ASSUNÇÃO, 2016).

3.2 O processo de construção do Minhocão

No meio destas discussões acerca do futuro urbanístico da cidade de São Paulo - intensificadas também entre os anos de 1964 a 1969 - o prefeito Paulo Maluf contrata a empresa Hidroservice Engenharia de Projetos para desenvolver o projeto do Minhocão, que foi entregue no final de 1970. Foram necessários 420 dias de obras para sua construção, com o trabalho de 3.100 operários e técnicos. Ainda, foram realizadas 80 desapropriações e utilizadas 32.000 toneladas de cimento, 5.236 toneladas de ferro, 144.000 toneladas de concreto e 1.900 toneladas de aço (ASSUNÇÃO, 2016; ANELLI; SEIXAS, 2008; BERTONI, 2016).

Na ocasião do anúncio da construção do Minhocão, o então prefeito Paulo Maluf, em filmagem para anunciá-la⁵, classifica o elevado como a “maior obra de concreto armado da América Latina” de “quase três quilômetros e meio de extensão em via elevada, toda em concreto protendido e pré-moldado (Figuras 01), com o custo de 37 milhões de cruzeiros novos, aproximadamente”, que “inaugura uma nova solução de sistema viário para a cidade de São Paulo, que já tem sido aplicada em outras capitais do mundo”.

A inauguração do Minhocão aconteceu no dia 25 de janeiro de 1971 (aniversário da cidade de São Paulo) contando com a presença de diversos políticos, nomes importantes e com a benção do arcebispo de São Paulo, Dom Evaristo Arns (BERTONI, 2016). Em matéria publicada no jornal *Folha de São Paulo* de 01/01/1971, o Minhocão, em vias de inauguração, é classificado como a maior obra realizada na cidade, após o metrô.

Figura 1 - Obras da construção do Minhocão, em 1970

Fonte: São Paulo Antiga (2014)⁶

⁵ “Paulo Maluf (ARENA-SP) anuncia a construção do Minhocão”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5puwc6ix9Dg>>. Acesso em 10/03/2018.

⁶ “Seja bem-vindo, Minhocão!”. Disponível em <http://www.saopauloantiga.com.br/propagandas-do-minhocao/>. Acesso em 26/06/2018.

3.3 O Minhocão em funcionamento – trajetória temporal

Mesmo com todo o entusiasmo dos agentes públicos, os problemas e futuro do Minhocão desenrolam-se desde a sua construção até os dias atuais. Logo em 1976, o elevado passou a ser fechado para carros durante a noite, como medida para diminuir impactos e controlar acidentes (COSTA, 2013; LUNA; MAGALHÃES JR, 2008; SILVA et al, 2017).

A aparente falta de harmonização do Minhocão com seu entorno pode ser comprovada através de uma pesquisa em jornais da época. De um lado, moradores do entorno, insatisfeitos com problemas de poluição sonora e do ar, passaram a clamar pela desativação da circulação de carros no Minhocão, ao menos no período noturno. De outro lado, comerciantes e demais cidadãos manifestavam-se contra esta desativação pois, sem esta via expressa, o trânsito se concentraria todo na área central da cidade, atrapalhando o fluxo e a dinâmica de suas atividades comerciais. Estes episódios sinalizam os primeiros indícios das manifestações dos moradores da cidade de São Paulo sobre o Minhocão, dos posicionamentos das gestões municipais e das articulações realizadas em prol de mudanças.

Uma matéria da Folha de São Paulo (29/12/1976) traz alguns aspectos destas discussões, onde moradores reclamam de malefícios causados pela presença do Minhocão relacionados a barulhos incessantes e fuligens. Por outro lado, alguns comerciantes manifestavam-se favoráveis à presença do elevado, alegando que sua ausência aumentaria os congestionamentos na Avenida São João, atrapalhando suas atividades. Ainda, são destacadas reclamações relacionadas ao aumento dos preços dos aluguéis nos prédios do entorno, além da quantidade de “desocupados” que por lá perambulavam (segundo uma moradora, esse número aumentava nos dias de futebol)⁷.

Em 1989, durante a gestão de Luiza Erundina, determinou-se que o Minhocão fosse fechado para carros todos os dias a partir das 21h30 até as 06h30⁸. Isso se deu em função das reivindicações populares em relação a poluição sonora e do ar, promovendo horários regulares de silêncio na área. Este episódio também sinalizava as intenções de se fechar o Minhocão aos finais de semana – o que viria acontecer em 1990, com a instalação, inclusive, de telas de proteção nas suas laterais.

⁷ “Moradores da São João querem elevado interditado á noite”. Disponível em: https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=6079&keyword=elevado&anchor=4331131&origem=busca&_mat=1b3a57a339a573ad&pd=062b632b7a908add9be47ba6e83306fc. Acesso em 26/06/2017.

⁸ “Elevado fecha à noite desde 76”. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/12/13/cotidiano/33.html>. Acesso em: 20/04/2018.

Em 1996, durante o segundo mandato de Paulo Maluf, o Minhocão foi reaberto para carros durante as noites e domingos, contrariando o desejo da população e seus direitos conquistados anteriormente. Em reportagem da Folha de São Paulo⁹, de 23/05/1996, é relatada a proibição da Câmara dos Vereadores a esta reabertura, com 33 votos a favor e 22 contra. Relata-se nesta reportagem que, em abril de 1996, na tentativa de provar a viabilidade do Minhocão para carros, em termos de poluição sonora, o prefeito da época encomendou um estudo aos técnicos da prefeitura de São Paulo. Este estudo mostrou que, com a abertura para carros, o nível de ruídos no Minhocão era muito mais alto – de 74,2 decibéis para 86 decibéis – o que era superior ao admitido pela Associação Brasileira de Normas Técnicas.

Em outra reportagem da Folha de São Paulo, de 24/07/1996, relata-se a desistência do prefeito Paulo Maluf em reabrir o elevado para carros no período noturno e aos domingos, acatando a decisão da Câmara dos Vereadores. Segundo consta, de acordo com o vereador José Eduardo Cardozo, “o prefeito recuou devido à pressão da opinião pública”.

Em 2006, o então prefeito José Serra deu início à segunda edição do Prêmio Prestes Maia de Urbanismo, para que arquitetos e urbanistas apresentassem alternativas para a “aberração” representada pelo Minhocão. O projeto premiado - de Juliana Corradini e José Alves - caracterizou-se por propor a manutenção da função viária do elevado (reconhecendo a sua importância para a circulação, mas enclausurando-a em um túnel metálico) e um anexo para funcionamento como parque.

O prêmio Prestes Maia de Urbanismo tivera sua primeira versão em 1997, com foco na elaboração de planos para os problemas com enchentes na bacia do córrego Aricanduva, na zona leste de São Paulo. Em 2006, foi retomado para discutir propostas para a área do Minhocão, focando em sua relação com as pessoas que dele utilizam – para fins de circulação de carros e utilização como parque, por exemplo. Desta forma, o prêmio se insere como certa forma de contestação/revisão das propostas de planejamento urbano vigentes na década de 60 que, neste caso, foi propagado em grandes metrópoles do mundo com a ideia de voltar-se para obras que garantissem uma grande circulação de carros (ARTIGAS; MELLO; CASTRO, 2008).

O projeto vencedor (figura 2) propôs a manutenção da ligação viária Leste-Oeste do Minhocão, transformando-o, entretanto, em um túnel coberto com galerias laterais, para usos diversos (como restaurantes, cinemas, teatros, bibliotecas, livrarias, etc.). Na cobertura deste

⁹ “Câmara proíbe reabrir Minhocão à noite”. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/5/23/cotidiano/5.html>>. Acesso em: 26/06/2017.

túnel, o projeto prevê a implantação de um parque linear na medida em que era reconhecida a utilidade e importância do Minhocão enquanto espaço apropriado pelas pessoas. O acesso a este parque seria garantido pela conexão com as galerias laterais ou por meio de edifício de acesso, cuja construção seria financeiramente viabilizada por meio da Operação Urbana Minhocão e pela cobrança de aluguel das galerias e estacionamentos. Em sua planta, o projeto propõe a construção de uma central de informação turística, o que já pode ser considerado um indicativo da projeção para usos turísticos (ARTIGAS, MELLO, CASTRO, 2008).

Figura 2 – Perspectiva artística do projeto vencedor do prêmio Prestes Maia de Urbanismo (2006)

Fonte: Portal Vitruvius (2006)¹⁰

Em 2010, durante a gestão de Gilberto Kassab, foi retomada a proposta de demolição do elevado¹¹, que não avançou. O então governante pretendia desativar o Minhocão para dar lugar à construção de uma imensa avenida, com ciclovias nas áreas laterais, o que faria parte da Operação Urbana Lapa-Brás.

¹⁰ “Prêmio Prestes Maia de Urbanismo”. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/06.067/2689>. Acesso em 26/06/2019.

¹¹ “Sem prazo nem projeto, Kassab desengaveta ideia de demolir Minhocão”. Disponível em: <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,sem-prazo-nem-projeto-kassab-desengaveta-ideia-de-demolir-minhocao-imp-,548170>>. Acesso em: 26/06/2017.

Cabe destacar a criação da Associação Parque Minhocão em 2013¹², cuja sede localiza-se em um apartamento dos anos 1950, voltado diretamente ao Minhocão (Figura 3). Formada por profissionais de áreas diversas, sua principal função é de reunir propostas para o futuro do Minhocão, apoiá-las e formar um frente representativa para sua transformação em área de lazer. Também em 2013, a sede da associação abrigou uma exposição da X Bienal de Arquitetura de São Paulo, sobre o High Line Park – em Nova Iorque – com o intuito de trazer ideias e incentivos para possíveis transformações do Minhocão. Este assunto (influência de modelos estrangeiros para intervenção no Minhocão) será retomado mais adiante.

Figura 3 - Sede da Associação Parque Minhocão

Fonte: Ana Carolina Padua Machado, 2018.

Além da existência da Associação Parque Minhocão, merece destaque a criação de outro grupo, com propostas praticamente opostas a ela. O Movimento Desmonte do Minhocão¹³ foi criado em 2014 e defende a demolição do elevador para dar lugar a um parque no chão ou a um *bulevar* com calçadão, conectando o Parque da Água Branca ao Parque Augusta. Formado por voluntários, moradores do entorno, síndicos e comerciantes, o movimento defende a extinção do Minhocão em prol da construção de um novo cartão postal para a cidade e consequente atração turística, a exemplo de cidades como Seul, Rio de Janeiro, Boston e Montreal, que reformaram seus elevados locais. A expressão “novo cartão

¹² “Conheça a sede da Associação Parque Minhocão”. Disponível em: < <https://bikeelegal.com/conheca-a-sede-da-associacao-parque-minhocao/>>. Acesso em: 26/04/2018.

¹³ “Movimento Desmonte do Minhocão – MDM”. Disponível em: <http://www.minhocao.net.br/>. Acesso em: 26/06/2017.

postal para a cidade” vem do próprio Movimento Desmonte do Minhocão e associa-se, de acordo com buscas em seu blog, ao exemplo da demolição da perimetral no Rio de Janeiro.

Ainda no ano de 2014, temos um marco importante para a história do futuro do Minhocão: no novo plano diretor¹⁴ aprovado da cidade de São Paulo, durante a gestão de Fernando Haddad, é prevista a desativação progressiva do Minhocão ou sua transformação definitiva em um parque suspenso (de uma maneira ou outra, o Minhocão ficava fadado à desativação do acesso por carros). Não foi estabelecido nesta previsão, porém, um prazo concreto para esta resolução mas previa-se que um projeto de lei específico deveria responsabilizar-se por isso.

Sobre este episódio, em entrevista ao Jornal “O Estado de São Paulo”¹⁵, Fernando Haddad acrescentou:

“Ninguém faria aquela obra hoje. Não conseguiria licença ambiental. Isso é fruto de um momento ainda da visão que prevaleceu no Brasil até os anos 1970, 1980. Hoje, todo o dinheiro disponível tem de ser investido em transporte público. Essa é a visão moderna. No mundo inteiro, esses viadutos estão passando por transformação. Então, a Câmara entendeu que também era o caso de estimular o pensamento criativo da cidade a encontrar uma solução. Me pareceu adequado”.

Desta fala - principalmente o trecho “no mundo inteiro, esses viadutos estão passando por transformações” - pode-se refletir sobre a existência de um discurso sutil que nos remete ao processo de circulação de modelos urbanos (que será tratado em detalhes mais adiante). Como afirma Haddad, a visão moderna de uma cidade possui como um dos focos o transporte público, o que parece sinalizar para um pensamento na esfera coletiva. Então, os viadutos estariam se reinventando neste sentido, pensando-se em soluções criativas e para as pessoas. Parece, assim, que estas novas ideias e transformações não estão acontecendo de forma isolada, mas dentro deste novo circuito global de mobilidade de ideias. Também, não aconteceriam de formas pontuais, pois parecem ser vistas e reconhecidas ao redor do mundo, como práticas que integram este novo contexto urbano.

Com endosso da certos apoiadores através de um abaixo-assinado, em 2015, o Minhocão passa a ser fechado também aos sábados, a partir das 15 horas. Segundo a

¹⁴“Plano Diretor de SP prevê desativar Minhocão, mas não estabelece prazo “. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/08/1499058-plano-diretor-de-sp-preve-desativar-minhocao-mas-nao-estabelece-prazo.shtml>. Acesso em: 28/06/2017.

¹⁵ Governo x Oposição. Disponível em: < <http://infograficos.estadao.com.br/cidades/para-onde-vai-sao-paulo/capitulo-5.php>>. Acesso em: 26/04/2018.

reportagem do jornal Folha de São Paulo¹⁶, o objetivo de tal medida era de transformar, gradativamente, o Minhocão em efetiva área de lazer a pedestres, ciclistas e skatistas.

Em março de 2016, foi sancionada uma lei que criou o Parque Minhocão¹⁷ onde, em termos estruturais, nada foi alterado, inclusive os horários em que o elevado fechava para os carros. No entanto, significou que, nos períodos em que o Minhocão se encontrava indisponível para carros e aberto para as pessoas, legalmente se tornava o Parque Minhocão. Essa medida, por outro lado, abriu caminho para a exigência da criação de um conselho gestor para o Parque Minhocão já que a estrutura - ainda que em formato pouco convencional para um parque - passa a fazer parte do sistema de áreas verdes da cidade. Esta ação marca em termos legais uma legitimação do elevado como área de lazer e ocupada pelas pessoas, além de um reconhecimento público de uma nova função da estrutura: de parque urbano.

Em dezembro de 2017, foi aprovada o projeto de lei 16.833 de autoria do vereador José Police Neto, na Câmara dos Vereadores da cidade de São Paulo, que prevê a desativação gradativa do acesso de carros ao Minhocão¹⁸. Além disso, prevê a alteração do horário de funcionamento para carros das 07h às 20h em um prazo de 90 dias e abertura para pessoas aos sábados, domingos e feriados. Já no dia 8 de fevereiro de 2018, esta lei foi sancionada pelo prefeito da época, João Dória¹⁹, obrigando o poder municipal a apresentar, em até dois anos, um plano de intervenção ao Minhocão, que teria de ser elaborado de forma participativa. A figura 4 ilustra as primeiras providências após a aprovação desta lei.

¹⁶ “Minhocão será fechado aos carros todos os sábados à tarde “. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/07/1652407-minhocao-sera-fechado-aos-carros-todos-os-sabados.shtml>>. Acesso em: 28/06/2017.

¹⁷ “Haddad sanciona lei que cria o Parque Minhocão”. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/03/haddad-sanciona-projeto-que-cria-o-parque-minhocao.html>>. Acesso em: 28/06/2017.

¹⁸ “Projeto que cria Parque Minhocão é aprovado e só depende de assinatura de Doria para sair do papel”. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/projeto-que-cria-parque-minhocao-e-aprovado-e-so-depende-de-assinatura-de-doria-para-sair-do-papel.ghtml>>. Acesso em: 26/04/2018.

¹⁹ “Dória autoriza a criação do Parque Municipal do Minhocão”. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-02/doria-sanciona-lei-que-institui-o-parque-municipal-do-minhocao>>. Acesso em: 26/04/2018.

Figura 4 - Aviso sobre as novas regras de funcionamento do Minhocão

Fonte: Ana Carolina Padua Machado, 2018.

Em fevereiro de 2019, o prefeito Bruno Covas anuncia os procedimentos da primeira fase do Parque Minhocão. Esta projeto vislumbrava a transformação de 900 metros do elevado, correspondente ao trecho do Largo do Arouche até a Praça Roosevelt. Mesmo que sem um projeto definido, foram previstos na divulgação do parque deques pré-moldados e 17.500 m² de jardins e áreas verdes. Nas imagens de divulgação, nota-se a ideia da utilização de rampas de acesso conectadas aos prédios de frente ao Minhocão. Para além das rampas, foram previstos elevadores e escadas ao longo do trecho da primeira fase do parque. Uma grande ciclovía central com arborização nas laterais do elevado também foram pontos destacados, além de estruturas de bambu para o fornecimento de sombras aos usuários do parque. A figura 5 ilustra a capa da revista Veja, de 27/02/2019, que anuncia o projeto do parque Minhocão, idealizado pela prefeitura de São Paulo.

Figura 5 - Capa da revista *Veja* sobre a construção do Parque Minhocão

Fonte:Minhocão.net²⁰

Em maio de 2019, como continuidade deste anúncio, é disponibilizada uma consulta pública online para o recebimento de contribuições sobre o projeto do parque. A consulta faz parte do andamento do Plano de Intervenção Urbana (PIU) Parque Minhocão, que constitui todo um cronograma e ações previstas para a instalação do parque. Como um primeiro ponto deste PIU, esta consulta pública ficou aberta ao público de 15/05/2019 a 14/06/2019²¹. Em junho de 2019 o Ministério Público anuncia a inconstitucionalidade da Lei 16.833/2018²²: o pedido, realizado pelo procurador-geral do Estado de São Paulo, solicita que o andamento do projeto do parque não vá adiante, diante de sua inconstitucionalidade. A justificativa desta ação se pauta na falta do devido planejamento no projeto do parque, sem qualquer preocupação técnica e com a melhoria da qualidade de vida da população da cidade como um todo.

Até o atual momento, a Prefeitura de São Paulo não se posicionou.

²⁰ “Movimento desmonte do Minhocão”. Disponível em <https://www.minhocao.net.br/minhocao-entre-a-simulacao-digital-e-a-crua-realidade-uma-reportagem-comentada/>. Acesso em 09/08/2019.

²¹ Prefeitura abre consulta pública sobre projeto do novo parque Minhocão. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/05/prefeitura-abre-consulta-publica-sobre-projeto-do-novo-parque-minhocao.shtml>. Acesso em 15/06/2019.

²² Ministério Público pede anulação da lei que cria parque do Minhocão. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/06/ministerio-publico-pede-anulacao-da-lei-que-cria-parque-do-minhocao.shtml>. Acesso em 20/06/2019.

4. Quadro teórico

O campo das mobilidades, de caráter pós-disciplinar, propõe uma nova perspectiva de análise aos nossos objetos de investigação, a partir da noção de que nosso mundo está em movimento e é configurado por estes fluxos – ainda que entrecortado por fricções e limitantes. Nesta pesquisa, se propõe utilizar o enfoque das mobilidades como grande arcabouço teórico para se analisar certos fenômenos chave, que se inserem como as principais categorias analíticas deste trabalho: a circulação de modelos urbanos, o planejamento estratégico e as interfaces turismo e lazer urbanos.

4.1. Mobilidades nas Ciências Sociais e a circulação de modelos urbanos

4.1.1 Mobilidades: significados, conexões e relações

Para um conjunto de pesquisadores, a sociedade contemporânea vive um novo paradigma dentro dos estudos nas Ciências Sociais – o Paradigma das Novas Mobilidades – sendo necessária uma ruptura com a noção sedentária e estática presente nos estudos sociais. O *mobility turn* (“giro das mobilidades”) representa uma virada na pesquisa do campo das mobilidades, levando-se em conta a capacidade dos fluxos na configuração das realidades materiais e sociais. Diferentes objetos tradicionalmente abordados – como conceitos de poder, políticas e lugar – ganham novo foco e interpretações, a partir de ontologias mais relacionais e móveis (ADEY, 2006; BÜSCHER; COHEN, 2011; COHEN; DUNCAN; THULEMARK, 2013; URRY, 2009; SELLER; URRY, 2006).

Trata-se de um grande e ainda pouco explorado campo pós-disciplinar que propõe uma forma mais holística de se estudar e compreender as mobilidades em suas diversas manifestações e intensidades, encarando o movimento como um emaranhado de práticas e representações que deixam rastros geográficos e históricos. O PNM destaca como todas as formas de mobilidades envolvem infraestruturas específicas de imobilidades para que possam acontecer (COLES; HALL; DUVAL, 2015; CRESSWELL, 2010; SELLER, URRY, 2006).

4.1.2 Mobilidades de atributos intangíveis e processos de circulação

As mobilidades compreendem, em qualquer situação, o movimento de atributos tangíveis – pessoas e objetos, por exemplo – e intangíveis, como ideias e tecnologias. Estes atributos intangíveis também estão em movimento e influenciam na organização da vida social, relacionando-se com infraestruturas imóveis e provocando o fluxo de imagens, pessoas e informações. O interesse acadêmico sobre os fluxos de modelos de planejamento, políticas e

técnicas urbanas aumentou de maneira considerável desde a últimas décadas. Ideias e técnicas sobre como se planejar e gerenciar cidades estão circulando no mundo todo, abrindo espaço para questionamentos próprios acerca de seus valores e conteúdo (HANNAM; BUTLER; PARIS, 2016; HARRIS; MOORE, 2013; HEALEY, 2013; SELLER, URRY, 2006). Estes estudos podem ser compiladas em três principais perspectivas: a) sobre os instrumentos responsáveis pela “difusão” destes atributos, b) como as ideias e práticas são aplicadas de um contexto ao outro e os ajustes que sofrem neste processo e c) sobre os motivos fundamentais que provocam os processos de circulação (WARD, 2000).

Os estudos sobre os intercâmbios de atributos intangíveis tornam visível a perspectiva da circulação internacional de técnicas e modelos urbanos, justificando diversos fenômenos que se tornaram intensos nas últimas décadas e significando, também, episódios mais amplos dentro da discussão no campo das mobilidades. No Brasil por exemplo, pesquisadores como Ermínia Maricato e Carlos Vainer (2000)²³ estudaram processos de circulação de profissionais do planejamento estratégico catalão na cidade do Rio de Janeiro, demonstrando como as ideias e perspectivas postuladas pelos emissores estrangeiros, circulam e se modificam ao atravessarem diferentes contextos (JAJAMOVICH, 2013).

O estudo sobre os intercâmbios internacionais nos ajuda a entender a história da construção das cidades. Neste sentido, significa reconhecer que a cidade em que vivemos hoje é o resultado de uma sobreposição de imaginários e fragmentos de outros modelos que passaram por sua história, materializando-se nela ou não (NOVICK, 2009; PESAVENTO, 2015).

4.1.3 Circulação de modelos urbanos

Para além da concepção de simples movimentos unilaterais, o fluxo de políticas e modelos implica a estruturação e revelação de uma rede de atores, relações de poder e instituições que ligam-se a modelos de sucesso, atraindo notoriedade e movimentos a seu favor. Políticas e modelos urbanos não viajam em “pacotes completos” e sim em fragmentos – na forma de ideias, princípios e técnicas, por exemplo – relacionando-se de formas multidirecionais com os diversos ambientes envolvidos neste intercâmbio, transformando-se, particularizando-se e adaptando-se ao longo de seus movimentos. (GONZÁLEZ, 2010;

²³ ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. A cidade do pensamento único: Desmanchando consensos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HARRIS; MOORE, 2013; JAJAMOVICH, 2013; NOVICK, 2009; PECK; THEODORE, 2010; SÁNCHEZ, 2010).

É importante destacar o duplo aspecto dos modelos móveis, pois ao mesmo tempo em que são divulgados de maneira universal, de referência e homogêneos, também particularizam-se e se adaptam quando inseridos em um contexto diferente (PECK; THEODORE, 2010). A chamada “geografia de difusão de modelos” é reforçada pelos condutores de prestígio, famosos por terem participado de operações, planos estratégicos ou eventos de sucesso no ramo urbano. Tais condutores são, pois, responsáveis pela condução das ideias e modelos que circulam, sugerindo a transferência do simbolismo das experiências de sucesso, aos centros receptores. (SÁNCHEZ, 2010, p. 17).

Os modelos que originam-se de lugares “de referência” surgem carregados de valor e associam-se a ideias de “melhores práticas”. Os modelos, neste sentido, não significam práticas específicas de inovações e sim, fazem parte um panorama maior de redes de formulação de políticas que sobrepõem-se a partir de orientações ideológicas e compartilhamento de aspirações e projetos políticos (PECK; THEODORE, 2010). Como afirma Pesavento (2015), as intervenções com inspirações em modelos de referência, surgem a partir da problematização do urbano como algo negativo e que necessita de soluções/exemplos, sob a justificativa da ordenação social.

Para que as políticas urbanas em desenvolvimento se tornem legítimas e válidas, muitas vezes as cidades recorrem ao processo de circulação tanto de políticas e modelos, quanto de *experts* internacionais. É o que González (2011, p. 1398, tradução nossa) chama de *urban policy tourism*, enquanto “viagens curtas de pesquisa/descobrimento, de profissionais de planejamento urbano, a outras cidades para aprender sobre suas transformações”.

O processo de circulação de políticas e modelos urbanos é formado por duas partes essenciais: a oferta e a demanda. Normalmente, o ideal é que estes movimentos sejam bem-sucedidos, passando de uma parte a outra e auxiliando em suas legitimações. Entretanto, isso pode não acontecer como o planejado, de forma que as políticas “bem-sucedidas” podem não ser argumentos suficientes para a legitimação de projetos locais, encontrando resistências. Estas resistências também circulam com o auxílio de certos autores, que as questionam em termos de suas viabilidades e validades de importações em seus contextos locais (JAJAMOVICH, 2018).

É o que MCCann e Ward (2011) resgatam de Purcell (2008, p. 153) sobre o conceito de “*fast resistance transfer*”. O autor, ao discorrer sobre o processo de “*fast policy transfer*”,

reflete sobre as possibilidades de subversão a esta lógica que, segundo ele, faz parte do sistema neoliberal e não é democrática. Como solução, apresenta a “*fast resistance transfer*”, enquanto uma nova rede, onde políticas e modelos urbanos podem mover-se de forma democrática e serem construídas coletivamente, por parte de movimentos sociais que pensariam em vantagens reais, de acordo com as necessidades locais de suas cidades. Desta forma, o autor chama a atenção para a necessidade da devida contextualização destas políticas e modelos, nos seus locais de “aplicação”, a partir de ideias provenientes de outros lugares.

Desde a década de 1990, modelos de planejamento urbano começam a circular a partir dos países europeus, em direção, sobretudo aos países da América Latina. Estes modelos, debaixo do grande marco do planejamento urbano estratégico, foram os responsáveis por divulgar certas modalidades urbanas de consumo ao território - como a revitalização de áreas degradadas e reinterpretação de espaços públicos - através da “arquitetura do espetáculo” e práticas de *city marketing*, onde o turismo e o lazer entram como uma de suas práticas. Assim, na seção que segue, propõe-se uma discussão sobre o planejamento estratégico e práticas de *city marketing*.

4.2 Planejamento estratégico e *city marketing*

O processo de globalização possui a capacidade de reorganizar o território e as cidades, trazendo nova lógica aos seus usos e organização espacial e influenciando, também, o nível de crescimento das economias locais e as formas de distribuição de poder. Desde a década de 80, o processo de globalização trouxe novas formas de associação e polarizações entre países e cidades, fazendo com que, em muitos casos, cidades se tornassem protagonistas no cenário mundial. Tais centros urbanos integram uma rede de cidades globais que atuam como pontos estratégicos para a movimentação de fluxos monetários, bens, serviços e informações, ampliando suas atuações para além de uma dimensão nacional. Portanto, as cidades globais representam lugares centralizadores de controle de serviços avançados e operações financeiras, consolidando integrações globais (CARMONA, 2005; SASSEN, 2012).

Antes da década de 70, o poder das cidades era manifestado, frequentemente, por representações fotográficas, cartões postais e obras de arte. Após esta década, a cidade passa a ser representada por seus próprios espaços públicos, suas paisagens materiais. Desta forma, os prédios, parques e ruas tornaram-se os mais altos expoentes de representação da importância e crescimento das cidades (ZUKIN, 2008).

Neste sentido, a emergência do planejamento estratégico pode ser compreendida como uma reação ao planejamento urbano tradicional, marcado pela rigidez (CARMONA, 2005; HARVEY, 2005). Em meados da década de 80, a gestão urbana passa de um modo de “gerenciamento” para o “empresariamento” de cidades, tendo o planejamento estratégico como uma solução inovadora às crises decorrentes do planejamento modernista tradicional. Este novo planejamento adotado às políticas urbanas justifica-se a partir da noção de similaridade entre cidades e empresas, exigindo, assim, gestões estratégicas para dar conta do mercado competitivo em que estão inseridas e ao seus níveis de articulação à economia global. De forma geral, esta nova postura governamental trouxe grandes implicações macroeconômicas, assim como impactos e efeitos nas instituições urbanas e nos ambientes construídos (HARVEY, 2005; LUNGO, 2005; VAINER, 2013).

Uma ação que merece destaque é a tentativa de atração de recursos financeiros através do fomento ao consumo do território. Isso se dá por investimentos em áreas degradadas, melhorias no ambiente urbano, construções de espaços para entretenimento e consumo. Nesta lógica, a cidade deve parecer um lugar seguro, divertido e propício para investimentos – e o turismo se insere como um mecanismo recorrente (HARVEY, 2005).

Neste sentido, as intervenções urbanas - pautadas pela “arquitetura do espetáculo” (HARVEY, 1992) – se tornam setorizadas, adequando-se aos contextos econômicos e políticos. Em relação ao estado, sua participação se altera passando, de um controle regulatório, para um instrumento de apoio e organização. O estado passa a atuar como uma ferramenta-guia das ações urbanas, fornecendo treinamentos, organizando as formas de comunicação e apoiando o papel das formações de base e ONGs (OLIVERA; LIMA JÚNIOR, 2013; LUNGO, 2005).

O conceito e as práticas de place marketing alimentam uma transição entre o “administrativismo urbano” e a “empreendedorismo urbano” (HARVEY, 2005). Data da década de 1990 a passagem do marketing do lugar de uma prática “amadora” para outra mais profissional, incorporada pelo discurso e formas de gestões das cidades. Neste contexto, destacam-se como “ingredientes indispensáveis” para esta receita as parcerias público-privadas, a competição entre lugares e promoção de uma imagem positiva da cidade. Neste momento, a ideia de crescimento econômico liga-se aos movimentos internos de cada localidade e suas capacidades de articulação à rede global. Agora, as cidades passam a se conectar diretamente com a esfera global, pautadas pelo planejamento estratégico e práticas de *place marketing* (SELBY, 2004).

A mudança da noção de marketing do lugar (*place marketing*) para a de *city marketing* ilustra a generalização deste primeiro conceito, para uma estratégia de promoção da cidade, traduzindo também, os novos modos de projetá-la, como um produto a ser ofertado aos moradores, investidores e turistas. A partir da década de 1990, os prefeitos passam a atuar mais como empreendedores urbanos, seguindo a lógica da gestão urbana pautada pelo planejamento estratégico. Assim, estas práticas incluíam o turismo e o lazer como estratégias, aliadas, muitas vezes, ao patrimônio e cultura. O turismo, lazer, patrimônio e cultura são temas que, mais do que nunca, instrumentalizam atração de investimentos e expectativa de geração de empregos, além de estarem associados às estratégias de desenvolvimento econômico (SELBY, 2004).

Datam da década de 90 as mudanças enfrentadas pelas formas de planejamento urbano na América Latina e, mais especificamente, no Brasil, que recebeu grandes influências de modelos de intervenções urbanas, oriundos principalmente da Europa. As agências multilaterais como o BIRD e a *Habitat*²⁴, tiveram importante papel para a difusão do planejamento estratégico no Brasil. O Rio de Janeiro parece ter sido o primeiro município brasileiro a adotar este modelo de consultoria de planejamento urbano estratégico, através do Rio Sempre Rio, de 1993. O contexto econômico e político do país era resultante dos efeitos da Constituição de 1988 e da crescente onda neoliberal, juntamente com críticas ao controle regulatório do estado nas estâncias de planejamento. A partir disso, o planejamento urbano ganha um olhar voltado ao mercado e atração de investimentos (DE OLIVEIRA; LIMA JÚNIOR, 2013; SILVA, 2012; VAINER, 2000).

A partir do universo de novas práticas e modalidades urbanas resultantes do planejamento estratégico, analisar o turismo e lazer urbanos por esta ótica parece ser muito interessante, sobretudo porque fazem parte da realidade das cidades contemporâneas que nos apresentam fenômenos importantes de serem investigados.

4.3. Turismo urbano

Entende-se o turismo urbano como importante elemento da sociedade contemporânea, cujas práticas se sustentam por experiências no espaço (construído, adaptado, dado, etc.), resultantes da urbanização – com quem o turismo urbano possui intrínseca e mútua relação. Seu produto é, essencialmente, a cidade. Contudo, sua existência vai muito além do ambiente

²⁴ Agência de cooperação técnica ligada à ONU, com trabalho relacionado à vida nas cidades em cooperação com governos, esferas privadas, ONGs, universidades, terceiro setor, etc.

construído, entendendo tudo o que a vida urbana pode oferecer. Nas grandes e médias cidades a atividade turística faz parte de um leque maior de outras atividades desempenhadas, podendo acontecer de maneira não necessariamente tão evidente. Assim, moradores e turistas da cidade convivem e utilizam dos mesmos serviços e, em certos momentos, torna-se difícil a diferenciação exata entre eles (ALDRIGUI, 2017; ALLIS, 2012; HENRIQUES, 2013; PEARCE, 2001; VARGAS, 2016).

4.3.1 Turistas, moradores, visitantes...

Os espaços de uma cidade se tornam lugares turísticos quando revestidos de significado, conhecimento e valor para determinados públicos. O espaço enquanto lugar humano, significa interações entre visitantes, moradores e turistas que, em seu convívio e compartilhamento, o recriam e moldam, em função das possibilidades de interações (caminhadas, contemplação, alimentação, fruição, observação, compras, dentre outras) (HAYLLAR; GRIFFIN; EDWARDS, 2011).

De acordo com o relatório “*International Recommendations for Tourism Statistics 2008*” da UNWTO, o conceito de turismo se refere à atividade de viajantes que se movem, para diferentes lugares, por qualquer motivo e duração. Um turista, ainda segundo este relatório, é um viajante que realiza sua viagem – fora do entorno habitual – por menos de um ano e devido a qualquer circunstância, exceto em caso de emprego temporário. O turismo, portanto, se refere à atividade destes viajantes em um período inferior a um ano, para propósitos diversos, fora de seus ambientes habituais (WORLD TOURISM ORGANIZATION, 2010). Sobre estas definições, McCabe (2009, p. 28, tradução nossa) discorre:

O principal problema com a classificação de turistas da UNWTO centra-se na questão do aspecto **estático**. As categorias são necessariamente amplas e fixas e, no entanto, é essa fixidez que dificulta qualquer progresso na utilidade das medidas. Portanto, a relevância dos debates sobre a definição de turistas permanece crítica, porque o que ficou muito claro na última década, particularmente no mundo desenvolvido, onde o turismo se tornou um aspecto cada vez mais importante das sociedades de consumo contemporâneas, é que o consumo turístico de viagens está mudando radicalmente. (grifo nosso)

Percebe-se, portanto, certa rigidez nas definições da UNWTO, as quais parecem restritas para dar conta da análise no campo do turismo urbano. Na medida em que as cidades apresentam diversas dimensões econômicas e sociais, dentre as quais o turismo se insere, pressupõe-se que estas apresentam infraestruturas capazes de receber turistas. Apesar de não

serem criadas especialmente ao turismo, possibilita que turistas, visitantes e moradores usufruam e compartilhem dos mesmos serviços e expectativas (SELBY, HAYLLAR, GRIFFIN, 2011).

Assim, torna-se cada vez mais sutil a diferenciação exata entre turistas, viajantes e moradores e, também, difícil se compreender, completamente, seus usos, serviços e estruturas exclusivos. Deve-se, pois, levar em conta a possibilidade hipotética – para fins de exercício analítico – de os moradores fazerem turismo em suas próprias cidades; diferenciá-los de turistas convencionais, neste sentido, parece desafiador (ASHWORTH; PAGE, 2011). Judd (2003) destaca a prática de se “viajar na própria cidade”, proporcionada pelo advento de uma nova cultura urbana, que enfatiza a busca pela estética, reorganizando as cidades. Assim, quando livres de suas obrigações diárias, os moradores da cidade podem procurar por atividades extraordinárias, também desempenhadas pelos turistas.

Pronovost (2018)²⁵, discorrendo sobre as formas de apropriação do espaço urbano, destaca a possibilidade da figura do “turista urbano” como um dos atores responsáveis por esse processo. Este seria um desbravador, que se apropria da cidade com um olhar externo, como se a conhecesse pela primeira vez, comportando-se como um antropólogo urbano. Neste sentido, para que um sujeito se comporte como um turista urbano, basta que seja curioso ao ir ao encontro de novos modos de vida, pessoas e lugares, utilizando de diferentes ferramentas. A grande dificuldade dos estudos em turismo urbano, para ele, estaria em encontrar conceitos que englobem todas as suas possibilidades de análise – que parecem estar brotando de frestas entre o grande e complexo espaço epistêmico entre o lazer e o turismo.

Na medida em que turistas estão mudando, também estão os residentes das cidades e a própria dinâmica da urbanização contemporânea, de forma que ambos consomem a cidade de maneira semelhante, fazendo com que o comportamento turístico se torne parte integral da vida cotidiana urbana. Julga-se nebulosa a distinção entre o cotidiano e o não-cotidiano já que, hoje a vida ordinária possibilita oportunidades de “se fazer turismo”, atribuídas à atividade de indivíduos que perambulam descompromissados pelas cidades, animados e alertados, rotineiramente, por fluxos e variedade de coisas e locais (MAITLAND, 2010; FRANKLIN; CRANG, 2001).

²⁵ Durante fala no Seminário “Práticas Culturais em Espaços Urbanos”, oferecido pelo Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo, no dia 23 de abril de 2018.

4.3.2 Mobilidades e turismo – reflexões sobre as mobilidades turísticas

O turista, enquanto sujeito de análise, representa um elemento central para compreensões dos estudos do turismo em dimensões conceituais mais amplas – inclusive no âmbito das culturas móveis. As discussões sobre mobilidades turísticas partem da premissa de que o turismo precisa ser compreendido como um processo específico no contexto mais amplo das mobilidades, como uma de suas práticas sociais e culturais. Os tipos de movimento que se relacionam ao turismo, podem significar uma vida social “móvel”, surgindo discussões sobre a atividade turística em si e a sua de-diferenciação, a partir da possibilidade de cenários ordinários e extraordinários coincidirem, a despeito do local de residência dos sujeitos em questão (ALLIS, 2016; HANNAM, 2009; MCCABE, 2009; SELLER; URRY, 2004).

O tema das mobilidades pode associar-se ao campo do lazer e do turismo já que se propõe em discutir as relações entre os homens e seus movimentos, servindo como uma ponte entre estas duas categorias teóricas. A mudança de ambiente e paisagem também pode acontecer no nível da realidade pessoal de um indivíduo, no seu entorno, quando descobre novas perspectivas sobre aquilo que parecia habitual. Isso poderia ser encarado como uma espécie de transformação do indivíduo em um “turista em sua própria cidade” (CAMARGO, 2018).

Urry (2002) discute estas reflexões a partir do que chama de “fim do turismo”, onde associa a ideia de turismo mais à uma indústria do escapismo, como pertencente à margem das práticas cotidianas e à condição moderna, como seu sintoma ou símbolo. Relaciona o olhar do turista a uma maneira de consumo de paisagens, inclusive urbanas, que se opõem às nossas visões e ambientes rotineiros. O olhar do turista seria a procura por aquilo que não faz parte do cotidiano, do ordinário – não necessariamente isso precisa ser dar em situações geográficas distantes do local de residência.

Turismo não seria mais discernível de outras formas de se estar e se mover no mundo. As dicotomias antes tão tradicionais e cabíveis, agora não parecem mais fazer sentido em um mundo que oferece formas de viagem cada vez mais rápidas, baratas e tecnológicas. Assim, como uma sequência ao fim do turismo, emergem estilos de vidas e sociabilidades que estão em constante movimento (MOLZ, 2018).

Assim, na próxima seção propõe-se uma compreensão mais ampla sobre o lazer, com especial atenção à sua ocorrência nos espaços urbanos, como uma prática que acontece em espaços que se inserem como modalidades construtivas do planejamento estratégico. Por fim, juntamente com o turismo urbano, o lazer como uma categoria teórica que pode ser

interpretada a partir da lente das mobilidades, como parte de um contexto social mais amplo – o das vidas sociais móveis.

4.4. Lazer – reflexões iniciais

As conquistas da classe trabalhadora do século XX (como a redução nas jornadas de trabalho, a existência de férias, aposentadoria e descansos semanais) contribuíram para a consolidação do tempo livre e, conseqüentemente, do lazer e do turismo. A partir da segunda metade do século XX, tem-se, no Brasil, uma certa “virada” sobre as formas de se pensar o lazer, cuja reformulação deve-se principalmente à influência teórica do sociólogo francês Joffre Dumazedier - para ele, uma das principais características do lazer seria seu aspecto libertador (CAMARGO, 2018; GOMES, 2014; RAIMUNDO; SARTI, 2016).

Pode-se compreender o tempo do lazer como o da vida familiar, nos bairros, do exercício da cultura popular e do entretenimento. A interpretação, por meio do lazer, do cotidiano pode trazer novas formas de compreensão para além das que podem ser resolvidas através da lente do trabalho, privilegiando outros aspectos. Para que se compreenda a questão do lazer na sociedade contemporânea, é preciso contextualizá-lo em seu período histórico e dentro das esferas sociais em que se insere (MAGNANI, 2003; UVINHA, 2017).

Considerando a sociedade contemporânea e seus aspectos sociais e ambientais, o lazer apresenta-se como uma necessidade já que se torna sinônimo de descanso, divertimento e fuga do cotidiano. Ainda, o lazer pode ser compreendido como uma prática que, nos tempos atuais, tem como principal espaço de referência a cidade e seus equipamentos (CAMARGO, 2018).

4.4.1 Relações entre lazer e o espaço urbano

A relação entre o lazer e o espaço urbano se dá, dentre outras vertentes, pelo impulso ao processo de urbanização. Atualmente, o lazer se configura como uma prática e problemática urbana, integrando, intrinsecamente, a realidade das grandes cidades. Na medida em que o crescimento demográfico nas grandes cidades vêm aumentando consideravelmente nas últimas décadas, destaca-se a importância de se visualizar os espaços públicos como lugares democráticos. Além disso, é no nível destes espaços que a mais alta expressão da vida urbana se manifesta, com encontros, convivências e experiências (BAUMAN, 2009; MARCELLINO; BARBOSA; MARIANO, 2006; PACHECO, 2016).

Magnani (2003) ao discorrer sobre o lazer na cidade, ilustra as suas práticas através de categorias explicativas, como “fora de casa” e “dentro de casa”. Na categoria “fora de casa”, subdividem-se outras duas, “na vizinhança” e “fora da vizinhança”, onde a primeira se refere àquelas práticas dentro do limite do entorno, onde se acontecem encontros, socializações e certo tipo de reconhecimento, por se tratarem de atividades compartilhadas por um grupo que convive no mesmo espaço e utiliza dos mesmos equipamentos. O autor também chama esse espaço de “pedaço”, que pode ser entendido como um tipo particular de formas de apropriação e sociabilidade no espaço urbano. Neste sentido, é possível entender que os frequentadores de um mesmo pedaço não necessariamente se conhecem, sim se reconhecem, através do compartilhamento dos mesmos aspectos simbólicos.

Ainda sobre as relações entre lazer e cidade, Rolnik (2000) relata a visão atual que projeta a cidade enquanto um espaço de lazer, ou como o lazer “encarnado na cidade”. Neste sentido, o lazer, no contexto das grandes cidades, passa a pertencer à realidade e problemáticas urbanas e, por consequência, o seu espaço passa a ser o urbano. A cidade, neste sentido, se constitui em um verdadeiro espaço de lazer (BRANDÃO, 2006; CAMARGO, 2018; MARCELLINO, BARBOSA; MARIANO, 2006).

Quando nos referimos à questão da oferta e demanda - na relação entre o lazer e espaço urbano – percebe-se uma série de descompassos que resultam em poucos espaços de lazer distribuídos no espaços urbanos, abrindo-se caminho para a manifestação dos equipamentos não-específicos de lazer. Os equipamentos não-específicos de lazer são aqueles que não foram construídos para esta função mas que tiveram suas funcionalidades alteradas, de maneira parcial ou integral, oportunizando espaços para a manifestação de práticas deste universo (MARCELLINO; BARBOSA; MARIANO, 2006; REQUIXA, 1980).

4.4.2 Os espaços e parques públicos urbanos – lazer na cidade

A ocupação dos espaços públicos se torna uma forma de manifestação dos direitos sociais relacionados, por exemplo, ao transporte público, cultura e lazer. Ilustram o conjunto de embates entre forças sociais distintas que entram em conflito, cada qual com seu interesse, no contexto urbano. Estas práticas de insurgência se dão por diferentes meios – onde o lazer se insere como uma das possibilidades – e os presenteiam com novos significados e interpretações (PACHECO, 2016; SELDIN, 2015).

Merece ser destacado um aspecto relacionado aos processos de incorporação dos espaços públicos nas cidades que, seguindo a lógica da reprodução do capital, acabam sendo

planejados como espaços de consumo. O uso por um público variado, democrático e de toda a cidade passa, portanto, por ameaças frente a estes novos processos de reprodução do capital nos espaços públicos urbanos de lazer (BAHIA; FIGUEIREDO, 2017; SERPA, 2007).

Exemplos de espaços públicos nas cidades, os parques urbanos se mostram interessantes chaves de leitura para se entender as relações entre cidade e cidadania. Tendo o lazer como um de seus principais objetivos, estes espaços desempenham importantes papéis para expressões do direito à cidade, lazer e turismo. Representam, atualmente, um dos mais importantes equipamentos de lazer das grandes cidades e ilustram possibilidades de usufruto, vivência e convivência entre moradores e turistas (PACHECO, 2016; RAIMUNDO; SARTI, 2016).

De maneira específica, os chamados parques elevados são espaços urbanos que se diferenciam dos demais parques principalmente em relação à altura do nível da rua. A vivência neste tipo de parque pode se tratar da oportunidade memorável de se caminhar em uma altura que possibilita visões singulares da cidade e das vizinhanças (RYBCZYNSKI, 2011; SINHA, 2013). Se trata de uma “nova escala de prazer e vivências urbanas” (SANCHEZ, 2018, p. 185), através da transformação, por exemplo, de estruturas de transporte em desuso (LITTKE; LOCKE; HAAS, 2015).

No capítulo que se segue, serão descritos os resultados das técnicas metodológicas utilizadas nesta pesquisa, com foco no Minhocão, este espaço tão particular na cidade de São Paulo.

5. Minhocão: caracterização de usos e compreensão de discursos

No total, foram aplicadas 143 entrevistas aos usuários do Parque Minhocão, distribuídas entre os meses de outubro a abril de 2019. Nos finais de semana, foram realizadas 84 entrevistas enquanto, nos dias de semana, 59 (incluindo um feriado). Também serão apresentadas informações obtidas nas entrevistas com outros agentes envolvidos com o Minhocão (poder público e a esfera privada).

Somadas a essas entrevistas, apresentam-se dados, informações e imagens coletadas durante as observações in loco, realizadas em dias e horários diferentes (dias de semana, finais de semana, durante o dia e durante a noite).

5.1. Entrevistas realizadas aos usuários do Parque Minhocão

5.1.1 Perfil de usuários e descrição geral das atividades realizadas

Dos 143 entrevistados, 136 declararam-se residentes da cidade de São Paulo (95% do total) e 7 de outras cidades. Dos residentes da cidade de São Paulo, 115 afirmaram residirem no entorno do Minhocão, enquanto 21, em outras regiões da cidade. Destes 115 entrevistados, somente 69 desejaram declarar a região exata em que moram, no entorno do Minhocão. O bairros de residência no entorno do Minhocão mais mencionados foram Santa Cecília (20 respostas), Bela Vista (10) e República (8) – seguidos por Higienópolis, Campos Elíseos e Sé. Em relação aos entrevistados que declararam-se não residentes do entorno do Minhocão, 17 deles revelaram as suas regiões de moradia – concentrados na própria Zona Oeste (6), seguidos da Zona Leste principalmente. Ainda, do total de entrevistados, 7 declararam residirem em outras cidades, sendo elas: Lençóis, Osasco (2 entrevistados), Guarulhos, Jundiaí, Suzano e Salvador.

Quando indagados sobre a frequência com que utilizam o Parque Minhocão, as respostas foram englobadas nas seguintes categorias: **primeira vez, pouca frequência, frequentemente/regulamente, todos os finais de semana e diariamente**. Dos 143 entrevistados, 2,1% declarou estar pela primeira vez no parque, enquanto 19,6% o utilizar com pouca frequência, 25,8% de forma frequente, 33,6% em todos os finais de semana e 18,9%, todos os dias (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Frequências de uso dos Parque Minhocão, declaradas pelos entrevistados

Fonte: Ana Carolina Padua Machado, 2019.

Para a categoria “**primeira vez**”, foram considerados todos aqueles entrevistados que declararam aquela ser a única ocasião de visita ao parque. Já a categoria “**pouca frequência**” englobou as respostas que ilustravam a ida ao parque como algo não pertencente à lógica cotidiana, revelada, por exemplo, por expressões como “de vez em quando”, “quase nunca”, “venho muito pouco” ou “é muito raro”. Em relação à categoria “**frequentemente**”, foram consideradas respostas de entrevistados que declararam visitar o Minhocão com certa regularidade, indicando que aquele espaço fazia parte de seus cotidianos. Neste sentido, foram contempladas todas aquelas respostas que revelaram visitas semanais (de uma a quatro vezes por semana) e em finais de semana e feriados. Expressões como “toda semana”, “de 2 a 3 três vezes por semana”, “bastante, quase sempre”, “frequentemente aos finais de semana” e “a cada 15 dias” foram identificadas como integrantes desta categoria.

Para a categoria “**todos os finais de semana**”, foram englobadas as respostas de entrevistados que declararam frequentar o Minhocão, exclusivamente, todos os finais de semana (e, também, em alguns casos, finais de semana e feriados). Expressões como “todos os finais de semana”, “aos domingos e feriados” e “todo final de semana e feriados”, foram alguns exemplos. Por fim, para a categoria “**todos os dias**”, foram reunidas as respostas de entrevistados que declararam frequentar o Minhocão diariamente, incluindo dias de semana, finais de semana e feriados - “todos os dias”, “todos os dias e finais de semana” e “diariamente” foram algumas das expressões utilizadas.

Para auxiliar na compreensão mais ampla dos usos do Minhocão, pelas pessoas, foi realizada uma pergunta sobre que tipo de atividades os entrevistados realizavam por lá. Dentre as respostas, foi possível perceber certa coincidência de atividades, que puderam ser englobadas em categorias, basicamente tipologias de práticas similares. É importante ressaltar que, em sua grande maioria, mais de uma atividade foi citada por um mesmo entrevistado, significando que, para uma considerável parcela, o Minhocão pode significar um espaço multifuncional. As categorias foram propostas para ilustrar as seguintes atividades: **atividades físicas e práticas esportivas, socialização, refletir e observar, passear com pets, brincar com as crianças, conhecer, vendas, via de acesso, tomar sol, fotografar e passear** (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Atividades realizadas no Minhocão

Fonte: Ana Carolina Padua Machado, 2019.

Na categoria **atividades físicas e práticas esportivas** foram englobadas atuações relacionadas a exercícios físicos, esportes e cuidados com a saúde. A atividade mais citada pelos entrevistados foi a caminhada (50 respostas), seguida da corrida (31), uso da bicicleta (27 respostas), skate (7 respostas), patins (3 respostas) e longboard (2 respostas). Percebeu-se, nesta categoria, a interpretação por parte dos entrevistados, do Minhocão enquanto um espaço que possibilita a prática do esporte e da atividade física, desempenhos necessários ao cotidiano e relacionadas a exercícios e cuidados com a saúde, em geral. Além disso, esta categoria foi a que mais se destacou dentre os entrevistados, percebendo-se a predominância

desta temática no cotidiano do Parque Minhocão – provavelmente pela simplicidade de realização e conveniência dos espaços para práticas que não exigem equipamentos específicos (figura 6).

Figura 6 - Atividades físicas no Minhocão

Fonte: Ana Carolina Padua Machado, 2019.

Foram identificadas, também, atividades que se relacionavam, de maneira geral, com práticas de **socialização** (figura 7). Em outras palavras, entrevistados declararam utilizar o Minhocão para encontros diversos - reuniões com amigos, churrascos, piqueniques, namoro e paqueras, por exemplo -, para conhecer novas pessoas, bater papo, jogar baralho, dentre outros. Assim, para além da funcionalidade do Minhocão como um espaço para práticas esportivas e de atividades físicas, temos um novo aspecto ligado a ele, agora relacionado à possibilidades de socializar. O entrevistado nº 1, por exemplo, ao ser indagado sobre que tipo de atividades realiza no Minhocão, respondeu: *“Tomo um sorvete e fico conversando com o povo”*.

Dentre as principais práticas de socialização no Minhocão, destacaram-se encontros, geralmente com amigos em acontecimentos pré-estabelecidos ou regulares - como churrascos e piqueniques -, tendo o Minhocão como um verdadeiro ponto de encontro. A fala do entrevistado nº 59 confirma este aspecto:

“Ah, a gente caminha, a gente conversa, aqui é o ponto de encontro... aqui é um ponto de encontro, você sobe ali pela Marechal, dá uns dez passos, você chega ali na outra saída do elevador e já encontra alguém... que tem muitos conhecidos aqui em cima, é um ponto de encontro, é uma praça elevada” (grifo nosso).

Diário de campo – 5 de novembro, segunda-feira (feriado), por volta das 14 horas

Porque encontrei – neste e em tantos outros dias – piqueniques e churrascos? Um pedaço de concreto que também funciona como um espaço de encontros! Sim, porque, observando, era para encontro que as pessoas estavam ali, fazendo os seus piqueniques e churrascos. Encontros e diversão, relaxamento... e, porque não ver e ser vistos? Sim, porque, por mais que esta visão seja frequente, estas atividades também chamam a atenção de quem passa por lá, por diversos outros motivos, como para caminhada, corrida e simples contemplação. Estas atividades são exemplos do que acontece em outros parques, inclusive, como o do Ibirapuera e Vila Lobos, por exemplo. Ainda, este tipo de atividade acontece no nível do tempo livre, onde as pessoas, para além de suas obrigações, procuram se divertir, conversar e fazer tudo o que não podem, no dia a dia. Pois bem, tudo isso acontece ali no Minhocão e, juntamente com outras atividades, parecem cada vez mais reforçar o sentido a mais que esse “aparente” e “simples” pedaço de concreto desempenha na cidade de São Paulo.

Figura 7 - Um grupo de amigos socializando no Parque Minhocão

Fonte: Ana Carolina Padua Machado, 2018.

Ainda, na medida em que a maioria dos entrevistados declararam-se moradores do entorno, houve relatos sobre o acontecimento de diálogos não programados, resultados de encontros com “conhecidos”, do bairro e da vizinhança. Algumas das vezes, essas conversas

eram vistas também como bate papos informais, úteis para se fugir da rotina, para além do nível do lar (*“só para não ficar mais em casa”*, como afirmou o entrevistado nº 25). Tais encontros também eram, como foi possível perceber, relacionados a oportunidade de se conhecer novas pessoas e, eventualmente, também paquerar ou flertar. Em relação a este último aspecto, o flerte, chamou a atenção a fala do entrevistado nº 09, ao revelar que, para além de utilizar o Minhocão para pedalar, ele também se exhibe, observa as pessoas e paquera. Neste sentido, ele apresenta uma outra funcionalidade do Parque Minhocão relacionada à oportunidade de ver e ser visto, conhecer pessoas novas, socializar e, especialmente, flertar:

“Eu sou gay, então aqui é um ótimo lugar pra paquerar também. É uma forma de ver e ser visto, flertar... Porque tem uma frequência gay é.... grande. Até pelo pessoal que mora no entorno e também por já ser conhecidamente um espaço de... um espaço público onde você pode flertar a luz do dia – que eu prefiro – é.... de uma forma, entre aspas, saudável... é.... do que num bar, do que numa boate a noite, que aí é um outro esquema. Então é uma forma de conhecer pessoas, de socializar”.

“Pensar, é muito bom pra pensar aqui, você tem uma visão melhor das coisas” (entrevistado nº11). A oportunidade de se utilizar o Minhocão para se **refletir e observar** foi outra categoria identificada. Assim, detectaram-se com frequência, nas falas dos entrevistados, a ida ao Minhocão como uma forma de se observar o movimento, as pessoas, a paisagem, os prédios ao redor e - junto ou separadamente – se refletir, desestressar, distrair, tomar um ar. Parece até mesmo irônico se pensar que, apesar de se tratar de um espaço originalmente construído para carros e tomado por ruídos e poluição, atualmente também funcionar como um refúgio, um ambiente propício para se liberar da rotina atribulada, das obrigações pessoais e, conseqüentemente, se pensar na vida, tomar um sol e, simplesmente, *“respirar”* como disse o entrevistado nº 88.

Dentro desta categoria, destaca-se a fala do entrevistado nº 04, ao afirmar frequentar o Minhocão e, conseqüentemente, refletir sobre este espaço e o centro da cidade como um todo, sobre sua história e sua manutenção:

“Refletir né, sobre o centro, então né, olha esse prédio tá meio acabado então a gente meio que para pra refletir também sobre como que o centro tá sendo cuidado, ou não cuidado. A gente observa bastante” (entrevistado nº 04).

“É meio que um calçadão isso aqui pra gente, né?” (Entrevistado nº 5). Dentre as tradicionais atividades realizadas no Minhocão – corrida e caminhada, por exemplo – destaca-

se também o simples “fazer nada” que associa-se ao ato de se sentar, observar e deixar o tempo passar.

Outra categoria identificada de atividades praticadas no Minhocão relacionou-se à prática de se **passar com pets**. Chamou muito a atenção a quantidade de entrevistados que utiliza o Minhocão como um espaço disponível para se passear com seus pets, deixá-los livres e sem coleira e proporcioná-los momentos de desfrute, para além de suas casas e ambientes normais. Essa atividade pode oferecer um momento de usufruto do espaço também aos donos dos animais, como explicou o entrevistado nº 18: *“Toda a noite eu venho passear com o cachorro, eu fico aqui, fumo um cigarrinho. Ficar sentado, tranquilo”*.

Muitos entrevistados também afirmaram utilizar o Minhocão para **brincar com as crianças** (netos e filhos, por exemplo), surgindo, assim, esta categoria. É importante destacar a fala do entrevistado nº 133 ao afirmar que considera importante, para o seu filho, o momento de estar e brincar no Minhocão devido à maior liberdade de espaço (*“pro bebê caminhar um pouquinho, ter mais liberdade, né?”*).

Outra categoria identificada serviu para ilustrar os entrevistados que, estando pela primeira vez no Minhocão, ali visitaram para o simples **conhecer**. Dentro desta categoria, dois entrevistados se inseriram e ambos estavam lá por base no que ouviram falar sobre o espaço. O entrevistado nº 109, por exemplo, afirmou:

“Vim passear. Vim conhecer aqui. Na verdade foi indicação de um amigo meu aqui. Primeira vez que tô passando aqui. E, até então, o Minhocão é famoso né? Só caminhar, tirar umas fotos aí, porque é muito legal!”

Disso pode-se discutir o caráter do estranhamento que as visitas encerram, produzindo, em alguma medida, uma prática assemelhada ao turismo: a despeito de serem moradores de São Paulo, vários entrevistados indicaram essa curiosidade como elemento propulsor, deslocando-se de outras partes da cidade para, tal e qual fazem turistas tradicionais, flunar, fotografar, conhecer. Este é um aspecto que, mais adiante, será discutido mais a fundo, na perspectiva de se discutir o Minhocão com espaço que enseja possibilidades no cruzamento entre lazer e turismo.

A atividade de **vendas** também se destacou e configurou uma categoria. Na medida em que, funcionando como parque, o Minhocão atrai pessoas, acaba demandando, também, uma série de serviços aos público que foram atendidos pelos vendedores ambulantes, que são muito comuns por lá. Normalmente, é muito comum se encontrar vendedores de água de

coco, água e bebidas variadas - cervejas, refrigerantes e alcóolicas -, sorvete, “geladinhos”, algodão doce e, também, atividades de brechós. Dos entrevistados, foram identificados vendedores de água de coco e geladinho (figura 8). Ainda, fugindo um pouco das vendas, merecem destaque dois entrevistados que estavam no Minhocão para realizar cadastros, pois trabalhavam para uma farmácia da região central e essa era uma tarefa de suas funções na empresa. Nesse sentido, registrei a seguinte passagem em um diário de campo, produzido no dia 16/12:

Diário de campo – 16/12, domingo, por volta das 15 horas

De alguma forma, estas pessoas – que vendem – estão ali, porque sabem que encontrarão outras pessoas – que comprem – interessadas em seus produtos. Haverá, portanto, um público naquele aparente e simples pedaço de concreto. E, talvez, não seja um público “comum” de uma rua “comum”, digamos assim, que simplesmente passa e não olha. Não, aqui no Minhocão, as pessoas parecem sim, parar, olhar e se interessar no “novo” – pois esse pode ser uma das principais justificativas do porquê existem brechós, vendas e tantas outras manifestações de pessoas, neste “aparente” simples espaço. Aqui é possível, portanto, que se haja interação, contemplação, fruição mais longa, demorada e produtiva do espaço que se alonga ao longo de toda a sua extensão. As pessoas, assim, por aqui passam não só por passar – mas para olhar, fruir e consumir, de alguma forma, este espaço. É o que parece acontecer em outros espaços do mundo que, aparentemente, são somente longas vias ou calçadas de simples passagem de pedestres, mas que, em suas práticas, mostram o contrário – como o caso de Puerto Madero, em Buenos Aires, que atrai turistas que nele caminham para além de uma simples travessia ou passagem, mas para consumir, ver e ser visto.

Figura 8 – Vendedor de milho

Fonte: Ana Carolina Padua Machado, 2018.

A atividade que relacionou o Minhocão como uma forma de se cruzar a cidade - por meios que não envolviam o carro - foi também destacada, configurando a categoria de **via de acesso** (*“então, eu sempre tô, tipo, indo pra aquele bar que tem ali Santa Cecília, na estação, aí eu vou da minha casa até lá por aqui e aí depois eu volto. Como uma via de acesso”,* entrevistado nº 27). Assim, foi bastante comum a fala de entrevistados que afirmaram utilizar o Minhocão para se acessar certas partes da cidade, por se apresentar como uma alternativa segura, rápida e agradável. O entrevistado nº 11 explicou ao afirmar que: *“a gente usa aqui pra transporte e sempre prefere ir andando pelo Minhocão de noite, ou quando a gente vai pra outro lugar...”*

A próxima categoria identificada foi a dos entrevistados que afirmaram, quando indagados sobre os tipos de atividades que realizavam no Minhocão, a prática de **tomar sol**. Muitas vezes, esse ato era seguido da intenção de se relaxar, sair do cotidiano atribulado, passar um tempo no espaço do parque, sentar e observar.

A prática de **fotografar** foi outra categoria determinada, na medida em que alguns entrevistados declararam aproveitar da paisagem peculiar do espaço, do movimento enquanto parque e das condições positivas para isso. Em relação às características particulares do espaço, destacou-se a fala de certos entrevistados sobre a vantagem de, se estando no Minhocão, serem contemplados uma série de aspectos e atrativos do centro da cidade, em um nível de altura particular e privilegiado. Neste sentido, o entrevistado nº 72 explicou:

“Ah, eu venho andar, venho tirar um pouco de foto, venho... embora eu não seja arquiteto, eu gosto muito de arquitetura modernista, de prédio antigão do centro, que tenha essas persianas de puxar, sabe? Então cada vez que eu venho aqui, eu reparo em algum prédio novo que eu não tinha reparado, sabe? Fico pensando quem mora lá e tal...”

Diário de campo – 20/10, sábado, por volta das 13 horas

Comecei a caminhar e abordar as pessoas que pareciam disponíveis. O movimento não estava tão grande (com menos pessoas do que a última vez que estive lá), mas notei certas coisas diferentes, que nunca havia presenciado antes: Um grupo grande de pessoas passeando e tirando fotos no Minhocão. Parecia ser um passeio organizado, com a intenção principal de fotografar. Os rostos estavam diferentes, as expressões curiosas e de descobrimento (que registravam através de suas câmeras). O perfil também era diferente do habitual: pessoas mais bem vestidas (até demais, pensei, para um dia de sol no longo percurso do Minhocão), jovens e mulheres de meia idade. As pessoas estavam andando juntas e aglomeradas. Percebi que o grupo chamou bastante atenção dos outros frequentadores do parque.

A simples prática de **passear** também foi uma resposta frequente, surgindo assim esta categoria. Os respondentes desta categoria afirmaram utilizar o Minhocão para passear, em uma prática do tempo livre, desinteressada. Parecia, analisando as falas desses entrevistados, se tratar de uma forma de fugir do habitual sabendo que aquele espaço, ao menos, poderia proporcionar vivências diferentes, cenas novas, convívios e experiências. Como afirmou o entrevistado nº 25, se tratava, para ele, de “um passeio, só pra não ficar mais em casa”.

Diário de campo – 20/10, sábado, por volta das 19 horas

Quando estava indo embora, vi uma – aparentemente – família com uma mulher de meia idade (provavelmente a mãe), duas meninas (filhas) e um menino (namorado de uma delas). Estavam todos bem arrumados (óculos escuros, cabelos lisos, roupas de passeio e as meninas maquiadas), passeando lentamente e olhando para tudo e para todos. Parecia que aquele era um passeio quase que habitual (não parecia ser a primeira vez). Pareciam que estavam ali para “ver e serem vistos”.

Através, principalmente desta seção de perguntas, juntamente com as observações de campo, foi possível se notar as diferenças de usos no Minhocão entre dias de semana e finais de semana. A fala do entrevistado nº 131 é bastante emblemática neste sentido, ao afirmar que, durante os dias de semana, as atividades desempenhadas no Minhocão parecem representar, com considerável maioria, aquelas relacionadas a atividades físicas e exercícios. E, por outro lado, as atividades realizadas em finais de semana são mais diversas, para além destas tipologias, envolvendo eventos, vendas e uma série de outras práticas.

“É, de dia de semana é mais pessoal que vem pra fazer exercício mesmo, pra correr e pra andar né... a gente vê mais de final de semana o pessoal que tá aqui passeando... agora lá mais pro final tem uma barraquinhas, o pessoal vendendo coisas então já... é mais passeio mesmo” (entrevistado nº 131)

De fato, isso também foi percebido visualmente. O ambiente parece ser totalmente diferentes, mesmo se tratando de um mesmo espaço. Durante a semana, o Minhocão parece ser mais um ponto de passagem, de movimento, palco para usos rotineiros e integrantes de uma lógica cotidiana de exercícios físicos, geralmente. Aos finais de semana, para além destas atividades físicas - que também se destacam - conseguimos perceber novas práticas, que, por consequência, trazem novos sentidos ao espaço. Vendedores ambulantes, sessões de foto, pequenas intervenções artísticas, sessão de teatro, jogos de futebol de várzea, churrascos e piqueniques, colore o Minhocão e configuram um novo e diferente cenário (figura 9).

Figura 9 - Espetáculo "Esparrama na janela" no Minhocão

Fonte: Ana Carolina Padua Machado, 2019.

5.1.2 Motivações e intenções de visita

De maneira geral, por quais razões se vai ao Minhocão? Esta pergunta, relativamente simples, parece ainda merecer algum cuidado, dado que, apesar da crescente popularidade do espaço – incluindo maior expressão nas agendas públicas dos últimos anos – ainda não se têm clareza ou mais detalhes sobre as motivações dessas práticas em espaço tão peculiar.

Diário de campo – 2 de novembro, por volta das 20 horas

O parque estava super movimentado, com pessoas circulando de diversas maneiras - correndo, caminhando, andando de bicicleta, patins e skate, por exemplo. Notei que a maioria das pessoas andavam sem seus celulares ou com eles bastante escondidos, com o fone de ouvido somente a mostra. Isso não acontece, por exemplo, em final de semana, onde as pessoas parecem tirar mais fotos, posar e contemplar. As pessoas, nesse dia, não paravam e sim utilizavam o parque como pista, forma de passagem, em um fluxo contínuo de movimento. É claro que existiam exceções e, notei que, de forma geral, se tratavam de pessoas em grupo, batendo papo, olhando o movimento e, também, sendo vistos. Alguns casais também se destacavam, reforçando o aspecto já notado do parque, que funciona também como um lugar para namorar. Os grupos eram formados, principalmente, por jovens – adolescentes e um pouco mais velhos – que sentavam lado a lado ou em círculos. Abordei um destes grupos e me disseram que costumam ir ao parque quase todos os dias para se encontrarem, reforçando seus laços de amizade e exercendo um momento de socialização, para fugir da loucura do cotidiano. Algumas pessoas também sentavam em grupos e fumavam maconha, destacando-se grupos de meninos com suas bicicletas (o cheiro forte surgia de longe).

Este questionamento auxiliou na compreensão dos motivos de escolha dos entrevistados por utilizarem o Minhocão em detrimento de outros parques na cidade de São Paulo. Assim como na questão anterior, foram percebidas certas coincidências nas respostas dos entrevistados que, de forma geral, acabaram por discorrer sobre um mesmo conjunto de temas. Desta forma, foram elaboradas categorias com os temas que mais se destacaram nas respostas, e que auxiliam na visualização dos principais motivos de escolha do Parque Minhocão (**proximidade, segurança, estrutura do espaço, liberdade e vivência específica**) (Gráfico 7). É importante salientar que, na maioria das vezes, os entrevistados forneceram

mais de um motivo de escolha do Parque Minhocão, ocorrendo mais de uma resposta por entrevistado.

Gráfico 7 - Fatores de escolha do Parque Minhocão em relação a outras opções de parque na cidade de São Paulo

O QUE TE FAZ ESCOLHER O MINHOCÃO EM RELAÇÃO A OUTRAS OPÇÕES DE PARQUE NA CIDADE DE SÃO PAULO?

Fonte: Ana Carolina Padua Machado, 2019.

A primeira categoria identificada foi a justificativa de escolha com base na **proximidade** das casas, residências e lugares de referências (casas de amigos e familiares, estações de metrô, terminais de ônibus e ciclovias, por exemplo), dos entrevistados. Neste quesito, para além da proximidade, as vantagens da comodidade e praticidade foram levantadas pelos entrevistados. Isso indica, portanto, o ponto positivo, aos moradores do entorno de se ter um espaço como o Parque Minhocão, que é próximo, fácil de ser acessado e pertencente ao rol de serviços disponíveis aos moradores da área central. Ainda, também auxilia em se reforçar a possibilidade de que moradores do centro da cidade de São Paulo utilizam e frequentam o Minhocão, em sua grande maioria. O entrevistado nº 06 reforça essa observação:

“A praticidade, o espaço e eu tô em vez de eu ir pra um parque que eu vou demorar mais tempo pra chegar, eu venho pra cá, pras crianças brincarem, eu tô sentada tirando um descanso e depois eu vou pra minha casa sem pensar em pegar um trânsito, uma condução...”

Dentro do tema da proximidade, outros parques da cidade de São Paulo foram, eventualmente, citados como exemplos para ilustrar as possibilidades de uso em ocasiões em que a proximidade não seja um requisito obrigatório para o fator de escolha. Por exemplo,

sete entrevistados, ao justificarem utilizar o Minhocão em detrimento de outras opções de parque na cidade, utilizaram o caso do Parque Ibirapuera como uma opção viável, mas impeditiva por fatores como dificuldade de acesso, trânsito e demora para se chegar.

“Ah, a localidade... é muito próximo da minha casa, eu moro a duas quadras daqui, né... por exemplo, eu adoro o Ibirapuera, mas é muito longe, eu não vou pegar uma bike pra andar... às vezes eu até pego, mas são quarenta minutos, né... e aqui é mais prático... por conta da localização mesmo... Praticidade” (Entrevistado nº 52)

Outros parques citados foram o Parque da Água Branca (Perdizes/Barra Funda) e a Praça Buenos Aires (Higienópolis) que, mesmo que mais próximos do entorno, ainda não parecem ser tão práticos quanto o Minhocão (*“então é bem melhor que outros... que você, por exemplo, tem aqui do lado o Parque da Água Branca, é opcional mas aqui parece um pouco mais fácil, entendeu...”*, entrevistado nº 87).

A categoria seguinte foi a escolha pautada pela questão da **segurança**, em relação a outros equipamentos e parques, principalmente no centro da cidade. *“No Minhocão eu me sinto como se eu estivesse correndo no meio do centro de São Paulo, no meio dos prédios, sem perigo nenhum”*, diz o entrevistado nº 40. A estrutura do elevador, com as rampas de acesso e as grades de contenção parecem servir, como declarou um entrevistado, como uma forma de sentir-se mais seguro, durante a sua experiência no Minhocão. Além disso, para outro entrevistado, a configuração do Minhocão e sua posição - de forma muito próxima aos prédios lindeiros - também são fatores que auxiliam na sensação de segurança (*“eu fico mais protegida no meio dos prédios”*, entrevistado nº 77).

Outro fator que auxilia em uma maior segurança no Minhocão, segundo alguns entrevistados, seria o movimento de pessoas, como explica o entrevistado nº 11, *“É um pouco mais seguro. Ou a galera mesmo faz ficar seguro”*. Ainda, como complementa o entrevistado nº 68, a segurança do Minhocão é sentida por ele:

“Por incrível que pareça, eu acho aqui razoavelmente mais seguro do que alguns outros lugares. Porque eu já fui em alguns parques bobos aqui, no Água Branca, e fui assaltada” (Entrevistado nº 68)

A **estrutura do espaço** foi outra categoria identificada, como justificativa em relação a outras opções de parque da cidade de São Paulo. Essa estrutura se relaciona, principalmente, às suas condições positivas para as atividades que ali acontecem, principalmente as que se referem aos exercícios físicos. O entrevistado nº 15 explica esta escolha:

“Eu acho que, primeiro, o espaço que ficou liberado para as pessoas poderem praticar esporte, enfim, pra você poder transitar, ficou bem legal, eu acho que São Paulo, durante a semana, a gente não tem nenhum lugar parecido, assim”

Assim, pelo que se nota, por se tratar de um espaço construído essencialmente para funcionar como um elevado para a circulação de carros, as suas características próprias como pistas, seu comprimento, a ausência de interrupções nos trajetos e seu espaço amplo são, para certos entrevistados, ideais para corridas, treinos e para se andar de bicicleta, por exemplo (*“Espaço bom pra andar de skate no centro”*, entrevistado nº 136).

“Olha, isso depende muito do treino. A escolha, entendeu? Mas aqui, se tivesse que escolher entre Ibirapuera, pra corrida, e aqui, eu escolheria aqui. Além da estrutura, nós temos aqui um percurso de três quilômetros se eu não me engano... três ponto alguma coisa, eu não lembro especificamente. Mas aí a gente treina a velocidade entendeu? Então isso é muito importante entendeu? E outra coisa, aqui é livre né? É bem mais livre que o Ibirapuera. O Ibirapuera a pista é lotada...” (entrevistado nº 102).

A **liberdade** foi outra categoria identificada e que expressou um dos fatores de escolha, por parte dos entrevistados, do Parque Minhocão. Essa liberdade esteve ligada a alguns fatores, como a possibilidade de se agir, realizar certas atividades e usufruir do espaço de forma diferente, mais espontânea e à vontade, do que em outros lugares mais institucionalizados, controlados por regras. O entrevistado número 61 resume esta ideia com a sua explicação:

“E eu acho que é um espaço aberto, é gostoso, principalmente quando você vê que vem tudo quanto é gente fazer “n” coisas. O pessoal vem tomar sol, fazer piquenique, eu já vi a galera fazendo churrasco aqui em cima... tem aula de dança, é muita coisa que tem e são coisas que os parques as vezes também não oferecem, porque um parque tem “n” proibições. Aqui é um espaço pra população aproveitar da forma que quiser e as pessoas têm ocupado e inovado aqui. Acontece de tudo e eu me sinto mais estimulada de vir pra cá, apesar de não ter uma sombra, por exemplo, num dia como hoje a gente só vem no final da tarde, mas é um espaço muito gostoso” (entrevistado nº 61)

Outro fator relacionado à liberdade esteve ligado à possibilidade de se ter maior privacidade, anonimato e a calma no Minhocão (*“Tranquilidade, eu acho aqui mais silencioso. E menos movimentado, as pessoas... eu acho mais agradável”*, entrevistado nº 22). Comparações com o caso do Parque Ibirapuera e da Avenida Paulista - aberta aos domingos exclusivamente para pedestres - foram frequentes para ilustrar esta justificativa, tendo estas

como duas opções mais lotadas e o Minhocão como uma solução para aqueles que prezam por mais silêncio, refúgio e liberdade.

“Então é bem melhor que outros... que você, por exemplo, tem aqui do lado o Parque da Água Branca, é opcional mas aqui parece um pouco mais fácil, entendeu... Também é um lugar muito tranquilo, não tem problema nenhum, não tem muito furdunço e você vê aqui ó, tá vazio assim e ao mesmo tempo você fica mais tranquilo, não tem ninguém que te julgue, não tem ninguém que fale nada pra você... então é um lugar bem melhor do que um parque, que é um lugar fechado que tem muita gente lá. Por exemplo, o Vila Lobos é um grande exemplo disso e que ele é um local muito lotado. Tipo, fim de semana, gente, é difícil demais você pedalar lá... (entrevistado nº 87).

A categoria seguinte refere-se à **vivência específica** que se tem na experiência do Parque Minhocão. Essa vivência específica significa dizer que, especialmente no espaço do Minhocão, tem-se uma experiência particular que dificilmente se repetiria em algum outro lugar da cidade de São Paulo. Isso se deve principalmente por conta de suas características estruturais e sobre as práticas que ali se desenvolvem, subvertendo toda a sua lógica tradicional e propondo novos e diferentes sentidos. Desta forma, na resposta dos entrevistados, percebeu-se que a justificativa por esta vivência específica esteve ligada, principalmente, a quesitos relacionados a ambiente e paisagem.

Em relação ao ambiente, entrevistados relataram apreço por ele, principalmente por se tratar de um espaço amplo e arejado (*“Além de ser bonito e aberto ao ar, né, então você consegue ter um ambiente aberto e arejado”*, entrevistado nº 14), compondo toda a vivência que se tem do centro da cidade. Ainda, em relação a este ambiente, por se tratar de uma área livre, no centro, onde se pode ter a visão e convívio com construções, murais, prédios e a própria cidade, de forma única.

“Ah, eu frequento bastante também o Villa Lobos, mas acho que aqui o Minhocão tem, é muito diferente o fato de não ser.... é um parque, né, tem essa ideia de parque, mas é uma abordagem diferente, né... uma coisa é você ir nesses parques, Parque do Povo, Villa Lobos... é legal o fato de você estar andando em um viaduto, cercado de prédios e obras artísticas...” (entrevistado nº 49, grifo nosso).

Ainda, a paisagem - que também está ligada ao ambiente, de forma intrínseca - foi outro fator ressaltado por entrevistados que afirmaram frequentar o Minhocão pela vivência específica que oferece. Esta paisagem parecia estar conectada com todo o cenário mais amplo do centro, que envolve aspectos históricos e paisagísticos peculiares (*“e eu acho que primeiro a paisagem, eu acho que, eu gosto bastante daqui assim, eu gosto bastante do centro de São*

Paulo, eu acho bem bonito”, entrevistado nº 15). Assim, o aspecto visual, ligado à paisagem, foi destacado como algo que se encontra somente no Minhocão, como algo próprio a ele, único e específico.

“Isso, isso. Hoje foi mais conhecer mesmo, até porque é diferente né, você ter uma área livre em cima de um viaduto, né... então queria ver a proposta e tal... mas eu acho que tem também a questão do cenário... a galera vem aqui, pelo que eu sei, pra tirar foto, porque os prédios ficam muito próximos... acho que tem essa temática mais fotográfica!” (Entrevistado nº 76).

5.1.3 Impressões sobre as funções e o futuro do Minhocão

Esta questão serviu para que se pudesse compreender as formas que os entrevistados compreendem o Minhocão, a partir da declaração de suas opiniões sobre uma projeção de um possível futuro deste espaço, considerando os debates recentes vinculados, principalmente, às possibilidades de transformação em parque integral, manutenção do estado atual (uso misto, de parque e elevado) ou, de maneira mais objetiva, demolição/desmonte.

Dos 143 entrevistados, 137 declararam suas opiniões, enquanto 6 se abstiveram da resposta. Destes 137 declarantes, 80 afirmaram ser totalmente favoráveis à transformação do Minhocão em parque, de maneira integral (Grupo 1). Enquanto que, 35 entrevistados preferem que seja mantida a funcionalidade atual do espaço, exercendo atividade de parque mas mantendo sua função rodoviária (Grupo 2). Ainda, 22 entrevistados, por mais que estivessem utilizando o Minhocão enquanto parque, são contrários a esta ideia, defendendo a função exclusiva de elevado. Dentro destes últimos, 12 entrevistados declararam-se favoráveis às propostas de demolição ou desmonte do Minhocão (Grupo 3).

Dentre as opiniões sobre uma possível **transformação integral do Minhocão em parque (Grupo 1)**, abandonando a função de elevado para a circulação de carros, foi possível de se encontrar algumas argumentações preponderantes.

Figura 10 - Grupo 1 (transformação do Minhocão em parque)

Fonte: Ana Carolina Padua Machado, 2019.

Para muitos, o Minhocão não se trata de um parque tradicional, mas poderia se transformar em um, sendo um local totalmente possível e pronto para isso. Neste sentido, o Minhocão como uma área que pode se consolidar como um espaço reconhecido, de lazer, na cidade de São Paulo. Um espaço que oportuniza, assim, uma interação única com a cidade, uma alternativa que aumentaria a frequência de usos, por pessoas, e solucionaria a carência de equipamentos de lazer acessíveis, na região central. Um espaço que poderia tornar-se, então, um sinônimo de lazer e a possibilidade de sua ampliação: *“Na minha opinião, eu acho que se transformasse em parque seria mais útil, né? Seria uma área de lazer porque aqui no centro não existe praticamente... Integral”* (entrevistado nº 91)

O segundo grupo de argumentações diz respeito às visões que percebem a prática do parque como uma forma de resistência e, ao mesmo tempo, uma conquista, dentro da compreensão do caráter dinâmico e regenerativo da cidade. Em outras palavras, destacaram-se as opiniões de entrevistados que visualizam o Minhocão como um exemplo de uma prática urbana que, ao resistir, ilustra como uma cidade pode se adaptar diante de mudanças, porque é dinâmica e capaz de oferecer novas condições e alternativas aos seus usuários. Esta resistência diz respeito principalmente ao trânsito e aos carros que, segundo a visão desses

entrevistados, poderiam se adaptar e encontrar novas alternativas de fluxo, frente a uma possível transformação integral em parque.

“Mas eu acho que... o Minhocão, tipo, se fosse continuar daqui, tinha que ser transformado só pra pedestre. Tipo, espaço pra veículo tem avenida, tem espaço pra caramba em São Paulo que, quando aqui tá fechado, São Paulo continua funcionando, saca?” (Entrevistado nº 16)

Ainda neste sentido, ressalta-se a crença de se tratar de uma área com potencial para se tornar um parque, cuja transformação poderia ser garantida e ativada graças à ocupação gradual do espaço, consolidando-se, assim, em uma área de lazer. A confiança na adaptação das cidades e na capacidade de estudos técnicos para a reorganização das dinâmicas que ali acontecem atualmente, principalmente em relação ao trânsito. Assim, a ideia do parque associada à oportunidade de emancipação da dependência ao carro, foi outro aspecto utilizado como argumento, pelos entrevistados. Assim, tal perspectiva foi seguida, geralmente, ao incentivo sustentável da cidade, com o uso de meios de transporte alternativos e acessíveis.

“Sim, olha... aqui, eu acho que... é... tinha que desativar o Minhocão pra carro, é... enfim, acho que cabe à prefeitura buscar outras formas de melhorar o trânsito e também incentivar o transporte público e o uso das ciclo faixas... que é uma coisa que aqui dentro as pessoas utilizam muito mais, ainda mais porque tá sendo ocupado muito por um pessoal mais jovem que já tem a conscientização, as pessoas não tem tanto carro” (entrevistado nº 61)

Ao mesmo tempo, também destacaram-se posições moderadas em relação à transformação definitiva em parque - por mais que esta tenha sido a escolha desses entrevistados, ao discorrerem sobre uma melhor projeção sobre o futuro do Minhocão - principalmente pautadas na descrença em relação à manutenção e cuidados, por parte do poder público, que este parque receberia. Assim, estas preocupações acabam por ilustrar, de maneira geral, a desconfiança dos entrevistados em relação ao comprometimento e capacidade de gestão do poder público, em torno de um possível parque. Alguns exemplos foram citados para justificar estas posições - praças da região central, principalmente - que, apesar de muito bonitos e atrativos, não parecem receber os devidos cuidados e acabam, por consequência, por repelirem frequentadores.

“Um parque sendo cuidado, né... não só, “ah, vamos fazer um parque” e deixar lá... não rola, né. Que nem, os caras fazem em muitas praças aqui né, meu. Tem uma praça aqui na Duque de Caxias com a São João, bem na esquina, se você subir reto, ali na esquerda tem uma praça. Pô, bem legal, Duque de Caxias, São João... Os caras fizeram uma praça, tiraram umas fotos e, vamos colocar na mídia, tá lá, não tem mais nada, acabou, um monte de morador de rua... tá certo, tá aberto, vamos entrar né, arrumar um lugarzinho, um cantinho... mas eu acho que a melhor parte é cuidar, depois né? Vamos subir e se manter, né? É isso que é difícil, é manter né. Sobe meu, agora desce e acabou, né? (Entrevistado nº 46).

Neste mesmo sentido, apesar das respostas estarem centradas em reações positivas em relação às possibilidades de transformação em parque, foram levantadas inúmeras preocupações, para além da questão da manutenção, relacionadas aos problemas estruturais do elevado e as suas condições, tendo em vista as discussões sobre os riscos dos viadutos da cidade de São Paulo¹. Ainda, problemas relacionados às condições da “parte de baixo do Minhocão” foram constantemente levantados, principalmente vinculados à necessidade de se pensar em soluções conjuntas às ideias do parque. A presença de moradores de rua, falta de luz, ausência de circulação de ar e poluição foram fatores comumente mencionados, neste sentido.

“É muito bom assim, eu gostaria na verdade que ele ficasse aberto full time. Com certeza! Sem dúvida, eu acho que o impacto que o Minhocão faz embaixo, né, na General Olímpio, é um impacto muito ruim... ele corta a luz do bairro, todos os apartamentos aqui no entorno sofrem muito com o barulho... é então, assim, uma maneira da gente conseguir realmente diminuir esses danos seria transformar num parque, colocar uma área verde aqui, pra dar uma melhorada no ar do bairro...tem a questão dos moradores de rua que ficam embaixo do viaduto né, isso é um problema do bairro, é um problema da cidade, é um problema do país...” (entrevistado nº 13)

Ainda, destacou-se a ideia da proposta do parque como uma solução benéfica aos moradores do entorno, garantindo mais qualidade de vida, menos poluição e ruídos. O parque como uma alternativa ambiental, inclusive que contribuiria para a redução da temperatura na região. Assim, o parque como solução ao “problema do país”, como uma forma de adaptação das cidades e na capacidade de estudos técnicos para a reorganização do trânsito (*“Mas ia contribuir bastante em relação ao meio ambiente, tudo mais, em questão à temperatura aqui dessa região que é bem quente, então eu acho ótimo na realidade, né”* entrevistado nº 52).

Chamaram a atenção, também, posições que visualizam na transformação do Minhocão em parque, uma possibilidade que traria uma valorização imediata ao seu entorno e

¹ Prefeitura de SP oficializa criação de 'comitê de crise de pontes e viadutos'. Disponível em <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/11/20/prefeitura-de-sp-oficializa-criacao-de-comite-de-crise-de-pontes-e-viadutos.ghhtml>. Acesso em 03/07/2019.

aos prédios residenciais próximos. Esta valorização, neste sentido, é vista como um aspecto positivo, que traria benefícios aos moradores do entorno, principalmente.

“Assim, eu escuto muito as pessoas falando que a melhor saída seria a demolição do Minhocão, e eu entendo isso também, eu acho que é um ponto de vista interessante também, mas eu acho que, como já foi construído, eu acho que pra mim seria a construção de um parque, também pensando no fato de que poderia trazer um monte de valorização pra maioria dos imóveis que aqui já se desvalorizaram tanto com o passar do tempo, entendeu? Eu acho que seria uma boa oportunidade de você recuperar o investimento que muita gente fez comprando apartamento aqui, e você não teria que demolir também, que causaria um transtorno bem grande, pelo menos na época que começasse a demolir o Minhocão, entendeu? Sim, o tempo inteiro. Fecha pra carro e acabou, entendeu? E aí teria que ter, eu acho, uma manutenção legal também, e tal, e fazer, deixar pro uso mesmo pras pessoas que querem correr, andar de skate, de bicicleta, entendeu?” (Entrevistado nº 20)

Assim, percebeu-se, também, a ideia de que a intervenção representada pelo parque - como algo pontual e efetiva, naquela região específica - marcaria a possibilidade de ganhos de benefícios tanto locais, como para toda a região central da cidade. Assim, destacou-se, também, a ideia do parque como um verdadeiro chamariz a todo o centro da cidade, o qual melhoraria a imagem de toda a região, tornando mais bela e atrativa.

“É, eu acho que como parque é uma opção interessante aqui pra região, por exemplo, porque você tem entre o Minhocão, você tem áreas residenciais, por exemplo, o que hoje pra, sei lá, de carro, afeta pra quem mora aqui na região dos lados, né? Valoriza a região, eu acho que de certa forma... aqui é um centro velho, né... um antigo centro novo e agora é um centro velho... valoriza a região de novo, revitaliza... a gente tá perto, sei lá, da área do que é a cracolândia. Né, de certa forma isso ajuda até mesmo essa região, essa expansão, melhora aqui... acaba, né, espraçando pra região ao redor... eu acho que beneficia não só ao parque mas acho que a região como um todo...” (entrevistado nº 85)

Ainda, emergiu uma ideia do parque como integrante de uma nova visão de cidade - e de como “se viver nela”, que incluiria novas alternativas de transporte e novas formas de usufruto, por pessoas, de espaços urbanos. Destacaram-se argumentos, inclusive, sobre a questão do uso e a presença de pessoas como fatores condicionantes para a configuração e a validação do Minhocão como parque - como uma forma de se demonstrar, de fato, que pessoas o utilizam como tal (*“Ah, eu acho que assim.... deu certo, porque as pessoas usam ainda muito o Minhocão, né... mas assim é um espaço que as pessoas frequentam, então é um espaço que funciona, né”* entrevistado nº 63).

Por fim, a justificativa do parque, como uma possibilidade válida, também se pauta a partir do argumento de que este espaço faz parte da memória afetiva e da história de vida de uma parcela de seus usuários.

“Olha... aqui pra mim é muito marcante, porque foi aqui que eu e meu namorado basicamente nos conhecemos. Então, aqui pra mim é um lugar histórico, quando eu for casar eu vou vir aqui fazer fotos. Então, eu não quero, de jeito nenhum... eu acho que é uma... é uma parte histórica! Então eu acho que tem que fazer um parque porque como você vê hoje, é um lugar utilizado pra isso, entendeu?” (Entrevistado nº 68)

Ao longo das entrevistas, foi possível de se identificar uma parcela de entrevistados que declararam o apoio de se manter o Minhocão da maneira como funciona, atualmente, sem grandes e profundas alterações - principalmente no que se refere à **possibilidade de manter a função viária, combinada com o uso para parque (Grupo 2)**.

Figura 11 - Grupo 2 (manutenção atual do Minhocão)

Fonte: Ana Carolina Padua Machado, 2019.

Destacaram-se comentários preocupados com relação à estrutura do elevado - inclusive no que se referem aos riscos de desabamento - o que inviabilizaria, principalmente, a atividade de parque integral. Então, ressaltou-se, a necessidade de maior cuidado e

manutenção à estrutura, para que a sua dupla funcionalidade seja garantida, sem riscos e com qualidade.

“Ah, demolir eu não concordo não. Eu acho que é um lazer, né? Isso aqui. Eu acredito que tenha que manter como está. Deveria melhorar o estado que tá, né? Reformar mais. Ver pra não ter risco de rachadura, essas coisas, pra não correr risco de desabar. Deveria melhorar, mas tirar não, entendeu?” (Entrevistado nº 09).

Foi possível de se identificar, também, argumentos relacionados à necessidade e importância inegáveis do elevado, enquanto via de acesso para carros. Com a defesa, portanto, da manutenção da divisão dos horários para carros e para as pessoas.

“Então, o que eu penso do Minhocão é o seguinte, se fechar eu acho que vai causar mais trânsito. Tipo, fazer um parque seria maravilhoso, mas eu acho que vai causar mais trânsito. Que São Paulo tá evoluindo e as ruas tá muito, é muito carro, então tá tendo muito trânsito. Então, se fechar isso aqui num parque, eu acho que vai causar mais trânsito, é isso que eu acho. Eu acho, porque se deixar como tá, de dia os carros transitam e de noite a gente pode fazer uma área de lazer. Que nem agora, tá fechando mais cedo, tá perfeito!” (Entrevistado nº 136).

Chamou a atenção as opiniões que visualizam, na institucionalização do Minhocão enquanto parque, uma ameaça à espontaneidade das práticas atuais que acontecem ali. Em outras palavras, atualmente, as atividades que ali acontecem, que configuram o caráter espontâneo, estariam ameaçadas frente às possibilidades de transformação integral em parque.

“Eu acho que não seria possível isso porque aqui é um lugar de transporte, né... veículos... não é um lugar apropriado pra um parque. Assim, eu acho que seria melhor, tirava esse lance... esse hobby que as pessoas tem de quando fecha né o elevado. Aqui é conhecido como elevado né. Então, não vai ficar tão legal como é agora, né” (Entrevistado nº 133)

Por fim, destacou-se, também, a ideia do parque parcial, com a manutenção da função viária, como uma verdadeira “alternativa turística” a todas as problemáticas que envolvem a questão do futuro do Minhocão. Tal alternativa atrairia mais pessoas e manteria a utilidade atual - tanto enquanto elevado, como quanto parque.

“Isso é polêmico, derrubar... fazer um parque... eu tenho amigos arquitetos que também falam sobre isso... É um problemão. Isso não tem solução, se você derrubar, você vai encontrar problemas. Se você não derrubar, você vai encontrar problemas. Não tem... pra mim, eu deixava... do jeito que tá e criava alternativas turísticas pra poder valorizar o espaço... Pronto! Todo mundo ia curtir numa boa, não ia ter aquela piração de derrubar... É claro que tem um nível de poluição, poluição sonora... todos aqueles dados que a gente tá cansado de ler... mas, quem mora, principalmente grudado aqui com a janela, reclama muito de poluição sonora... e também poluição... o apartamento que eu moro é perto daqui, não é sujeira, é poeira. Então, faz parte da metrópole, não tem jeito” (Entrevistado nº 92).

Por fim, um terceiro grupo (Grupo 3) engloba os entrevistados que expressaram opiniões desfavoráveis à ideia do Parque Minhocão, incluindo posições favoráveis à **demolição ou desmonte** da estrutura. O desmonte aparece não como a solução desejada, mas, em grande medida, como algo inevitável e mais racional, frente às problemáticas relacionadas ao Minhocão e seu futuro incerto.

Figura 12 - Grupo 3 (derrubada do Minhocão)

Fonte: Ana Carolina Padua Machado, 2019.

O primeiro argumento contrário ao parque esteve pautado, na fala de alguns entrevistados, nos elevados investimentos e valores que seu projeto custaria, juntamente com os possíveis casos de corrupção e roubalheira que poderia envolver, a partir de algumas referências que já aconteceram na cidade e no país.

“Eu acho que ia ser tipo uma roubalheira absurda também pra fazer um projetão de urbanismo aqui, a la Burle Marx do centro, mas é o que eu mais gostaria que acontecesse, mas eu acho que o mais viável vai acabar sendo, em algum momento, o pessoal desmontar. Eu sou a favor do parque, mas racionalmente eu acho que vai acabar tirando ele, o que eu acho que vai ajudar pra cacete também né, na região. Porque isso aqui é uma sombra no centro da cidade. Embaixo, nada cresce” (entrevistado nº 125)

Neste sentido, destacaram-se discussões relacionadas aos aspectos considerados lúgubres e perigosos, da “parte de baixo do Minhocão”. A partir da possibilidade de parque, para alguns entrevistados, todos estes malefícios correriam o risco de se repetirem, também, na parte de cima do elevado.

“Porque eu acho que o que vai acontecer é que vai em cima e embaixo vai continuar a mesma coisa que tá, porque esse elevado aqui matou o embaixo. Matou mesmo, assim, ninguém cuida! A noite piora! E fica caindo essa aguinha... uma coisa horrorosa, assim. E é horrível! E vira, realmente um templo da cracolândia...” (Entrevistado nº 132).

Outra alternativa que aparece em favor do desmonte é expectativa de revitalização da área, trazendo melhor acesso, condições urbanas e espaço.

“Eu acho, apesar de gostar daqui, eu acho que ele enfeia um pouco a região. Eu acho que se desmontar, valorizaria mais a região e deixaria ela visualmente mais bonita. Eu acho que ele polui um pouco a visão. Eu acho que tem que ter um projeto mais ecológico, né? Mais sustentável, também, que não fosse só concreto” (Entrevistado nº 03).

A demolição do Minhocão como uma maneira de se eliminar “um monstro”, “uma cicatriz”, que enfeia e atrasa o centro da cidade de São Paulo. Assim, o Minhocão estaria concebido, para estes entrevistados, como uma estrutura que impede o acesso e a luz aos moradores do entorno, cuja solução seria o desmonte. Um monstro, algo indesejável, que precisa ser retirado para garantir o desenvolvimento da área urbana em que se localiza.

“É, é... Mas eu vou ser sincero com você, assim, como eu nasci aqui, mais pra cima... é, eu gostaria que fosse desmontado. Gostaria. Porque eu acho que assim, são duas, os dois primeiros benefícios são o espaço e a luz. Especialmente pra quem mora na parte de baixo, tem comércio, eu acho que isso aqui seria um ganho... porque isso aqui é um monstro né? Não, eu acho que se desmontasse, tirassem isso daqui, a parte viária fica embaixo. Como eu te disse, os ganhos são a luz e o espaço, sem isso aqui” (Entrevistado nº 105).

O desmonte como a solução mais correta, frente às consequências problemáticas de uma possível transformação em parque ou manutenção da estrutura atual. A solução menos egoísta que permitiria uma valorização do entorno e um possível reencontro com as pessoas, na medida em que o espaço resultante poderia ganhar novos sentidos e significados.

“A minha opinião não é o que eu acho que vai acontecer, tá? Eu acho que das três correntes, no fundo eu acho que deixar tudo como tá é um pouco egoísta porque as pessoas estão pensando só nos carros, né [...] Eu acho um pouco egoísta isso, sem transformar em parque e sem demolir. Eu acho que se transformar em parque tem uma vantagem que é, eu acho que as pessoas já ressignificaram esse espaço, então já nasce pra uma determinada parcela da população, o parque Minhocão. Então, se isso aqui for demolido, vai ser como a morte de um espaço que foi criado e que é querido por algumas pessoas. Então, por outro lado, a gente tá cagando pras pessoas que moram no entorno aqui e a gente sabe quanta fuligem solta, eu já li entrevistas de pessoas falando [...] Quer dizer, as pessoas dormem e acordam com isso, então, “ah, eu quero o meu parque”, só que eu não moro aqui, eu moro a dez quadras daqui, então eu não tenho... eu acho bonito ter um parque vertical perto da minha casa, mas eu acho um pouco egoísta da minha parte, entendeu? Então, assim, eu fico pensando, se a gente demolisse isso, tudo bem, os carros vão ter que começar a pensar em outras obras, agora, depois que passar a fase dos escombros, da sujeira, da poeira, que é problemática... eu acho que todo esse tecido vai renascer e vai, inclusive, valorizar o entorno. Porque se você olhar aqui pra baixo tá tudo degradado. Então, eu acho fofo o parque mas, assim, você entende que é um pouco força de barra? [...] Então eu acho que, no fundo no fundo, o certo a se fazer é demolir o parque” (Entrevistado nº 72)

Por fim, neste sentido, os riscos associados à possibilidade de parque - no que concernem a uma possível “hipsterização” do centro e um processo de gentrificação em seu entorno imediato - poderiam ser impedidos, através da demolição do Minhocão.

“Eu acho que tem que derrubar. Eu acho que tem que derrubar porque você tem uma puta de uma avenida embaixo, que você tem que abrir, você tem que tirar isso aqui, você tem que dar luz. Isso aqui fecha e tipo, fudeu comércio, tudo pra lá. Agora que tá rolando um processo de gentrificação mais pra baixo, mas ainda assim também tem isso [...] o custo aqui vai ficar muito alto, e a galera que mora aqui, que já morava aqui, que não é a galera que tá vindo morar aqui, tipo não é essa galera que tem grana pra bancar se o centro ficar tão hipster assim. Tem a questão de baixo, daí se arrumar em cima, embaixo tem morador de rua pra caralho, tem sujeira pra caralho, então assim, tipo pra mim você tem que derrubar e botar luz, entendeu? Mas embaixo, se você abrir, você consegue fazer o mesmo espaço, você conseguiria fazer um lugar pra galera caminhar, ela é ampla, a avenida é ampla. É, caminhada, você põe ciclovia, põe tudo, pra galera em final de semana também, entendeu? Porque dá pra, tem um espaço ali...” (Entrevistado nº 111).

5.1.4 Turismo no Minhocão?

Esta questão foi útil para se compreender as formas pelas quais o tema do turismo se insere, quando nos referimos ao Parque Minhocão. Assim, foi possível perceber como os usuários do Minhocão - representados pelos 143 entrevistados - compreendem este espaço

não somente dentro do campo do turismo, mas também no da cidade, revelando as suas posições em relação aos significados que desempenha no contexto urbano e quais as suas possibilidades.

Dos 143 entrevistados, 67 afirmaram visualizar possibilidade do Minhocão se tornar um atrativo turístico da cidade de São Paulo, caso seja transformado em um parque, com as devidas reformulações e ajustes necessários. Mais adiante, 58 entrevistados declararam considerar, neste momento, o Minhocão como um atrativo turístico, pois visualizam esta atividade acontecendo neste espaço, em sua configuração funcional atual. Por outro lado, 18 entrevistados declararam não acreditarem que o Minhocão seja um atrativo turístico ou que possa se tornar um.

- **“Turismo... Eu acho que se virar um parque sim!”**

Um dos aspectos levantados pelos entrevistados, ao discorrerem sobre esta potencialidade, é de que não costumam observar, com frequência, turistas no Minhocão e sim perceber a sua utilização por moradores do entorno, principalmente. Porém, em caso de possíveis explorações do potencial deste espaço, inclusive com a devida divulgação e estruturação, o Minhocão poderia se tornar um atrativo turístico para a cidade de São Paulo.

Em relação a estas medidas necessárias, foram citadas melhorias como: banheiros públicos, mais segurança, opções de lazer e entretenimento, lugares com sombras e atrações/atividades culturais (“Sim, já existe, né? Então, assim, precisa fazer melhorias, né? Colocar banheiros nem que sejam químicos... Precisa colocar maiores opções de lazer, né, bandas, artistas de rua, essas coisas...”, entrevistado nº 79).

“A impressão que eu tenho, que o pessoal que vem é mais... o pessoal de São Paulo mesmo. Posso até estar errado, mas a impressão que eu tenho é que não tem muito turista aqui, no Minhocão. Mas eu acho que, se ele permanecer, dependendo da exposição que for feita, o que for falado, divulgado, eu acho que ele tem potencial pra se tornar um atrativo turístico também. Mas eu acho que, nesse momento, ele não é turístico ainda” (Entrevistado nº 03).

Nota-se que o imaginário sobre um futuro turístico para o Minhocão liga-se, de um lado, à necessidade de haver algum tratamento na oferta de facilidades (partindo do princípio que o turista padrão seja um usuário que exige determinadas comodidades distantes daquelas dos moradores) e, de outro, pela percepção de que os usuários atuais não aparentam comportamento de turistas – opinião, provavelmente, ancorada em visões estereotipadas de turistas e de turismo.

Ainda, juntamente com a possibilidade de se tornar parque, outra condição citada e que favorece o potencial turístico associado ao Minhocão, é o fato de se localizar no centro histórico da cidade. Propiciando, assim, uma visão privilegiada desta região, seus prédios históricos – como o Farol Santander e o Copan – e da paisagem do seu entorno, a qual oferece uma vivência única de fruição da cidade. Além disso, o fato de já ser um espaço conhecido – tanto por sua função de elevado, como de parque –, juntamente por se localizar no centro da cidade, resultariam em fatores condicionantes a uma projeção turística.

“Com certeza. Eu consigo ver possibilidade de turismo aqui. Pela região em que ele fica, em volta você vê prédios, né? Então é bacana de se olhar. Então, como eu disse, se eles mudassem um pouco mais, não só como está aqui hoje, mas se eles mudassem, fizessem essas mudanças e trouxessem outros entretenimentos seria bem melhor, com certeza atrairia pessoas, turistas.” (Entrevistado nº 13).

Os riscos vinculados ao potencial turístico do Minhocão também foram mencionados, relacionados a efeitos como especulação imobiliária e possibilidades de gentrificação. Estes aspectos estariam, pois, ligados em uma espécie de relação causa e consequência já que, segundo alguns entrevistados, com o crescimento da especulação imobiliária, devido a um possível expansão da atividade turística no Minhocão, se teria um aumento da ameaça à permanência de moradores de seu entorno, devido, principalmente à elevação nos preços de alugueis, imóveis e dos serviços da região. Ainda, estas ameaças partiriam, principalmente, dos modos de como o poder público gere a cidade e seus espaços públicos, associados, também, à busca pela higienização destas áreas:

“Eu acho que em São Paulo, primeiro porque tem essa coisa mercadológica de tudo que tem uma grande visibilidade, vira uma coisa mercadológica e a partir daí vira uma coisa turística também. Então, eu acho que o Minhocão sendo, tipo, uma avenida muito grande, virar um parque, e todo mundo começar a frequentar e tudo mais, eu acho que acaba virando uma coisa turística sim. Mas eu não sei os lados bons disso e os ruins assim [...] ao mesmo tempo os lados bons ficam questionáveis. Porque o Minhocão virando um centro turístico, acaba virando, tipo, uma razão pra aumentar a especulação imobiliária no entorno, aumentar esse ideário de higienização que a prefeitura de São Paulo tem e muito mais... Enfim, eu acho que tudo em relação a isso é problemático, tudo, todo tipo de discussão em relação ao espaço público de São Paulo, porque é cheio de contradições, né...” (Entrevistado nº 16).

Identificou-se, também, certas reflexões sobre as possibilidades vinculadas ao turismo no Minhocão e os motivos de, atualmente, este espaço não ser considerado um atrativo turístico da cidade de São Paulo. Neste sentido, a fala do entrevistado nº 52 é interessante pois

revela uma certa percepção do espaço e de todo o centro da cidade de São Paulo como uma região que não estaria tão consolidada, em termos turísticos, como outras.

“Não sei... eu acho que... pode ser que sim, mas eu acho que vai ser gradativo. A um longo prazo, aí... porque eu acho que o turismo é mais lá pra Vila Mariana... Sabe, tem algumas outras regiões da cidade que eu acho que tem um fluxo maior de turistas, aqui eu vejo muito pouco...”

O fato de o Minhocão se tratar de um parque não convencional, em contraste com o Parque do Ibirapuera, por exemplo, seria, para alguns entrevistados, um dos fatores principais para a formatação deste espaço como um atrativo turístico (*“Eu acho que sim! Eu acho que a proposta é diferente, né... Então atrairia turistas”*, entrevistado nº 76).

Para além da necessidade de investimentos em melhorias estruturais e equipamentos que melhorem a experiência no parque, foram citadas os atributos visuais do Minhocão como oportunidades de se alavancar o turismo neste espaço. Estes atributos, se melhores explorados e trabalhados, auxiliariam, portanto neste processo.

“Eu acho que se tivesse mais investimento nesse tipo de arte, nas paredes verdes, eu percebo que as pessoas se interessam muito. Aí seria uma opção sim, de turismo, se tivesse um pouco mais disso. Eu particularmente gosto muito. Apesar de eu vir sempre, já tava tirando foto de novo do que eu já vi várias vezes” (Entrevistado nº 89).

- **“Poxa, se isso não é uma atração turística, o que é uma atração turística, gente?”**

Neste grupo de entrevistados – cerca de 40% da amostra (58 entrevistados) – estão os que acreditam que o Minhocão se trata de um atrativo turístico da cidade de São Paulo, dentro da sua configuração atual. Foram identificados alguns aspectos interessantes de suas argumentações, onde, alguns deles referiam-se, por exemplo, ao tipo de público que frequenta este espaço e que poderia se configurar como turistas.

Neste sentido, ao discorrerem sobre as possibilidades turísticas no Minhocão, alguns entrevistados acabaram por refletir e afirmar, por exemplo, as possibilidades de, não necessariamente, serem considerados turistas somente aquelas pessoas oriundas de outras cidades ou realidades. Assim, refletiram sobre a possibilidade de moradores da cidade de São Paulo também serem considerados turistas, numa realidade concebida como turística – pelos entrevistados, que é a do Minhocão (um espaço que é, também, considerado como turístico por estes).

A ida ao centro, por exemplo, foi questionada. Ir ao centro poderia, assim, significar uma experiência turística aos moradores de regiões distantes da cidade de São Paulo, para alguns entrevistados. Ainda, a ida ao centro aliada à do Minhocão, que compõem algo que não faz parte da rotina de atividades de lazer ou passeios convencionais e poderiam ser visualizadas como espécies de experiências turísticas.

“Mas, de certa forma, eu venho de uma região extrema, ali da capital, pra conhecer algo que não tá no meu convívio, no meu dia a dia, então é um turismo entre aspas, né? Mas eu ainda não parei pra pensar nisso, mas eu acho que sim. Faz sentido, né? Porque eu acho que deixa de ser turismo quando você tem aquilo no dia a dia, eu acredito, né. Por exemplo, o carioca que todo dia tá na praia, então pra ele, aquilo ali é normal. Mas se eu morasse numa região que não fosse praiana do Rio e fosse pra praia, eu já estaria na minha cidade, mas seria turista ali naquela região da praia. É interessante, né?” (Entrevistado nº 04)

Ainda, o fato de o Minhocão localizar-se no centro da cidade de São Paulo que - devido aos seus diversos atributos o torna uma região turística da cidade – é outro aspecto que auxilia na sua concepção como um atrativo turístico da cidade. Também, devido a esta proximidade, acaba por fazer parte de uma rede de outros atrativos que se conectam e estabelecem uma relação de auxílio mútuo, através da possibilidade de divulgação uns dos outros e realizações, por exemplo, de visitas a lugares próximos em um só dia. A ideia de “ir para o centro” e “acabar passando” pelo Minhocão, foi levantada, por exemplo.

“Ah, acho que tem, porque o Minhocão, ele é, vamos dizer assim, um fator turístico da cidade de São Paulo, né. Já é (turístico). Eu nunca vi (turistas) porque eu não frequento tanto, de ficar tantas horas. Mas eu acho que é, mas se a pessoa tá, a pessoa que vai fazer um guia turístico ele vai falar, aqui é o começo do Minhocão... O pessoal que tá ali na Consolação que vai pro turismo da igreja, tal, vai falar, o famoso Minhocão de São Paulo, eu acho que sim” (Entrevistado nº 06).

A convicção de que existe turismo no Parque Minhocão também vem associada, por parte dos entrevistados, à ideia de uma atividade que se oferece aos moradores da cidade de São Paulo dentro de uma espécie de “turismo interior” (CAMARGO, 2018). O Parque Minhocão, então, não é visualizado como um lugar que apresenta possibilidades de atrair pessoas de outras cidades para o conhecerem, mas movimenta, entretanto, outra espécie de concepção de turismo (*“Acho que muito mais um turismo interno do que, que seja algo que venha trazer alguém aqui pra São Paulo. Eu não acredito que venha só pra isso. Das pessoas que moram por aqui e tal, eu acho difícil... Eu não viria”*, Entrevistado nº 27).

Ainda, a ideia de que o Minhocão se trate de um atrativo turístico vem associada às suas possíveis comparações com outros casos similares no mundo. Assim, principalmente em

termos de suas projeções futuras, surgiram comentários do que poderia se tornar, principalmente com base em referências internacionais de sucesso. O entrevistado nº 17, por exemplo, não cita diretamente o nome do parque elevado que deseja se referir quando reflete sobre as possibilidades turísticas do Minhocão, mas levanta indícios de que fala do famoso High Line Park, em Nova Iorque (“Ah, talvez. Eu acho que sim. Eu acho que no centro tá começando a se tornar uma área meio turística, eu vejo bastante gringo aqui. Ia ser tipo aquela linha que tem, aquela *ferry line* que tem em Nova Iorque”, entrevistado nº 17).

Outro aspecto muito interessante levantado por alguns entrevistados foram as formas de reconhecimento da atividade turística no Minhocão e, também, dos turistas em relação a outros tipos de frequentadores. O movimento de pessoas “diferentes”, por exemplo, foi um fator de reconhecimento citado, como se já existisse uma espécie de identificação entre os frequentadores mais assíduos. Estes frequentadores parecem compartilhar de uma mesma realidade – da vivência frequente no Parque Minhocão – e identificam quando uma ou mais pessoas não fazem parte deste cenário comum. Por exemplo, o entrevistado nº 44 afirma perceber, pelo movimento de pessoas de diversas regiões da cidade de São Paulo, já acontecer turismo no Parque Minhocão (“*Nunca são as mesmas pessoas, né? Sempre muda...*” Entrevistado nº 45).

Foi possível de se identificar alguns mecanismos de reconhecimentos, por parte dos entrevistados, de turistas e não turistas. Por exemplo, os turistas podem ser reconhecidos no Minhocão através de suas formas de vestimentas (geralmente, estariam “bem arrumados”), comportamentos (o ato de tirar foto, principalmente) e idiomas falados. Assim, estes três fatores resumiriam um pouco da estratégia utilizada para se reconhecer quem não faz parte deste cenário habitual e auxiliar, assim, para a formatação da concepção de que o Minhocão é um atrativo turístico da cidade.

“Eu sou uma frequentadora, eu já sei quando a pessoa é daqui ou não é.... Porque, normalmente, quem não é daqui já vem de celular, aquela coisa... Já sei quando é, entendeu? E como eu tô aqui sempre, eu vejo pessoas de vários países aqui, é incrível! As pessoas falando inglês, francês, esses dias eu tava ali mais pra frente, o pessoal fazendo sessão de foto e não era daqui...” (Entrevistado nº 68).

A certeza associada ao acontecimento da atividade turística no Minhocão surge, inclusive, pelo fato de ele aparecer na mídia e em sites conhecidos de experiência turística, por exemplo. A televisão foi um aparato citado, como um canal que mostra todo o movimento de pessoas e turistas no Minhocão. Ainda, o fato de o Minhocão ser – e ter sido – cenário de

uma série de produções famosas (como filmes, novelas, séries, etc.), foi outro fator utilizado como argumentação de que este espaço represente um atrativo turístico da cidade. Por último, a presença do Minhocão no TripAdvisor - como uma opção de passeio da cidade de São Paulo, avaliado pelos frequentadores do espaço e receptor de uma série de comentários dos colaboradores do site - foi um fator citado, em especial, por um entrevistado como justificativa de sua convicção.

“Ele já é, né? Na verdade... Se você for lá naqueles sites, TripAdvisor, tem lá, né... [...] Você tem como classificar...já é uma indicação, né? Já é um ponto turístico. E eu já vi tanto ponto turístico ruim, se esse aqui melhorar vai ser ótimo” (Entrevistado nº 53).

O caráter autônomo e não estruturado da atividade turística no Minhocão também foi ressaltado. A dinâmica desta atividade estaria, portanto, fora dos padrões convencionais de concepções e organizações de atrativos turísticos consolidados e estaria mais ligada à uma atividade que acontece, principalmente, por iniciativas espontâneas de pessoas que percebem potencial naquele espaço. Desta forma, o Minhocão não é encarado como um espaço óbvio de fruções e experiências turísticas e mais como um lugar criado coletivamente e que, por isso, se transforma por estes novos sentidos e significados que recebe.

“É que eu acho que não tem uma infraestrutura organizada no sentido que eu possa chamar de... Ah, não, isso aqui é um estabelecimento para turismo, sabe? Mas existe um turismo! Mas aí é super autônomo... Eu sinto que quem vem vender aqui as coisas é uma pessoa que já se ligou que aqui vai ter gente que vai comprar, mas é isso. É a pessoa com o sorvetinho” (Entrevistado nº 54).

- **“Não, não... Tem tantos pontos turísticos em São Paulo, outros pontos turísticos, então porque precisamente o Minhocão né?”**

Conforme detalhado anteriormente, foram identificados entrevistados que não acreditam que o Minhocão seja um atrativo turístico da cidade de São Paulo ou, mesmo, que possa se tornar um. Diversos motivos foram elencados e algumas justificativas apontadas são a falta de segurança, a péssima qualidade da estrutura do elevador, a falta de atração do espaço e o fato de se tratar de algo destinado essencialmente aos moradores do entorno.

Começando pela falta de atração, o fato de se tratar de um simples elevador, cinza, vazio, sem consideráveis atrações culturais e de entretenimento aos visitantes, seria negativo e não suficiente para se atrair visitantes. Assim, o Minhocão, como um atrativo turístico – real

ou potencial – não parece fazer sentido para alguns entrevistados, principalmente por conta destes fatores listados: “Ah, cara, do jeito que tá, não, sabe. Eu não traria meus amigos que tão passeando aqui [...] Mas senão iam falar: “cara, você me trouxe pra um viaduto fechado, de pavimento...” (Entrevistado nº 124).

As ideias contrárias à transformação do Minhocão em parque – por conta de todos os malefícios que esta transformação traria – ajudam a formular a negação, também, à concepção da atividade turística neste espaço. Dentre estes malefícios trazidos tanto pelo parque, quanto pela atividade turística, foram citados, por exemplo, intensificações nos distúrbios aos moradores do entorno, que sofreriam ainda mais com a falta de privacidade em seus apartamentos. Outro argumento identificado foi o impacto negativo à dinâmica do trânsito da cidade de São Paulo, como um todo, com a retirada da função de elevado do Minhocão. Desta forma, o turismo e sua atividade não são vistos de forma positiva.

“Eu acho que transformando em parque vai ter maior visitação mas eu não acho legal. Como eu te falei que eu tô dizendo assim, não só pra turismo, eu acho pra São Paulo, eu acho que tem muitos moradores que moram aqui no entorno, que eu não sei, assim, muitos querem demolição, muitos não, mas eu acho que seria complicado por causa do trânsito de São Paulo ser muito tumultuado” (Entrevistado nº 81).

A deficiência na segurança na parte de cima do Minhocão foi um aspecto levantado, contra à possibilidade de turismo neste espaço. Esta falta de segurança estaria associada, principalmente, a consequências como o tráfico de drogas e o seu público – usuários – que, provavelmente, tomariam conta do espaço e afastariam um público interessado por conhecê-lo (*“Eu acho que não. Tráfico de drogas, o pessoal da cracolândia vir pra cá. Não tem nem como você vir, vai tomar conta, fazer igual eles fazem na estação da Luz, Praça Princesa Isabel...”*, entrevistado nº 34).

Por fim, a negativa vem associada à crença de que este se trata de um espaço com potencial de ser usufruído somente aos moradores de seu entorno. Assim, a ideia de se tratar de um espaço de usufruto cotidiano do público do entorno, seria um impeditivo para que a atividade turística aconteça, convivendo com estes usos rotineiros (*“Aqui no Minhocão? Não sei... Eu acho que não, Ana. Eu acho que não. Eu acho que é mais pros moradores mesmo. Eu não vejo possibilidade de ampliar, assim, eu não vejo como seria”* Entrevistado nº 05).

5.1.5 Repertório sobre experiências internacionais, semelhantes, de parques elevados

Esta questão serviu para que se compreendesse a existência – ou não – de modelos e casos que servissem de menção aos entrevistados, quando se referiam ao Minhocão. Estes modelos não precisariam se tratar, necessariamente, de parques urbanos elevados ao redor do mundo, mas de práticas que os entrevistados considerassem similares com o Minhocão, seus usos e acontecimentos. Os resultados foram interessantes e ilustraram como, de fato, certos entrevistados não discorreram, necessariamente, sobre casos de parques consolidados no mundo mas, também, sobre práticas onde se existe a ocupação de espaços não convencionais por pessoas, como pontes, avenidas e calçadas.

É importante ressaltar que a pergunta foi clara no sentido de transmitir, aos entrevistados, que não se era necessário conhecer, pessoalmente, um modelo similar, mas apenas mencionar aqueles de que já se ouviu, leu ou viu em diferentes canais – sejam meios virtuais, revistas, televisão, por meio de amigos, dentre diversas outras possibilidades. Os resultados foram, de certa forma, equilibrados já que 75 entrevistados responderam não conhecerem um modelo similar ao Minhocão no mundo e, ao mesmo tempo, 68 afirmaram que sim (totalizando os 143 entrevistados). Destes 68 entrevistados, 12 afirmaram conhecerem ou já ouvirem falar de casos similares, mas não se lembrarem mais de seus nomes, lugares de referência ou quaisquer outras informações (Figura 13).

Figura 13 - Modelos semelhantes ao Minhocão, segundo os entrevistados

Fonte: Ana Carolina Padua Machado, 2019.

Dos 68 entrevistados que responderam conhecer algum caso que os faça lembrar o Minhocão, sem dúvida, o modelo mais relatado foi o famoso High Line Park, em Nova Iorque. Ao mesmo tempo, alguns entrevistados, ao já ouvirem falar deste caso de alguma

forma, acabaram por não lembrar o seu nome, dizendo somente que se tratava de um parque em Nova Iorque. Assim, por exemplo, 18 entrevistados se referiram, diretamente, ao High Line Park, enquanto 11 citaram a cidade de Nova Iorque. Ainda, 4 entrevistados, ao não se lembrarem diretamente de casos específicos, citaram os Estados Unidos, como um país de referência.

Da mesma forma, a Avenida Paulista foi um exemplo referenciado por cinco entrevistados, que afirmaram se tratar de prática similar ao que acontece no Minhocão, principalmente por se tratarem de vias utilizadas para a circulação de carros que, periodicamente, se fecham e oportunizam usos por pessoas. O caso do rio revitalizado em Seul que se transformou em um parque linear – o Cheonggyecheon – também foi citado, mas através de palavras como “córrego de Seul”, “Coréia” e “rio revitalizado na Coréia”. Ainda, o caso do Promenade Plantée – considerado pioneiro das práticas de parques elevados no mundo – foi citado por dois entrevistados onde um citou, diretamente, o seu nome e outro como da cidade de Paris.

De sentidos quase que opostos, o caso da antiga Perimetral do Rio de Janeiro que foi demolida e deu lugar para a área do Porto Maravilha, foi citada, como uma referência do que poderia acontecer, também no caso do Minhocão. Ainda, em alguns casos, os entrevistados não chegaram a citar, diretamente, o nome da Perimetral, mas outros locais e denominações que se referem ao seu caso – como Praça Mauá, Aterro do Flamengo e Rio de Janeiro.

Assim, outros casos pontuais foram referenciados como as pontes que se tornaram parques, práticas que acontecem “em outros países”, parques na China e em Hong Kong, igrejas que se abrem às pessoas na Europa e linhas de trem que se convertem em outros espaços.

5.2 Entrevistas aplicadas a atores envolvidos com o Minhocão

Como detalhado anteriormente, foram aplicadas entrevistas a dois grupos distintos e envolvidos, de alguma forma, com o Minhocão. O primeiro grupo foi representado pelos usuários do Parque Minhocão e o segundo, por atores – da esfera pública e privada – cujas atuações se vinculam a organizações envolvidas, de alguma forma com o Minhocão, sua questão e seu futuro. Assim, com cada entrevista, buscou-se compreender o sentido que o Minhocão representa a cada ator (e à sua esfera de atuação), através da compreensão de seus discursos.

A seleção destes atores se deu de forma investigativa, através da pesquisa dos principais órgãos e organizações envolvidas, de forma efetiva, com este espaço da cidade de São Paulo. Assim, em um dos primeiros contatos com o Minhocão e sua história - principalmente através da pesquisa documental preliminar e exploratória – pôde-se conhecer as possibilidades de atores, iniciando-se, assim, as tentativas de contatos iniciais. É importante lembrar que todas as entrevistas foram gravadas (em forma de áudio), a partir da assinatura, por parte dos entrevistados, de um Termo de Consentimento (Apêndices).

5.2.1 Esfera pública

Em relação à esfera pública², foram entrevistados dois atores do poder legislativo e um do poder executivo. Do poder legislativo, foram selecionados dois vereadores – Vereador José Police Neto e Vereador Caio Miranda - que possuem atuação direta em relação ao futuro do Minhocão com direções, de certa forma, opostas. Do poder executivo, foi entrevistado Luís Bretas que é Superintendente da SP Urbanismo, responsável pelo planejamento da primeira fase do Parque Minhocão (Figura 14).

Figura 14 - Atores entrevistados da esfera pública

Fonte: Ana Carolina Padua Machado, 2019.

² Realizaram-se tentativas de contato – por meio de entrevistas – a representantes da SPTuris e da Secretaria Municipal de Turismo da cidade de São Paulo. Através da troca de e-mails, foi informado que estas duas organizações municipais não apresentavam atividades atuais vinculadas direta ou indiretamente ao Minhocão. Neste mesmo sentido, realizou-se tentativa de contato com o gestor do Parque Minhocão – nomeado pelo secretário do Verde e do Meio Ambiente da cidade de São Paulo -, com o retorno de que, no momento, não havia um cronograma de atividades estabelecido, no que concernia ao Parque Minhocão.

Vereador José Police Neto³

O vereador José Police Neto (PSD) é autor - juntamente com os vereadores Eduardo Suplicy (PT), George Hato (PMDB), Sâmia Bonfim (PSOL), Nabil Bonduki (PT), Toninho Vespoli (PSOL), Ricardo Young (REDE) e Rodrigo Goulart (PSD) - do Projeto de Lei nº10/14, que deu origem à aprovada lei 16.833/2018, que cria o Parque Municipal do Minhocão e prevê a desativação do Elevado Presidente João Goulart. Sua atuação, enquanto vereador e em relação ao futuro do Minhocão, é longa e se dá, basicamente, no sentido de sua desativação como elevado e transformação em parque. Em relação aos discursos que vinculam o Minhocão à sua possibilidade de transformação em parque, o vereador José Police Neto é uma figura emblemática e presente. Do conteúdo resultante da entrevista, foi possível a descrever com base nos principais pontos abordados pelo entrevistado:

Sobre a aprovada **lei 16.833/2018**, o vereador José Police Neto a posiciona como uma forma de inserir o Minhocão na nova agenda de “se fazer a cidade” a partir da consolidação de um parque que já existe há muito tempo, criado coletiva e espontaneamente por parte da população paulistana. O projeto de lei, desta forma, seria a importação do desejo de parte da sociedade que já utilizava o espaço como parque e que, inclusive, se articulou em certas instâncias por este objetivo. Esta aprovação significaria a possibilidade de transformação do parque, espontâneo, em um projeto idealizado por profissionais, assegurando-se um melhor e mais seguro uso.

Comparando a possibilidade de transformação em parque com a de retirada do elevado – via demolição ou desmonte, por exemplo – o entrevistado manifestou-se favorável à primeira opção, que seria mais sustentável (inclusive em relação às discussões sobre possíveis processos de gentrificação). Para ele, a transformação em parque poderia evitar este fenômeno, já que oportunizaria ofertas e convívios entre diferentes grupos sociais, devendo ser implantado a partir desta leitura – conduzido de forma equilibrada pelo poder público e cuidadoso em relação aos possíveis efeitos ao entorno, com os devidos instrumentos urbanísticos, como é o caso da Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS).

A **construção do Elevado Presidente João Goulart** é interpretada dentro da “época do estado de exceção” da cidade de São Paulo. Apresentado como solução àquela época, o elevado representaria um desequilíbrio à região central, segmentando-a e impactando de maneira muito profunda a estética desta região. Assim, a partir da construção do Minhocão,

³ Entrevista realizada em 13/02/2019, na Câmara dos Vereadores da Cidade de São Paulo.

para o vereador, o centro da cidade de São Paulo passa a funcionar como um mero local de passagem, sendo que os primeiros movimentos de usos como parque começaram, para ele, a partir dos anos 1990, quando da ação do poder público de restringir a circulação dos carros em decorrência dos grandes níveis de ruídos gerados ao micro entorno.

Assim, para o entrevistado, o Parque Minhocão surge de forma espontânea e passa a integrar a memória afetiva de uma série de pessoas que o utilizam há muito tempo. Ainda, seria resultado do movimento, espontâneo, de subida de pessoas ao elevado nos momentos que fechado para carros, o que o tornou um espaço público contestado como parque, gradativamente. Ao longo do tempo, portanto, passou-se a reconhecer a importância e possibilidade daquele espaço, de desempenhar outras funções para além do que foi perpetuado, ao longo dos anos, diariamente.

“Parque diferente, parque que as pessoas passaram a usar e o uso revelou as atividades em cima do Minhocão das mais diversas... [...] então, quando você começa a observar o que o Minhocão gerou de externalidades positivas pelo tempo e pela externalidade das pessoas, é um negócio incrível”.

Sobre as relações entre **turismo e o Minhocão**, o entrevistado visualiza o fenômeno como uma grande oportunidade de se tornar um fator que auxilia na atratividade da cidade de São Paulo. Ainda, enquanto parque, afirma que este pode se tornar um destino importante para a cidade, interessante para a região do entorno (em termos, principalmente, de geração de emprego e receita). Para ele, já se percebe a sua vocação como um destino turístico e isso auxilia a configuração turística do centro, como um todo. Sobre este tópico, o vereador também afirmou perceber uma atividade “turística” particular, caracterizada pelo movimento de alunos de arquitetura que visitam o Minhocão para conhecer e acompanhar suas dinâmicas atuais e projetos. Além disso, os murais instalados ao longo do trajeto do Minhocão também seriam fatores atrativos que auxiliam na configuração do espaço como um destino de arte urbana. Neste caso, para o entrevistado, a arte urbana poderia significar, também, uma oportunidade de se revelar os usos que se dão naquele espaço e, ainda, representar uma solução para os seus conflitos urbanos.

A transformação do Minhocão em parque, de forma definitiva, pode significar, para o entrevistado, uma forma de **superação dos diversos conflitos existentes na região** e da lógica de gestão urbana que tem a dependência de automóveis como uma de suas principais características. O parque, portanto, teria que apresentar uma solução para os baixos do Minhocão, considerando, por exemplo, os graves problemas sociais que ali acontecem (como

os moradores em situações de rua, por exemplo). Ainda, seria uma ferramenta para se extinguir os diferentes tipos de poluição que as atividades no elevado produzem – emissão de diesel e produção de ruídos, por exemplo – ao se propor soluções alternativas à circulação de automóveis na região.

Um último tópico abordado na entrevista e que merece relevância foi em relação à discussão sobre **projetos e referências internacionais**, que poderiam servir (ou servem) de inspiração para as projeções futuras do Minhocão. Para o entrevistado, apesar de existir grande quantidade de exemplos que possibilitam análises comparativas com o caso do Minhocão, este possui uma característica única e peculiar pois não se trata de um espaço que precisou ser refeito para possibilitar novos usos e, sim, seus novos significados enquanto parque surgem da espontaneidade e ocupação de pessoas que passam a utiliza-lo como tal. Se trata, portanto, da capacidade de se fornecer mais um uso social a um espaço que foi fruto de investimentos públicos.

Foram citados exemplos mundiais de vias elevadas transformadas, que propiciaram novas formas e funcionalidades, como o caso do “Promenade francês”, “as grandes vias elevadas na Coréia e no Japão que foram transformadas”, “o próprio High Line em Nova Iorque” e “Boston que tirou o elevado”, por exemplo. O entrevistado explicou que, a partir do momento que o Minhocão e o seu futuro passou a ser uma das pautas de seu mandato, ele procurou visitar e conhecer pessoalmente algumas destas experiências citadas, para, de fato, entender o que se passava nestas práticas.

Vereador Caio Miranda Carneiro⁴

O vereador Caio Miranda Carneiro (PSB) é autor – juntamente com o vereador Mário Covas Neto (PODE) - do Projeto de Lei nº 98/2018 que dispõe sobre o desmonte do Minhocão, exigindo a retomada desta possibilidade conforme disposto no Plano Diretor. Juntamente com o desmonte, este PL exige a apresentação de projetos de requalificação urbana para a área e avaliação dos impactos decorrentes, ao trânsito. A figura 15 ilustra uma audiência pública de debate deste plano de lei.

⁴ Entrevista realizada em 22/01/2019, na Câmara dos Vereadores da cidade de São Paulo.

Figura 15 - Audiência pública sobre o PL 98/2018

Fonte: Ana Carolina Padua Machado, 2018.

Do conteúdo da entrevista, podem ser identificados um conjunto de principais tópicos/perspectivas abordadas. Segundo o entrevistado, o artigo dedicado ao Minhocão, no PDE da cidade de São Paulo, era viável pois respeitava as diferentes opções em relação ao futuro do Minhocão – que incluía o parque e o desmorte. Desta forma, com o veto ao desmorte, o vereador clama pelo uso da razão em relação ao futuro da estrutura, acreditando que este seria a alternativa mais viável. Para ele, o PL representaria uma forma de inserir debates técnicos à discussão que envolve este espaço, sinalizando para a importância e necessidade de estudos sobre aspectos como viabilidade da estrutura, segurança e impactos.

O vereador Caio Miranda também argumenta que o desmorte da estrutura não traria prejuízos significativos ao **trânsito da região**, uma vez que, comparado com outras vias da cidade, ele não transportaria uma quantidade considerável de veículos. Para ele, na época de sua construção, na década de 70, não existiam as estruturas de transporte que hoje auxiliam no dinamismo da cidade de São Paulo (como as linhas de metrô e trem, as marginais Pinheiros e Tietê, as Avenidas Sumaré e Marquês de São Vicente).

Os **impactos** decorrentes da construção e presença do Minhocão, principalmente no entorno, são argumentos citados pelo entrevistado para o fortalecimento da opção pelo desmorte da estrutura. Segundo ele, o Minhocão soterrou uma série de espaços públicos

importantes da cidade, contribuindo para as suas deteriorações e obsolescências, como é o caso da Praça Marechal Deodoro, Largo Santa Cecília e o Largo do Arouche. O desmonte do Minhocão representaria, para ele, uma oportunidade de se conectar estes três espaços de forma funcional e devidamente planejada.

Outro impacto citado se relaciona com a questão da **saúde pública**. Segundo o entrevistado, é comprovado que, para a região do entorno, na parte de baixo do Minhocão o nível de poluição é 80% maior e, o de ruídos, o dobro. Para ele, a transformação em parque – com a desativação de carros na parte de cima e a manutenção na parte de baixo – aumentaria ainda mais este quadro de poluição.

Sobre a questão da **gentrificação**, na opinião do vereador Caio, em ambas as hipóteses de transformação do Minhocão – parque e desmonte – existe um risco associado a este processo. Com o desmonte, por exemplo, haveria um retorno de interesse na área, por parte de investidores, na recuperação de imóveis do entorno para a oferta de novas opções de moradia. Caberia ao poder público atuar no sentido de garantir áreas de habitação de interesse sociais, por meio, por exemplo, de Operações Urbanas ou do PIU Setor Central. Seria uma oportunidade, para o entrevistado, de se aproveitar desta região já adensada e proporcionar que trabalhadores morem próximos de seus trabalhos e acessem toda a rede de transporte público da área central.

Em relação à possíveis **referências e modelos urbanos similares** que pudessem servir como inspirações ao projeto do desmonte, o entrevistado afirmou simpatizar com a ideia de se comparar o caso do Minhocão com o processo de desativação da Perimetral do Rio de Janeiro. Segundo ele, esta obra, antes uma região portuária que foi totalmente transformada, dentro da preparação para os Jogos Olímpicos, poderia servir como um exemplo às possibilidades de desmonte do Minhocão. Ainda, aproveitou para comentar sobre as frequentes comparações entre o Minhocão e o High Line Park (Nova Iorque) que, para ele, se tratam de dois casos muito diferentes (o primeiro seria uma linha férrea que já estava desativada e inutilizada, que possui uma maior altura em relação ao chão, mais iluminação e área de respiro).

“Eu penso muito, eu me referencio no High Line e no Promenade. Mas como algo difícil de implementar no Minhocão. [...] se você comparar, a questão de altura é diferente nos dois e a proximidade dos prédios também. [...] em termos de desmonte e recuperação de vias, eu vejo na Perimetral do Rio um grande exemplo, na Coreia também teve um viaduto que foi desmontado e foi feita uma recuperação”.

Por fim, ao discorrer sobre as possibilidades vinculadas ao **turismo**, no Minhocão, o entrevistado vislumbra esta possibilidade através da perspectiva de desativação do elevador, juntamente com os investimentos necessários e requalificação da região que, em conjunto, atrairia a atividade turística e movimentaria o entorno.

Luís Bretas⁵

Luís Bretas é Superintendente de Projetos Estratégicos e Paisagem da SP Urbanismo. A SP Urbanismo é uma empresa de projetos da prefeitura, hierarquicamente ligada à Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano (SMDU), responsável pelo planejamento urbano e projetos da cidade de São Paulo. Cabe à SP Urbanismo a concepção, organização e análise de planos diretores, operações urbanas e planos de intervenções urbanas (PIU's), prestando um verdadeiro suporte aos interesses da prefeitura em termos de projetos urbanos.

Como explicou o entrevistado, a jurisdição atual da SP Urbanismo, em relação ao Minhocão, se dá em sua responsabilidade de desenvolver o projeto do parque, através da constituição de um PIU específico – como exige a aprovada lei 16.833 -, ligado e tratado no âmbito do PIU Setor Central. De acordo com as etapas e fases exigidas pelo PIU específico, atualmente a SP Urbanismo realiza a análise da viabilidade deste projeto a partir de estudos de deslocamentos, utilização do elevador, impactos sociais e questões da realidade de sua parte de baixo. A primeira fase a ser iniciada, como relatou o entrevistado, seria a de consulta pública sobre o **PIU Minhocão**.

Para Luís Bretas, o PIU Minhocão visualiza toda a área de intervenção – correspondente ao trajeto do elevador, incluindo as partes de cima e de baixo – como um novo polo de oportunidades, que não deixará de lado todas as questões sociais do entorno e de cuidado e manutenção de sua população. Ainda, é previsto, no conjunto de ações deste PIU específico, o atendimento às questões de segurança e acessibilidade do elevador - através de projeto de implantação de 8 novos acessos ao longo de todo o trajeto do Minhocão com escadas e elevadores -, além da preocupação com a sua conexão com outros equipamentos da cidade – como a Praça Roosevelt, o Parque Augusta e o centro, como um todo. A primeira fase, de consulta pública, portanto, deveria, segundo Luís Bretas, contar com as contribuições e participação pública em tornos destes temas.

⁵ Entrevista realizada em 15/04/2019, no Edifício Martinelli.

Quando indagado sobre a existência de um **projeto definido do Parque Minhocão**, Luiz Bretas afirmou a sua inexistência, explicando que o Minhocão recebeu, ao longo dos anos, contribuições de inúmeros profissionais que ofereceram projetos e ideias – como o caso do arquiteto Jaime Lerner e do II Prêmio Prestes Maia de Urbanismo. A prefeitura, portanto, por meio da SP Urbanismo, consolidou uma verdadeira base de estudos internos, resultantes de todas estas contribuições, que ajudam a consolidar a ideia do parque. Como explica o entrevistado, é no momento atual que, com referência em toda esta base de estudos, a ideia do projeto definitivo do parque passará a ser desenvolvida.

Sobre a existência de **projetos e inspirações urbanas** para a consolidação da ideia do parque Minhocão, o entrevistado ressaltou a importância da capacidade de intercâmbio de informação, considerando a existência de inúmeras experiências, no mundo inteiro, de requalificação de espaços que estavam degradados. No que concerne a estas inspirações estrangeiras, segundo ele, é importante se considerar tanto as boas como as ruins, em nível mundial, para a criação de uma base para o planejamento e desenvolvimento do projeto do parque. Dentre os exemplos citados pelo entrevistado tem-se a cidade de Seul, Nova Iorque e, de maneira mais ampla, a França.

“Experiências que foram boas e foram ruins que você tem que considerar para o desenvolvimento desse projeto [...] existem inúmeras experiências no mundo inteiro de requalificação de espaços que estavam degradados [...] você tem Seul, você tem Nova York, você tem França, você tem um monte de experiências que vão criando base para o desenvolvimento de um projeto e, obviamente, elas são consideradas”.

Sobre a questão da **gentrificação**, Luís Bretas afirma que se trata de um processo que deve ser analisado de maneira mais ampla, para além de uma visão simples de que o projeto do parque poderia representar um risco de ativação deste processo. Para ele, deve-se considerar todas as variáveis que envolvem este projeto, ressaltando a necessidade de requalificação da área, juntamente com ferramentas urbanas de minimização de potenciais impactos – que possivelmente existirão, segundo ele - ao entorno e sua população. Caberia ao poder público, então, compreender as dinâmicas deste entorno e, com os devidos cuidados e ferramentas urbanas, dar continuidade do projeto.

Em relação ao **turismo** e tendo como projeção a transformação do Minhocão em parque, nos moldes das ações atuais da SP Urbanismo, o entrevistado discorreu sobre a importância de se buscar transformar os espaços da cidade para se tornarem agradáveis às pessoas que deles utilizam, sendo que os interesses não deveriam, para ele, estarem focados

somente nas pessoas que residem nestes lugares. Segundo o entrevistado, é importante, pois, atentar às dinâmicas da cidade e, assim, nas possibilidades de se criarem polos de atração para frequentadores que não somente por moradores, mas também por pessoas que usufruem, convivem e interpretam a cidade de forma diferente. Assim, o projeto do Minhocão, para ele, projeta um uso não somente para moradores, mas para todos os visitantes da cidade com a perspectiva, inclusive, da criação de um novo polo de atração turística, motivando visitas de pessoas que não conhecem o espaço.

5.2.2 Esfera privada

Foram entrevistados atores da esfera privada que, de alguma forma, tem uma pauta própria relacionada ao Minhocão (figura 16). Desta forma, no âmbito das associações, foram entrevistados Felipe Rodrigues e Athos Comolatti – da Associação Parque Minhocão – e Francisco Machado, do Movimento Desmonte do Minhocão (MDM). Ainda, no contexto de empresas, entrevistou-se Júlia Casali, do Escritório de Turismo da África do Sul.

Figura 16 - Atores entrevistados da esfera privada

Fonte: Ana Carolina Padua Machado, 2019.

Athos Comolatti⁶

Athos Comolatti é membro da Associação Parque Minhocão, um grupo da entidade civil, apartidário, que atua em prol da defesa do Minhocão enquanto um parque, um espaço fechado e estruturado para uso por pessoas. Para Athos, apesar da aprovação da lei, para a associação, o Minhocão **já era entendido como um parque**, mesmo que, formalmente, ele não existisse. Com a aprovação da lei, por exemplo, tem-se uma nova perspectiva em relação ao espaço, por parte do estado, com consequentes políticas públicas de melhoria de sua estrutura - como a presença de segurança, através da Guarda Civil Metropolitana (GCM). Conforme explica, a partir da década de 90, o Minhocão passa a ganhar um novo significado ao receber um novo uso – por pessoas -, que, por sua vez, representou um movimento espontâneo e não planejado. A aprovação da lei 16.833/2018, para Athos, optou pela alternativa do parque.

A história de surgimento da associação, como conta o entrevistado, começa a partir dos primeiros movimentos que aconteciam em Nova Iorque, em relação às perspectivas de criação do High Line Park. Assim, do conhecimento sobre as formas de articulação e organização civil para a criação deste parque, o entrevistado relata a criação da associação que, no início, contava com três membros que não eram moradores do entorno. Para se criar uma maior conexão com aquele espaço, então, Athos compra um apartamento em frente ao Minhocão que, por sua vez, é transformado em sede da associação, em novembro de 2012.

Como relata o entrevistado, no início de 2013, o apartamento/sede da associação é cedido formalmente como um dos polos de exposição da X Bienal de Arquitetura⁷, com mostra sobre, justamente, o High Line Park de Nova Iorque. Para Athos, esse evento foi efetivo para que se começasse a criar a ideia de comparações entre o caso do Minhocão e o do High Line Park.

Sobre a **existência de projetos** sobre a transformação do Minhocão em parque, o entrevistado afirma que existem muitos, citando o exemplo do II Prêmio Prestes Maia de

⁶ Entrevista realizada em 23/01/2019, no Sofá Café.

⁷ A X Bienal de Arquitetura, que aconteceu sob curadoria de Guilherme Wisnik, foi realizada em diferentes locais, de forma simultânea, na cidade de São Paulo - ao contrário do tradicional pavilhão do Parque do Ibirapuera. Os locais foram escolhidos para fazer jus ao tema deste evento - “Cidade: modos de fazer, modos de usar” - e para proporcionar, aos participantes, uma experiência real da cidade de São Paulo (Associação Parque Minhocão, Museu da Casa Brasileira, Centro Universitário Maria Antônia - USP, MASP - Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, Centro Cultural São Paulo, SESC Pompeia, Praça Victor Civita e Projeto Encontros - Metrô Paraíso). A sede da Associação Parque Minhocão - localizada em um apartamento em frente ao Minhocão - recebeu uma exposição sobre o High Line Park, de Nova Iorque.

Urbanismo. Aproveitou para explicar o conceito – e delinear a sua importância – de que, antes de todo projeto, é necessário se ter um programa de ações e objetivos definidos sobre qualquer espaço em vias de intervenções. No caso do Minhocão, portanto, para a associação que já o considera como um parque, é necessária uma pesquisa do que se vislumbra, por parte dos usuários. De acordo com o entrevistado, para a associação e com base em uma pesquisa básica realizada no Minhocão, são vislumbrados aspectos simples de melhoria relacionados, basicamente à segurança, conforto, limpeza e uma certa organização de usos e espaços. *“A gente fala que o ideal era a gente ter um projeto partindo de pesquisas de uso, um projeto aberto, concurso público...”*

Quando perguntado sobre **referências ou modelos urbanos** que poderiam servir de inspiração para as propostas da associação, o entrevistado afirmou que a comparação com o caso do High Line Park se torna inevitável. Porém, esta comparação é feita, segundo ele, comumente pela imprensa – principalmente depois da repercussão da exposição na X Bienal de Arquitetura - e não pela própria associação que entende que se tratam de duas realidades completamente diferentes, cada uma com suas próprias especificidades. Para Athos, a vitória, para a associação, se dá pela escolha política do uso do espaço como uma área de lazer, que foi garantida pela aprovação da lei 16.833.

Sobre os possíveis riscos de **gentrificação** associados à possibilidade de transformação do Minhocão em parque, Athos acredita que, por ora, estes são baixos, mesmo em decorrência das recentes medidas de regularização do espaço como um parque. Caberia ao poder público, segundo ele, avaliar e agir no sentido de minimizar possíveis prejuízos à população do entorno em caso de transformação definitiva do Minhocão em parque.

Quando em pauta as **possibilidades e relações entre a atividade turística e o Minhocão**, o entrevistado refletiu sobre a existência de três grupos distintos de possíveis turistas neste espaço. Para ele, o primeiro grupo se refere aos turistas que moram na cidade de São Paulo mas não no entorno imediato do Minhocão e que, vez ou outra, passeiam e buscam conhecer a própria cidade, para além das paisagens habituais. Então, para este primeiro grupo, como relata Athos, seria um “programa”. O segundo grupo seriam brasileiros e não residentes da cidade de São Paulo, que procurariam conhecer o Minhocão por se tratar de um lugar tão singular e impactante. Já o terceiro grupo seria o de turistas estrangeiros que apreciariam um lugar tão incomum da cidade de São Paulo, que proporciona uma série de experiências inéditas. Para uma estimativa do entrevistado, o primeiro grupo de turistas – representado

pelos residentes da cidade de São Paulo – seria aquele que mais frequenta e utiliza o Parque Minhocão.

“Eu já vi, assim, inclusive, algumas publicações, alguns guias turísticos de São Paulo que já citam o Parque Minhocão. Então isso em várias revistas, assim, já publicaram que é uma atração, que é um negócio grande, especialmente quando “tava” bem em voga essa discussão, então, toda hora saía.... Então, eu diria que sim, é um ponto interessante pro estrangeiro [...]E é um turismo de pessoas... [...] mas é um turismo que eu chuto que muitos deles são paulistanos mesmo”.

Felipe Rodrigues⁸

Felipe Rodrigues é arquiteto e, também, membro da Associação Parque Minhocão. Ao longo da entrevista, ele relata a história da criação da associação citando, assim como Athos, a aproximação com a história do High Line Park, seguida da articulação de pessoas que, de alguma forma, sentiam empatia pela causa do Parque Minhocão. Citou, também, o papel da X Bienal de Arquitetura que contribuiu – em decorrência da exposição sobre o High Line Park na sede da associação - para inseri-la na mídia, juntamente com todo o debate que propunha ao redor do Minhocão. A partir deste momento, segundo conta Felipe, surgem uma série de iniciativas – eventos e grafites, por exemplo - que posicionaram o Minhocão em uma trajetória de transformação de seu uso, para além de um viaduto. Para Felipe, a história da transformação do Minhocão resume uma luta de várias fases.

O debate em torno do Minhocão, para o entrevistado, deve considerar o espaço para além de sua estrutura e, sim, encarando-o como um artefato, a partir do que ele promove atualmente. Neste sentido, a defesa da Associação Parque Minhocão não seria pela viga e estrutura e, sim, pela promoção do que o espaço promove, dentro da concepção do urbanismo contemporâneo que pressupõe uma cidade desorganizada, disruptiva e que necessita, mais do que planejamento urbano, de intervenções urbanas.

A existência de embates entre grupos com posições opostas em relação ao futuro do Minhocão – dos quais, inclusive, a associação Parque Minhocão faz parte – é considerada, por Felipe Rodrigues, como importante pois contribuiu para a recolocação da questão do Minhocão na pauta da cidade de São Paulo. Para o entrevistado, a maior preocupação da associação se baseia no parque. Neste sentido, para ele, o Minhocão consolidou a possibilidade de se pensar em um parque que, formalmente, não existe.

⁸ Entrevista realizada em 06/11/2018, no Takko Café.

A aprovação da **lei 16.833/2018** que aprova a criação do Parque Municipal do Minhocão vem acompanhada, para o entrevistado, de uma série de exigências de promoção e concretização do parque. Este movimento, para ele, faz parte das novas concepções de cidade que vão mudando com o tempo. O Minhocão, como parque, seria um lugar que se humaniza, devido à presença de pessoas em seu espaço. É um reflexo de um novo momento da cidade onde um espaço democrático como este pode servir como um quintal das pessoas que dele utilizam como parque. A lei aprovada seria, para Felipe, uma confirmação, um endosso, uma ratificação de que o elevado pode e será transformado. É a confirmação, por parte do poder público, de que a melhor alternativa ao Minhocão seja o parque. Se trata, assim, de uma forma de confirmar o destino que foi dado ao Minhocão, desde que passou a ser, gradualmente, utilizado por pessoas.

Sobre as possibilidades de **turismo** no Minhocão, Felipe Rodrigues avalia que, por mais que a maior parte do público usuário sejam moradores do entorno, é perceptível a busca, por pessoas de fora, pela experiência urbana que o Minhocão proporciona.

“Domingo, eu até gravei... um pessoa falando inglês, assim, um grupo com guia e... o pessoal tirando foto, mas eu não acho que era de fotógrafo porque não “tava” com câmera grande... então, eu tenho visto muitos grupos, assim, passeios organizados acontecendo no Minhocão [...] As pessoas estão atentas por experiências de cidade, sabe? As pessoas estão sedentas por experiências urbanas. Eu já presenciei pessoas parando o carro pra subir no Minhocão, entendeu? Pessoas que vem de outro lugar”.

Sobre a existência de **modelos e inspirações** que podem servir para o projeto do Parque Minhocão, ele pondera ao afirmar que, por mais que existam comparações, se tratam de realidades diferentes – e com mais recursos, geralmente – do caso de São Paulo. Se tratam, assim, de inspirações que são acompanhadas pela associação mas que, se tem em conta, que não condizem com a mesma realidade do Minhocão. Neste contexto, o entrevistado cita o que chama de “efeito High Line”, uma espécie de fenômeno recente que serve de inspiração para uma série de parques elevados no mundo, que vem sendo criados. Alguns exemplos foram citados pelo entrevistado como frequentes comparações ao caso do High Line Park, como o Promenade Plantée (Paris), a cidade de Seul, o “666” em Chicago e o The Underline (Miami).

Francisco Machado⁹

Francisco Machado é presidente do Movimento Desmonte do Minhocão que, criado em 2014, representa uma articulação civil que milita pelo desmonte do elevado, para dar lugar a um amplo bulevar, no nível do chão, restaurando a área central da cidade. Para o entrevistado, o Minhocão representa um **problema enfrentado pela cidade de São Paulo**, na medida em que se trata de uma estrutura contestada, velha e obsoleta que contribuiu, ao longo dos anos, para degradar os quatros bairros que atravessa. Ele compara, assim, o Minhocão à uma cicatriz que foi resultado de uma “loucura” do prefeito da época, Paulo Maluf. Assim, o Minhocão se trataria de um viário que sempre foi contestado, que trouxe degradações irreversíveis ao entorno e que, no momento, somente traz problemas e gastos à prefeitura de São Paulo.

Em **termos ambientais**, o entrevistado considera o elevado como um verdadeiro crime devido aos altos índices de poluição atmosférica e ruídos que provoca ao entorno, funcionando como uma grande tampa de panela que impede a dispersão dos gases poluentes de veículos, ônibus, caminhões, motocicletas que passam, diariamente, em sua parte de baixo. Em questões de **saúde**, o entrevistado afirma que o Minhocão vem provocando, ao longo dos anos, diversos problemas e doenças respiratórias aos moradores do entorno, configurando um quadro de problema de saúde pública. Também menciona problemas decorrentes da presença do Minhocão relacionados à **falta de segurança** e questões recorrentes, como violência, prostituição e tráfico de drogas.

O entrevistado, ao chamar o Minhocão por “viaduto” ou “Elevado Costa e Silva”, também traduz a sua visão do espaço, que não se vincula à possibilidade de parque. Para ele, a falta de privacidade decorrente da circulação dos carros fez com que, em certos períodos, o Minhocão se fechasse enquanto elevado e que “subisse gente” – o que ele considera como uma prática inviável e irresponsável, principalmente em termos de segurança de sua estrutura -, contrariando, inclusive, a recomendação do Corpo de Bombeiros.

O Minhocão, enquanto uma estrutura decrepita e obsoleta, de acordo com a visão do entrevistado, não estaria em consonância, inclusive, com a **visão moderna da cidade de São Paulo**. A cidade, então, como terceira metrópole do mundo, não poderia apresentar ao exterior esta cicatriz, que não faria parte de sua visão e práticas atuais. O desmonte, então, seria a solução ideal para todos os problemas listados, por Francisco Machado, já que a sua

⁹ Entrevista realizada em 31/10/2019, em espaço de reuniões de um condomínio residencial.

função de elevado não seria mais necessária uma vez que, atualmente, existem uma série de outros viários que cumpririam a função de fluidez do trânsito. O Minhocão, portanto, como estrutura responsável pela circulação dos carros, na cidade de São Paulo, não seria mais necessário.

Sobre a **aprovação da lei 16.833/2018**, o entrevistado a encara como uma imposição do antigo prefeito da cidade, realizada a partir de um projeto inexistente, sem estudos técnicos, planilhas de custos e planejamentos diversos. Para ele, a perspectiva de transformação do Minhocão em parque se trata de uma total irresponsabilidade que prejudicaria uma grande quantidade de moradores da área central e do entorno do Minhocão.

Em relação à existência de **exemplos que possam servir de referência para as perspectivas relacionadas ao Minhocão**, o entrevistado citou um conjunto de iniciativas de desmontes de viadutos que deram lugar a novos espaços públicos e resultaram em iniciativas bem-sucedidas de requalificação urbana. Dentre os exemplos citados está o caso da cidade de Madri que tirou o seu elevado local e deu lugar a um novo espaço na cidade, verde, amplo e que proporciona uma maior fluidez aos veículos que passam por lá. Ainda, relatou o caso da cidade de Barcelona (Espanha), Seattle (Estados Unidos), Seul (Coreia) e do Rio de Janeiro (Perimetral). Para comparar com as possibilidades positivas que um desmonte do Minhocão oportunizaria, o entrevistado usa os impactos bem-sucedidos que a implosão da Perimetral do Rio de Janeiro trouxe à cidade como um todo, apoiando seu argumento, principalmente, no fato de que o número de visitação de turistas no Museu do Amanhã, em 2017, foi o mesmo que o da soma de quatro museus da cidade de São Paulo.

O desmonte do Minhocão representaria, portanto, uma oportunidade de se criar um novo cartão postal para a cidade de São Paulo, um grande chamariz.

Júlia Casali¹⁰

Júlia Casali é uma das representantes do Escritório de Turismo da África do Sul em São Paulo. Esta empresa foi responsável pela instalação de um belíssimo mural, em uma das empenas de um prédio em frente ao Minhocão – em homenagem ao centenário de Nelson Mandela (figura 17). Juntamente com a instalação deste mural – que foi produzido pelos artistas Criola e Diogo Moura –, houve uma promoção deste destino em certos finais de semana, no Parque Minhocão, com a distribuição de folders de roteiros turísticos na África do

¹⁰ Entrevista realizada em 13/11/2019, no Escritório de Turismo da África do Sul.

Sul. Estas duas medidas foram consideradas muito interessantes já que, de certa forma, promovem a imagem de Nelson Mandela, do Escritório de Turismo da África do Sul e, também, do próprio destino turístico. Por isso, a entrevista realizada com Júlia Casali se deu para se entender as razões de escolha do Parque Minhocão como local a receber estas iniciativas

Figura 17 - Mural em homenagem ao centenário de Nelson Mandela, promovido pelo Escritório de Turismo da África do Sul

Fonte: Ana Carolina Padua Machado, 2018.

Figura 18 - Folders de roteiros turísticos na África do Sul, distribuídos no Parque Minhocão

Fonte: Ana Carolina Padua Machado, 2018.

É relatado, nesta entrevista, como a equipe do escritório conheceu um pouco mais do Minhocão e sobre as formas que pessoas consumiam deste espaço, através de uma visita técnica realizada no espaço. Como relata a entrevistada, já se conhecia o Minhocão como um parque, mas foi preciso analisa-lo, tecnicamente, para verificar a viabilidade de instalação do mural em uma das empenas dos prédios do entorno. Uma das principais preocupações de escolha de lugares para o mural se deu no sentido de proporcionar, aos moradores e usuários da cidade, um convívio com Nelson Mandela, comunicando a sua mensagem, aproximando e inspirando, assim, pessoas. Era preciso, pois, um reconhecimento – mesmo que preliminar - entre as pessoas e a mensagem de Nelson Mandela, gerando identificações e empatia entre elas e a obra.

O Minhocão, portanto, pareceu ser a melhor opção, na cidade de São Paulo, para esta instalação, já que é um lugar que recebe um grande movimento de pessoas e, além disso, possui um conjunto muito interessante de outros murais, ao longo de seu trajeto. Juntamente com esse reconhecimento, como explicou a entrevistada, está também o interesse de convidar a conhecer, aos usuários daquele espaço, um pouco mais do destino representado pela África do Sul. Como explicado, pareceu fazer sentido, também, a instalação do mural naquele espaço já que o público alvo, que ali frequenta, representa um grande potencial de pessoas que desejam conhecer este destino.

“Então, eu acho que o Minhocão tá vivendo esse movimento e ele acabou sendo a nossa escolha por essa junção de fatores, né [...] tudo o que tava sendo feito nesse projeto tem essa intenção, vamos dizer, de convidar as pessoas a conhecer a terra do Mandela, de irem, efetivamente, pra África do Sul. As pessoas que visitam o Minhocão de final de semana e à noite - porque agora ele abre também a partir das 20h na parte da noite - a gente acredita que tem um potencial grande de gente ali, que tem interesse de viajar pra fora, que gosta de natureza, que gosta de novas paisagens, que têm interesse por aquilo que a África do Sul pode oferecer, que tem poder aquisitivo pra isso, que tem curiosidade pra isso [...] Então, existe esse público no Minhocão, que era o nosso público primordial”.

5.3 Pesquisa documental

A pesquisa documental realizada cumpriu dois principais objetivos. O primeiro deles foi o de auxiliar na composição e compreensão histórica do Elevado Presidente João Goulart/Parque Minhocão. Como detalhado anteriormente, é função da pesquisa documental a reconstituição da história do fenômeno de estudo, além do fornecimento de novas perspectivas sobre ele, a partir dos autores dos documentos analisados. Assim, os documentos analisados forneceram, com maior riqueza de detalhes, recursos para que se entendesse,

cronologicamente, o Minhocão, seu contexto de construção e transformações ao longo dos anos. Para este primeiro objetivo, os principais tipos de documentos utilizados fazem parte da categoria comunicação em massa (Gil, 2010), representados, principalmente, por reportagens de jornais da época.

O segundo objetivo cumprido pela pesquisa documental foi o de fornecer detalhes sobre as diferentes perspectivas utilizadas pelos autores dos documentos analisados, acerca do Minhocão. Em outras palavras, se trata de se entender as formas com que o Minhocão foi visto e tratado, pelos diferentes tipos de materiais e autores. Assim, a partir desta compreensão, se tornou possível a captação dos tipos de público-alvo de cada documento, suas finalidades e visões particulares acerca do Minhocão. Neste caso, os documentos utilizados foram diversos e puderam ser englobados dentro das categorias comunicação em massa e registros institucionais escritos (Gil, 2010).

Ainda, não se pode deixar de citar que este processo de pesquisa documental, enquanto técnica de análise, auxiliou, de forma geral e mais ampla, para se cumprir com os objetivos estabelecidos por esta pesquisa, além das perguntas que ela provoca. Então, esta técnica - combinada com as outras propostas - foi importante para o cumprimento destes objetivos traçados, além da compreensão do fenômeno estudado.

Como mencionado na seção de metodologia, a pesquisa documental utilizou de documentos pertencentes às categorias registros institucionais escritos e comunicação em massa, conforme propõe Gil (2010).

5.3.1 Registros institucionais escritos

Dentro dos registros institucionais escritos, foram analisados, no total 22 documentos jurídicos (06 leis, 06 projetos de lei, 03 decretos, 01 despacho, 04 justificativas de projeto de lei, 01 artigo e 01 parecer de projeto de lei). A Tabela 1 descreve a distribuição de cada documento analisado por tipo, nome e data de elaboração.

Tabela 1 - Documentos analisados por data, nome e tipo

ARTIGO:	DISPOSIÇÃO:	DATA:
Plano Diretor/Artigo 375	Dispõe sobre o futuro do Minhocão, prevendo a sua desativação para carros e transformação em parque ou demolição.	01/08/2014
DECRETO:	DISPOSIÇÃO:	DATA:
Decreto n.58.601/2019	Criação de grupo de trabalho intersecretarial, mediante a aprovação do Parque Minhocão.	15/01/2019
Decreto n.56901/2016	Cria o PIU – Projeto de Intervenção Urbana.	29/03/2016
Decreto n.8574/1969	Denomina o Elevado Costa e Silva.	19/12/1969
DESPACHO:	DISPOSIÇÃO:	DATA:
Informação 319/87/DEMPPLAN	Solicita exame de projeto de um parque no Minhocão, proposto pelo arquiteto Pitanga do Amparo.	03/11/1987
LEI	DISPOSIÇÃO:	DATA
Lei nº 16.833/2018	Cria o Parque Municipal Minhocão.	07/02/2018
Lei 16.525/2016	Altera o nome do Elevado Costa e Silva para Elevado Presidente João Goulart.	26/07/2016
Lei nº 16.397/2016	Altera a nomeação do elevado para Parque Minhocão, nos momentos em que fechado para carros.	09/03/2016
Lei nº15.717/2013	Dispõe sobre a alteração de nomes de logradouros e vias públicas.	23/04/2013
Lei nº 14.454/2007	Dispõe sobre a alteração de nomes de logradouros e vias públicas.	27/06/2007
Lei nº12.152/1996	Novas regras de funcionamento do elevado, com limitação do tráfego.	23/07/1996
PROJETO DE LEI:	DISPOSIÇÃO:	DATA:
Projeto de Lei 01-00098/2018 + Justificativa do PL 98/2018	Dispõe sobre o desmonte do Minhocão.	04/05/2018
Projeto de Lei 486/2016	Dispõe sobre o total desmonte do Minhocão.	14/09/2016
Projeto de Lei nº 269/2016 + Justificativa PL 269/2016	Propõe a criação do Museu de Arte Urbana Parque Minhocão.	25/05/2016
Projeto de Lei nº 0439/2015 + Justificativa do projeto de Lei nº 0439/2015 + Parecer nº 2040/2015	Propõe a nomeação de Parque Minhocão ao elevado Presidente João Goulart.	28/08/2015
Projeto de Lei 01-0288/2014	Propõe a alteração do nome original para Elevado Presidente João Goulart.	05/06/2014
Projeto de lei 664/2005 + Justificativa do PL 664/2005	Propõe a criação de um parque linear no Minhocão.	18/10/2005

Fonte: Ana Carolina Padua Machado, 2019

Analizando estes documentos a partir de uma ordem cronológica, o primeiro registro institucional escrito se trata de um **decreto** (Decreto n.8574 de 19/12/1969), que serviu para denominar o Minhocão – na época, ainda em processo de construção - como Elevado Presidente Costa e Silva, em homenagem a Artur da Costa e Silva. Assinado pelo prefeito da época, Paulo Salim Maluf, este nome concedido à via elevada justificou-se, segundo texto do documento, por integrar as iniciativas de homenagens a cidadãos notáveis que contribuíram para o país e serviram como inspiração para gerações futuras. Neste caso, Artur da Costa e Silva, como consta no texto do documento, contribuiu para tornar o país digno, demonstrando grande simpatia pela cidade de São Paulo e seu pioneirismo. Através deste documento, percebe-se uma clara ilustração do período ditatorial do país e a forte tentativa de projetar a cidade de São Paulo como pioneira, dinâmica e em pleno desenvolvimento. O Minhocão, neste caso, seria uma das obras capazes de exemplificar este pleno crescimento econômico e tecnológico da cidade de São Paulo.

Alguns anos depois, em 03/11/1987 – período em que o Minhocão encontrava-se em funcionamento há mais de dez anos e já havia sido fechado durante certos períodos noturnos – encontra-se um **despacho**. Enviado a Odon Pereira da Silva, então diretor do antigo Departamento de Planejamento, continha informações sobre o projeto do arquiteto Pitanga do Amparo, de um parque linear na estrutura do Minhocão. O texto começa contendo informações da época do elevado, afirmando-o enquanto uma importante estrutura de transporte e ligação rápida e funcional para carros. Em seguida, o autor do despacho, o então prefeito Jânio Quadros, alerta para a necessidade de serem realizados eventuais estudos para se medir o impacto da desativação do elevado para o trânsito, solicitando, assim, a apreciação do diretor sobre o projeto apresentado. Esse despacho ilustra um período em que se começam a surgir novas concepções acerca do espaço do Minhocão, vislumbrando-o a partir de novas possibilidades, incluindo a de parque. Ainda, neste caso, esse vislumbre é aceito e considerado pelo poder público, neste caso, representado pelo prefeito da época.

Em 23/07/1996, tem-se a **lei** nº12.152, que dispunha sobre as novas regras de funcionamento do elevado, impedindo o tráfego de veículos nos seguintes horários: de segunda à sábado das 21h30 às 06h30 e aos domingos e feriados em tempo integral. As exceções deram-se aos veículos públicos que atendessem a emergências, carros com menos de 50 cilindradas, veículos do corpo de bombeiros, polícia militar e da rede estadual e municipal de saúde. Esta lei representa uma medida de limitação do tráfego no Minhocão, regulando-a. Ainda, abre caminho para novas possibilidades de usos e experiências neste espaço, já que,

em certos períodos, tornava-se completamente vazio de carros (embora, saiba-se que, já em meados de 1990, os jornais da época passam a noticiar o uso, por pessoas, do Minhocão, como será explicitado mais adiante).

A partir destes três primeiros documentos analisados, percebe-se mudanças significativas da interpretação do Minhocão ao longo dos anos, nos documentos jurídicos. Em 1969, o Minhocão era vislumbrado como uma via elevada, um símbolo da ditadura militar e da cidade de São Paulo em pleno desenvolvimento, um espaço propício para a circulação de carros que contribuiria para a sua dinamização, abrindo caminho para os automóveis. A partir da consideração, por parte do prefeito da época, da possibilidade de construção de um parque no lugar do Minhocão, em 1987, juntamente com a lei que limitava o seu trânsito em certos períodos, em 1996, surge uma nova interpretação deste espaço, agora não mais como uma via elevada consolidada, mas como um espaço que apresenta possibilidades e necessidades de mudança. O parque e as suas práticas associadas, em especial o lazer, passam a se manifestar, mesmo que de formas não tão evidentes.

Mais adiante, em 18/10/2005, estas evidências se tornam mais claras através do exame do **projeto de lei** 664, do então vereador Aurelio Moura, que propunha a criação de um parque linear no Minhocão - entre as ruas Traipu, Lavradio e Ana Cintra (Barra Funda e Santa Cecília) – através da junção das duas pistas do elevado, para dar continuidade ao parque, com a realização dos devidos estudos de impactos. O acesso ao parque deveria ser feito por meio de rampas e escadas rolantes e este seria verde, com ciclovia, pista de cooper, áreas de lazer e projetos paisagísticos. Cada trecho do parque seria projetado por uma comunidade específica de origem dos habitantes da cidade de São Paulo, o que resultaria em um projeto global e diverso (em termos de etnias e suas contribuições). A **justificativa** deste PL pautava-se na crença de que o parque representaria uma solução à deterioração da região central da cidade, e um espaço para os moradores da área, que careceriam de áreas de lazer. O seu texto utiliza de exemplos de parques de sucesso no mundo para consolidar a justificativa, citando os casos do High Line Park (Nova Iorque) e Promenade Plantée (Paris).

Em um âmbito mais geral aplicado à cidade de São Paulo, tem-se a **lei** 14.454/2007, de autoria do vereador Eliseu Gabriel, que estabelecia novas regras para alterações e denominações às vias e logradouros públicos da cidade de São Paulo. Em 2013, através da **lei** 15.717, são adicionados novos incisos à esta primeira, com destaque especial para o artigo que permitia a alteração de nomes de vias ou logradouros públicos que se referissem a autoridades envolvidas em crimes contra a humanidade e violações de direitos humanos. A

partir destas duas leis, tem-se o **projeto de lei** 01-0288 de 05/06/2014, que propunha a completa revogação do decreto 8.564/1969, que denominava o Minhocão de Elevado Costa e Silva, e a alteração do seu nome para Elevado Presidente João Goulart, com o amparo da lei 14.454/2007. Sua justificativa se pauta, principalmente, no fato de que Costa e Silva foi quem governou o país na fase mais dura da ditadura militar do Brasil, editando o AI5, fechando partidos políticos e institucionalizando a repressão e a tortura. A manutenção deste nome - para o autor do projeto, vereador Eliseu Gabriel - seria, em tempos democráticos, um contrassenso. Este projeto de lei foi aprovado, resultando na **lei** 16.525, de 26/07/2016.

Em 2014, com a aprovação do Plano Diretor da cidade de São Paulo, tem-se artigo único e decisivo para o futuro do Minhocão. No **artigo** 375, através de um parágrafo único, definiu-se que o Minhocão deveria ser desativado para carros - por meio de uma restrição gradual do transporte motorizado em seu espaço, cedendo lugar para três possibilidades futuras: a) transformação integral em parque; b) transformação parcial em parque; c) completa demolição. Para isso, conforme contava no plano, uma lei específica deveria ser elaborada para a definição dos passos, diante da desativação definitiva para os carros.

A previsão do Minhocão como algo a mais, que não relacionado à sua função tradicional de via elevada, é cada vez mais concretizada por meio destes documentos jurídicos. Tem-se uma lei que propõe a criação de um parque, um artigo que consolida esta possibilidade no plano diretor da cidade e outras três leis que, juntas, negam a herança da ditadura militar associada a este espaço e propõem, através da mudança de nome, novos horizontes associados ao Minhocão. Percebem-se mudanças de posturas do poder legislativo em relação a este espaço da cidade de São Paulo. Neste momento, através destes documentos jurídicos, nota-se de forma mais clara, as mudanças de rumo em relação ao futuro do minhocão - passando de uma via elevada para, cada vez mais, um espaço público usufruído por pessoas, um parque.

Isso pode ser cada vez mais observado, por exemplo, através do **projeto de lei 439**, de 28/08/2015 de autoria do vereador José Police Neto, que propunha a nomeação de Parque Minhocão ao Elevado Presidente João Goulart, nos momentos em que este se tornasse fechado a carros. O texto desse projeto de lei é muito curioso, pois é escrito com linguagem de crianças, justamente para dizer que aquele espaço poderia representar uma oportunidade de usufruto por elas e, também, onde pudessem exercitar suas imaginações e garantir os seus direitos. A **justificativa do projeto de lei** também chama a atenção para os efeitos trazidos pelo elevado aos moradores do entorno, destacando as crianças como as que mais sofrem com

eles. Segundo o **parecer** deste PL, este atenderia aos interesses dos moradores locais e expressaria a real utilidade que a população vem fazendo deste espaço. Este projeto foi aprovado, resultando na lei nº 16.397/2016, alterando o nome do elevado para Parque Minhocão, nos momentos em que fechado para carros.

Estes três documentos analisados – projeto de lei, justificativa, parecer e lei – ilustram o desenvolvimento e aprovação de uma ideia, consolidada, que vincula o Minhocão ao seu exercício e funcionamento de parque concreto. O parecer deste projeto de lei, ao afirmar que este atenderia aos interesses dos moradores e, também, ao uso que já vinha sendo dado a este espaço pela população, revela o reconhecimento do poder legislativo do Minhocão como um verdadeiro parque e, não mais, como um elevado que atende à sua função tradicional. Estes documentos jurídicos são muito significativos ao ilustrarem como as interpretações deste espaço mudaram ao longo dos anos e foram registradas nas diferentes modalidades jurídicas analisadas.

Em 29/03/2016, tem-se o **decreto** 56.901 que cria – com base no artigo 134 da Lei nº 16.050, de 31 de julho de 2014, do PDE – um novo instrumento de intervenção urbana, o PIU (Projeto de Intervenção Urbana). O PIU, segundo este decreto, teria por finalidade a reunião e articulação de estudos técnicos necessários para a promoção de reestruturações urbanas em áreas subutilizadas e com potencial de transformação na cidade de São Paulo. Anterior a qualquer implementação de um PIU, dever-se-ia seguir as seguintes etapas prévias: diagnóstico da área de intervenção com caracterização de seus aspectos sócio territoriais, programa de interesse público para a futura intervenção e consultas públicas. Para o futuro do Minhocão, mostrou-se interessante compreender este decreto, assim como este instrumento específico de intervenção urbana.

Em 2016, é proposto pelo Vereador José Police Neto, o **projeto de lei** 269, que propunha a institucionalização do “Museu de Arte Urbana Parque Minhocão”, estabelecendo trâmites de sua curadoria e formas de seleção de artistas e grupos. Segundo sua **justificativa**, o Museu serviria como uma forma de institucionalizar e regulamentar estas manifestações artísticas que acontecem nas pilastras do Minhocão desde 1989 e - vide exemplos bem-sucedidos da relação entre espaço público e manifestações artísticas, como Beco do Batman e 23 de maio – manifestou-se acreditar que seria positivo para consolidar essa diferente forma de ocupação, no Minhocão.

Por outro lado, também em 2016, passam a surgir mobilizações, no nível do poder legislativo, de derrubadas do Minhocão (por meio do desmonte ou demolição). Por exemplo,

em 19/09/2016, tem-se o **projeto de lei** 486, de autoria do vereador Nelo Rodolfo, que dispunha sobre o total desmonte do Minhocão (visto como um problema de saúde pública), que seria realizado por empresa, através de processo de contratação específico. As vigas do Minhocão seriam reaproveitadas em futuras obras, e a CET deveria apresentar um plano de readequação do trânsito. Neste projeto de lei, caberia à prefeitura a criação de projetos de reurbanização da região.

Já em 2018, com a aprovação da **lei** 16.833 de 07/02, tem-se um novo e marcante capítulo em relação ao futuro do Minhocão, com a aprovação e criação do Parque Municipal do Minhocão. Esta lei, baseada no artigo 375 do plano diretor, estabeleceu que o Minhocão fosse desativado em um período de dois anos para carros e, depois disso, fosse transformado em parque integral ou parcial, através da elaboração participativa de um PIU específico. A possibilidade do desmonte da estrutura, contida neste artigo do plano diretor, foi vetada na aprovação desta lei. Como uma espécie de reação à aprovação desta lei, tem-se o **projeto de lei** 95/2018, de autoria do vereador Caio Miranda Carneiro, que solicita a reconsideração da possibilidade de desmonte – conforme o artigo 375 do plano diretor – juntamente com um posterior projeto de requalificação da área, envolvendo atividades culturais, de lazer e esportivas. A **justificativa** deste projeto de lei se pauta no argumento de que a criação do Parque não solucionaria a questão da poluição do entorno, agravando-a ainda mais. O desmonte seria a solução mais adequada, dos pontos de vista técnicos e financeiros.

Por último, temos o **decreto** 58.601 de 15/01/2019 que surge como providência após a aprovação da lei 16.833, dispondo sobre a criação de um grupo de trabalho inter secretarial para a elaboração de estudos e propostas em relação à criação do parque. Este grupo envolveu a participação de representantes das Secretaria Municipal do Governo, Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento, Secretaria Municipal de Infraestrutura urbana e Obras, Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente, Secretaria Municipal de Mobilidade e Transportes e Secretaria Municipal de Subprefeituras.

Estes últimos documentos jurídicos analisados demonstram uma mudança considerável do sentido desempenhado pelo Minhocão, para a cidade de São Paulo como um todo. De um viaduto que promovia a circulação rápida e funcional de carros e inseria-se como um dos símbolos da cidade pioneira e em desenvolvimento, para uma questão a ser enfrentada, um problema que provoca poluição e degradação (as justificativas de projetos de lei, por exemplo, pautavam-se neste problema para que pudessem apresentar as suas intenções). A única solução para esta questão urbana estaria representada pela desativação da

circulação de carros por meio de outras duas possibilidades: transformação em parque ou derrubada. Os movimentos propostos e, em certas situações, garantidos por lei, ilustram esta mudança de visão que, atualmente, projeta o Minhocão para além de um viaduto, como integrante de uma nova visão de cidade, que clama por soluções às suas áreas consideradas problemáticas.

5.3.2 Documentos de comunicação em massa

Já em relação aos documentos de comunicação em massa, estes foram subdivididos em: notícias, sites governamentais, artigos de opinião e portais de viagem. Foram analisadas 63 notícias (11 pertencentes ao acervo e 52 ao meio digital), 08 sites governamentais (de secretarias da cidade de São Paulo), 13 artigos de opinião (exclusivamente em meio digital) e 08 portais de viagem (blogs e sites).

- Notícias

Considerou-se por notícias todos os matérias, disponibilizados em meio ou acervo digital, que representassem reportagens de jornais ou revistas, cujo conteúdo versasse diretamente sobre o Minhocão e, desta forma, fornecesse informações sobre ele. A Tabela 2 mostra, em detalhes, as notícias analisadas.

Tabela 2 - Notícias analisadas e suas fontes

FONTE:	TÍTULOS:	DATA:
Agência Brasil	“Dória autoriza a criação do Parque Municipal do Minhocão”	08/02/18
Archdaily	“Prefeitura de São Paulo inicia projeto para Minhocão com parque, "praia" e restaurantes”	30/06/17
BBC Brasil	“Como seria São Paulo se projetos de urbanismo saíssem do papel?”	18/11/17
Câmara de São Paulo	“Audiência Pública debate criação do Parque Minhocão”	22/10/17
	“População se reúne para discutir funcionamento do Parque Minhocão”	03/04/17
DCI	“Minhocão' é apontado como problema de saúde pública”	19/07/18
Estado de São Paulo	“E se o Minhocão acabar?”	S/data
	“Governo x oposição”	S/data
	“Vias elevadas, a nova mania”	23/09/69

(Continuação)

Folha de São Paulo	“Uma solução para o elevado”	29/09/87
	“Sem prazo nem projeto, Kassab desengaveta ideia de demolir Minhocão”	07/05/10
	“Elevado Costa e Silva: a maior obra da capital depois do metrô”	01/01/71
	“Avenida é sepultada pelo tempo e pela depredação”	10/07/74
	“Moradores da São João querem elevado interditado à noite”	29/12/76
	“Minhocão passa a ser interditado mais cedo”	24/11/89
	“Como fugir do Minhocão interditado”	27/05/90
	“Vai morrer gente aqui”	20/07/94
	“Ônibus no Minhocão leva 5 passageiros: Média de utilização se manteve igual ao primeiro dia”	21/07/94
	“Prefeitura abre licitação para reforma do Minhocão”	12/08/95
	“Elevado fecha à noite desde 76”	13/12/95
	“Moradores preveem aumento no barulho - vizinhos do elevado são contra mudança”	13/12/95
	“Especialistas divergem sobre abertura”	13/12/95
	“Maluf quer abrir Minhocão à noite”	13/12/95
	“2 mil assinam contra Minhocão à noite”	15/04/96
	“Minhocão será fechado às 11h”	17/04/96
	“Câmara proíbe reabrir Minhocão à noite”	23/05/96
	“Maluf desiste de abrir Minhocão à noite”	24/07/96
	“"Terra estrangeira" estreia em Paris”	13/10/97
	“Artes "congestionam" hoje o Minhocão”	27/09/98
	“Pintura vira paliativo contra má imagem do polêmico 'Minhocão’”	22/11/98
	“Minhocão vira cinema a céu aberto neste sábado”	29/06/13
	“Veja como parque no Minhocão ficaria se projeto saísse do papel”	14/08/13
	“Piscina de 50 metros é montada em cima do Minhocão”	23/03/14
	“Plano Diretor de SP prevê desativar Minhocão, mas não estabelece prazo”	12/08/14
	“CET: É possível fechar o Minhocão”	08/06/15
	“Minhocão será fechado aos carros todos os sábados à tarde”	06/07/15
	“Novos empreendimentos fazem as pazes com o Minhocão”	24/09/17
	“Produção de 'O grito' em série está prevista para o segundo semestre”	13/01/19
	“Minhocão enfrenta décadas de debate sobre demolição e parque- veja histórico”	22/02/19
	“Desativar Minhocão para carros pode reduzir pela metade sensação de ruído”	23/04/19

(Continuação)

G1	“Trailer de 'Blindness' mostra 'Minhocão' abandonado”	14/04/08
	“Criação de parque gera 'racha' em audiência pública sobre o Minhocão”	10/09/14
	“Paulistanos são contra demolição do Minhocão, diz Datafolha”	23/09/14
	“Haddad sanciona lei que cria o Parque Minhocão”	09/03/16
	“Projeto que cria Parque Minhocão é aprovado e só depende de assinatura de Dória para sair do papel”	14/12/17
	“Justiça suspende em liminar projeto da Prefeitura para criar Parque do Minhocão em SP”	13/06/19
GGN	“A coragem necessária para a demolição do Minhocão”	28/02/19
Prefeitura de São Paulo	“Prefeitura inicia cronograma de análise técnica em mais 39 pontes, viadutos e passarelas”	30/01/19
	“Parque Minhocão vai reduzir pela metade ruídos na região”	25/04/19
Revista Casa e Jardim	“Artista monta salas de estar e jantar no Minhocão”	21/09/15
Revista Piauí	“O homem viaduto”	05/12/18
Secretaria do Verde e do Meio Ambiente	“Prefeitura inicia chamamento para jardins verticais na região do Minhocão”	07/05/15
	“Jardins verticais renovam paisagem no entorno do 'Minhocão’”	14/04/19
	“Entorno do 'Minhocão' ganha 4º jardim vertical”	14/06/19
Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano	“Prefeitura de São Paulo vai implantar primeiro trecho do Parque Minhocão”	21/02/19
Veja	“Jardins verticais renovam paisagem no entorno do 'Minhocão’”	14/04/19
	“Prefeitura inicia nova fase de discussão do Parque Minhocão”	15/05/19
	“Entorno do 'Minhocão' ganha 4º jardim vertical”	14/06/19
	“Primeira audiência pública debate do PIU Minhocão”	12/06/19
	“Associação é criada para transformar Minhocão em parque”	24/09/16
	“Bulldogue skatista é a sensação do Minhocão – e da internet”	27/12/16
	“Projeto concreto - Após décadas de discussões, a prefeitura decide construir um parque sobre o polêmico Minhocão”	27/02/19
	“Antes do Minhocão, prédio de quitinetes dos anos 50 era cobijado no centro”	12/04/19

Fonte: Ana Carolina Padua Machado, 2019

Analisando a distribuição das notícias por ano, percebe-se uma grande quantidade de publicações no ano de 2019 (16 notícias), seguido de 2017 (6), 1995 (5), 1996 (4), 2015 (4), 2014 (4), 2016 (3), 2018 (3), 2013 (2), 1998 (2), 1994 (2) e, finalmente, 2010 (1), 2008 (1),

1997 (1), 1990 (1), 1989 (1), 1987 (1), 1976 (1), 1974 (1), 1971 (1) e 1969 (1). A partir da compreensão dos acontecimentos marcantes que referiam-se ao Minhocão, nota-se uma grande relação entre a ocorrência dos documentos jurídicos e as notícias: na medida em que tem-se um episódio notável sobre o Minhocão e seu futuro, registrado por meio de algum tipo de documento jurídico – seja uma lei, um projeto de lei, decreto, artigo ou despacho -, isso também parece ser registrado na mídia, justificando, por exemplo, os números de notícias encontradas, por ano, sobre este espaço.

Começando pelo ano de 2019, com a grande repercussão dos acontecimentos de 2018 (descritos mais adiante) e do decreto n.58.601(que criou o grupo de trabalho inter secretarial para providências relacionadas ao parque), passaram a surgir discussões sobre, essencialmente, o Minhocão e seu futuro, incluindo diferentes opiniões sobre a viabilidade da obra e reflexões sobre alternativas de projeções para este espaço. O Minhocão, portanto, entra em pauta e diferentes assuntos começam a surgir sobre este espaço, não necessariamente ligados ao projeto do parque (como se este acontecimento impulsionasse uma série de outras reflexões sobre ele, como um todo).

Neste ano de 2019, os principais temas abordados pelas notícias analisadas podem ser englobados em assuntos principais, relacionados com: a) histórico de debates sobre o Minhocão (relacionados à demolição ou transformação em parque); b) desativação do Minhocão; c) suspensão do projeto do parque Minhocão; d) “crise dos viadutos”; e) Parque Municipal do Minhocão; f) jardins verticais; g) PIU Minhocão/participação popular; h) prédios do entorno; i) Minhocão como cenário de produções.

Em 2018, foram analisadas três notícias de temáticas diferentes, porém relacionadas ao Minhocão e sua questão urbana. Os acontecimentos legais deste ano – aprovação da lei 16.833/2018 e a proposição do PL 98/2018 – pareceram provocar estas reflexões encontradas, que relacionaram-se a discussões sobre: a) autorização da criação do Parque Municipal do Minhocão; b) Minhocão como problema de saúde pública e c) pessoas em situação de rua, que utilizam o Minhocão como abrigo.

O ano de 2017 teve seis notícias analisadas, presumindo-se os impactos decorrentes da aprovação – pela câmara dos vereadores – da lei 16.833, que criou o parque Minhocão e foi aprovada no ano seguinte. Assim, dos temas identificados perceberam-se discussões sobre a volta de novos empreendimentos ao entorno do Minhocão e questões sobre a especulação imobiliária. Também, sobre o início do projeto do parque (que ainda não havia sido aprovado por lei) e, por fim, sobre a participação popular no processo de transformação do Minhocão.

Em 2016, apareceram três notícias a serem analisadas sobre o Minhocão que discorriam, basicamente, sobre a aprovação da lei que nomeava o elevado de Parque Minhocão (nos momentos que fechado para carros), a criação da Associação Parque Minhocão e sobre a projeção do Minhocão na mídia (através do famoso buldogue que praticava skate neste espaço, e era muito famoso nas redes sociais). Em meio a estas notícias, tiveram-se acontecimentos marcantes, registrados em documentos jurídicos, relacionados à aprovação da lei que denominava o Parque Minhocão, da lei que alterava seu nome para Elevado Presidente João Goulart e dos projetos de lei sobre o Museu de Arte Urbana do Minhocão e sobre o seu total desmonte. Percebe-se que se tratou de um ano marcante em relação às decisões relacionadas a este espaço e que, de certa forma, isso repercutiu nas notícias, mesmo que em temas diferentes. Ainda, nota-se uma possível relação entre a aprovação destas leis e o surgimento da Associação Parque Minhocão que nasceu em um cenário de efervescência em termos de discussões e concretizações sobre o futuro do Minhocão.

Apesar de o ano de 2015 não possuir acontecimentos jurídicos marcantes sobre o Minhocão, parece fazer sentido pensar que os acontecimentos do ano anterior – sobretudo em relação ao disposto no Plano Diretor – repercutiram na mídia. Dentre os assuntos abordados estão as manifestações e intervenções no Minhocão, com destaque para o chamamento público para a instalação dos jardins verticais em seu entorno. Ainda, em decorrência do fechamento do Minhocão aos sábados, a partir das 15 horas, discutiu-se, também, a viabilidade de seu encerramento integral para carros, a partir de estudo elaborado pela CET.

Em 2014, com a importante decisão prevista no plano diretor – que previa a transformação do Minhocão em parque ou a sua completa desativação – percebe-se o surgimento de discussões sobre a sua temática, sobretudo seu futuro. Estas, por sua vez, repercutem também na mídia, de forma que encontraram-se matérias sobre a decisão do plano diretor, os embates populares sobre o futuro do Minhocão e, finalmente, uma pesquisa – realizada pelo Datafolha – que demonstrava a contrariedade dos paulistanos em relação à demolição do Minhocão. Portanto, a partir de uma possibilidade prevista por meio de um artigo no PD, movimentaram-se discussões e, até mesmo, pesquisas para que as opiniões das pessoas fossem ouvidas, a partir das decisões tomadas pelas instâncias públicas. O ano de 2013 foi pouco relevante nas notícias e decisões jurídicas, analisando-se duas matérias – uma sobre um possível parque Minhocão, e outra noticiando uma seção de cinema neste espaço.

No grande intervalo entre os anos de 2010 e 1997, foram analisadas somente 5 notícias, no total. Isso faz consonância com os documentos jurídicos, que não registraram nenhum acontecimento marcante neste período. Dos temas abordados nestas 5 notícias, estão os filmes “Ensaio sobre a cegueira” (2008) e “Terra estrangeira” (1997), manifestações artísticas no Minhocão (1998) e a intenção de o demolir, que não saiu do papel, pelo prefeito Gilberto Kassab (2010). Já em 1996, com a aprovação do fechamento do Minhocão para carros em períodos noturnos (através da lei 12.152/1996), tem-se um maior número de notícias, todas discorrendo sobre este episódio. Chamou a atenção, no conteúdo das notícias, sobre a articulação popular a favor deste fechamento, por meio de um abaixo-assinado, e, ainda, a tentativa do prefeito da época de contrariar esta decisão, tentando reabri-lo sem sucesso. O ano de 1995 também chamou a atenção, em número de notícias analisadas, que também discorriam sobre esta intenção de reabertura do Minhocão, com reações negativas a esta possibilidade.

Entre 1994, 1990, 1989, 1987, 1976, 1974, 1971 e 1969, foram analisadas uma notícia para cada ano. Destacam-se o ano de 1987, que noticiou o projeto do arquiteto Pitanga do Amparo – que pôde ser visualizado, também, pelo despacho enviado pelo prefeito da época, para ser considerado – como uma verdadeira solução à questão do elevado. Neste momento, portanto, o elevado não é mais visto de forma positiva, como uma solução para a cidade de São Paulo – neste caso, é encarado como um problema que necessitaria de uma solução (representada, na notícia, pelo parque). Ainda, de forma contrária, merece destaque a notícia de 1969 sobre as vias elevadas no mundo, como verdadeiras manias da época, a serem aplicadas em um futuro próximo na cidade de São Paulo. Data deste mesmo ano, o decreto 8.574/1969, que denominava de Elevado Costa e Silva a futura via elevada a ser construída na cidade de São Paulo.

- Sites governamentais

Os sites governamentais analisados representam portais oficiais, pertencentes à gestão do município de São Paulo, que comunicam, dentre outros aspectos, notícias e informações da cidade como um todo. O intuito de se analisar tais portais foi o de identificar as formas pelas quais o Minhocão aparece – ou não – em seus conteúdos, analisando, também, como é tratado e abordado. A Tabela 3 mostra todos os sites examinados.

Tabela 3 - Número de portais governamentais analisados

FONTE:	NÚMERO DE PORTAIS ANALISADOS:
Secretaria de Turismo da cidade de São Paulo	8
Secretaria do Verde e do Meio Ambiente	
Secretaria Municipal de Segurança Urbana	
SMDU - Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano	
Gestão Urbana - PIU Parque Minhocão	
Cidade de São Paulo	
São Paulo Turismo	
SP de bike	

Fonte: Ana Carolina Padua Machado

As linhas destacadas em vermelho na Tabela 3 sinalizam os sites em que não se encontrou nenhuma menção ao Minhocão, diretamente. Ou seja, em nenhuma notícia, artigo, conteúdo específico ou destaque, o Minhocão esteve presente nestes sites. Já no caso das linhas sinalizadas em verde, foi possível sua identificação, presente em algum tipo de conteúdo nestes sites. A razão de seleção destes sites em específico se deu por se tratarem de secretarias e seus projetos derivados que demonstraram alguma relação com o Minhocão, sobretudo após a aprovação da criação do parque.

Começando pelo **site da Secretaria do Verde e do Meio Ambiente**, em nenhuma aba ou seção do site, o Minhocão aparece. Entretanto, na barra de busca, quando digitada a palavra "Minhocão", aparecem três notícias (que, neste caso, foram analisadas no âmbito dos documentos "notícias"):

- "Prefeitura inicia chamamento para jardins verticais na região do Minhocão"¹¹
- "Jardins verticais renovam paisagem no entorno do 'Minhocão'"¹²
- "Entorno do Minhocão ganha 4º jardim vertical"¹³

Esta identificação mostra certa contradição, uma vez que existem dois principais indícios que mostram a vinculação da Secretaria do Verde e do Meio Ambiente no projeto do Parque Minhocão, principalmente: 1) A nomeação de um gestor provisório do Parque Minhocão, vinculado a esta Secretaria, em 04/10/2018 por meio do ofício 264/2018, assinado

¹¹ "Prefeitura inicia chamamento para jardins verticais na região do Minhocão. Disponível em https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/noticias/?p=195079. Acesso em: 10/04/2019.

¹² "Jardins verticais renovam a paisagem no entorno 'Minhocão'. Disponível em https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/noticias/?p=215573. Acesso em: 10/04/2019.

¹³ Entorno do Minhocão ganha 4º jardim vertical. Disponível em https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/noticias/?p=219121. Acesso em: 10/04/2019.

pelo secretário do Verde e do Meio Ambiente; 2) A inclusão da Secretaria do Verde e Meio Ambiente no Grupo de Trabalho inter secretarial - instituído pelo Decreto 58.601/2019 -, em conjunto com outras secretarias e subprefeituras, para o desenvolvimento de um estudo para avaliar as medidas necessárias para a implantação do Parque Minhocão. Apesar destas expressivas vinculações, não foi encontrada nenhuma outra menção – que não as destacadas anteriormente – do Minhocão no site desta secretaria.

De modo semelhante, no **site da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano**, o Minhocão aparece, efetivamente, na aba de "Notícias", com as seguintes reportagens (também analisadas dentro do conteúdo “notícias”):

- "Primeira audiência pública debate do PIU Minhocão"¹⁴;
- "Prefeitura inicia uma nova etapa de discussão do Parque Minhocão"¹⁵;
- "Prefeitura realiza audiência pública para debater projeto para o Parque Minhocão"¹⁶;
- "Prefeitura de São Paulo vai implantar primeiro trecho do Parque Minhocão"¹⁷;
- "Ruídos urbanos no entorno do Minhocão podem ser reduzidos pela metade com a implantação do parque"¹⁸;
- "Prefeitura participa de debate sobre o Minhocão promovido por universidades"¹⁹.

Percebe-se que, no caso das notícias vinculadas ao site da Secretaria de Desenvolvimento Urbano da cidade de São Paulo, existe um conteúdo comum e predominante em todas elas, que versa, principalmente, sobre a visão do Minhocão inserida no contexto do projeto vigente de sua transformação em parque. Isso se explica na medida em que esta secretaria - em especial a SP Urbanismo, ligada à ela – está diretamente envolvida no projeto de construção do Parque Minhocão, através do PIU Minhocão.

Por sua vez, no caso do site **Gestão Urbana – PIU Parque Minhocão**, é apresentado o Projeto de Intervenção Urbana (PIU) Parque Minhocão como uma iniciativa subordinada ao

¹⁴ “Primeira audiência pública debate do PIU Minhocão”. Disponível em <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/urbanismo/noticias/?p=278319>. Acesso em: 10/04/2019.

¹⁵ “Prefeitura inicia uma nova etapa de discussão do Parque Minhocão”. Disponível em <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/urbanismo/noticias/?p=276481>. Acesso em 10/04/2019.

¹⁶ "Prefeitura realiza audiência pública para debater projeto para o Parque Minhocão". Disponível em <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/urbanismo/noticias/?p=277675>. Acesso em 10/04/2019.

¹⁷ “Prefeitura de São Paulo vai implantar primeiro trecho do Parque Minhocão”. Disponível em <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/urbanismo/noticias/?p=271772>. Acesso em 10/04/2019.

¹⁸ “Ruídos urbanos no entorno do Minhocão podem ser reduzidos pela metade com a implantação do parque”. Disponível em <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/urbanismo/noticias/?p=275286>. Acesso em: 10/04/2019.

¹⁹ “Prefeitura participa de debate sobre o Minhocão promovidos por universidades”. Disponível em <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/urbanismo/noticias/?p=278394>. Acesso em: 10/04/2019.

plano de ações do PIU Setor Central. O PIU Parque Minhocão tem como finalidade o estabelecimento de um esquema de ações e atividades - dentro da lógica da atuação da SMDU – referentes ao projeto de implantação da primeira fase do Parque Minhocão.

Por fim, no caso do **site Cidade de São Paulo**, vinculado à SPTuris, o Minhocão não aparece como uma opção de visita ou na lista de atrativos turísticos. A única pista é o uso de uma imagem de seu espaço, para estampar as possibilidades de atividades esportivas na cidade de São Paulo, na página inicial do site. Entretanto, ao clicarmos na foto, aparece uma lista com uma série de opções de atrativos esportivos da cidade, com a ausência do Minhocão. Fica, portanto, uma dúvida enorme dos motivos de ser utilizada uma foto do Minhocão para ilustrar um aspecto relacionado ao turismo e ao esporte, na cidade de São Paulo, e, a não indicação de seu nome como uma destas opções.

- Artigos de opinião

Os artigos de opinião correspondem aos materiais – disponibilizados em meio digital – elaborados por autores para expressar as suas posições e perspectivas sobre o Minhocão. Diferente das notícias que possuem como principal função a informação sobre determinados fatos, neste tipo de material tornou-se possível a compreensão do tipo de interpretação e opiniões de determinados sujeitos acerca do Minhocão e suas questões correlatas. Neste caso, foram analisados 12 documentos, distribuídos conforme explica a Tabela 4.

Tabela 4 - Artigos de opinião

TÍTULO:	FONTE:	DATA:
<i>Uma planta no Minhocão/ A weed in São Paulo</i>	Mona Caron	Sem indicação de data
<i>Parque Minhocão: próximo da realidade</i>	Bradesco Seguros - Movimento Conviva	Sem indicação de data
<i>#SPSonha: Por que o Parque Minhocão deve sair do papel?</i>	Veja São Paulo	17/06/2019
<i>Projeto da Prefeitura de São Paulo não soluciona o problema do Minhocão</i>	LabCidade	
<i>São Paulo para pessoas: Felipe Morozini</i>	Bemglô	27/02/2019
<i>Minhocão: entre o sonho do High Line e o planejamento de Cheonggyecheon, falta olhar para a cidade como um todo</i>	São Paulo São	25/01/2019
<i>Razões do Parque Minhocão</i>	Vitruvius	10/05/2018
<i>O Minhocão e o José Police Neto</i>	Vereador José Police Neto	02/06/2005
<i>Manifesto do Movimento Desmonte do Minhocão - MDM à população e a imprensa</i>	Movimento Desmonte do Minhocão	29/09/2014
<i>5 razões para demolir o Minhocão</i>	Huffpost	06/07/2014
<i>Prêmio Prestes Maia de Urbanismo</i>	Vitruvius	24/04/2006
<i>Criação de parque suspenso no Minhocão divide opiniões</i>	Ciclo Vivo - #Por um mundo melhor	Sem indicação de data.

Fonte: Ana Carolina Padua Machado

Dos 12 documentos analisados, percebeu-se certa confluência nos temas abordados, que puderam ser divididos entre: **manifestações artístico-culturais no Minhocão**, **opiniões favoráveis ao Parque Minhocão**, **críticas ao Parque Minhocão** e, por fim, **projetos relacionados ao Minhocão**. Desta forma, será detalhado abaixo cada artigo de opinião, de acordo com o seu tema de discussão.

▲ Manifestações artístico-culturais no Minhocão:

O artigo de opinião “Uma planta no Minhocão”, publicado no blog da artista Mona Caron, descreve um grafite particular instalado em uma empena de prédio lindeiro ao Minhocão, de sua autoria. Este mural representa uma planta enorme e, segundo a artista, também celebra as ideias novas e vibrantes de urbanismo que começam a se manifestar neste espaço. Não existe data de indicação desta publicação, porém, é importante ressaltar que a sua autora classifica o Minhocão como uma imposição do período da ditadura militar no Brasil que, atualmente, se converteu em um espaço público. De um espaço “condenado”, se tornou um lugar para manifestações de expressões artístico-culturais, além deste urbanismo novo e vibrante.

▲ Opiniões favoráveis ao Parque Minhocão:

A publicação “Parque Minhocão: próximo da realidade”, do blog *Bradesco Seguros*, se baseia no PL 10/2014 – que, mais tarde, resultaria na aprovada lei 16.833/2018, que cria o Parque Municipal do Minhocão – para expressar a visão do Minhocão como um interessante espaço de convívios, ocupações e ações singulares, que proporcionam vivências originais e singelas. Portanto, este artigo encara o Minhocão como um verdadeiro espaço público para uso por pessoas, que nada teria a ver com a sua função original (de circulação de carros). Chama atenção o trecho que classifica o Minhocão como um projeto com claras inspirações no High Line Park (Nova Iorque). Ainda a solução representada pelo parque é classificada como mais humana, uma forma de conceder aos paulistanos uma área de lazer que já faria parte de seus cotidianos. Além disso, destaca-se nesta publicação que este se trata de uma opção de menor custo, quando comparada à possibilidade de derrubada do elevado.

Outro artigo de conteúdo favorável ao parque Minhocão, publicado na revista *Veja*, foi o “Por que o Parque Minhocão deve sair do papel?”, de 17/06/2019, em momento de efervescência de discussões, ao ser divulgado o projeto do Parque Minhocão e serem iniciados os primeiros procedimentos de sua construção, barrados, posteriormente, por uma ação do Ministério Público. O Minhocão, neste artigo, é visto como um espaço que oportunizou o uso por pessoas, a partir da livre expressão da performance, em detrimento de sua forma e função. Se tratou, pois, de um movimento de ocupação do espaço de forma íntima dos habitantes, espontânea e democrática. Assim, se trata de um parque que, antes mesmo de ser construído, já se manifestaria e funcionaria como um. Isso estaria em consonância com o que foi estabelecido no Plano Diretor, envolvendo amplos e transversais processos de debates

públicos. O projeto do Parque Minhocão atenderia a interesses sociais, inserindo-se nas novas formas de se fazer a cidade. O Parque Minhocão seria, para os autores deste artigo, uma negação à lógica rodoviarista e uma ida ao encontro do urbanismo contemporâneo.

A publicação “São Paulo para pessoas”, do blog *Bemglô*, de 25/01/2019 contextualiza-se em um período após a aprovação da lei 16.833/2018, criando o Parque Municipal do Minhocão. Esta apresenta Felipe Morozini, morador de apartamento em frente ao Minhocão, membro da Associação Parque Minhocão e defensor do parque – o qual descreve o Minhocão e sua história, contextualizando-o dentro do conceito de “cidade para pessoas” e entendendo-o como um verdadeiro parque, para usufruto público. De uma polêmica via expressa, hoje, segundo este artigo, se mostra como um espaço com claras possibilidades de se tornar um parque suspenso, mencionando o High Line Park (Nova Iorque), para efeito de comparação.

O texto “Razões do Parque Minhocão”, publicado no portal *Vitruvius* em 01/10/2017, insere-se em um período em que repercutia a aprovação, na câmara dos vereadores, da lei que criou este parque. Este artigo reflete sobre a história do Minhocão e como seu sentido se alterou ao longo dos anos, legitimando-se enquanto área de lazer. O autor reflete sobre as pessoas que ali moravam desde o início da construção do elevado que, atualmente, visualizam aquele espaço como aberração urbana. Para o autor, esta visão não seria compartilhada pela geração jovem que enxergaria aquele espaço como oportunidade à luz da contemporaneidade complexa. A transformação no Minhocão em parque, segundo este artigo, significou uma ressignificação do espaço, através da negação à lógica de dependências dos carros, classificada como conservadora.

Já o texto “O Minhocão e o José Police Neto”, encontrado no blog deste vereador, de 02/06/2015 pode ser visto, também, à luz das repercussões do artigo 375 do Plano Diretor que decidiu pelo futuro do Minhocão à luz de sua transformação em parque ou demolição. Se trata de uma seção do blog que explica a relação do vereador com o Minhocão percorrendo, principalmente, sobre o PL 22/2015 que, aprovado na CCJ (Comissão de Constituição, Justiça e Legislação Participativa), pretendia interditar o Minhocão para carros também aos sábados. Segundo o vereador, este projeto se trataria de uma forma de encarar os debates atuais da cidade, entre eles o tema da carro-dependência.

Por fim, o artigo “Criação de parque suspenso no Minhocão divide opiniões”, do blog *Ciclo Vivo*, surge logo após o lançamento do Plano Diretor e do projeto de lei que sugere a criação do Parque Minhocão. São discutidas as possibilidades - demolição ou parque - com a opinião de especialistas, e o Minhocão é encarado, neste artigo, como um espaço público que

proporciona o lazer aos moradores da região, além de um convívio benéfico entre adultos e crianças.

▲ Críticas ao Parque Minhocão:

O texto “Projeto da prefeitura de São Paulo não soluciona o problema do Minhocão”, publicado no site *LabCidade*, em 27/02/2019, pode ser entendido como uma reação negativa ao decreto n. 58.601/2019 (que criou um grupo de trabalho para as providências de criação do parque), juntamente com a divulgação do projeto do Parque Minhocão. Os autores deste artigo apresentam o panorama de discussões sobre o futuro do Minhocão - argumentos prós e contras, percebendo-se a relevância dada à funcionalidade da estrutura como uma importante ligação leste-oeste da cidade. A posição pró-demolição e contrária ao parque é ressaltada cada vez mais, ao longo do artigo. A proposta do Parque Minhocão, para os autores, é egoísta pois não prevê nenhuma segurança aos moradores antigos, servindo para atrair maior atração à área. A sua construção, assim, seria um desastre urbano com claras intenções de replicação do High Line Park no Minhocão.

No blog *São Paulo São*, analisou-se o artigo “Minhocão: entre o sonho do High Line e o planejamento de Cheonggyecheon, falta olhar para a cidade como um todo”, de 10/05/2018 (período de repercussão da aprovação da lei 16.833/2018). O título já sugere a influência de inspirações em casos como o High Line Park e o Cheonggyecheon (um rio que foi recuperado, em Seul). Esta influência é abordada, porém, de maneira crítica – ressaltando a necessidade de se observar cuidadosamente a cidade de São Paulo e contextualizar estas obras à realidade paulistana. O futuro do Minhocão, segundo o autor, deveria seguir a definição do projeto que se deseja à cidade, como um todo.

O Manifesto do Movimento Desmonte do Minhocão, publicado em seu blog em 29/04/2014 (período de debates anteriores à aprovação do Plano Diretor), descreve a sua composição e objetivo – de, essencialmente, obter o desmonte do Minhocão e, em seu lugar, a construção de uma avenida ampla a ajardinada. São citados dados e informações negativas em relação à permanência desta estrutura, relacionados principalmente à questões de saúde pública e dos moradores do entorno. O Movimento Desmonte do Minhocão foi criado em 2014 e defende a demolição do elevado para dar lugar a um parque no chão ou a um bulevar com calçadão, conectando o Parque da Água Branca ao Parque Augusta. Formado por voluntários, moradores do entorno, síndicos e comerciantes, o movimento defende a extinção do Minhocão em prol da construção de um novo cartão postal para a cidade e consequente

atração turística, a exemplo de cidades como Seul, Rio de Janeiro, Boston e Montreal que reformaram seus elevados locais.

O texto “5 razões para demolir o Minhocão” foi publicado no site *Huffpost Brasil*, em 06/07/2014, um período que antecedeu a aprovação do Plano Diretor da cidade de São Paulo. Este texto teve origem justamente após a divulgação do PL que objetivava a criação do parque Minhocão, em 2014. O autor criou um abaixo assinado, na época, para que esse PL fosse invalidado, apresentado os pontos que justificam a sua posição a favor da demolição, relacionados a: a) simbolismo da época da ditadura militar; b) efeitos do parque, como a gentrificação (utilizando o exemplo de como isso aconteceu no entorno do High Line Park); c) falta de estética ao Minhocão; d) barulho (que se repetiria em qualquer das situações - seja parque, seja elevado); e) pedestres (cuja caminhada seria mais agradável com a ausência do elevado).

▲ **Projetos relacionados ao Minhocão:**

Nesta categoria, se insere o texto “Prêmio Prestes Maia de Urbanismo”, publicado em 24/06/2006 no portal *Vitruvius*. O artigo descreve o projeto vencedor do 2º Prêmio Prestes Maia de Urbanismo, cuja versão propôs aos participantes que oferecessem soluções ao Minhocão. Tal projeto caracterizou-se por propor a manutenção da função viária do elevado (reconhecendo-se a sua importância para a circulação, mas enclausurando-o em um túnel metálico) e propondo um anexo para uso paralelo de lazer e cultura (reconhecendo-se a utilização do elevado por pessoas e a carência de parques na região central da cidade).

- **Portais de viagem**

Nesta categoria de documentos, foram analisados sites de turismo, exclusivamente, que tratassem do Minhocão, incluindo um conjunto de 01 portal de viagem (TripAdvisor) e 06 blogs de viagem (Tabela 5).

Tabela 5 - Portais de viagem analisados

TÍTULO	FONTE	EXPRESSÃO DE DESTAQUE:	DATA:
“7 lugares incríveis para andar de bike em São Paulo”	Guia da Semana	“Experiência tipicamente paulistana”	04/02/2019
“Grafites em SP: Minhocão, uma galeria de arte a céu aberto”	A vida no centro	"Elevado que vem se convertendo cada vez mais numa área de lazer..."	08/12/2018
7 dicas para aproveitar melhor o Parque Minhocão	A Vida no centro	“Consolidação como área de lazer aos moradores do entorno”	08/02/2018
Minhocão (Elevado Costa e Silva)	Guia da Semana	“Aos domingos, o local fica fechado para os veículos e se torna uma grande passarela”	24/06/2012
O Minhocão poderia ser assim	Vila Bacana	"O projeto do High Line Park nos faz pensar nas semelhanças e possibilidades para o Minhocão"	Sem indicação de data
Minhocão	TripAdvisor	“Pontos turísticos e de interesse”	Não se aplica
Elevado Costa e Silva, o Minhocão	Guia de Destinos	“Mudança de hábitos em relação à via”	Não se aplica

Fonte: Ana Carolina Padua Machado

▲ “Pontos turísticos e de interesse”

No TripAdvisor, o Minhocão recebeu 58 avaliações e a nota 4 (que indica “muito bom”), por parte de 51% dos avaliadores. Ainda, de 795 atrações identificadas da cidade de São Paulo, se localiza na 188ª posição. Como classificação, o Minhocão é inserido nas categorias de “pontos turísticos e de interesse” e “pontos de interesse”. A duração sugerida para o passeio varia de 1 a 2 horas e, neste sentido, foram postadas 61 fotos de viajantes no portal TripAdvisor.

▲ “Experiência tipicamente paulistana”

No texto “7 lugares incríveis para andar de bike em São Paulo” do *Guia da Semana*, são listadas as melhores opções de espaços públicos para se andar de bicicleta em São Paulo. O Minhocão é inserido nesta lista, sendo caracterizado como uma via expressa que, quando fechada para carros, se torna o Parque Minhocão e uma grande passarela para a circulação de pessoas. Segundo esta postagem, se andar de bicicleta no Minhocão se configura como uma experiência tipicamente paulistana, interessante para aqueles que buscam este tipo de vivência. Essa publicação, datada de 04/02/2019, surge em um momento específico da história do Minhocão, a partir do anúncio da construção do primeiro trecho do Parque Minhocão, pela prefeitura de São Paulo.

▲ *"Elevado que vem se convertendo cada vez mais numa área de lazer..."*

O texto “Grafites em SP: Minhocão, uma galeria de arte a céu aberto”, do blog *A vida no centro*, de 08/12/2018, apresenta mais uma possibilidade de desfrute do Minhocão enquanto uma área de lazer cada vez mais consolidada na cidade de São Paulo. Ainda, caracteriza o Minhocão como uma galeria de arte a céu aberto, devido aos seus murais, distribuídos nas empenas dos prédios do entorno. É interessante entender este texto no contexto de discussões em que se inseria, após a aprovação da lei que criou o Parque Minhocão. Parece que, após esta aprovação, o Minhocão passa a ser apresentado, nestes conteúdos específicos, como um espaço consolidado, seja para lazer, seja para turismo.

▲ *“Consolidação como área de lazer aos moradores do entorno”*

O mesmo parece acontecer com este título (“7 dicas para aproveitar melhor o Parque Minhocão”), de 08/02/2018, também do blog *A vida no centro*. Neste, o Minhocão é classificado como uma verdadeira área de lazer para os moradores da cidade de São Paulo, fruto da luta, principalmente, da Associação Parque Minhocão. A lista de 7 dicas para melhor se aproveitar este espaço compreende: “baladinha vespertina”, “caminhar com amigos e tomar sol”, “andar de bicicleta”, “andar de skate (ou aprender a andar)”, “renovar o guarda roupa”, “levar os cachorros para passear”, “apreciar os grafites de uma vista privilegiada” e “ver os jardins verticais”. Estas, para além de dicas, também podem revelar alguns dos usos comuns do Minhocão.

▲ *“Aos domingos, o local fica fechado para os veículos e se torna uma grande passarela”*

De 24/06/2012, o texto “Minhocão (Elevado Costa e Silva)”, do *Guia da semana* parece encarar este espaço ainda como um elevado, que divide a sua funcionalidade com outra, a de parque. Aqui, a função de parque dada ao Minhocão é relacionada ao pedestrianismo, aos finais de semana. A função relacionada ao uso de pedestres é destacada, assim como suas atividades similares e complementares como a corrida e o uso da bicicleta.

▲ *“O projeto do High Line Park nos faz pensar nas semelhanças e possibilidades para o Minhocão”*

O texto “O Minhocão poderia ser assim”, do blog *Vila Bacana*, revela as influências que casos semelhantes e de sucesso – em especial, neste texto, o High Line Park e o

Promenade Plantée – possuem no imaginário sobre o que se fazer com este espaço, sobretudo quando refletindo sobre as práticas de lazer e turismo. Ao descrever o Minhocão e seu processo histórico, o texto busca demonstrar o seu aspecto polêmico e ressaltar a necessidade de se pensar em soluções para este espaço. Para isso, descreve os casos do High Line Park e do Promenade Plantée como de sucessos, que poderiam servir de inspiração e moldes para se solucionar o problema do Minhocão.

▲ “*Mudança de hábitos em relação à via*”

No texto “Elevado Costa e Silva, o Minhocão”, do *Guia de Destinos*, o Minhocão é listado como uma opção na lista de destinos turísticos da cidade de São Paulo. Apesar de não possuir alguma avaliação registrada, o texto começa com a descrição da história do Minhocão e ressalta o processo histórico do fechamento do elevador para carros aos finais de semana e feriados, e os efeitos destes procedimentos. A nova configuração do Minhocão é classificada como uma “mudança de hábitos em relação à via” que, por sua vez, trouxe benefícios locais e contribuiu para alavancar a proposta de sua transformação em parque suspenso.

6. DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

6.1- Usos e discursos associados ao Parque Minhocão

Através das ferramentas metodológicas utilizadas para se estudar o Minhocão, suas transformações e episódios históricos, foi possível se identificar suas funções e narrativas. Assim, ao longo de sua existência, o Minhocão pareceu desempenhar mais de um sentido, para diversos grupos envolvidos com a sua história, direta ou indiretamente. De espaço de concreto que sinalizaria uma cidade em pleno desenvolvimento e uma oportunidade de crescimento, passou a significar desde uma cicatriz urbana que degradou profundamente o centro da cidade, até uma oportunidade de parque, um espaço público que possibilita o desempenho de uma série de atividades e manifestações. Percebeu-se que estes diferentes sentidos foram antecidos, sem dúvida, por um conjunto de medidas governamentais que auxiliaram na institucionalização de certas funcionalidades ao Minhocão, provocando novos usos e uma série de discursos que ilustrariam os significados deste espaço a diferentes atores e instituições.

Assim, identifica-se estreita relação entre a sequência das políticas públicas realizadas com foco no Minhocão e os seus usos e discursos, numa espécie de influência mútua (Figura 19). Na medida em que realizaram-se diferentes políticas governamentais sobre o Minhocão, provocaram-se, em seu espaço, novos usos e, desta forma, discursos (que revelariam os entendimentos e sentidos daquele espaço para diferentes grupos). Ao mesmo tempo, novas narrativas também serviram para consolidar ideias e funções àquele espaço, tornando-as fortes e, desta forma, influenciando a geração de novas políticas públicas, para regular desejos coletivos que, geralmente, eram expressados por articulações e participações espontâneas.

Figura 19 - Relações entre políticas públicas, usos e discursos sobre o Minhocão

Fonte: Ana Carolina Padua Machado, 2019.

6.1.1 Uma análise temporal sobre o Minhocão: de concreto armado a parque

O Minhocão ganhou, através do *Decreto n.8.574 de 19/12/1969*, a denominação de Elevado Costa e Silva, uma homenagem do prefeito da época, Paulo Maluf, a Artur da Costa e Silva – então presidente do regime militar, apresentado como uma das “grandes figuras da Revolução de 64”. Neste mesmo período, alguns meses antes, noticiava-se, no jornal *O Estado de São Paulo*, a pretensão da construção do Minhocão dentro de uma “nova mania”, por parte da prefeitura, da criação de vias elevadas na cidade⁴⁵. Já em 01 de janeiro de 1971 – ano da inauguração do Minhocão – era detalhada no *Jornal Folha de São Paulo*⁴⁶, em termos de números e dados, a nova obra prestes a ser entregue para a cidade, se tratando da mais importante depois do metrô, já que escoaria cerca de 12 mil carros por hora, através de uma ligação leste-oeste de 3 minutos. O convite de inauguração do Minhocão, enviado à população, afirmava se tratar da “maior obra do gênero em toda a América do Sul” (figura 22).

Neste momento, de inauguração do Minhocão e toda a expectativa que rondava esta grande novidade da época, os discursos que pareciam estar em voga – divulgados pela imprensa e revelados, também, nos documentos legais – eram os que expressavam a grandiosidade do Minhocão, a sua inovação e a oportunidade que traria, para a cidade de São Paulo, de crescimento e desenvolvimento, já que resolveria o problema dos automóveis individuais através de maior rapidez e capacidade de circulação. Em outras palavras, o discurso seria do Minhocão como uma grande obra, sinônimo de desenvolvimento e da cidade do futuro, dinâmica e útil para os transportes individuais. O usos, nesta época, também concentravam-se exclusivamente nos carros, ou seja, funcionando como um equipamento urbano de circulação de automóveis, em uma lógica rápida e funcional. Neste momento, a visão e significado do Minhocão eram estes, pautando-se na sua funcionalidade única e

⁴⁵ “Vias elevadas, a nova mania”. Disponível em <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19690923-28975-nac-0021-999-21-not>. Acesso em 08/04/2019.

⁴⁶ “Elevado Costa e Silva: a maior obra da capital depois do metrô”. Disponível em <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=3890&keyword=Elevado%2CCosta%2Ce%2CSilva&anchor=4626060&origem=busca&pd=718f46ce89b4e2d893ba0b4b08016e97>. Acesso em 08/04/2019.

tradicional de via elevada – que sequer comportaria pedestres, dada a ausência de calçadas.

Figura 20 - Convite de inauguração do Minhocão

Fonte: Quando a cidade era mais gentil (blog)⁴⁷

Alguns anos após a sua inauguração, esta visão e discursos começam a mudar. Em 10 de julho de 1974 – três anos após o início de funcionamento do Minhocão – o jornal *Folha de São Paulo* lança um artigo⁴⁸ que retrata o percurso de degradação que sofreu a Avenida São João, principalmente em decorrência da construção do Minhocão. Dois anos depois, em 29/12/1976, é noticiada a luta de grupos que clamavam pela desativação do Minhocão – representados principalmente por moradores do entorno – devido aos diversos malefícios trazidos pelo elevado, relacionados, principalmente, as poluições do ar e sonora. Aqui, já se começa a se perceber os efeitos trazidos pelo Minhocão ao seu entorno e, neste sentido, o discurso

⁴⁷ “Quando a cidade era mais gentil”. Disponível em <https://quandoacidade.wordpress.com/2012/10/25/ideias-gerico/>. Acesso em 02/04/2019.

⁴⁸ “Avenida é sepultada pelo tempo e pela depredação”. Disponível em <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=5176&keyword=avenida%2CAvenida%2Ce%2Csepultada%2Ce%2Cdepredacao&anchor=4355959&origem=busca&pd=412b7f2be5f17cc9928efe12b71bf99a>. Acesso em 08/04/2019.

Assim como os discursos, os usos também passam a mudar a partir de 1989, com a desativação do Minhocão em períodos determinados (das 21h30 às 6h00), proporcionando silêncio as moradores do entorno (*Folha de São Paulo* em 24/11/1989). Um ano depois, em 27/05/1990⁵⁰, tem-se outra notícia sobre o Minhocão, agora revelando seu fechamento também aos finais de semana. É neste momento que aparece, de forma clara, o aviso de que, nos momentos em que fechado para carros, o Minhocão estaria aberto como área de lazer. Neste caso, um novo discurso centra o Minhocão como uma área de lazer da cidade de São Paulo.

No ano de 1995, percebe-se que o Minhocão, como área de lazer, está bastante consolidado, além do seu uso como tal. Isso pôde ser comprovado por matéria publicado no jornal *Folha de São Paulo* de 13/12/1995 mostrando as reações dos moradores do entorno frente às intenções de reabertura integral do Minhocão, anunciadas pelo prefeito da época, Paulo Maluf. Estas intenções pareciam representar, de acordo com as falas dos entrevistados da reportagem, como uma ameaça ao uso do Minhocão como área de lazer aos finais de semana ("*o Minhocão aos domingos é o único espaço de lazer para as crianças da vizinhança*"). Assim, no nível dos discursos, aparecem falas – agora por parte de grupos mais claros, neste caso os moradores – do Minhocão como área de lazer aos finais de semana, para além do tão consolidado Elevado Costa e Silva. Neste momento, também, a divisão de usos se torna mais clara: atividade de via expressa (circulação de carros) e de área de lazer (circulação de pessoas).

Retomando a ideia proposta sobre as relações de influências mútuas entre políticas públicas, usos e discursos, em 1996 um acontecimento ilustra esta reflexão, com a promulgação de uma lei que regularizava os horários de funcionamento do elevado. Assim, esta divisão de usos é garantida por lei, com regras mais claras e definidas de funcionamento do Minhocão enquanto elevado. De acordo com a lei 12.152 de 23/07/1996, o Minhocão estaria fechado para carros nos seguintes períodos: de segunda-feira a sábado das 21h30 às 6h30 e aos domingos em tempo integral. Entrariam como exceção somente veículos abaixo de 50 cilindradas, do corpo de bombeiros e polícia militar e de emergências, em atendimento à população.

⁵⁰ “Como fugir do Minhocão interditado”. Disponível em <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=10976&keyword=FUGIR%2CINTERDITADO%2Cminhocao&anchor=4905632&origem=busca&pd=50e7c0aaea76f68384a6d4cbc5b6fd8f>. Acesso em 04/06/2019.

Através de notícias da época, consegue-se perceber essa mudança de paradigma sobre as compreensões do Minhocão, por parte de grupos sociais, de maneira mais clara, já que o Minhocão passa a ser palco de diversas outras manifestações que não se relacionavam com o seu uso tradicional e, sim, com a dimensão humana. Assim, vai se constituindo, de maneira mais específica e regulada, uma dimensão de espaço público – antes, restrita a espaço viário. Isso pode ser comprovado por matérias da imprensa como a reportagem do jornal *Folha de São Paulo* de 13/10/1997⁵¹, sobre o novo filme de Walter Salles, cujo cenário seria o Minhocão. Ainda, neste mesmo jornal, em reportagem de 27/09/1998⁵², é relatada iniciativa da Associação dos Moradores do Elevado, com apoio da Secretaria Estadual de Cultura, de organizar quinzenalmente um evento no Minhocão, com intuito de “reforçar uma área de convivência que já se manifesta aos finais de semana”.

O discurso de Minhocão como parque – para além de área de lazer, que já estaria consolidada nos anos anteriores – começa a ganhar força a partir de 2005, com a primeira proposta da criação de um parque linear no Minhocão em forma de Projeto de Lei. O PL 664/2005, de autoria do então vereador Aurelio Nomura, propunha a criação de um parque linear, no Elevado Costa e Silva, nos trechos entre os distritos de Barra Funda e Santa Cecília. Segundo a justificativa deste projeto de lei, o parque representaria uma solução à deterioração da região central e um espaço para os moradores da área, que careceriam de áreas de lazer. Ainda, se pautava no sucesso dos parques High Line (Nova Iorque) e Promenade Plantée (Paris), como inspiração para o parque no Minhocão:

A solução proposta, e que irá transformar a área das Avenidas São João e General Olímpio da Silveira em um jardim, surgiu de duas vertentes. A primeira, foi o aproveitamento de experiências de outras cidades, como Nova York, com o seu High Line, que foi uma inovação arquitetônica, projetando um parque em um elevado que continha linhas férreas, e que corre por 22 quarteirões; e como Paris com seu Promenade Plantée, próximo da Ópera da Bastilha, que é um parque que vai em uma via elevada da Praça da Bastilha até o Bois de Vincennes, com cerca de 5 km. E a segunda vertente é a possibilidade de se aproveitar o elevado que se queria demolir (Justificativa do PL 664/2005).

⁵¹ ““Terra estrangeira” estreia em Paris - filme de Walter Salles e Daniela Thomas divide crítica francesa”. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq131026.htm>. Acesso em 04/04/2019.

⁵² “Artes “congestionam” hoje o Minhocão”. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/acontece/ac27099805.htm>. Acesso em 04/04/2019.

A segunda edição do Prêmio Prestes Maia de Urbanismo⁵³ também tem papel importante para a consolidação da ideia do parque no Minhocão. O projeto vencedor, de Juliana Corradini e José Alves propôs a criação de um parque suspenso, reconhecendo-se a utilização do elevado por pessoas e a carência de parques na região central da cidade. Este parque estaria conectado aos prédios lindeiros por meios de rampa de acesso - os quais poderiam se tornar galerias de arte, escolas e restaurantes, por exemplo - com playgrounds, pistas de caminhada, ciclovias e central de informação turística. A presença de uma central de informação turística também se configura para um forte indicativo de discurso que, para além de visualizar o potencial do Minhocão como um parque consolidado, prevê o seu potencial como área turística.

Em 2012, o discurso que vincula o Minhocão e o turismo parece despontar novamente. O blog *Guia da Semana* lança uma postagem que incluía o Minhocão na lista de opções de passeios da cidade de São Paulo. O trecho “*aos domingos o elevado fica fechado para os pedestres*”, ilustra a função de parque dada ao Minhocão, neste caso, relacionada ao pedestrianismo e aos finais de semana. Outro trecho completa: “*aos domingos, o local fica fechado para os veículos e se torna uma grande passarela onde os pedestres pode correr, caminhar, andar de bicicleta, entre outros*”.

Em 2013, a aprovação da lei 288/2014, de autoria do então vereador Eliseu Gabriel, alterou o nome do Minhocão – de Elevado Costa e Silva para Elevado Presidente João Goulart – dentro de um projeto mais amplo de mudança de nomes de logradouros que se referissem a indivíduos que tivessem cometido crimes contra a humanidade ou violações de direitos humanos. Assim, parece fazer sentido pensar que a mudança do antigo nome do Minhocão que se referia, também, a uma época específica do país, de ditadura militar, também sinaliza para uma mudança de entendimento daquele espaço, agora inserido em uma nova época, um novo contexto de cidade.

Isso pode ser reforçado pela criação da Associação Parque Minhocão, conforme revela reportagem do jornal *Folha de São Paulo* de 14/08/2013, que foca no desejo deste grupo de transformar o Minhocão em um grande parque, arborizado, com

53 “Prêmio Prestes Maia de Urbanismo”. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/06.067/2689?page=3>. Acesso em 04/04/2019.

piscina pública e outras tantas aspirações. Fica claro nas falas e passagens da reportagem, a ideia de que existia um movimento corrente e comum nas grandes cidades do mundo de contraposição à cultura do carro e da utilização da criatividade para se reinventar os espaços públicos.

Neste mesmo ano, pela primeira vez se constata o surgimento de uma publicação de um blog⁵⁴ – sobre mobilidade urbana, ciclismo e sustentabilidade – sobre o Minhocão, desta vez relatando sobre a exposição, na sede da Associação Parque Minhocão, sobre o High Line Park de Nova Iorque, no âmbito da X Bienal de Arquitetura de São Paulo.

Em 2014, o discurso em favor exclusivamente da função viária – que parecia ganhar força na década de 70 – passa a ser questionado, a partir da consolidação daquele que vinculava o Minhocão como área de lazer e como um possível parque. Estes discursos, pode-se perceber, ganham força principalmente por conta dos usos que os impulsionaram. Por sua vez, os usos e discursos parecem impulsionar as políticas públicas representadas, no ano de 2014, pela decisão de um futuro ao Minhocão que extinguiu a sua possibilidade de elevado e possibilitava a sua transformação em parque ou demolição, conforme disposto no art. 375 do Plano Diretor.

A partir desta resolução no Plano Diretor da cidade de São Paulo, é possível se perceber certa ruptura da visão anteriormente majoritária que projetava o Minhocão à sua função de elevado rodoviário. Agora, o Minhocão passa a ser enxergado de outras formas, principalmente como um espaço público da cidade de São Paulo com fortes possibilidades de ser transformado em parque ou simplesmente destruído. A *Folha de São Paulo* sobre esta decisão do PD é ilustrativa: “*importância das mobilizações para influenciar o desenho urbano da cidade*”.

Os primeiros embates em relação ao futuro do Minhocão – entre possibilidades de demolição e parque – começam a surgir neste mesmo ano, principalmente após a resolução prevista no Plano Diretor. É neste momento que surgem grupos articulados contrários à ideia do Minhocão como um parque e favoráveis, por exemplo, à sua demolição ou desmonte. Esta articulação civil, que gera embates, ilustra mais um discurso relacionado ao Minhocão: como uma cicatriz

⁵⁴ “De frente para o Minhocão, exposição conta a história do High Line Park, em Nova York”. Disponível em <https://bikeelegal.com/de-frente-para-o-minhocao-exposicao-conta-a-historia-do-high-line-park-em-nova-york/>. Acesso em 05/04/2019.

urbana, um problema para a cidade de São Paulo, um prejuízo que precisa ser reparado. Assim, para além da vinculação entre o Minhocão e seu projeto de parque, surge mais uma interpretação deste espaço, conforme notícia de 10/09/2014, do G1⁵⁵. É neste momento que surgem argumentações que representam estes discursos, como o surgimento do Movimento Desmonte do Minhocão, cujo manifesto ressalta o caráter negativo e prejudicial da estrutura ao seu entorno. Ainda, neste mesmo sentido, começam a surgir artigos de opinião⁵⁶ na imprensa que propõem debates mais amplos sobre o futuro do Minhocão, agora a partir de discussões de mais uma possibilidade.

O Projeto de Lei nº 0439/2015 – que resultaria na aprovada Lei nº 16.397/2016 – propôs a alteração do nome do Minhocão, para Parque Minhocão, nos momentos em que estivesse fechado para carros. Este PL contribuiu para a consolidação de uma visão do Minhocão como um verdadeiro parque, garantido por lei, cujos usos estariam relacionados à atividades de um espaço como este. Isso pode ser reforçado, ainda, pelo parecer deste PL que afirma se tratar de uma *“medida que atende o interesse local”*, que *“reflete a destinação que a população tem dado a esta via”*. Os usos são também mais delineados, principalmente através da afirmação, neste parecer, da ocorrência de atividades de lazer e cultura. Uma matéria publicada no jornal *Folha de São Paulo* em 06/07/2015⁵⁷, também ilustra estas visões, ao relatar o pronunciamento da Prefeitura de São Paulo, sobre o fechamento do Minhocão para pedestres também aos sábados, a partir das 15 horas, cujo objetivo era de transformar, gradativamente, o Minhocão em efetiva área de lazer a pedestres, ciclistas e skatistas.

Por outro lado, os debates sobre o futuro do Minhocão não deixam de acontecer e o discurso que o vincula como um problema a ser solucionado na cidade de São Paulo, também se torna cada vez mais recorrente. Isso pode ser comprovado pelo PL 486/2016, do então vereador Nelo Rodolfo, que dispunha sobre o total desmonte do Minhocão, realizada por empresa vencedora em processo de licitação específico. Segundo este PL, as vigas seriam reaproveitadas em futuras obras, a CET deveria apresentar um plano de readequação do trânsito e a Prefeitura criaria projetos

⁵⁵ “Criação de parque gera 'racha' em audiência pública sobre o Minhocão”. Disponível em <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/09/criacao-de-parque-gera-racha-em-audiencia-publica-sobre-o-minhocao.html>. Acesso em 05/04/2019.

⁵⁶ “5 razões para demolir o Minhocão”. Disponível em https://www.huffpostbrasil.com/thiago-carrapatoso/5-razoes-para-demolir-o-minhocao_a_21674947/. Acesso em 05/04/2019.

⁵⁷ “Minhocão será fechado aos carros todos os sábados à tarde”. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/07/1652407-minhocao-sera-fechado-aos-carros-todos-os-sabados.shtml>. Acesso em 05/04/2019.

de reurbanização da região. O Minhocão, neste PL, era visto como um verdadeiro problema de saúde pública.

Em 2017 começam a aparecer formas de articulação entre sociedade civil e poder público acerca do futuro do Minhocão, como foi o caso de audiência pública para discutir a possibilidade de sua transformação em parque (projeto de lei do vereador José Police Neto), conforme matéria da *Câmara de São Paulo*, publicada em 03/04/2017. Após esta articulação, tem-se em 2018 a aprovação da referida lei (16.833/2018), vetando o desmonte do Minhocão e vislumbrando a sua transformação em parque, parcial ou integralmente. Esta movimentação ilustra a predominância de um discurso que vinculava o Minhocão ao parque, como uma de suas melhores e mais viáveis possibilidades, consolidando algo que já estava em prática havia muitos anos e oportunizando uma ressignificação deste espaço a partir da negação à lógica da dependência ao carro⁵⁸.

É a partir da aprovação do parque por meio de lei que começam a ganhar destaque os blogs de viagem e turismo, que passam a escrever sobre o Minhocão. Por exemplo, em postagem do blog *Uma esquina*, intitulada “*Minhocão: São Paulo tem a sua própria versão do High Line*”, é possível se perceber projeções sobre o futuro do Minhocão, a partir de um imaginário de parque e com influências de parques elevados consolidados no mundo. Ainda, o blog *Vida no centro*, escreve sobre *7 dicas para se aproveitar melhor o parque Minhocão* – percebendo-o agora não como um elevado, um pedaço de concreto ou um espaço público e, sim, como um verdadeiro parque, a partir de sua “*consolidação como área de lazer aos moradores do entorno*”. Nesta publicação, os principais usos revelados do Parque Minhocão, relacionam-se a atividades como: caminhar, tomar sol, andar de bicicleta, balada, compras, observar os jardins verticais e os grafites, passear com o cachorro, etc. A figura 22 resume, por ano, os usos e discursos vinculados ao Minhocão, segundo o objetivo de se identificar e compreender as funções e narrativas deste espaço, ao longo de sua existência.

⁵⁸ “Razões do Parque Minhocão. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/18.209/6751>. Acesso em 06/04/2019.

Figura 22 - Usos e discursos relacionados ao Minhocão (1971-2019)

Fonte: Ana Carolina Padua Machado, 2019.

6.1.2 Conclusões parciais: que usos e discursos sobre o Minhocão?

Em relação ao quadro atual do Parque Minhocão – que foi possível de ser examinado por entrevistas realizadas, observação empírica e pesquisa documental – percebe-se a existência de certos discursos que ilustram e resumem as atuais perspectivas em torno deste espaço, oriundas de determinadas esferas representativas. Ainda, puderam-se listar os seus principais usos, enquanto parque que, conforme comprovado pela pesquisa de campo e entrevistas, estão representados pelas categorias de: **atividades físicas e práticas esportivas, socialização, refletir e observar, passear com pets, brincar com as crianças, conhecer, vendas, via de acesso, tomar sol, fotografar e passear**. Estas categorias de usos identificadas auxiliam na consolidação do Minhocão para além de uma simples via elevada, demonstrando a sua compreensão – por parte do público que o utiliza – como um

espaço público da cidade de São Paulo, com possibilidades vinculadas ao lazer e ao turismo.

Diário de campo, 5 de novembro 2018, por volta das 17 horas

Por que avistei, ao longo da minha caminhada, tantos novos empreendimentos? Eles se concentram quase que, em sua maioria, do trecho que vai do Largo do Arouche até a Praça Roosevelt, com algumas exceções, é claro. Mas, de qualquer forma, estão ali e são facilmente identificáveis! Ao lado daqueles antigos edifícios residenciais – que praticamente já existiam antes da construção do Minhocão e hoje encontram-se desvalorizados e até mesmo subutilizados – destoam os seus projetos e formas de instalação, além dos estilos bonitos e modernos. A principal diferença dos prédios antigos está no recuo de aplicação para que não fiquem extremamente próximos ao Minhocão e garantam maior privacidade e menor contato com as poluições diversas. Ainda, os primeiros andares não estão na mesma altura da dos prédios antigos pois a estratégia utilizada é, primeiro, a construção de andares de garagens para, a partir daí, dar lugar aos primeiros andares. Assim, novamente, garante-se segurança e privacidade. Mas, qual é o interesse destas empresas/incorporadoras em construir seus empreendimentos em um lugar como esse? Bem em frente ao Minhocão? De alguma forma, o Minhocão parece não significar mais algo negativo e ruim para a cidade e apresentar algumas possibilidades positivas, suficientes para atrair para a área novos investimentos, empreendimentos e, conseqüentemente, moradores. Assim, parece cada vez fazer mais sentido pensar que a concepção do Minhocão enquanto parque – e as possibilidades que apresenta para um futuro e mais consolidado parque – se torna uma das razões da volta destes empresários e investimentos ao centro da cidade e, mais especificamente, ao seu entorno. Isso se prova, ainda mais, por algumas chamadas que enfatizam a vantagem de se morar ao lado do parque Minhocão (encontrei, no site Imovelweb, a oferta da venda de um apartamento em frente ao Minhocão, com a seguinte escrita: “Apto. 3 Dorm. - 138 m² - Ao Lado Do Parque Minhocão - Barra Funda”).

- “Nova agenda de se fazer cidade” – Minhocão como oportunidade

No âmbito do poder público legislativo e articulação civil⁵⁹, é possível se identificar um discurso que visualiza o Minhocão – em forma de parque – como uma **oportunidade** e revela, de forma mais ampla, como este espaço e esta configuração explicam as novas visões de “se fazer cidade” atualmente (incluindo suas pautas,

⁵⁹ Neste caso, representados pelos entrevistados José Police Neto (vereador), Athos Comolatti e Felipe Rodrigues (Associação Parque Minhocão).

objetivos e lógicas). Assim, como anteriormente discutido, um dos efeitos visíveis da globalização, nas cidades, é a reorganização e re-funcionalização de seus espaços, trazendo-lhes novos usos e interpretações (CARMONA, 2005). O que acontece no Minhocão, atualmente – no que concerne aos seus frequentes e cada vez mais concretos esforços de transformação em parque – parece representar esta lógica da globalização, na medida em que tornam-se válidos argumentos que visualizam no parque a melhor projeção para seu futuro, uma verdadeira oportunidade para a cidade de São Paulo como um todo.

Para isso, exploram-se as vantagens deste projeto através de ampla divulgação, principalmente através da mídia. Isso pode ser entendido dentro das práticas de city marketing que, a partir das possibilidades relacionadas a um “vir a ser” do Minhocão, divulgam-se os projetos de parque como soluções dos problemas enfrentados por aquela área territorial. Esta divulgação, portanto, também auxilia na busca de apoio da população, para que a cidade atinja a sua agenda de objetivos, sejam eles econômicos, sociais ou políticos (SÁNCHEZ, 2010; VARGAS, 2016).

Nesta esfera representativa, que visualiza o Minhocão como uma oportunidade, o parque Minhocão proporcionaria ele mesmo uma solução aos problemas trazidos pela sua construção e funcionamento, principalmente ao entorno, e à carência de espaços de lazer na cidade de São Paulo. Ainda, recorrem-se aos exemplos de parques elevados bem-sucedidos no mundo (como o High Line Park e o Promenade Plantée) para se justificar a viabilidade de um possível projeto de parque (vide a justificativa do PL 664/2005, que propõe a criação do parque Minhocão).

- “Problema que a cidade enfrenta” – Minhocão como uma cicatriz urbana

Ao mesmo tempo em que ganha força o discurso que vincula o Minhocão à ideia de parque, como uma das melhores projeções para o seu futuro, o mesmo acontece para o que divulga esta obra como um verdadeiro problema da cidade de São Paulo. E, neste caso, é também representativo de atores do poder público legislativo e articulação civil⁶⁰. Assim, o Minhocão é visto como uma verdadeira cicatriz urbana para a cidade de São Paulo, cuja construção contribuiu para a decadência do seu

⁶⁰ Neste caso, representados pelos entrevistados Caio Miranda Carneiro (vereador) e Francisco Machado (Movimento Desmonte do Minhocão).

entorno que só seria solucionada com a sua desativação, representada pela demolição ou desmonte.

A visão de cidade atual não estaria em consonância com o Minhocão que representaria uma herança da ditadura militar, de um período obsoleto e decadente. Assim, este discurso vincula o Minhocão como um sinônimo de atraso, destruição e decadência. O desmonte do Minhocão representaria uma solução a este problema, ao fornecer uma nova área à cidade, livre e ampla, possibilitando manifestações relacionadas ao lazer e ao turismo, por exemplo.

Este discurso, por sua vez, se manifesta, essencialmente, nos documentos de comunicação em massa – artigos de opinião, notícias e documentos jurídicos – que refletem sobre este espaço como uma verdadeira cicatriz urbana que precisa ser superada. Também, percebe-se a divulgação deste discurso por meio de determinados atores e organizações, com especial atenção, no caso desta pesquisa, ao Movimento Desmonte do Minhocão e ao vereador Caio Miranda.

A figura 23 resume as possibilidades de usos e discursos vinculados ao Minhocão, atualmente.

Fonte: Ana Carolina Padua Machado, 2019.

6.2- O Minhocão como espaço e objeto associado a lazer e turismo

As menções ao lazer e ao turismo começam a fazer parte – mesmo que ainda de forma preliminar e indireta – a partir, principalmente, do ano de 1996, quando o elevado passa a ser fechado, legalmente, em períodos noturnos e em finais de semana (lei nº12.152/1996). A repercussão pôde ser observada na imprensa, como em notícia da *Folha de São Paulo*⁶¹, de 1998, relatando um evento organizado no Minhocão, todos os finais de semana, pela associação de moradores dos bairros de entorno. Nela, chamam a atenção expressões que, para justificar a iniciativa, afirmam a importância de se “reforçar uma área de convivência que já se manifesta aos finais de semana, quando ciclistas e pedestres tomam o seu asfalto”.

Já neste ano parece acontecer uma mudança de paradigma quanto à compreensão do Minhocão que, de elevado puro e simples, passa a desempenhar função de equipamento não-específico de lazer (REQUIXA, 1970), que oportuniza o uso por pessoas, para fins de lazer e entretenimento, aos finais de semana. Isso é reforçado, ao longo dos anos, por notícias que informavam sobre eventos, manifestações artísticas e intervenções no Minhocão, que ajudam a consolidar a ideia de se tratar de um espaço utilizado por pessoas, um palco para as suas manifestações, um cenário para o livre exercício da diversão e fruição.

A Figura 24 ilustra as relações entre as políticas públicas regularizadas e as notícias vinculadas aos efeitos destes novos acontecimentos. Assim, a partir de cada decisão oficial e pública em torno do futuro do Minhocão – garantidas por meio de leis, decretos ou artigos, por exemplo – tem-se novas constatações, acontecimentos e manifestações a serem noticiadas, sobre este espaço. E, a partir de 1996, principalmente, o novo sentido atribuído a ele – vinculado à atividade de parque – parece se manifestar com maior frequência nos materiais analisados (notícias, artigos de opinião, sites, dentre outros).

⁶¹ “Artes “congestionam” hoje o Minhocão”. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/acontece/ac27099805.htm>. Acesso em 02/03/2019.

Figura 24 - Relações entre medidas legais e notícias sobre o Minhocão

Fonte: Ana Carolina Padua Machado, 2019.

O lazer entra em pauta como uma das principais justificativas das transformações e medidas adotadas pelas gestões, ao longo dos anos, em termos de transformação do Minhocão em parque. Por exemplo, em matéria especial sobre o PD da cidade de São Paulo⁶², de 2014, tem-se fala significativa do entrevistado Fernando Haddad – então prefeito da época – ao relatar que o futuro escolhido para o Minhocão seguia uma tendência global de transformação das áreas urbanas das cidades para, no caso de São Paulo, atender a uma demanda crescente da população por áreas de lazer.

Neste mesmo ano, o Minhocão é tratado como *um “espaço público de lazer permanente”* (blog “Ciclo Vivo”⁶³) e como uma solução mais humana, uma forma de conceder aos paulistanos uma área de lazer que já faria parte de seus cotidianos (blog do “Bradesco Seguros”⁶⁴). Em meio às repercussões da possível aprovação da lei

⁶² “Governo x oposição”. Disponível em <http://infograficos.estadao.com.br/cidades/para-onde-vai-sao-paulo/capitulo-5.php>. Acesso em 03/02/2019.

⁶³ “Criação de parque suspenso no Minhocão divide opiniões”. Disponível em <https://ciclovivo.com.br/vida-sustentavel/bem-estar/criacao-de-parque-suspenso-no-minhocao-divide-opinioes/>. Acesso em 03/02/2019.

⁶⁴ “Parque Minhocão: próximo da realidade”. Disponível em <http://movimentoconviva.com.br/parque-minhocao-proximo-da-realidade/>. Acesso em 03/02/2019.

16.833/2018, no texto “Razões do Parque Minhocão”⁶⁵, o Minhocão é retratado como uma área de lazer que foi legitimada pelo uso por pessoas, ao longo dos anos. Parece ser, então, entendido como um verdadeiro equipamento de lazer, no âmbito da cidade, cuja ocorrência, segundo Marcellino, Barbosa e Mariano (2006), se trata de uma tendência urbana crescente nas grandes cidades, constituindo-se em uma prática essencialmente urbana.

Ainda, no texto desta lei citada, que aprovou a criação do Parque Minhocão, separou-se um parágrafo específico para delimitar que, caberia ao poder público municipal a realização de atividades culturais e de lazer no futuro parque, vislumbrando-se, portanto, esta prática na futura configuração do Minhocão. Ao mesmo tempo, no PL que propõe o desmonte do Minhocão, de autoria do vereador Caio Miranda, o lazer também é uma prática vislumbrada, neste caso, porém, a partir da requalificação da área urbana em questão:

“Com isso, entendemos que a completa desativação e o desmonte do Elevado João Goulart (“Minhocão”), com a devida requalificação urbana da respectiva área, a partir de soluções adequadas de mobilidade urbana e de lazer para a população, é a opção mais adequada, do ponto de vista econômico e técnico, para a cidade de São Paulo, em plena consonância com o disposto no art. 375, parágrafo único, da Lei nº 16.050, de 31 de julho de 2014 (Plano Diretor Estratégico do Município)” (CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, 2018).

6.2.1 Concepção dos usuários do Parque Minhocão a partir de discussões e conceitos de lazer e turismo urbanos

Para a discussão que envolve a reflexão sobre as possibilidades de lazer e turismo no Minhocão, parece fazer sentido compreender a concepção dos usuários do Parque Minhocão sobre este espaço, a partir de discussões e conceitos de lazer e turismo urbanos. Apesar de não existir uma pergunta que solicitasse aos entrevistados que classificassem as suas experiências no Minhocão em face das práticas de lazer e turismo, tornou-se possível esta identificação, ao longo de suas falas.

- Interpretação dos usos a partir das categorias de lazer:

Partindo da categoria **lazer**, identificaram-se entrevistados que associaram, de forma direta, os seus usos no parque às práticas de lazer. Destacaram-se declarações de

65 “Razões do Parque Minhocão”. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/18.209/6751>. Acesso em 03/02/2019.

entrevistados que relacionaram as suas atividades de lazer no Minhocão como práticas exclusivas dos finais de semana. Como exemplo, tem-se as falas dos entrevistados nº 01 (*“o horário de lazer é esse: sábado e domingo...”*) e nº 18 (*“a gente tem tão pouco lazer aqui...É uma mega opção pro domingo, por exemplo”*). Destas falas, pode-se recorrer à noção do tempo livre que, fruto das lutas trabalhistas, se exerce aos finais de semana e é utilizado para atividades de lazer, como conceitua Gomes (2014). A partir da fala de que *“a gente tem tão pouco lazer aqui”*, ilustra-se um aspecto que envolve a deficiência de equipamentos de lazer na região central da cidade e, neste caso, o Minhocão representaria uma tentativa de reversão a esta lógica - funcionando como um equipamento não-específico de lazer (REQUIXA, 1980).

Retoma-se o que afirma Zukin (2008) sobre a mudança de representação das cidades, a partir de seus espaços públicos, após a década de 1970. Segundo a autora, é neste período que as cidades tem, em seus espaços públicos, uma de suas mais claras e expoentes representações, em termos de paisagens materiais. O que se discute acima, no caso do Minhocão, parece se relacionar exatamente com esta passagem, já que tem-se, gradualmente, novas interpretações de sua materialidade, agora como um novo tipo de espaço urbano: público, que oferece novas dimensões em termos de vivências e experiências no espaço. No caso do Minhocão, suas novas interpretações e práticas, parece que – como discorreu Harvey (1992) - a cidade está sendo, de certa forma, reconsiderada em termos de possibilidades de usos e fruições de seus espaços.

Chamou a atenção usuários que classificaram o parque como uma prática de lazer associada a atividades físicas. Como exemplo, tem-se a declaração do entrevistado nº 02 sobre aliar o seu uso, relacionado ao lazer, à sua rotina de treinos para maratonas da cidade de São Paulo. Ainda, como classificado pelo entrevistado nº 03, *“como lazer mesmo, como atividade, eu gosto de caminhada, de corrida”*, e pelo entrevistado nº 06, *“a gente também pratica um pouco de esporte, patins um pouco...”*. Daí a noção da atividade física como uma *“importante prática de lazer”*, como afirmam Pines e Uvinha (2015, p. 263).

Dentro das atividades relacionadas ao lazer, no Minhocão, destacaram-se atividades de pura contemplação ou ao simples *“fazer nada”*, como formas de fuga do cotidiano atribulado. Neste sentido, o entrevistado nº 01 afirmou frequentar o espaço para *“não fazer nada, sentar”*, assim como o entrevistado nº 06, *“mais pra andar...”*

desestressar, ver pessoas, ver os animais...”. O entrevistado nº 13 completou, ao afirmar frequentar o parque para *“dar uma espairecida”*.

Isso relembra o que defende Urry (2006) que - ao discorrer sobre o conceito de *“traveling times”* - afirma que o tempo da viagem ou da espera (e, neste momento, generalizando para outros tipos de tempos da vida cotidiana) não é morto, desperdiçado. Durante este tempo, pode-se exercer as chamadas “anti-atividades”, relacionadas, por exemplo, ao relaxar, pensar, admirar a beleza do cenário, expor-se ao sol ou ao vento, dentre outros. No espaço do Minhocão, o ócio pode representar uma interessante ferramenta que proporciona uma verdadeira experiência urbana aos seus frequentadores. Ao se sentarem para “não fazer nada”, podem ter maior contato com o espaço urbano e consigo mesmos, uma reversão à lógica imposta àquele espaço e àqueles que dele utilizam. Passa, portanto, a significar mais do que um espaço de concreto, ampliando suas possibilidades: espaço de reflexão, espaço de lazer, espaço de encontros, espaço para esportes.

O lazer associado ao Minhocão também apareceu como uma forma de se estabelecer vivências e relacionamentos distintos com a cidade, na medida em que proporciona um usufruto particular de sua porção central. Assim, tem-se a ideia da cidade como espaço para a manifestação do lazer (BRANDÃO, 2006; CAMARGO, 2018; MARCELLINO; BARBOSA; MARIANO, 2006), inserindo-o no contexto urbano e em suas problemáticas. O entrevistado nº 03 ilustra estes aspectos:

“Mas gosto muito dele como área de lazer, né... E tem uma coisa que a gente particularmente gosta, é... de vivenciar este aspecto da cidade, eu acho que o Minhocão nos permite essa relação com a cidade, né... Assim, a gente mora em Higienópolis, então é uma área digamos... um pouco mais elitista, né? Bem elitista... e aí a gente vem pro Minhocão, e aí a gente interage mais com o que é o centro da cidade e tal...” (grifo nosso)

A noção de pedaço – categoria de Magnani (1994; 2012) - pode ser relacionada com certas declarações dos entrevistados que demonstraram perceber que as práticas de lazer que ali se desenvolvem são exercidas por moradores do entorno, em sua maioria, que conheceriam e reconheceriam uns aos outros. Isso pode ser exemplificado pela fala do entrevistado nº 04 (*“é um lazer, porque tô em casa”*), e o entrevistado nº 27 (*“é o lazer que a gente tem”*). Ainda, o entrevistado nº 20 registra a sua percepção, sobre o público frequentador do Minhocão, afirmando que *“o povo que anda no Minhocão é diferente, é o povo que gosta da Santa Cecília, é morador.*

Quem vem pra cá no Minhocão, são os moradores. Porque eles já habituaram a ficar aqui, né”.

É como se o Minhocão se tratasse de um prolongamento das casas ou, até mesmo, funcionasse como um grande quintal para os moradores do entorno. As pessoas “de fora”, então, são percebidas, como registra o entrevistado nº 26: *“final de semana vem os turistas aqui também né... de outros bairros, você percebe”*. Assim, uma forma de distinção – sobretudo de turistas – é explicada pelo entrevistado nº 01, que os identifica pelo ato de fotografar (*“eu acho que mais morador que aproveita... mas turismo, sim, porque a gente sabe que tem um monte de gente que adora vir tirar foto aqui”).*

Percebe-se que uma das formas de identificação daqueles que não fazem parte do “pedaço” fundamenta-se a partir de ações como a de fotografar. Quem fotografa, neste caso, seria uma pessoa de fora, que não frequentaria aquele espaço de maneira habitual e que é reconhecido, pelos pertencentes do mesmo “pedaço”, como alguém que não faz parte deste nicho. Este alguém, neste caso, poderia representar uma ampla possibilidade de atores distintos, como moradores que não do entorno e, até mesmo, turistas. Daí, percebe-se o ato de fotografar como uma forma utilizada pelos frequentadores mais assíduos do Minhocão de identificação de turistas.

Dentre as principais práticas de lazer identificadas – que configuram parte do mapeamento dos usos do Minhocão – estão atividades relacionadas a todas as categorias propostas: Atividade física e práticas esportivas; Refletir e observar; Passear; Tomar sol; Socialização; Brincar com as crianças; Passear com pets; Fotografar; Via de acesso; Vendas; Conhecer. Em outras palavras, todos aqueles entrevistados que classificaram as suas experiências no Minhocão ao contexto do lazer, desempenham atividades relacionadas a estas categorias descritas e, desta forma, no entendimento destes, tais práticas se inserem como integrantes do universo do lazer.

- *Interpretação dos usos a partir das categorias de turismo:*

Encontraram-se, nas falas de certos entrevistados, a utilização da categoria turismo para definirem as suas percepções sobre os usos do Minhocão, ainda que, conforme identificado, esta prática não esteja de toda forma consolidada em suas opiniões. Em outras palavras, a ideia do Minhocão como um espaço que recebe

atividades turísticas não é certa, percebendo-se, também, coincidência nas classificações, na medida em que alguns entrevistados o relacionaram a um espaço de lazer e turismo.

Por exemplo, o entrevistado nº 01 – morador do entorno – considerou a sua vivência no Minhocão aliado a práticas de lazer. Ao mesmo tempo, refletindo sobre possíveis outros usos, por uma variedade maior de pessoas, mencionou a possibilidade de este espaço receber atividades relacionadas ao turismo (*“eu acho que mais morador... mas turismo, sim, porque a gente sabe que tem um monte de gente que adora vir tirar foto aqui. Então eu acho que sim, já poderia até entrar na nossa propaganda turística de São Paulo...”*). Esta reflexão pode ser complementada pelo casal de entrevistados abaixo (onde A= entrevistadora; B= entrevistado; C= entrevistada):

- “B) Já acontece turismo aqui...
 A) Como vocês percebem isso?
 B) A gente percebe pelo movimento, né?
 C) Nunca são as mesmas pessoas, né? Sempre muda... Tem que pensar nos dois lados, né? Não só no lazer também, né?”

Estas afirmações parecem corroborar sobre as possibilidades de coexistência, nos espaços urbanos, entre turistas, visitantes e moradores que acabam, por sua vez, por usufruírem dos mesmos atrativos e serviços, como afirmam Hayllar, Griffin e Edwards (2011). Assim, torna-se difícil e questionável a diferenciação imediata entre estes atores, inclusive no espaço do Minhocão, onde as possibilidades vinculadas ao turismo foram levantadas por entrevistados que refletiram sobre probabilidades mais amplas de usos deste espaço, para além das suas experiências.

Isso pode ser comprovado, já que, na análise das atividades realizadas no Minhocão pelos entrevistados que classificaram suas experiências como próximas à categoria “turismo”, as práticas identificadas fazem parte das categorias: Atividade física e práticas esportivas; Refletir e observar; Passear; Socialização; Passear com pets; Fotografar; Conhecer. Desta forma, quando comparados às atividades de lazer, somente não foram englobadas as categorias Tomar sol; Brincar com as crianças; Via de acesso; Vendas. Assim, esta análise ajuda a comprovar que se torna, de certa forma, complicada a distinção estrita entre atividades que seriam típicas de turistas e outras exclusivas de residentes/moradores. As atividades podem, desta forma, coincidir e estes atores, conviverem. Esta convivência e compartilhamento no mesmo

espaço podem permitir, neste sentido, nova dimensão de usuários do Minhocão que, necessariamente, não parecem exigir diferenciações exatas entre eles.

Outro aspecto foi levantado pelo entrevistado nº 22 que, enquanto morador da cidade de São Paulo, de uma região que não a central, levantou a probabilidade de se “viajar na própria cidade” (JUDD, 2003). Por outro lado, ao se referir às atividades de moradores do entorno, no Minhocão, as aproximou da categoria do lazer (“*que querendo ou não, de fim de semana, ele agora é um espaço de lazer, né, pra população daqui...*”):

“Porque eu venho de uma região extrema, lá da capital, pra conhecer algo que não estaria no meu convívio, no meu dia a dia. Então, é um turismo entre aspas, né? Mas eu não parei pra pensar nisso ainda, mas eu acho que sim... [...] Faz sentido, né? Porque eu acho que deixa de ser turismo quando você tem aquilo no dia a dia... eu acredito, né... tipo, o carioca todo dia anda na praia, aquilo pra ele é normal... então se eu morasse em uma região que não fosse praiana no Rio, e fosse pra praia, eu acho que estaria na minha cidade e seria turista lá na região da praia... interessante, né?”

Tais observações levantadas podem se relacionar às discussões sobre as dimensões antropológicas da atividade turística – basicamente, baseadas nas mudanças de paisagens, ambientes e ritmos – que apresentam possibilidade de acontecerem, também, em contextos cotidianos da cidade, vizinhança e do lar. Se trata de uma experiência que oportuniza, aos indivíduos, reflexões mais amplas sobre si mesmos, como se em um “turismo interior” (CAMARGO, 2018, p. 22). O entrevistado nº 28 se aproxima desta ideia ao classificar possíveis vivências no parque como um “*turismo interno*”, para moradores do entorno.

Para esta concepção antropológica da atividade turística, vale resgatar a abordagem antropológica, proposta por Laplantine (2012), que trata de uma revolução, sobretudo, no nível do olhar. No contexto turístico das grandes cidades, portanto, esta abordagem pode estar presente, principalmente quando nos referimos a situações específicas que possibilitam interações entre o espaço urbano e seus indivíduos. Tais situações tipicamente urbanas, como propõe Agier (2012), podem ser melhores descritas quando subdivididas em situações extraordinárias, situações ordinárias, situações rituais e situações de passagem.

As situações extraordinárias seriam marcadas pelo imprevisto, pela alteração do cotidiano, através da oferta de situações de descobrimento e surpresas na cidade (AGIER, 2012). Os entrevistados nº 11 e 16, por exemplo, classificam as suas

vivências no Minhocão como relacionadas à atividade turística, porém a partir de sua perspectiva antropológica: *“eu acho que existe aquele turismo das próprias pessoas que moram aqui, né? [...] é uma descoberta, porque eu moro a três anos em São Paulo, então pra mim é um turismo...”* (entrevistado nº 11). O entrevistado nº 16 complementa ao dizer que: *“...acaba sendo mais um turismo até antropológico, sociológico, digamos assim, sabe? De revelar as características da cidade...”*.

Neste contexto, mostra-se possível recorrer às perspectivas abordadas nesta pesquisa que se referem basicamente às “vidas sociais móveis” (ALLIS, 2016) e do “olhar do turista” (URRY, 2002), sobre diferentes maneiras de consumo das paisagens urbanas. Neste sentido, estaríamos diante de uma nova concepção relacionada à atividade turística nas grandes cidades e, neste caso, no Minhocão – de “turistas” que são moradores da cidade de São Paulo e, quando experimentando de situação consideradas extraordinárias, como descreve Agier (2012), classificam as suas vivências como relacionadas à atividade turística, basicamente por considerá-las como verdadeiras descobertas em suas próprias cidades.

Assim, quando submetidos a estas situações – que compõem um olhar novo, antropológico e diferentes descobertas e sensações – em lugares distintos de suas próprias cidades, se consideram turistas e consomem certas regiões urbanas de maneiras distintas das habituais. Este consumo se dá não necessariamente somente em termos econômicos, mas também culturais e sociais. Se trata, pois, de uma nova interpretação da cidade e, desta forma, parece fazer menos sentido diferenciar estes atores de turistas convencionais ou até mesmo englobá-los cartesianamente como residentes da cidade de São Paulo, pois, no nível do consumo, as experiências parecem se assemelhar.

A compreensão sobreposta de práticas de lazer e turismo, como categorias similares e coincidentes é identificada, pelo entrevistado nº 24, por exemplo. Ao explicar o que visualiza em relação às práticas exercidas no parque, acaba por reunir estas práticas em uma mesma atividade, entendendo-as como uma única experiência: *“Aqui a gente vê um lazer que permite um tipo de turismo, de vivência, de lazer, um tanto quanto diferente... que talvez seja a proposta que a gente acredita, que conjugue tanto quem vem de fora, quanto também os moradores...”*. Esta fala ilustra, basicamente, a interpretação, por parte de um usuário do Minhocão, da vivência neste espaço de forma mais ampla e complexa. Se trata, assim, de uma experiência e não,

necessariamente uma prática simples relacionada, de maneira excludente, ou ao lazer, ou ao turismo.

6.2.2 Possibilidades atuais representadas pelo lazer e turismo urbanos no Minhocão

Estas evidências, juntamente com as propostas a seguir, serviram como arcabouço para a identificação de duas principais possibilidades relacionadas ao turismo e ao lazer no Minhocão. A primeira delas teria a ver com a concepção tradicional, que visualiza lazer e turismo como duas práticas distintas e possíveis de acontecer no Minhocão. Nesta concepção, o lazer seria a prática dominante na realidade do parque Minhocão, enquanto que o turismo apareceria em situações específicas, de forma não tão evidente. A segunda possibilidade estaria relacionada aos indícios identificados que demonstram a possibilidade de certa coincidência de turismo e lazer, no Minhocão, como duas práticas que acontecem neste espaço e, no nível da observação, não conseguem ser diferenciadas de forma tão exata umas das outras. Portanto, se tratam de práticas similares – realizadas por uma ampla amostra de atores – que fornecem condições para serem analisadas em suas brechas, a partir da concepção de uma vida social móvel. Os parágrafos que se seguem refletirão, em mais detalhes, estas constatações.

- **Visão tradicional:** Minhocão como evidente espaço de lazer com possibilidades relacionadas ao turismo:

Nesta concepção tradicional de lazer e turismo, o Minhocão é visto como um dos espaços de lazer da cidade de São Paulo que oferece possibilidades relacionadas ao turismo. Neste aspecto, o turismo seria uma atividade derivada das práticas de lazer que ali acontecem, podendo se manifestar em determinadas situações, não se tratando, entretanto, de algo evidente, como o lazer. Ou seja, não integrando a lógica turística oficial da cidade de São Paulo, seus roteiros e programações exclusivas aos turistas.

As evidências do não destaque ao turismo, como uma atividade que se dá no Minhocão, podem ser vistas, por exemplo, pela falta de atenção dada ao espaço pelos principais sites dos órgãos de turismo da cidade: a SPTuris e a Secretaria de Turismo. Ainda, no texto das leis – projetos de leis, leis aprovadas e justificativas – o que aparece, de fato, é a palavra lazer, sem alguma menção que utilize a palavra turismo.

De acordo com esta visão tradicional, portanto, que entende lazer e turismo como duas práticas estritamente distintas, o Minhocão é visto como um espaço predominantemente de lazer, com possibilidades autônomas vinculadas ao turismo.

Por exemplo, no conjunto atuais de possibilidades associadas ao lazer no Minhocão, destaca-se a finalidade, apontada no *TripAdvisor*, da recreação. De acordo com um comentário de um viajante⁶⁶, o Minhocão se trata de um espaço propício para andar de patins, bicicleta, caminhar e correr e, para suportar estes usos, alguns vendedores ambulantes oferecem água e água de coco. Relacionando este comentário com os estudos em lazer e turismo, tem-se o destaque à recreação, que é um dos fatores que ocorrem durante o tempo livre. Neste sentido, resgata-se a noção de “recreação pública” (PACHECO, 2016) que se insere no conjunto de possibilidades de reinterpretações dos espaços públicos, no âmbito do lazer em cidades.

Em um comentário específico no *TripAdvisor*, o Minhocão é definido como um “excelente local para ser visitado pela família paulistana”. Essa expressão parece transmitir a concepção de se tratar de um lugar para uso dos moradores da cidade de São Paulo. Isso pode ser conjugado ao resultado das entrevistas aplicadas aos usuários do Minhocão, o qual demonstrou que a grande parcela dos entrevistados são residentes da cidade de São Paulo e, deste grupo, considerável parte é representada por moradores de bairros do entorno (115, de 143 entrevistados).

A grande maioria – que representou 69% dos entrevistados usuários do Minhocão – classificou a proximidade como principal fator que os motiva a frequentá-lo, em detrimento de outros espaços de lazer da cidade. Isso indica que a proximidade pressupõe, também, que os principais frequentadores dali provêm de lugares igualmente próximos, indicando que estes usuários prezam pela praticidade e comodidade, ao se locomoverem ao Minhocão.

Do total de entrevistados, apenas 7 declararam suas origens pertencentes a outras cidades que não São Paulo e, destes, cinco são moradores de municípios da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP). Ainda, do total de entrevistados, estes representaram cerca de 2% do total, por estarem pela primeira vez no espaço. Percebeu-se a predominância, em termos de frequência de uso, de entrevistados que frequentavam o Minhocão de forma regular e em todos os finais de semana,

⁶⁶ Viajantes são os colaboradores que escrevem as suas percepções e classificações acerca de determinado atrativo, no portal TripAdvisor.

configurando algo presente na vida dos usuários entrevistados. Desta forma, percebe-se o Minhocão como uma área que oferta ao público atividade de parque e que cumpre esta função social, inserindo-se no conjunto de opções a serem procuradas – por uma diversidade ampla de atores – durante seus tempos livres.

Tais atividades parecem seguir certos princípios básicos de práticas de lazer, ao serem hedonistas, desinteressadas, libertadoras e para fins pessoais, como define Dumazedier (2000). Ainda, conforme demonstrado na apresentação das entrevistas, no âmbito desta função de parque, cumprida pelo Minhocão, possibilita-se o desempenho de um variado conjunto de atividades que se relacionam em termos de *atividades físicas e práticas esportivas, socialização, refletir e observar, passear com pets, brincar com as crianças, conhecer, vendas, via de acesso, tomar sol, fotografar e passear*.

Ao mesmo tempo em que o lazer se insere como uma prática evidente no Minhocão, o turismo aparece – mesmo que de forma não diretamente vinculada – em resquícios, pequenas evidências, que ajudam a justificar a sua ocorrência neste espaço. Por mais, por exemplo, que esta palavra não esteja citada nas publicações sobre o Minhocão nos blogs e sites de turismo analisados, o fato de este espaço ganhar publicidade neste tipo de material e ter as suas características divulgadas, é ilustrativo dos interesses, possibilidades e intenções vinculados ao turismo.

O turismo também aparece na projeção deste espaço como um parque consolidado, mediante a construção do Parque Municipal do Minhocão. No quadro atual, que convive com as primeiras providências de construção do parque, o turismo parece se inserir como uma possibilidade mais concreta, mediante esta futura transformação do espaço. No imaginário dos entrevistados usuários do Minhocão, por exemplo, parece habitar a ideia de que um equipamento urbano, como o Minhocão, somente seria atraente e procurado por turistas se estruturado como um atrativo turístico tradicional: com investimentos, melhorias estruturais, instalação de equipamentos como banheiros e bancos, dentre outros aspectos. Isso indica que a ideia do Minhocão como um atrativo turístico tradicional existe, pois o reconhecimento do seu potencial de atrair pessoas, é inegável. O que faltaria, entretanto, seriam ajustes em vistas de torná-lo confortável e, de certa forma, institucionalizado como um parque e um atrativo turístico.

Neste mesmo caminho, por parte do entrevistado José Police Neto, que representa o poder público legislativo com esforços jurídicos para a legalização do parque, o Parque Minhocão contribuiria para a criação de empregos no setor, receitas ao entorno e melhorias em suas redondezas, reconhecendo-se o seu potencial turístico. Esta visão compartilhada – do potencial turístico de um possível Parque Minhocão – pode ser contextualizada na discussão sobre o conjunto de projetos, no âmbito das posturas empreendedoras das cidades (HARVEY, 1996), que são criados, replicados e transmitidos como sinônimos de desenvolvimento, em um ambiente de competição entre cidades. Neste sentido, o projeto do Parque Minhocão – enquanto uma oportunidade turística para a cidade de São Paulo – poderia ser um exemplo de solução de tentativas de atração de recursos financeiros a uma área considerada degradada, por meios de forma de consumo do território, vinculados à possibilidades de lazer e turismo.

A figura 25 explica, em detalhes, as perspectivas que relacionam o turismo e o Minhocão a partir de sua possibilidade de parque, visão compartilhada por alguns entrevistados, tanto usuários do Minhocão, quanto atores envolvidos com ele.

Figura 25 - Perspectivas da atividade turística no Minhocão

Fonte: Ana Carolina Padua Machado, 2019

O turismo, vinculado ao Minhocão, para aqueles que vislumbram o seu desmonte não parece ser visto como uma prática, naquele espaço. Começando pela visão do vereador Caio Miranda, representante do poder legislativo que crê no potencial que um possível desmonte da estrutura traria à cidade de São Paulo (como é reforçado no PL 98/2018), o turismo viria aliado a esta ideia. Assim, o turismo no Minhocão, só seria possível através do desmonte do elevado e este, por sua vez, seria

um processo que contribuiria para a revitalização das áreas degradadas, tornando-as atraentes para turismo e turistas.

Para o representante do Movimento Desmonte do Minhocão, Francisco Machado, a sua extinção representaria uma oportunidade de se criar um novo cartão postal da cidade, agora a partir de um amplo bulevar verde, no nível do chão. Estas ideias e propostas (neste caso, de desmonte do Minhocão), podem ilustrar formas de resistência, conforme explica Jajamovich (2018) que são formas de negação e articulações contrárias a projetos oficialmente divulgados. Estas resistências criam novas articulações em torno de projetos questionadores a estes divulgados como modelos de sucesso. Assim, na visão desta esfera específica de atores, o turismo está vinculado aos projetos contrários ao divulgado oficialmente (projeto do Parque Minhocão).

A visão do Minhocão como um espaço que pode relacionar-se ao turismo se evidencia, também, pelo seu aparecimento no portal *TripAdvisor* como uma opção, na lista de atrativos turísticos da cidade de São Paulo. A Figura 26 mostra as principais palavras utilizadas, pelos viajantes, para definir o Minhocão, a partir dos títulos de seus comentários.

Figura 26 - Nuvem de palavras com as principais expressões utilizadas pelos viajantes sobre o Minhocão

Fonte: Ana Carolina Padua Machado, 2019

Neste site, é constantemente ressaltado o caráter duplo do Minhocão – de elevado e parque – que tornaria a sua vivência única, quando comparado a outros equipamentos da cidade de São Paulo. Enquanto que, quando funcionando como elevado, seu ambiente é de caos e rapidez, quando fechado, se torna calmo, tranquilo e pacífico. Assim, surge também a oportunidade de se fugir do caos urbano através da vivência no parque, tornando-se possível, segundo os viajantes, observar tudo o que não se consegue quando este volta a funcionar para os carros. Se trata de uma “nova escala de prazer e vivências urbanas” (SANCHEZ; 2018, p. 185) que estes espaços proporcionam, devido, principalmente, às suas características peculiares como altura e localização (RYBCZYNSKI, 2011).

Por outro lado, outro comentário no *TripAdvisor* chama a vivência no Minhocão de “São Paulo raiz” - expressão utilizada para designar atividades e ações originais, tradicionais de determinado povo, grupo ou pessoa. Para este viajante – que parece ser um turista – a experiência do Minhocão traz vivências originais, traduzindo realmente a essência da cidade de São Paulo. Neste sentido, parece fazer sentido refletir, na realidade do Minhocão, a ideia da busca de experiências que se aproximem da realidade local, em um contexto em que situações ordinárias e extraordinárias podem coincidir, dentro da discussão sobre o “fim do turismo” (URRY, 2002).

Na visão do poder público executivo, representado por Luís Bretas da SP Urbanismo, a ideia do turismo também está relacionada com o projeto do Parque Minhocão. O tom de oportunidade, vinculado ao turismo e à projeção do Parque Minhocão está, principalmente, na criação de um espaço que seja usufruído por pessoas, sejam elas turistas, visitantes ou moradores. O turismo, neste caso, parece ser refletido de maneira mais ampla, visto como uma prática que permite que espaços de uma cidade sejam usufruídos e ofertados para um conjunto maior de pessoas, possibilitando convivências e convívios entre elas. Assim, a interpretação de turismo, neste caso, parece estar mais conectada a uma compreensão mais ampla de mobilidades, como uma das práticas sociais e culturais das vidas móveis nas cidades (HANNAM, 2009). Se trata, pois, de um integrante do conjunto de diversas práticas urbanas, no contexto das possibilidades de coincidências entre situações extraordinárias e ordinárias (ALLIS, 2016).

Esta visão do turismo no Minhocão não parece, na visão desta esfera representativa, apresentar necessidade de ser diferenciada ou desvincilhada de outras

formas de usufruto do espaço, já que se estende a outras dimensões de públicos e possibilidades (figura 27).

Figura 27 - Turismo e vidas sociais móveis no caso do Minhocão

Fonte: Ana Carolina Padua Machado, 2019

- **Minhocão como espaço múltiplo** – reflexões sobre as brechas entre lazer e turismo:

A partir destas últimas evidências e discussões acerca das possibilidades de turismo no Minhocão, entende-se que uma nova dimensão passa a surgir acerca deste espaço e sua compreensão, em termos de lazer e turismo. Nesta dimensão, estas duas práticas não estariam mais separadas, senão podendo ser entendidas dentro de um mesmo universo, de manifestações e atividades semelhantes que coincidem em um mesmo espaço. Assim, as possibilidades de lazer e turismo no Minhocão estariam nas brechas entre estas duas práticas e, para uma melhor compreensão destas, a lente das mobilidades entraria como grande arcabouço, para se compreender um pouco mais sobre as vidas sociais móveis. Desta forma, nos parágrafos que se seguem, estas evidências serão discutidas em maiores detalhes.

Considerável parcela de entrevistados (40%) declara considerar o espaço um atrativo turístico, tendo como referência a sua concepção estrutural e de funcionamento atual. É neste grupo que surgiram reflexões sobre as possibilidades vinculadas à figura do turista, para além de suas representações tradicionais. Foi,

neste conjunto de entrevistados, que irromperam evidências empíricas para serem relacionadas às discussões teóricas sobre o fenômeno do turismo urbano. Assim, como demonstrado na apresentação dos resultados, ficou clara a relação entre as novas possibilidades de turistas – para além do entendimento tradicional – e a concepção do Minhocão como um atrativo turístico consolidado.

Faz sentido resgatar o que afirma Aldrigui (2017) de que, no fenômeno do turismo urbano, o produto oferecido é, essencialmente, a cidade, ao contrário de destinos de praia ou natureza, por exemplo. Ainda, os equipamentos que, tradicionalmente, voltavam-se aos moradores, passam a se tornar atrativos também aos turistas. É isso que parece acontecer – mesmo que em forma de projeção, por estes entrevistados – no caso do Minhocão, que se torna atraente para um público maior e diverso e, por este lado, permite convivências e compartilhamentos de seu espaço – já que acontece o que Maitland (2010) explica: uma coincidência de demandas, no espaço urbano, entre moradores e turistas. A figura 28 resume estas reflexões propostas.

Figura 28 - Relações entre turismo urbano e o Minhocão

Fonte: Ana Carolina Padua Machado, 2019

Neste sentido, caracteriza-se o Minhocão, nos blogs e portais de viagem analisados, como uma via expressa que, quando fechada para carros, se torna o Parque Minhocão e uma grande passarela para a circulação de pessoas (blog *Guia da*

*Semana*⁶⁷). Ainda, é listado como uma das melhores opções de espaços públicos para se andar de bicicleta em São Paulo, uma prática que se configura como uma experiência tipicamente paulistana. Isso se relaciona com as discussões relacionadas ao fenômeno do turismo urbano, que dizem respeito principalmente ao fato de se "venderem", aos turistas, experiências autênticas e locais, ilustrando o que acontece na vida cotidiana das grandes cidades e suas práticas urbanas (HANNAM, 2009).

Dos usuários entrevistados e moradores residentes da cidade de São Paulo, porém não de bairros do entorno do Minhocão, destacam-se as regiões oeste e leste da cidade como as mais representativas. Desta parcela de entrevistados, perceberam-se certas respostas que indicavam não familiaridade com o local, como demonstrado, por exemplo, por seus frequentadores assíduos.

A afirmação, por parte dos entrevistados, de que o Minhocão é um atrativo turístico consolidado, permitiu que eles refletissem, de maneira mais ampla, sobre quem poderiam ser os usuários daquele espaço e, mais especificamente, quem poderia ser englobado e representado pela categoria “turista”. Como ilustra a figura 29, mostrou-se que, oriundos de regiões que não representadas pelos bairros do entorno e não frequentadores assíduos do Minhocão, entrevistados refletiram sobre serem “turistas” naquele espaço, por não se tratar, para eles, de um cenário habitual, pertencente ao nível das situações ordinárias (AGIER, 2012).

Figura 29 - A figura do turista, no caso do Minhocão

Fonte: Ana Carolina Padua Machado, 2019

Quando, por exemplo, o entrevistado nº 18 afirma que, ao vir de “uma região extrema”, “para conhecer algo que não tá no meu convívio”, ele indica para uma

67 “7 lugares incríveis para andar de bike em São Paulo”. Disponível em <https://www.guiadasemana.com.br/na-cidade/galeria/lugares-para-andar-de-bike-em-sp>. Acesso em 04/02/2019.

reinterpretação da atividade turística, sobretudo nas grandes cidades, onde a troca de paisagem e ambiente em situações não-cotidianas pode funcionar como grande estímulo para a criação de situações extraordinárias. Assim, a partir desta mudança de olhar – quase que numa concepção antropológica (estranho x familiar) – possibilidades de se “viajar na própria cidade” (JUDD, 2003) parecem fazer bastante sentido (em uma espécie de “turismo interno”, como afirma o entrevistado nº 27).

Os turistas, assim, seriam reconhecidos – para além de comportamentos ditos típicos, como tirar foto, vestir-se bem ou falar outro idioma – a partir da percepção de suas origens: outros países, outras cidades e, no limite semântico dos conceitos de turismo, outros bairros da cidade de São Paulo. Esta atuação de moradores de outros bairros de São Paulo, no espaço do Minhocão, pode ilustrar uma forma de apropriação do espaço urbano como defende Pronovost (2018), por sujeitos que desbravam as cidades, as descobrem, como verdadeiros antropólogos. As brechas, portanto, entre lazer e turismo tornam-se mais visíveis a partir destes exemplos de situações urbanas.

A figura do turista também foi revista/refletida, a partir dos representantes da Associação Parque Minhocão, que enxergam o potencial – real e já existente – do Minhocão como um parque. Assim, o turismo seria visto como uma prática que já se manifesta neste espaço e que apresenta três dimensões, representados por moradores da cidade (o maior público), turistas brasileiros e turistas estrangeiros. A figura do turista seria, portanto, basicamente a pessoa que procura por experiências urbanas, sem especificidade de origem ou perfil próprio. Esta experiência urbana não se restringiria, necessariamente, a uma experiência turística e, sim, englobariam formas mais amplas de consumo socialmente organizados da paisagem urbana. O que parece estar em questão, então, nas práticas desenvolvidas no Minhocão, é a questão do olhar: pessoas que – não necessariamente e exclusivamente – turistas, consomem o espaço, a partir de um mesmo olhar, o olhar do turista, antropológico, curioso, que busca aquilo que não faz parte de seu cotidiano. Como discute Urry (2002) sobre o “fim do turismo”, parece acontecer no Minhocão – segundo a percepção desta esfera representativa de atores – um usufruto do ambiente cotidiano, que se torna espetacularizado, a partir de uma tendência infinita do olhar turístico.

O tom de descoberta associado à experiência no espaço pareceu estar presente na fala destes entrevistados, como se a ida ao centro ou ao Minhocão, por exemplo, pertencesse ao universo do extraordinário e envolvesse, assim, uma série de ações e

medidas que compunham o ato de se descobrir a cidade, experimentá-la de forma diferente. Se trata da integração gradual e significativa, do comportamento turístico na vida urbana (MAITLAND, 2010). A percepção dos entrevistados acerca do espaço, portanto, pareceu se alterar bastante e esta não se diferenciou somente entre aqueles que faziam parte das divisões entre “moradores” e “turistas”. A figura do turista convencional não esteve marcada de forma explícita, mas pôde ser percebida em certos aspectos, sinais e olhares.

No nível da observação, constatou-se realmente complicada a diferenciação imediata e exata entre turistas e não turistas – e, neste sentido, questionou-se, também, a sua real necessidade, frente à multiplicidade de práticas que ali aconteciam e compunham o espaço. Foi possível se perceber, também, aqueles que faziam parte do pedaço (MAGNANI, 2003) ou não, já que as expressões, comportamentos e corporeidades eram diferentes. Os pertencentes ao pedaço pareciam se relacionar com aquele espaço de maneira mais familiar, conhecendo os seus caminhos e a sua lógica de funcionamento. Enquanto que, os que não pertenciam a este pedaço, expressavam as suas surpresas, certo cuidado prévio à realização de suas atividades e corporeidades diferentes, que não pareciam tão familiares ao espaço.

Aqueles que faziam parte do pedaço representado pelo Minhocão pareciam mais desenvolto, libertos e à vontade com o espaço, seguindo rituais de atividades quase que automáticos, familiares. Não se animavam, por exemplo, por cada detalhe do espaço, porque aquilo já parecia ser muito habitual. Ainda, desempenhavam as suas atividades como se fizessem parte de um conjunto de outras rotineiras e pertencentes à vida normal. Normalmente, se tratavam de atividades relacionadas à categoria *atividades físicas e práticas esportivas*, geralmente dinâmicas, rápidas e funcionais, para cumprir com uma rotina de manutenção da saúde e bem-estar.

Tornaram-se perceptíveis, também, aqueles que não faziam parte do “pedaço” do Minhocão e que não o tinham como algo habitual. As expressões de surpresa por estarem em um espaço tão particular eram claras, assim como os movimentos corporais, que se diferenciavam daqueles que o frequentavam com maior regularidade. O fato de entrevistados afirmarem que escolhem o Minhocão pela vivência específica e particular que oferece, em detrimento de outras opções de parques da cidade, parece ser uma importante constatação que se relaciona com estas reações descritas.

As caminhadas eram mais lentas, com pausas para pequenas observações de detalhes ao longo do caminho. Além disso, as atividades pareciam mais estáticas e menos dinâmicas – por exemplo, como mencionado, os frequentadores mais habituais, costumavam correr e caminhar com maior velocidade, sem pausas para eventuais contemplações. Pareciam, portanto, procurar por atividades que não necessariamente envolvessem exercícios físicos e rotineiros e, sim, àquelas que determinassem algum tipo de recreação e diversão no tempo livre – como andar de patins, passeio de bicicleta, fotografar ou, simplesmente, sentar e contemplar.

6.2.3 Conclusões parciais: Quais são as possibilidades atuais representadas pelo turismo e lazer no Minhocão?

O Minhocão revela – para além de sua função tradicional – a possibilidade de interações amplas entre os espaços urbanos e seus usuários (turistas, moradores, visitantes, dentre outros). Assim, como parque, percebeu-se que os seus usos são diversos e exercidos por um conjunto diverso de pessoas, de diferentes origens e motivações. Os entrevistados, classificando as suas experiências no Minhocão, utilizaram das categorias de lazer e turismo, de formas distintas ou englobadas, para caracterizarem as suas práticas. Esta coincidência de classificações chamou a atenção na medida em que demonstra que mesmas porções da cidade podem ser usufruídas por um conjunto de pessoas diferentes, e quanto desafiador se mostra essa diferenciação de atividades – seja turismo, seja lazer ou visita – em um mundo cada vez mais definido pela lógica das mobilidades.

Desta forma, entendeu-se que as possibilidades de lazer e turismo urbanos no Minhocão podem se dar por duas formas diferentes: a primeira, mais tradicional (figura 30), entende o Minhocão como um espaço de lazer, que apresenta possibilidades, também, de se acontecer turismo (entendendo-as como duas práticas distintas). Essa concepção esteve presente nos documentos analisados e nas entrevistas realizadas.

Figura 30 - Possibilidades de turismo e lazer no Minhocão (1)

POSSIBILIDADES RELACIONADAS AO LAZER E TURISMO NO MINHOCÃO

PERSPECTIVA 1

Fonte: Ana Carolina Padua Machado, 2019

Nesta concepção, os resultados das entrevistas revelaram que determinados usuários do Minhocão o classificam como um espaço de lazer, com práticas realizadas em um espaço praticamente familiar - durante os seus tempos livres - ligadas à atividades físicas, socialização e oportunidade de descanso. Identificou-se um conjunto de atores que se reconhecem, a partir do compartilhamento do espaço, aproximando-se da concepção proposta pelo “pedaço”, de Magnani (2012). Assim, percebeu-se que a ideia do lazer, no Minhocão, surge associada ao nível do local, para além das obrigações cotidianas, cujas práticas se ligam ao divertimento, desenvolvimento e descanso, como propõe Dumazedier (2000).

Por outro lado, a segunda possibilidade (figura 31) teria a ver com a perspectiva de lazer e turismo urbanos, no Minhocão, se tratarem de práticas possíveis e correntes, cujas atividades e desempenhos não podem – e não apresentam necessidade de – serem estritamente diferenciadas. Isso se justifica, principalmente, na medida em que julga-se nebulosa a diferenciação entre quem faz lazer e quem faz turismo neste espaço, na medida em que moradores da cidade de São Paulo começam a reavaliar a possibilidade de fazerem turismo naquele espaço e em sua cidade, como um todo.

Figura 31 - Possibilidades de turismo e lazer no Minhocão (2)

POSSIBILIDADES RELACIONADAS AO LAZER E TURISMO NO MINHOCÃO

PERSPECTIVA 2

Fonte: Ana Carolina Padua Machado, 2019

Julga-se, no caso do Minhocão, justa esta segunda concepção, já que as evidências encontradas nesta pesquisa demonstram a possibilidade de “vidas sociais móveis” melhor explicarem os fenômenos urbanos, para além das categorias distintas e separadas de lazer e turismo. O Minhocão se mostra um espaço onde estas discussões fazem sentido, ao fornecer características que as enriquecem. Pode representar uma espécie de “pontapé” inicial para que se proponham novos debates, deste gênero, em outros espaços das grandes cidades do mundo. Se trata, pois, de propor esta discussão para os estudos sobre cidades e turismo, já que nossas vidas sociais e contemporâneas parecem cada vez mais exigir novas concepções e interpretações de seus fenômenos, cada vez mais dinâmicos, inter-relacionados e móveis.

Sobre as classificações que se referiram à categoria do turismo, percebeu-se as suas ocorrências quando os usuários refletiam sobre possibilidades mais amplas de usos do espaço, não necessariamente discorrendo sobre suas experiências de forma exata, mas sim refletindo sobre tudo que ali poderia se manifestar. Ainda, as análises realizadas oportunizaram uma maior reflexão acerca da abordagem antropológica da atividade turística, demonstrando as possibilidades de sua presença em situações consideradas rotineiras. Desta forma, percebeu-se reflexões mais profundas, por parte dos entrevistados, sobre suas próprias atividades, levantando possibilidades de serem “turistas em suas próprias cidades”, por exemplo.

A coincidência na classificação dos usos – a partir das categorias “turismo” e “lazer” – pode ser explicada com base nas discussões sobre o “fim do turismo”, de Urry (2002). Em nossas vidas atuais, as categorias parecem cada vez menos determinadas, diferentes e mais diluídas (CAMARGO, 2018), e isso se mostra, também, no caso do Minhocão, ao se tratar de um espaço que oportuniza um conjunto distinto de usos, a diferentes e diversos atores. Nossas vidas, materialidades e sociabilidades estão em movimento constante, com possibilidades de coexistência entre cenas ordinárias e extraordinárias. Assim, após o “fim do turismo”, emergem novas sociabilidades e estilos de vidas móveis (ALLIS, 2016; MOLZ, 2018; URRY, 2002; SELLER; URRY, 2006).

Resgatando Pronovost (2018), a dificuldade atual dos estudos em turismo urbano se centra na identificação de conceitos que englobem todas as análises que este campo proporciona – que parecem surgir das frestas entre o complexo espaço epistêmico entre o turismo e o lazer. O que se resultou das entrevistas aplicadas corrobora com isso já que se demonstrou como as barreiras entre lazer e turismo se mostram diluídas e o poder do campo das mobilidades, como ferramenta de melhores compreensões de nossos fenômenos. Demonstrou-se, ainda, como o caso do Parque Minhocão pode ser útil para ilustrar as relações entre os espaços urbanos e os fenômenos de lazer e turismo urbanos, especialmente quando observamos as práticas que se dão nas frestas entre eles.

6.3- O Minhocão pela perspectiva da circulação de modelos urbanos

A partir da compreensão da história do Minhocão, pode-se perceber a influência de outros modelos urbanos em sua trajetória, seja nos primórdios de sua construção, seja nos tempos atuais. Em outras palavras, para cada etapa do Minhocão, existiram diferentes tipos de modelos urbanos particulares que pautaram os usos e discursos vinculados a esta estrutura, contribuindo para a sua legitimação. Ao longo da trajetória deste espaço tão particular, podem-se identificar três modelos urbanos específicos que contribuíram para estas influências – as vias expressas elevadas, os parques urbanos elevados e as estruturas de transporte que foram desmontadas/demolidas. Estes modelos urbanos, portanto, estiveram presentes, ao longo do tempo, nos discursos sobre o Minhocão, fortalecendo-os e legitimando-os.

Esta constatação pôde ser identificada em pesquisas documentais – onde os modelos urbanos eram, comumente, referenciados como referências às possibilidades do que “se fazer” com o Minhocão -, entrevistas – nas quais, tanto usuários do parque, quanto atores representativos revelaram as suas referências, ao refletirem sobre o Minhocão – e observações empíricas. É importante ressaltar que, como demonstram a descrição do resultados, não pareciam estar totalmente claras as referências citadas para exemplificar estes modelos urbanos identificados, por parte, principalmente dos entrevistados usuários do Minhocão. Então, em mais de uma situação, foram utilizadas expressões vagas – como “aquele parque dos Estados Unidos” ou “algo na Coréia” – para exemplificar os modelos que eram vistos como referências em relação ao Minhocão.

A análise conjunta – proporcionada pelas técnicas propostas neste trabalho – permitiu que se compreendesse o contexto dos quais estes entrevistados se referiam, resultando nas categorias de modelos urbanos propostas: vias expressas elevadas, parques urbanos elevados e estruturas de transporte desmontadas ou demolidas.

O quadro teórico proposto pelas mobilidades e circulação de políticas e modelos urbanos tornou-se muito útil para demonstrar que, no caso do Minhocão, a sua trajetória pode ser compreendida dentro de um contexto mais amplo de movimentos – neste caso, de atributos intangíveis representados, mais especificamente, pelos modelos urbanos – que configuraram e organizaram realidades materiais (representadas pelas diversas funcionalidades ligadas ao Minhocão, ao longo do tempo) (SHELLER, URRY, 2006). Por exemplo, no caso do contexto de construção do Minhocão, como o modelo urbano de sucesso representado pelas vias expressas elevadas se movimentou de uma realidade específica (das cidades norte-americanas) e chegou, no nível dos discursos, na realidade brasileira, contribuindo para a legitimação e justificativa desta obra, na cidade de São Paulo.

Abaixo, serão apresentados modelos urbanos similares ao Minhocão, no mundo, da prática de transformação de vias elevadas, seja por meio do parque, seja pelas suas derrubadas.

Discutindo paralelos: exemplos similares no mundo

1. Promenade Plantée (Paris): O Promenade Plantée (Paris) foi construído em 1993 pela prefeitura de Paris, resultado da desativação da linha de trem *Bastilha-Vincennes*, para dar lugar a um parque elevado com estrutura para receber turistas, galerias de arte e artesões. É fornecida ao Promenade Plantée o pioneirismo nesta modalidade construtiva, que se espalhou a outras cidades (HEATHCOTT, 2013).

2. High Line Park (Nova Iorque): O High Line Park (Nova Iorque) é fruto da desativação de uma antiga linha férrea suspensa, construída em 1930 em Nova Iorque, para sua transformação em um parque elevado de 8 metros de altura.

Rapidamente, se consolidou como referência global de renovações em áreas degradadas (SÁNCHEZ, 2018). Em termos turísticos, hoje o High Line Park recebe cerca de 24 milhões de visitantes, desde 2014.

3. Cheonggyecheon (Seul): Conhecido como o “maior parque urbano do planeta”, é fruto da revitalização de um rio da cidade, que se encontrava enterrado sob uma via elevada. Os resultados foram satisfatórios para a cidade já que garantiu a diminuição de sua temperatura em mais de 5° e a redução do congestionamento (SPECK, 2017).

4. Seoulo 7017 (Seul): Entendido como uma iniciativa que representa o esforço da cidade de Seul em oferecer ambientes

caminháveis aos pedestres, o Seoulo 7017 é resultado da transformação de um antigo elevado para carros em uma passarela elevada. Inaugurado em 2017, logo se converteu em uma das principais marcas da cidade, recebendo cerca de 7,4 milhões de visitantes. (PRNEWSWIRE, 2017).

5. The Underline (Miami): A proposta para o The Underline, em Miami, é a construção de um parque na parte de baixo da linha de seu metrô de superfície, entre as estações de *Brickell* e *Dadeland South*. Com cerca de 16 km, esta área, hoje considerada degradada, receberia todas as instalações de um parque, incluindo vegetações, ciclovias, mobiliário urbano e pistas para caminhada. Se trata, por enquanto de um projeto apoiado pela Associação *Friends of the Underline*,

criada em 2014, e elaborado pelo escritório de arquitetura *James Corner Field Operations* (GAETE, 2016).

6. Nova trecho da Autopista Illia (Buenos Aires): Este caso existe, por enquanto, no nível das ideias e faz parte de um projeto mais amplo – o Plano de Urbanização da Villa 31 e 31 Bis, de iniciativa do governo de Buenos Aires (Argentina). Prevê-se, dentre outras intervenções, a construção de um novo trecho da movimentada Autopista Illia – uma rodovia de 3,5 km de extensão que funciona de acesso ao centro da cidade até a Avenida 9 de Julio, passando pela Villa 31. O projeto prevê que a antiga rodovia seja, por sua vez, transformada em um parque elevado que, segundo informações da AUSA, seria verde, público e

representaria um espaço para cultura, esporte, encontro e lazer (NUEVA...2019).

7. Perimetral (Rio de Janeiro): A antiga perimetral do Rio de Janeiro era uma via elevada cujo primeiro trecho foi inaugurado em 1960, cortando o centro histórico da cidade. As primeiras ideias para a sua demolição começam com argumentos relacionados à sua estética e engarrafamentos. A demolição de Perimetral se deu em duas fases, uma em fevereiro de 2013 e a última, em dezembro de 2014. Boa parte do material resultante da demolição passou por um processo de reciclagem urbana, aproveitando-o para outras obras da cidade. Como resultado da demolição da perimetral, deu-se lugar a uma nova orla na região central, o Porto Maravilha.

8. Big Dig (Boston): O Big Dig é o apelido dado ao megaprojeto Central Artery/Tunnel Project, que constituiu na transformação de dez vias expressas elevadas em pistas subterrâneas, na forma de túneis. O caso do Big Dig ilustra a desativação de vias expressas, enterrando-as para dar lugar a uma nova área, totalmente revitalizada. As obras do Big Dig começaram em 1998 e foram finalizadas em 2007, com custo final de 22 bilhões de dólares.

6.3.1 As vias expressas elevadas

Como demonstrado anteriormente, para a construção do Minhocão, serviram como grandes inspirações as vias elevadas norte-americanas, construídas principalmente na cidade de Nova Iorque, sob o comando de Robert Moses. Como conceitua Ward (2000), os estudos sobre a circulação de políticas e modelos urbanos centram-se, geralmente, na identificação de aspectos como os instrumentos responsáveis pela movimentação (personalidades chave, ações governamentais, dentre outros) destes atributos. Ainda, como afirma Sánchez (2010), na “geografia de circulação de modelos” tem-se o reforço destas circulações a partir de condutores representados por personalidades chave no universo urbano, eventos e conferências, consultores, consultorias, dentre outros. Tais condutores representam as relações com os centros receptores destas ideias, políticas e modelos urbanos os quais, por sua vez, também são representados por atores e instituições.

A partir destas reflexões teóricas que auxiliam na formatação do funcionamento de processos de circulação, propõe-se o exame do que aconteceu, no caso do Minhocão, a partir da circulação do modelo das vias expressas elevadas, identificando-se os principais sujeitos envolvidos em cada etapa (Figura 32).

Figura 32 - Análise do processo de circulação do modelo de vias expressas elevadas

Fonte: Ana Carolina Padua Machado, 2019.

Assim, no caso da construção do Minhocão, um argumento que parece ter contribuído para a construção de sua justificativa, perante a opinião pública, foi o sucesso das vias expressas elevadas – principalmente por conta da repercussão de suas implantações nas cidades norte-americanas – que seriam sinônimos de cidades em pleno desenvolvimento, uma verdadeira oportunidade de crescimento para a cidade de São Paulo. Portanto, este modelo que circula teve na figura de Robert Moses e do evento *Highways and Horizons*, importantes condutores que o revelaram mundo a fora, sendo recebido, no Brasil, através principalmente do Plano de Melhoramentos Públicos (que representou um instrumento de recepção deste modelo e sua posterior divulgação na cidade de São Paulo). Posteriormente, a imprensa parece também ter tido um papel importante para a divulgação das vias elevadas como novas “manias” a serem incorporadas nas cidades (Figura 33).

Figura 33 - Matéria sobre as vias elevadas como "novas manias"

Fonte: Acervo do jornal Estado de São Paulo (23/09/1969) ⁶⁸

Ainda, a circulação das vias expressas elevadas entre Estados Unidos e Brasil, revelou um processo construído através da formação de uma rede de relações de

⁶⁸ “Vias elevadas, a nova mania”. Disponível em <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19690923-28975-nac-0021-999-21-not>. Acesso em 08/04/2019.

poder – como explicam Peck e Theodore (2010) – já que se trataram de movimentos conduzidos para ressaltar a soberania de modelos urbanos norte-americanos, a partir de atores e instituições chave – de “ambos os lados”. Isso, por sua vez, ilustra a formação de processos de circulação entre o território norte americano e o brasileiro, possibilitados pelo estabelecimento desta relações de poder entre estes dois países.

6.3.2 Os parques urbanos elevados

Com o passar do tempo, apresentam-se novos sentidos ligados ao Minhocão como espaço público e parque, e outros modelos urbanos também passam a ser referenciados, como inspirações sobre o que este poderia se tornar. Estes modelos urbanos agora, não mais representados pelas vias elevadas, se referem aos parques urbanos elevados criados, geralmente, a partir de estruturas de transportes em decadência, tendo, atualmente, o High Line Park como um de seus principais expoentes.

Como mencionado anteriormente, no que concerne ao universo dos parques elevados, parece existir um movimento de influências que ilustram como espaços degradados de uma cidade podem ser revitalizados e ganhar novos sentidos e funções. A partir de casos clássicos, estes exemplos compõem uma rede que serve de influências mútuas, para espaços existentes e potenciais - em termos de soluções de áreas em desuso. Comumente, para além do High Line Park, são citados os casos do Promenade Plantée (Paris), The 606 (Chicago), Seoulo 7017 (Seul), dentre outros.

Muito se fala sobre o High Line Park, de Nova Iorque, como um modelo de regeneração urbana que muitas cidades gostariam de adotar. Portanto, parece se tratar de um modelo bem-sucedido neste universo e visto como inspiração, para outras cidades do mundo. Assim, o caso das comparações das propostas vinculadas ao Minhocão ao modelo do High Line Park, por exemplo, pode ilustrar este movimento de ideias, políticas e modelos urbanos da realidade norte-americana para a paulistana. Segundo o guia de bolso oficial do High Line Park, o parque inspirou muitos outros ao redor do mundo por representar um exemplo de como as cidades podem reutilizar suas áreas industriais para a criação de espaços públicos. Esta iniciativa é celebrada como um modelo de projetos em vias elevadas, replicado globalmente (SMALLMAN, 2017).

Percebe-se grande influência deste modelo americano, na realidade do Minhocão, principalmente devido à predominância de citações – por parte dos entrevistados – deste parque, quando discorriam sobre possíveis comparações com a realidade paulistana (como mostram os resultados descritos). No discurso defensor do parque Minhocão, também, é frequente a menção do High Line Park como um modelo bem-sucedido que garantiu uma transformação profunda na área em que se localiza, principalmente por ter se tornando um dos principais pontos turísticos da cidade.

A fala do representante da Associação Parque Minhocão (Athos Comolatti) é ilustrativa desta influência, na medida em que a descoberta do caso do High Line Park, para ele, pareceu ser crucial para que se pensasse sobre o Minhocão e, a partir disso, surgisse a Associação Parque Minhocão, como uma forma de articulação civil semelhante ao que aconteceu no caso do parque americano. Ainda, ao revelar a grande repercussão da exposição sobre o High Line Park, sediada na Associação Parque Minhocão durante a X Bienal de Arquitetura de São Paulo, ilustra, também, o seu papel como condutor de um modelo estrangeiro para que pudesse ser pensado em relação a problemática urbana específica da cidade de São Paulo. O condutor, neste caso, foi representado pela exposição e, também, pela associação, como aparato de articulação civil, os quais, juntos, contribuíram para que a ideia do modelo do High Line Park fosse divulgada no contexto da cidade de São Paulo (Figura 34).

“Aí eu falei, poxa vida, vamos oferecer o espaço, que não tava sendo usado, nem sabia como começar esse negócio, pra fazer a exposição. Aí, formalmente, eu cedi o apartamento. E aí foi um maior sucesso, porque o apartamento é do lado, os jornalistas adoram esses contrastes, polêmicas, né? Então...foram mais de mil pessoas lá, e o negócio pegou, pelo menos a ideia, né, de comparar com o High Line (quem fala?)” (Athos Comolatti)

Figura 34 - O High Line Park como influência para discussões sobre o futuro do Minhocão

Fonte: Ana Carolina Padua Machado, 2019.

É importante salientar que modelos e políticas urbanas não circulam como pacotes completos e, sim, em forma de fragmentos de ideias, particularizados de acordo com cada contexto local (PECK, THEODORE, 2010). No caso do Minhocão, não foi diferente. Foi comum encontrar nas falas dos entrevistados a recorrência ao caso do High Line Park e outros modelos também – com destaque ao Promenade Plantée e ao Seoulllo 7017 – para ilustrarem as comparações possíveis com o possível futuro do Minhocão. Entretanto, certo cuidado foi muito presente, de forma que entrevistados acabavam por pontuar que deveriam ser consideradas as particularidades locais do Minhocão, por se tratar de um contexto diferente dos demais. O entrevistado Felipe Rodrigues ressaltou esta particularidade, por exemplo, salientando que se tratam de inspirações que possuem os seus próprios recursos e especificidades.

“As referências são em lugares que fazem as coisas com muito mais recurso, né? São inspirações, mas a gente sabe que isso não se aplica no nosso contexto. A gente acompanha tudo o que acontece, no mundo, todos os parques elevados que foram criados, tem até uma coisa “efeito High Line” que se discute, só que a gente acha que o Minhocão nem entra dentro disso porque o uso dele é anterior, o High Line... e tem um projeto de 87, de um arquiteto chamado Pitanga do Amparo, que ele desenhou um parque no Minhocão. Ele não só fez essa proposta, saiu na capa do jornal. Na época, o prefeito mandou checar aquilo. Não é que foi uma coisa, só do projeto, teve publicado na mídia. Não é que o Minhocão sofre esse efeito do High Line, é uma coisa que ele tem já, é essa vocação de anos” (Felipe Rodrigues)

Portanto, identificou-se que, neste processo de circulação de modelos urbanos - representado pelo parque urbano elevado - existem condutores específicos, na realidade paulistana, que mobilizam estas referências em formas de discursos particulares, para fortalece-los como ideias viáveis para a realidade futura do Minhocão. Neste caso, percebeu-se que estes modelos urbanos circulam, na realidade do Minhocão e seu futuro, por meio de três principais agentes reconhecíveis, no escopo desta pesquisa: poder público (poder público executivo e poder público legislativo), esfera privada (articulação civil) e documentos de comunicação em massa. A figura 35 resume este condução do modelo do parque urbano elevado, a partir dos principais agentes citados.

Figura 35 - Condutores do modelo do parque urbano elevado, na realidade do Minhocão

Fonte: Ana Carolina Padua Machado, 2019.

Começando pelo **poder público executivo**, mais especificamente a SP Urbanismo – que é responsável pelo projeto do Parque Municipal do Minhocão – foram citadas, pelo entrevistado Luís Bretas (que representou esta esfera), a consideração, para se pensar o futuro projeto do parque, de experiências de requalificação de espaços degradados, nas cidades mundiais. No caso desta entrevista, foram mencionadas diretamente os casos da cidade de Seul (provavelmente os parques Seoulo 7017 e Cheonggyecheon), Nova Iorque (High Line Park) e a França (possivelmente referindo-se ao Promenade Plantée). Ainda, no material elaborado pela SP Urbanismo, de consulta pública digital sobre o parque Minhocão⁶⁹, também foi possível se identificar outros modelos de parques elevados que circulam, em relação às propostas vinculadas ao Minhocão, através da seção “análise de experiências semelhantes (estudo preliminar)”. Neste caso, foram citados os seguintes casos: High Line Park (Nova Iorque), Promenade Plantée (Paris), Cheonggyecheon (Seul), The Bentway (Toronto), The 606 (Chicago) e Seoulo 7017 (Seul).

Sobre o **poder público legislativo**, identificou-se um potencial condutor do modelo do parque urbano elevado, através do entrevistado José Police Neto. No caso desta entrevista, foram mencionados os casos do Promenade Plantée, High Line Park e vias elevadas do Japão e Coreia. O entrevistado, entretanto, não foi exato ao citar estas experiências, referindo-se a estas como “o Promenade francês” e “as grandes vias elevadas na Coreia e no Japão que foram transformadas”. Este uso não exato destas referências revela uma sutileza em sua fala, que indica uma possível não materialidade do modelo do parque elevado em somente um caso específico. Assim, a referência utilizada pelo entrevistado, a este modelo urbano, se dá com base na junção de diferentes práticas de sucesso de parques elevados do mundo. Este modelo que circula surge como resultado de um panorama maior de formulação de políticas e projetos urbanos, a partir de uma rede de atores e instituições, que ganham notoriedade e incentivos ao redor do mundo (PECK; THEODORE, 2010). Estas políticas e projetos urbanos estariam ligados, por sua vez, na visão de cidade que visualiza potencial de revitalização de suas áreas degradadas, fornecendo-as novos sentidos e usos. Estes espaços públicos resultantes seriam, como afirma Zukin (2008) os maiores expoentes de representação das cidades.

⁶⁹ “PIU Parque Minhocão”. Disponível em <https://participe.gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/parque-minhocao>. Acesso em 10/08/2019.

No âmbito da **esfera privada**, a Associação Parque Minhocão representa uma articulação civil responsável pela condução do modelo urbano de parque elevado, na medida em que o divulgam como a melhor alternativa para o futuro do Minhocão, inclusive com militâncias em prol e envolvimento com certos ambientes particulares, que vinculam-se a casos específicos. Isso se ilustra, por exemplo, pelo protagonismo desta associação em sediar, no âmbito da X Bienal de Arquitetura de São Paulo, uma exposição sobre o High Line Park em Nova Iorque. Isso foi crucial para a divulgação deste parque elevado nova-iorquino e para o início das comparações e discussões com o caso do Minhocão.

Em relação aos **documentos de comunicação em massa**, identifica-se - nos portais de viagem, artigos de opinião e notícias - a vinculação do Minhocão a outros casos de parques elevados no mundo, favorecendo as discussões ao redor deste modelo urbano na realidade paulistana e auxiliando na consolidação deste ideia.

6.3.3 As estruturas de transporte desmontadas ou demolidas

Ao mesmo tempo em que começam a despontar discursos que relacionam o Minhocão aos parques elevados – como inspirações do que poderia acontecer neste espaço – surgem, também, modelos urbanos relacionados à sua demolição ou desmonte. Neste sentido, identificam-se uma nova categoria de modelos urbanos que circulam, no nível dos discursos, sobre as possibilidades vinculadas ao Minhocão, representados por estruturas de transporte que foram demolidas ou desmontadas e deram lugar para novas áreas da cidade. Assim, comparações destes modelos com o futuro do Minhocão, passam a ser frequentes, recorrendo-se, geralmente, aos casos da Perimetral do Rio de Janeiro e do Big Dig, em Boston, para efeitos de exemplificação.

Neste processo de circulação de modelos urbanos - representado pelas experiências de derrubadas de vias elevadas – identificaram-se, no contexto desta pesquisa, condutores que servem para mobiliza-los até a realidade paulistana, para embasar as discussões sobre o futuro do Minhocão, viabilizando a ideia de seu desmonte ou demolição. Neste caso, percebeu-se que estes modelos urbanos circulam, na realidade do Minhocão e seu futuro, por meio de três principais agentes: poder público legislativo, esfera privada (articulação civil) e documentos de comunicação em massa. A figura 36 resume este condução do modelo do parque urbano elevado, a partir dos principais agentes citados.

Figura 36 - Circulação de modelos urbanos (estruturas de transporte que foram derrubadas)

Fonte: Ana Carolina Padua Machado, 2019.

Sobre o condutor representado pelo **poder público legislativo**, pode-se entender que o seu representante - responsável pela divulgação de determinados modelos de derrubadas, a partir da reflexão sobre o que poderia acontecer com o Minhocão - seria o vereador Caio Miranda. Autor do projeto de lei que prevê o desmonte do Minhocão, este entrevistado discutiu sobre as possibilidades de comparações do Minhocão com modelos urbanos relacionados a parques urbanos elevados e estruturas de transporte que foram desmontadas ou demolidas. Em um primeiro momento, reconhece a existência de comparações do Minhocão com casos de parques urbanos elevados, representados pelo High Line Park e Promenade Plantée (Paris). Porém, apesar destas comparações serem correntes, enfatiza que a “importação” do modelo para o caso do Minhocão seria praticamente improvável, devido, principalmente às características estruturais e locais, que seriam em sua opinião, muito diferentes dos dois casos de parques citados. Como uma solução, propõe uma comparação mais viável, citando o caso da Perimetral do Rio de Janeiro

como exemplo do que poderia ser replicado em São Paulo, principalmente porque deu conta de uma problemática urbana grave, através da criação de um novo espaço.

“Eu penso muito, eu me referencio no High Line e no Promenade. Mas como algo difícil de implementar no Minhocão. Eu acho que a gente poderia, se você comparar, a questão de altura é diferente nos dois e a proximidade dos prédios também. Então, eu realmente... eu vejo assim, em termos de desmonte e recuperação de vias, eu vejo na Perimetral do Rio um grande exemplo, na Coreia também teve um viaduto que foi desmontado e foi feita uma recuperação” (Vereador Caio Miranda).

Neste caso, temos a ilustração do que explica Jajamovich (2018) sobre o movimento de modelos urbanos que, em um quadro ideal, seria composto por dois elementos principais: a oferta e a demanda. A oferta estaria representada pela localidade que abriga o modelo de sucesso e o divulga para outros territórios, que seriam a demanda. Como ilustra a figura 37, o ideal, é que o movimento entre a oferta e a demanda seja bem-sucedido e contribua para a legitimação do modelo no território influenciado (Figura 37).

Figura 37 - Quadro ideal do processo de circulação de modelos urbanos

Fonte: Ana Carolina Padua Machado, 2019.

Entretanto, como explica o autor, em determinado momento pode-se acontecer de o movimento de modelos e políticas urbanas não se dar forma acabada, encontrando resistências ao longo do caminho. Estas resistências seriam conduzidas por outros atores, agora divulgando modelos urbanos alternativos que consideram a melhor opção para o território/demanda em questão. Neste momento, a circulação de resistências – o que McCann e Ward (2011), a partir de Purcell (2008), chamam de “*fast resistance transfer*” – seria uma forma de negação da lógica tradicionalmente

divulgada, conduzida a partir de uma nova rede criada, que reflete sobre outras soluções para determinada área.

No caso do Minhocão, a rede que repercute a possibilidade de demolição ou desmonte do Minhocão pode ser um exemplo da circulação de resistências ao que é tradicionalmente divulgado – o modelo do parque que, inclusive foi decidido por lei e amplamente divulgado pelo governo da cidade de São Paulo. As resistências que parecem circular seriam, portanto, modelos urbanos relacionados às experiências de desmonte e demolição de vias elevadas e, neste caso, os exemplos mais citados foram a Perimetral do Rio de Janeiro e o Big Dig em Boston (Figura 38).

Figura 38 - Embates em relação ao futuro do Minhocão

Fonte: Ana Carolina Padua Machado, 2019.

Neste sentido, o entrevistado José Police Neto afirma que *“eu fui visitar Boston, experiências de retirada (...) se isso passou a ser uma pauta do meu mandato, eu tinha que me dedicar a isso, então eu fui percorrer o mundo, pra entender o que o mundo tava fazendo”*. Isso ilustra um movimento do que chama González (2016) de *policy urban tourism* – quando sujeitos envolvidos com questões de planejamento urbano, em geral, visitam experiências inspiradoras, para reunir conhecimento e fortalecer as ideias de implantações de projetos semelhantes, em suas próprias cidades. Neste caso, se tratou do movimento de um representante do poder público a um modelo urbano de demolição de vias expressas – o Big Dig, em Boston – para reunir informações para embasarem discussões sobre um caso similar na cidade de São Paulo, o Minhocão.

No caso do representante da **esfera privada**, tem-se o entrevistado Francisco Machado, representante do Movimento Desmonte do Minhocão. Em sua fala, identificou-se um discurso que recorre a estes modelos para justificar as projeções de demolição ou desmonte do Minhocão, citando o turismo como uma importante ferramenta que viria junto destas transformações, dinamizando o lugar, tornando-o atrativo e trazendo empregos e renda. Por exemplo, este entrevistado citou como a região portuária do Rio de Janeiro – depois da demolição da antiga Perimetral – tornou-se uma das principais áreas turísticas da cidade e como isso poderia, também, acontecer no caso do Minhocão, que se tornaria um amplo bulevar verde no chão, um verdadeiro espaço turístico.

“O mesmo filme que hoje tá passando aqui, passou no Rio de Janeiro, era a mesma polêmica que tinha aqui hoje, tinha lá... uma hora o prefeito assinou o decreto e uma parte da perimetral foi implodida... e a outra parte foi desmontada, que era feito de vigas pré-moldadas... aí fizeram um bulevar olímpico, tirou a cicatriz e reconstruiu a beleza do Rio de Janeiro, da cidade maravilhosa... o Museu do Amanhã em 2017, só ele... teve mais turistas visitando do que os nossos quatro museus [...] Vai ser um grande chamariz, vai ser o nosso cartão postal (grifos nossos)” (Francisco Machado)

Essa ideia de regeneração urbana, por meio deste modelo urbano representado pela derrubada de vias expressas, pode ser vinculado, também, às estratégias de atratividade adotadas nas práticas de “empreendedorismo urbano”, que incluem um conjunto de ações que estimulem o consumo do território através do turismo, como os investimentos em áreas consideradas degradadas (HARVEY, 2005). Neste caso, a projeção que vincula o Minhocão ao modelo urbano de desmonte de vias expressas associa-se, em alguns discursos, ao turismo, visto como uma atividade que possibilitaria um novo consumo deste território, tornando-o atrativo em termos de investimentos, empregos e receitas.

Ainda, identificou-se o papel dos **documentos de comunicação** em massa – representados, essencialmente, pelas notícias e artigos de opinião – para o auxílio na divulgação destes modelos urbanos de derrubadas de vias elevadas, geralmente quando se referiam às possibilidades futuras ao Minhocão.

Por fim, julga-se importante ressaltar que estes modelos de derrubadas de vias elevadas também foram citados por entrevistados usuários do Minhocão, como comparações a este espaço. Por mais que a possibilidade de desmonte ou demolição

do Minhocão esteja pouco provável em seu futuro – devido, principalmente, à aprovação da lei 16.833 e o veto do artigo que propunha o seu desmonte -, existem pessoas que ainda vislumbram esta possibilidade, por mais que não faça parte da realidade concreta. Esta constatação parece fazer consonância com o que afirma Pesavento (2015), de que as inspirações em modelos de referência surgem a partir da problematização de realidades urbanas presentes. No caso do Minhocão, é o que parece acontecer: usuários e agentes envolvidos com o espaço, direta ou indiretamente, reconhecem o problema e aventam soluções mais ou menos factíveis – que vão desde o uso misto (portanto, incorporando parcialmente a ideia de parque elevado) até sua total demolição, apontando, com diferentes graus de precisão, casos nacionais e internacionais.

6.3.4 Conclusões parciais: De quais formas a circulação de modelos urbanos se aplica nas propostas vinculadas ao Minhocão?

Através das análises propostas, pôde-se perceber que o processo de circulação de modelos urbanos se apresenta – na realidade das propostas vinculadas ao Minhocão – em três diferentes frentes. Assim, através deste estudo tornou-se possível a identificação dos modelos que circulam e das formas de recepção destes, na realidade paulistana, com especial atenção aos atores que contribuíram para esta condução local. A figura 39 resume as conclusões propostas nos parágrafos seguintes.

A primeira frente, da **circulação das vias expressas elevadas**, ajuda a explicar a constituição histórica do Minhocão e ilustra como estes modelos tiveram grande influência para a sua construção. Se tratou do sucesso das experiências norte-americanas de construção de vias expressas elevadas, que viajou para além das fronteiras deste país, chegando, também, na realidade paulistana. Percebeu-se que esta condução teve importante contribuição de três aparatos principais: uma personalidade-chave (Robert Moses), um evento internacional (Highways and Horizons) e uma consultoria local (Plano de Melhoramentos Públicos para a cidade de São Paulo).

Sobre as maneiras atuais por onde a circulação de modelos urbanos se aplica nas propostas vinculadas ao Minhocão, identificou-se a frente representada pelos **parques urbanos elevados**. Assim, os parques urbanos elevados representariam um

modelo urbano que circula e chega até o contexto do Minhocão em forma de uma probabilidade viável ao seu futuro. Para que seja consolidado como uma ideia possível, este modelo recebeu auxílio de certos condutores, que contribuem para a sua divulgação e validação em território local. No contexto desta pesquisa, os possíveis condutores identificados foram representados por: poder público legislativo (vereador José Police Neto), poder público executivo (SP Urbanismo), esfera privada (Associação Parque Minhocão) e documentos de comunicação em massa (notícias, artigos de opinião e portais de viagem). No caso deste modelo, percebeu-se a junção de uma série de influências – com destaque para o caso do High Line Park, de Nova Iorque – que ilustram como um modelo urbano não viaja como um “pacote completo” mas, sim, é resultado de um conjunto de ideias e influências que representam um projeto urbano particular. Dentre os modelos de parques urbanos mais citados, no escopo metodológico desta pesquisa, estão o High Line Park (Nova Iorque), Promenade Plantée (Paris), Cheonggyecheon (Seul) e Seoulo 7017 (Seul).

A última frente identificada – que também ilustra as possibilidades atuais da aplicação da circulação de modelos urbanos nas propostas vinculadas ao Minhocão – é o do modelo das **estruturas de transporte que foram desmontadas ou demolidas**. Também como uma possibilidade vinculada ao futuro do Minhocão, este modelo parece ser conduzido por atores chave, que mobilizam discussões relacionadas à derrubada desta estrutura. Dentre os possíveis atores identificados, por esta pesquisa, estão o poder público legislativo (vereador Caio Miranda), esfera privada (Movimento Desmonte do Minhocão) e documentos de comunicação em massa (notícias e artigos de opinião). Os exemplos mais citados, identificados no escopo desta pesquisa, foram o Big Dig (Boston) e a Perimetral do Rio de Janeiro.

Figura 39 - O processo de circulação de modelos urbanos no Minhocão

Fonte: Ana Carolina Padua Machado, 2019.

CONCLUSÕES

Esta seção se dedica à retomada do projeto de pesquisa - que originou esta dissertação de mestrado - avaliando sua pergunta principal e seus objetivos, discutindo como esta se propõe em responde-los, além de refletir sobre suas principais conclusões e contribuições. Começaremos, pois, pela pergunta de pesquisa: “de quais formas o Minhocão pode ser entendido pela ótica da circulação de modelos urbanos e quais são seus usos e discursos representados pelo lazer e turismo urbanos?”.

Percebeu-se que o Minhocão pode ser entendido pela ótica da circulação de modelos urbanos a partir das propostas que vincularam-se a ele e seu futuro, ao longo de toda a sua trajetória. Puderam-se identificar três modelos urbanos principais que auxiliam a compreensão do Minhocão, suas transformações e discussões em torno de seu futuro. Estes - representados pelas vias expressas, parques elevados e experiências de desmonte/demolição de estruturas de transporte – podem auxiliar na explicação da história deste espaço particular, desde a sua construção até os dias atuais, a partir da identificação das principais propostas e aparatos de condução destes modelos urbanos, contextualizando-os em discussões pertinentes à realidade paulistana. Dos atores responsáveis pela condução destes modelos, no nível desta pesquisa, concluiu-se que fazem parte, de maneira geral, da: a) imprensa – notícias e artigos de opinião; b) poder público executivo e legislativo; c) eventos de sucesso; d) personalidades-chave; e) consultorias.

A partir da circulação destes modelos urbanos até a realidade paulistana, o Minhocão foi construído e, atualmente, passa por tantas transformações significativas – para além de um pedaço de concreto, é vislumbrado a partir de suas possibilidades de parque ou derrubada. Nestas duas últimas possibilidades, o turismo e o lazer manifestam-se como ferramentas, auxiliando em suas justificativas e consolidações. Ainda, as frequentes comparações com modelos urbanos de sucesso – experiências como o High Line Park ou a Perimetral do Rio de Janeiro, por exemplo -, enfatizam como tais espaços se transformaram em importantes ambientes de lazer e turismo, revitalizando as áreas e dinamizando as cidades de intervenção. E, neste sentido, como seriam vantajosas ao caso do Minhocão, possibilitando que o mesmo acontecesse em seu espaço.

Sobre os discursos, identificam-se duas frentes ilustrativas e opostas que, sintéticas, nos auxiliam em suas compreensões. Primeiro, o discurso que vincula o Minhocão como uma oportunidade, quando transformado em algo a mais para além de sua funcionalidade atual.

Geralmente vinculado à projeção do parque, este discurso aborda o Minhocão como um espaço público que possui potencial de ser explorado, já que se trata de uma oportunidade para a cidade de São Paulo, a partir de seus usos por pessoas. Ainda, revela, de forma mais ampla, as novas visões de “se fazer cidade”, a partir da projeção de um espaço público como oportunidade de se configurar como um grande projeto que solucionaria as problemáticas urbanas relacionadas ao Minhocão e seu entorno. Neste tipo de discurso, exploram-se vantagens da localidade através de práticas de city marketing com a utilização, inclusive, de narrativas vinculadas ao lazer e o turismo – como verdadeiras estratégias para auxiliar na validação e justificativa do projeto do parque.

A segunda frente se trata do discurso que vincula o Minhocão a um problema, entendendo-o como uma cicatriz urbana que não traria nenhum tipo de benefício à cidade e que, por isso, precisaria ser desativado. O Minhocão seria representativo de uma fase retrógrada da cidade de São Paulo, que não representaria mais as suas necessidades e dinâmicas atuais. Assim, a sua derrubada seria a melhor alternativa - por soluções de desmonte ou demolição, por exemplo - e, neste tipo de discurso, o lazer e o turismo também aparecem, agora vinculados a esta projeção. Assim, sem o Minhocão, com um espaço público amplo e “no chão”, o lazer e o turismo se inserem como fortes estratégias de validação deste argumento.

Sobre os usos, sabe-se que, no âmbito do parque Minhocão, são diversos, relacionados a atividades físicas e práticas esportivas, passeios, vendas, socialização, fotografar, tomar sol, conhecer, via de acesso, passear com pets, brincar com as crianças e refletir/observar. Dentro de cada categoria, conforme demonstrado, sobressaem-se um conjunto de práticas e atividades particulares que demonstram que o Minhocão se trata de um espaço multifuncional. Esta multifuncionalidade, conforme discutido, também se abre a uma série de audiências distintas – ou “usuários da cidade” – que podem compartilhar destes usos e, de maneira geral, do espaço. Tais usuários da cidade podem ser seus moradores, visitantes ou turistas e, como se discutiu, apresentam possibilidade de usufruir do Minhocão de maneiras semelhantes, na medida em que existe coincidência nos usos. Esta discussão abre caminho para a compreensão dos usos e discursos vinculados ao Minhocão, a partir das brechas conceituais entre lazer e turismo urbanos, amparada na possibilidade de suas atividades e sensações coincidirem – principalmente entre aqueles que visitam o espaço pela primeira vez, mesmo que enquanto moradores da cidade de São Paulo.

Desta forma, demonstrou-se que os usos representados pelo turismo e lazer urbanos no Minhocão apresentam possibilidade de assemelharem-se, na medida em que torna-se

realmente infrutífera a diferenciação exata entre turistas, visitantes e moradores de São Paulo. Principalmente em relação aos resultados das entrevistas aplicadas, usuários do Minhocão levantam a possibilidade de moradores da cidade de São Paulo – que não possuem a área central como habitual em suas vidas - experimentarem cenas extraordinárias e comportarem-se, desta forma, como se fossem turistas, animados pelas paisagens e cenas novas, curiosos e com ânsia de descobrimento do lugar. Ainda, na medida em que as cidades e seus espaços cada vez mais nos alertam com situações ordinárias e extraordinárias, faz-se necessária discussões sobre turismo e lazer urbanos, agora como categorias não mais separadas, e sim que apresentam conjugações interessantes. Neste sentido, as análises provenientes do campo das mobilidades, sobretudo as discussões sobre vidas sociais móveis, podem oferecer interessantes ferramentas de leitura destas brechas, entre estas duas categorias cujas fronteiras se mostram cada vez mais difusas.

Sobre o objetivo geral da pesquisa – identificar, descrever e analisar, numa perspectiva histórica, os usos e discursos associados ao turismo e lazer urbanos no Minhocão, tendo por referência a circulação de modelos urbanos – considera-se que, através da resposta da pergunta da pesquisa, este foi cumprido de forma justa. A pesquisa, neste sentido, demonstrou como os modelos urbanos – neste caso, ilustrado por políticas urbanas que privilegiam vias expressas, parques elevados e demolição de estruturas de transporte – estiveram presentes nos discursos vinculados ao Minhocão, em forma de propostas para o seu futuro e tendo, geralmente, o turismo e o lazer como justificativas, para auxiliar/chancelas estar ideias. Ainda, percebe-se certa relação entre usos e discursos sobre o Minhocão, em uma espécie de relação causa-efeito. Na medida em que tem-se discursos – como os identificados – sobre o Minhocão, tem-se a provocação para diferentes possibilidades de usos deste espaço. Ao mesmo tempo que, a partir de certos usos do Minhocão, surgem novos discursos. Percebeu-se, neste sentido, a presença de certos modelos urbanos influenciando estes usos e discursos, geralmente inserindo-se como forma de validá-los, consolidá-los ou justificá-los.

Isso se justifica, por exemplo, pelo reconhecimento dos entrevistados de modelos urbanos como comparações ao Minhocão, comprovando como discursos – geralmente vinculados, direta ou indiretamente, aos modelos urbanos analisados nesta pesquisa – podem ter efeitos aos usos deste espaço, e vice-e-versa. Em outras palavras, como os usos que se dão naquele espaço podem impactar na criação de novos discursos, geralmente animados pelo uso de inspirações e referências (modelos urbanos).

Uma perspectiva pós-estruturalista – que pressupõe a não diferenciação exata de um método estruturado, possibilitando que o pesquisador o construa e o ajuste ao longo do

percurso da pesquisa – foi bastante útil nesta pesquisa na medida em que, ao longo das investigações empíricas, principalmente, houve momentos de retorno, reflexões e ajustes nas abordagens da pesquisadora, de forma que a cada etapa se tornassem mais aprimoradas. Ainda, o uso de quatro técnicas metodológicas, em conjunto e em diálogo, cumpriu com a proposta do estudo de caso, na medida em que forneceu um amplo quadro sobre o objeto de estudo e seu fenômeno, consolidando a proposta da pesquisa exploratória e descritiva.

Por fim, o Minhocão se apresentou como uma importante chave de compreensão dos desafios urbanos que se apresentam atualmente, incluindo os seus fenômenos, estratégias e novas interpretações de seus espaços – sobretudo os públicos. Assim, através de todas as técnicas metodológicas exercitadas, percebeu-se o quanto este espaço contribuiu para novas e desafiadoras reflexões sobre as relações entre turismo e cidades, principalmente no que concerne aos seus usuários, que se mostraram diversos. Tais reflexões propostas nesta pesquisa trouxeram, assim, outra luz aos recentes fenômenos urbanos que se mostram cada vez mais complexos e multifuncionais, para além de suas funções tradicionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Minhocão se mostrou um poderoso fenômeno de estudo para amparar discussões como as propostas nesta pesquisa. Ao se tratar de um espaço tão particular para a cidade de São Paulo – fruto da transformação gradual de seus usos e discursos – e significar oportunidade de usufruto e convivências humanas, foi possível ilustrar como as categorias de lazer e turismo se mostram cada vez mais diluídas e conectadas, no âmbito das discussões das práticas urbanas e contemporâneas. De maneira mais ampla, entendeu-se como - a partir de um espaço urbano específico - o lazer, o planejamento urbano, as práticas de city marketing e o turismo podem estar relacionados e como a categoria das mobilidades (como novo paradigma das Ciências Sociais) se mostra uma importante lente para a compreensão de nossos objetos de estudo.

É importante ressaltar, conforme vivenciado nas experiências de campo – sobretudo nas entrevistas aplicadas aos usuários do Parque Minhocão – a importância de se atentar, enquanto pesquisadora, aos sinais emitidos pelos entrevistados em relação aos seus entendimentos das perguntas. Assim, através de princípios de empatia e observação, a cada etapa das entrevistas, prestou-se atenção em como os entrevistados compreendiam as perguntas, exigindo-se reconsiderações de abordagens (em termos de expressões e palavras utilizadas, por exemplo). Esta percepção é essencial, pois traduz a importância de se refletir sobre uma comunicação efetiva e democrática da entrevistadora aos entrevistados, emitindo-se uma mensagem clara e honesta. Este foi um exercício muito praticado, ao longo de todo o percurso empírico da pesquisa.

Como possíveis continuações desta pesquisa, considera-se importante o prolongamento da abordagem que o campo das mobilidades oferece, sobretudo no que concerne aos processos de circulação de modelos. Dentro de um panorama maior, entendeu-se que o Minhocão pode se inserir em uma temática mais ampla, referente ao universo dos parques elevados e das estruturas de transporte que apresentam funcionalidades ligadas ao lazer e turismo, para além de suas atribuições tradicionais. Assim, percebeu-se o poder das mobilidades em revelar – através de sua proposta teórico-metodológica – diferentes e diversas dimensões de nossos objetos de estudo. Desta forma, o Minhocão, inserido no contexto dos parques urbanos elevados, a partir do campo das mobilidades, pode oferecer uma interessante proposta de pesquisa, sobretudo aos estudos de lazer e turismo. De forma geral, é importante ressaltar a relevância da perspectiva móvel aplicada aos estudos de turismo.

Ainda, identificou-se uma demanda importante que, devido às limitações temporais da pesquisa, não pôde ser totalmente contemplada neste trabalho: a abordagem do Minhocão como um espaço duplo, considerando não somente a sua “parte de cima”, como também a “parte de baixo”. Se tratam de dois ambientes completamente diferentes e com lógicas próprias que ilustram, por sua vez, a complexidade da cidade contemporânea que é marcada por disputas diversas. Reconhecendo-se esta dualidade, é importante que, em futuros prolongamentos deste trabalho, esta disputa seja considerada, aprofundando-se, assim, as abordagens críticas desta pesquisa. Olhar para os lados, o entorno, as “partes debaixo e de cima” é imprescindível e muito rico. O Minhocão apresenta inúmeras possibilidades reflexivas e este trabalho, portanto, se insere como mais uma contribuição a esse leque de abordagens.

Por fim, considera-se que o Minhocão passou de um espaço não óbvio, que se mostrou de grande relevância para uma pesquisa de mestrado na área do turismo. Assim, quando certos espaços de uma cidade – que aparentemente não parecem oferecer evidências e potenciais para pesquisas – se devidamente explorados, podem proporcionar grandes e proveitosos resultados científicos. Se trata, pois, de uma forma positiva e robusta de compreendermos os espaços urbanos, explorando-os cientificamente por formas mais diversas e plurais – inclusive, no campo do Turismo.

REFERÊNCIAS

- ADEY, Peter. If Mobility is Everything Then it is Nothing: Towards a Relational Politics of (Im)mobilities. **Mobilities**, v.1, n.1, p. 75-94, mar.2006.
- AGIER, Michel. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.
- ALDRIGUI, Mariana. Turismo Urbano: Um olhar para o quase invisível. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, São Paulo, n. 4, p. 131-143, mai. 2017.
- ALLIS, Thiago. **Projetos urbanos e turismo em grandes cidades: o caso de São Paulo**. 2012. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- ALLIS, Thiago. Viajantes, visitantes, turistas...: Em busca de conceitos em um mundo urbano. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 14, p.23-38, 2014.
- ALLIS, Thiago. Em busca das mobilidades turísticas. **Plural**, São Paulo, v.23, n.2, p. 94-117, dez.2016.
- ALVES, Zélia; SILVA, Maria Helena. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, [s.l], n. 2, p. 61-69, jul. 1992.
- ANELLI, Renato Luiz; SEIXAS, Alexandre. O peso das decisões: o impacto das redes de infraestrutura no tecido urbano. In: ARTIGAS, Rosa; MELLO, Joana; CASTRO, Ana Claudia (Org.). **Caminhos do elevado: Memória e projetos**. São Paulo: Secretaria Municipal de Planejamento, 2008. p. 59-73.
- ANDERSON, Jon; ERSKINE, Kathryn. Tropicophilia: A Study of People, Place and Lifestyle Travel. **Mobilities**, v.9, n.1, p. 130-145, nov.2012.
- ARTIGAS, Rosa. Prefácio. In: ARTIGAS, Rosa; MELLO, Joana; CASTRO, Ana Claudia (Org.). **Caminhos do elevado: Memória e projetos**. São Paulo: Secretaria Municipal de Planejamento, 2008. p. 13-16.
- ARTIGAS, Rosa; MELLO, Joana; CASTRO, Ana. 2º Prêmio Prestes Maia de Urbanismo: as propostas para o Minhocão. In: ARTIGAS, Rosa; MELLO, Joana; CASTRO, Ana Claudia (Org.). **Caminhos do elevado: Memória e projetos**. São Paulo: Secretaria Municipal de Planejamento, 2008. p. 59-73.
- ASWORTH, Gregory; PAGE, Stephen. Urban tourism research: Recent progress and current paradoxes. **Tourism Management**, v. 32, n. 1. P. 1-15, fev. 2011.
- ASHWORTH, Gregory. Urban Tourism: an imbalance in attention. In: COOPER, C.P. **Progress in Tourism, Recreation and Hospitality Management**. Londres: Belhaven, 1989. 33-54.
- ASHWORTH, Gregory; TUNBRIDGE, John. **The tourist - historic city: retrospect and prospect of managing the heritage city**. Londres: Routledge, 1990.
- ASSUNÇÃO, Eduardo Luiz de Lima. **Minhocão e arredores: degradação e resiliência (1970 - 2016)**. 2016. 364 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.
- AZEVEDO, Paulo Henrique; BRAMANTE, Antonio Carlos (Org.). **Gestão estratégica das experiências de lazer**. Curitiba: Appris, 2017.
- BAHIA, Mirleide Chaar; FIGUEIREDO, Silvio Lima. O direito à cidade: Reflexões sobre espaço público e lazer. In: AZEVEDO, Paulo Henrique; BRAMANTE, Antonio Carlos (Org.). **Gestão estratégica das experiências de lazer**. Curitiba: Appris, 2017. Cap. 8. p. 135-149.
- BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. São Paulo: Zahar, 1999.

BERTONI, Estêvão. **O que é e para que serve o Minhocão**. 2017. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/10/11/O-que-é-e-para-que-serve-o-Minhocão>>. Acesso em: 26 fev. 2018.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em tese**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan.2005.

BOWEN, Glenn A. Document Analysis as a Qualitative Research Method. **Qualitative Research Journal**, v. 9, n. 2, p.27-40, 3 ago. 2009.

BRANDÃO, Carlos Antônio (Org.). **As cidades da cidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

BÜSCHER, Monika; URRY, John. Mobile Methods and the Empirical. **European Journal of Social Theory**, v.12, n.1, p. 99-116, fev.2009.

BOWEN, Glenn A. .Document Analysis as a Qualitative Research Method. **Qualitative Research Journal**, [s.l.], v. 9, n. 2, p.27-40, 3 ago. 2009. Emerald.

CAMARGO, Luiz Octavio. Perspectivas contemporâneas do lazer. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, São Paulo, [s. l.], n. 1974, p. 8–34, 2018.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO (Município). Projeto de Lei nº 98, de 04 de maio de 2018. "**Dispõe Sobre O Desmonte do Elevado João Goulart ("Minhocão")**". São Paulo, SP.

CAMPOS, Candido Malta. Eixo da ambiguidade: a região da Avenida São João nas inversões do tempo. In: **Caminhos do elevado** – memória e projetos. ARTIGAS, Rosa; MELLO, Joana; Castro, Ana Claudia (orgs.). São Paulo: Secretária Municipal de Planejamento – Sempla, 2008. 144 p.

CARMONA, Marisa. Introducción. In: CARMONA, Marisa; ARESSE, Álvaro. **Globalización y Grandes Proyectos Urbanos**. Buenos Aires: Infinito, 2005. Cap. 1. p. 24-26.

CASTANHEIRA, Elisabete Barbosa. **Práticas criativas e territórios emergentes: o hibridismo do/nos elevados**. 2015. 129 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015

COHEN, Scott. Lifestyle travelers: backpacking as a way of life. **Annals of Tourism Research**, v. 38, n. 4, p. 1535-1555, out.2011.

COHEN, Scott; DUNCAN, Tara; THULEMARK, Maria. Lifestyle Mobilities: The Crossroads of Travel, Leisure and Migration. **Mobilities**, v.10, n.1, p. 155-172, ago.2013.

COLES, Tim; HALL, Colin Michael; DUVAL, David Timothy. Mobilizing Tourism: A Post-disciplinary Critique. **Tourism Recreation Research**, [s.l.], v. 30, n. 2, p.31-41, jan. 2005.

CRESSWELL, Tim. Towards a politics of mobility. **Environment And Planning D: Society and Space**, v. 28, n. 1, p. 17-31, jan. 2010.

DENCKER, Ada. **Pesquisa em Turismo: Planejamento, Métodos e Técnicas**. 9 ed. São Paulo: Futura, 1998. 335 p.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

EDWARDS, Deborah; GRIFFIN, Tony; HAYLLAR, Bruce. Urban Tourism Research. **Annals of Tourism Research**, [s.l.], v. 35, n. 4, p.1032-1052, out. 2008.

FRANKLIN, Adrian; CRANG, Mike. The trouble with tourism and travel theory? **Tourist Studies**, Londres, Thousand Oaks e Nova Delhi, v. 1, n. 1, p.5-22, 2001.

GAETE, Constanza. **The Underline, o parque linear de 16 km que será construído sob o metrô de Miami**. 2016. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/784970/the-underline-o-parque-linear-de-16-km-que-sera-construido-sob-o-metro-de-miami>>. Acesso em: 02 abr. 2019.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. São Paulo: Artmed Editora, 2009, 195 p. Tradução de Roberto Cataldo Costa.

GEHL, Jan. **La humanización del espacio urbano: la vida social entre los edificios**. Barcelona: Reverté, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.

GOMES, Cristiane. **Lazer – Concepções**. In: GOMES, Cristiane (Org.). **Dicionário crítico do lazer** Belo Horizonte: Autêntica. Cap. 29, p. 119 – 125. 2014.

GOMES, Fábio Guedes. Conflito social e welfare state: Estado e desenvolvimento social no Brasil. **Revista de Administração Pública**, [s.l.], v. 40, n. 2, p.201-234, abr. 2006.

GONZÁLEZ, Sara. Bilbao and Barcelona ‘in Motion’. How Urban Regeneration ‘Models’ Travel and Mutate in the Global Flows of Policy Tourism. **Urban Studies**, [s.l.], v. 48, n. 7, p.1397-1418, 10 set. 2010.

GORELIK, Adrián. El comparatismo como problema: una introducción. **Prismas, revista de historia intelectual**, n.8, p. 121-128, 2004.

GUILLÉN, Maria Isabel Camañes. **Sob[re] o Minhocão: Apropriações, arte e festa**. 2016. 187 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.

HANNAM, Kevin; SELLER, Mimi; URRY, John. Editorial: Mobilities, Immobilities and Moorings. **Mobilities**, v.1, n.1, p. 1-22, mar.2006.

HANNAM, Kevin; BUTLER, Gareth; PARIS, Cody. Developments and key issues in tourism mobilities. **Annals of Tourism Research**, v. [s.l.], v. 44, p.171-185, jan. 2014.

HANNAM, Kevin. The End of Tourism? Nomadology and the Mobilities Paradigm. In: TRIBE, Jonh (Ed.). **Philosophical Issues in Tourism**. Bristol: Channel View Publications, 2009. p. 101-113.

HAYLLAR, Bruce et al. **Turismo em cidades: Espaços urbanos, lugares turísticos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. 158 p. (Coleção Eduardo Sanovicz de Turismo). Tradução de Ana Paula Spolon e Jorge Camargo.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. 1. Ed. São Paulo: Annablume, 2005. 252 p. (Coleção Geografia e Adjacências)

HARVEY, David. O pós-modernismo na cidade: arquitetura e projeto urbano. In: **A condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1992. p. 69-96.

HARRIS, Andrew; MOORE, Susan. Planning Histories and Practices of Circulating Urban Knowledge. **International Journal of Urban and Regional Research**, v.37, n.5, p. 1499-1509, set.2013.

HAYLLAR, Bruce; GRIFFIN, Tony; EDWARDS, Deborah. Turismo em áreas urbanas: compreendendo o campo de estudo. In: HAYLLAR, Bruce et al. **Turismo em cidades: Espaços urbanos, lugares turísticos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. Cap. 1. p. 1-7. (Eduardo Sanovicz de Turismo). Tradução de Ana Paula Spolon e Jorge Camargo.

HEALEY, Peter. Circuits of Knowledge and Techniques: The Transnational Flow of Planning Ideas and Practices. **International journal of urban and regional research**, v. 37, n.5, p. 1510-1526, set.2013.

HEATHCOTT, Joseph. The Promenade Plantée. **Journal of Planning Education and Research**, v. 33, n. 3, p.280-291, 2013.

HENRIQUES, Eduardo Brito. A cidade, destino de turismo. **Revista da Faculdade de Letras - Geografia**, Porto, v. 19, n. 1, p.163-172, 2003.

JAJAMOVICH, Guillermo. Miradas sobre intercâmbios internacionales y circulación internacional de ideas y modelos urbanos. **Andamios**, México, v. 10, n. 22, p. 91-111, mai./ago. 2013.

JAJAMOVICH, Guillermo. Puerto Madero en movimiento: un abordaje a partir de la circulación de la Corporación Antiguo Puerto Madero (1989-2017). Buenos Aires: Teseopress Design, 2018. 160 p.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Coleção cidades). Tradução de Carlos S. Mendes Rosa.

JENCKS, Charles. **The language of post-modern architecture**. Londres, Rizzoli, 1984.

JUDD, Dennis R. El turismo urbano y la geografía de la ciudad. **Revista Eure**, Santiago do Chile, v. 87, n. 29, p.51-62, set. 2003.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo**. São Paulo: Aleph, 2009.

LAKATOS, Eva; MARCONI, Marina. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2003. 311 p.

LAPLASTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

LIMA, Maria Alice Dias da Silva; ALMEIDA, Maria Cecília Puntel de; LIMA, Cristiane Cauduro. A utilização da observação participante e da entrevista semi-estruturada na pesquisa em enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. especial, n. 20, p.130-142, 1999.

LIMA, Luiz Augusto; FERREIRA, Luiz Fabiano, FRAGOSO, Rafael. Pesquisas em fenomenologia compreendem lazer, o ócio e o trabalho. **Revista teoria e prática da educação**, v. 8, n. 2, p. 25-41, 2005.

LITCKE, Hélène; LOCKE, Ryan; HAAS, Tigran. Taking the High Line: elevated parks, transforming neighborhoods and the ever-changing relationship between the urban and nature. **Journal Of Urbanism: International Research on Placemaking and Urban Sustainability**, v. 9, n. 4, p.353-371, 2015.

LUNA, Francisco; MAGALHÃES JÚNIOR, Manuelito. Uma cicatriz urbana. In: ARTIGAS, Rosa; MELLO, Joana; CASTRO, Ana Claudia (Org.). **Caminhos do elevado: Memória e projetos**. São Paulo: Secretaria Municipal de Planejamento, 2008. p. 7-9.

LUNGO, Mario. Globalización, Grandes Proyectos y Privatización de la Gestión Urbana. In: CARMONA, Marisa; ARESSE, Álvaro. **Globalización y Grandes Proyectos Urbanos**. Buenos Aires: Infinito. Cap. 2, p. 47-56.

LOIOLA, Luís Eduardo. Viaduc des Arts, promenade plantée. Um recorte sobre a produção de espaço público em Paris. *Minha Cidade*, São Paulo, ano 16, n. 189.02, **Vitruvius**, abr. 2016.

MAGNANI, José Guilherme. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2003, 192 p.

MAGNANI, José Guilherme. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, 2009.

MAGNANI, José Guilherme. **O (velho e bom) caderno de campo**. Disponível em: <<http://nau.fflch.usp.br/textos>>. Acesso em: 07/07/2018.

MAGNANI, José Guilherme. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MAITLAND, Robert. Everyday life as a creative experience in cities. **International Journal of Culture, Tourism and Hospitality Research**, v. 4, n. 3, p. 176-185. 2010.

MARCELLINO, Nelson; BARBOSA, Felipe; MARIANO, Stéphanie. As cidades e o acesso aos espaços e equipamentos de lazer. **Impulso**, Piracicaba, v. 17, n. 44, p. 55-66, 2006.

MARTINS, José Clerton. Lazeres e tempos livres, entre os ócios desejados e os negócios necessários. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, São Paulo, p. 35-44, 2018.

MARTINS, Gilberto; THEÓPHILO, Carlos. **Metodologia da Investigação Científica para Ciências Sociais Aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2007. 225 p.

MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, Antonio A. (org). **O espaço da diferença**, São Paulo: Papirus, 2000, p. 176-185.

MCCABE, Scott. Who is a Tourist? Conceptual and Theoretical Developments. In: TRIBE, John (Ed.). **Philosophical Issues in Tourism**. Bristol: Channel View Publications, 2009. p. 25-42.

MCCANN, Eugene. WARD, Kevin. Relationality/territoriality: Toward a conceptualization of cities in the world. **Geoforum**, v. 41, n. 2, p. 175 – 184, mar.2010.

MCCANN, Eugene; WARD, Kevin. Urban assemblages: territories, relations, practices and power. In: MCCANN, Eugene; WARD, Kevin (Ed.). **Mobile urbanism: Cities and policymaking in the global age**. Londres: University Of Minnesota Press, 2011. Cap. 1. p. 13-35.

MCCANN, Eugene. Mobilities, politics, and the future: Critical geographies of green urbanism. **Environment And Planning A**, v. 49, n. 8, p. 1816-1823, mai.2017.

MINAYO, Maria Cecília. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Abrasco, 1992, 269 p.

MOLZ, Jennie Germann. After the end of tourism. In: JENSEN, Ole B.; KESSELRING, Sven; SELLER, Mimi (Ed.). **Mobilities and complexities**. New York: Routledge, 2018. Cap. 15. p. 101-106.

NASCIMENTO, Ana Paula; MOTTA, Renata. Intervenções artísticas no Minhocão. In: ARTIGAS, Rosa; MELLO, Joana; CASTRO, Ana Claudia (Org.). **Caminhos do elevado: Memória e projetos**. São Paulo: Secretaria Municipal de Planejamento, 2008. p. 47-57.

NOVICK. Alicia. La ciudad, el urbanismo y los intercambios internacionales. Notas para discusión. **Revista Iberoamericana de Urbanismo**, v.1, n.1, p. 4-13, jan.2009.

OLIVEIRA, Fabrício Leal de; LIMA JÚNIOR, Pedro de Novais. Grandes Projetos Urbanos: Panorama da experiência brasileira. In: CUENYA, Beatriz; NOVAIS, Pedro; VAINER, Carlos. **Grandes Projetos Urbanos: olhares críticos sobre a experiência argentina e brasileira**. Porto Alegre: Masquatro, 2013.

VARGAS, Heliana. Turismo Urbano e os consumidores de lugar. In: Turismo, arquitetura e cidade. VARGAS, Heliana Comin; PAIVA, Ricardo Alexandre (Org.). **Turismo, arquitetura e cidade**. Barueri: Manole, 2016. Cap. 7. p. 151-163. (Série Intervenções Urbanas).

VEAL, A. J. **Metodologia de pesquisa em lazer e turismo**. São Paulo: Aleph, 2011. 542 p. (Série Turismo). Tradução de Gleice Guerra e Mariana Aldrigui.

PACHECO, Reinaldo. Lazer e cidades: protagonismos e antagonismos nas lutas por espaço. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, São Paulo, [s.l.], p. 92-103, 2016.

PAIVA, Ricardo Alexandre. Turismo, produção e consumo do espaço. In: VARGAS, Heliana Comin; PAIVA, Ricardo Alexandre (Org.). **Turismo, arquitetura e cidade**. Barueri: Manole, 2016. Cap. 2. p. 33-54. (Série Intervenções Urbanas).

PEARCE, Douglas G. An integrative framework for urban tourism research. **Annals Of Tourism Research**, v. 28, n. 4, p.926-946, 2001.

PECK, Jamie. THEODORE, Nik. Mobilizing policy: Models, methods and mutations. **Geoforum**, v. 41, n. 02, p. 169-174, mar. 2010.

PESAVENTO, Sandra. Entre práticas e representações: a cidade do possível e a cidade do desejo. In: RIBEIRO, Luiz. PECHMAN, Robert. **Cidade, povo e nação: gênese do urbanismo moderno**. Rio de Janeiro: Capital Editora, 2015. P. 377 – 396.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 96 p. (Coleção Estudos Culturais). Tradução de Tomaz Tadeu da Silva.

PINA, Luiz; GOULART, Lucas; SEIXAS, Sandra. Espaços e equipamentos de lazer. In: AZÊVEDO, Paulo Henrique; BRAMANTE, Antonio Carlos (Org.). **Gestão estratégica das experiências de lazer**. Curitiba: Appris, 2017. Cap. 13, p. 189-198.

Pines J., A. R. & Uvinha, R. R. (2015). Atividade física como opção de lazer: reflexões sobre os jovens frequentadores do “sesc consolação”. **Educación Física y Deporte**, 34 (2), 359-388 Jul.-Dic. <http://doi.org/10.17533/udea.efyd.v34n2a04>.

PIU Parque Minhocão: 1ª consulta pública – Elementos prévios ao desenvolvimento do projeto. Disponível em: <<https://participe.gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/parque-minhocao>>. Acesso em: 28 maio 2019.

POZZEBON, Marlei; DE FREITAS, Henrique. Pela aplicabilidade – com um maior rigor científico – dos Estudos de Caso em Sistemas de Informação. **RAC**, v. 2, n. 2, p. 143 – 170, 1998.

PRNEWswire. Revista Exame. **Nova via para pedestres “Seoullo 7017” para uma cidade mais caminhável**: preservando a história e a memória de Seul através da revitalização urbana. 2017. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/negocios/releases/nova-via-para-pedestres-seoullo-7017-para-uma-cidade-mais-caminhavel-preservando-a-historia-e-a-memoria-de-seul-atraves-da-revitalizacao-urbana/>>. Acesso em: 25 maio 2019.

PRONOVOST, Gilles. **Práticas culturais em espaços urbanos**. 2018. Seminário apresentado no Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo, em 23/04/2018 (Comunicação oral).

PURCELL, Mark. **Recapturing democracy**: neoliberalization and the struggle for alternative urban futures. Londres e Nova York: Routledge, 2008. 207 p.

RAIMUNDO, Sidinei; SARTI, Antonio Carlos. Parques urbanos e seu papel no ambiente, no turismo e no lazer da cidade. **Revista Iberoamericana de Turismo**, Penedo, v. 6, n. 2, p. 2-24, 2016.

RECHIA, Simone; SILVA, Emília; Gonçalves, Sobczynski. A praça é nossa, vamos revitalizá-la! Conexão entre lazer, educação urbana e práticas ambientais. In: AZÊVEDO, Paulo Henrique; BRAMANTE, Antonio Carlos (Org.). **Gestão estratégica das experiências de lazer**. Curitiba: Appris, 2017. Cap. 9, p. 151-160.

REQUIXA, Renato. **Sugestões de diretrizes para uma política nacional de lazer**. São Paulo: SESC, 1980.

RIBEIRO, Luiz. Transferências, empréstimos e traduções na formação do urbanismo no Brasil. In: RIBEIRO, Luiz. PECHMAN, Robert. **Cidade, povo e nação: gênese do urbanismo moderno**. Rio de Janeiro, Capital Editora, 2015. P. 15 – 21.

ROJEK, Chris. URRY, John. **Touring Cultures: Transformations of Travel and Theory**. Londres e Nova York: Taylor & Francis e-Library, 2003, 214p.

ROLNIK, Raquel. **O lazer humaniza o espaço urbano**. In: SESC SP (Org.), Lazer numa sociedade organizada. São Paulo: SESC São Paulo, 2000.

ROSANELI, Alessandro. et al. Apropriação do espaço livre público na metrópole contemporânea: o caso da Praça Tiradentes em Curitiba/PR. **urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana**, [s. l.], v. 8, n. 3, p. 359–374, 2016.

RYBCZYNSKI, Witold. **Bringing the High Line Back to Earth**. 2011. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2011/05/15/opinion/15Rybczynski.html>. Acesso em: 18 jan. 2019.

SÁNCHEZ, Fernanda. **A reinvenção das cidades para um mercado mundial**. 2 ed. Chapecó: Argos, 2010. 555 p. (Grandes Temas).

SANCHEZ, Renata Latuf de Oliveira. Superfícies de Contato Urbanas: Arquitetura, espetáculo, arte, cidade. **Revista Ara**, n. 4, p.182-205, 2018.

SASSEN, Saskia. **Cities in a world economy**. 4. ed. Los Angeles: Sage, 2012. 399 p. (Sociology for a new century series).

SCHWARTZ, Gisele; TEODORO, Ana Paula; PACHECO, José Pedro. Gestão do lazer: entraves e perspectivas relativos à produção acadêmicas. In: AZÊVEDO, Paulo Henrique; BRAMANTE, Antonio Carlos (Org.). **Gestão estratégica das experiências de lazer**. Curitiba: Appris, 2017. Cap. 3, p. 45-55.

SELBY, Martin. **Understanding Urban Tourism – Image, Culture and Experience**. Londres: I.B Tauris & Co Ltd, 2004. 228p.

SELBY, Martin; HAYLLAR, Bruce; GRIFFIN, Tony. A experiência do turista nas áreas funcionais turísticas. In: HAYLLAR, Bruce et al. **Turismo em cidades: Espaços urbanos, lugares turísticos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. Cap. 8. p. 103-114. (Eduardo Sanovicz de Turismo). Tradução de Ana Paula Spolon e Jorge Camargo.

SELDIN, Claudia. Práticas culturais como insurgências urbanas: o caso do Squat Kunsthau Tacheles em Berlim. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 17, n. 3, p. 68, 2015. Disponível em: <<http://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/5070>>.

SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007, 205 p.

SHELLER, Mimi; URRY, John. The New Mobilities Paradigm. **Environment and Planning A**, [s.l.], v. 38, n. 2, p.207-226, fev. 2006.

SHELLER, Mimi; URRY, John (Ed.). **Tourism Mobilities: Places to Play, Places in Play**. Londres, Routledge, 2004.

SILVA, Isabela Oliveira P. da et al. Espaço urbano, fluxos e direitos: percursos no Elevado João Goulart (Minhocão). **Abstrato**: Revista eletrônica dos discentes da Escola de Sociologia e Política da FESPSP, São Paulo, v. 9, n. 1, p.64-74, 2017.

SINHA, Amita. Slow landscapes of elevated linear parks: Bloomingdale Trail in Chicago. **Studies in the History of Gardens & Designed Landscapes**, v. 34, n. 2, p.113-122, 2013.

SPECK, Jeff. **Cidade caminhável**. São Paulo: Perspectiva, 2017, 278 p.

SMALLMAN, Ethan. **From Chicago to Sydney, how New York ignited a global High Line craze**. Disponível em <http://edition.cnn.com/style/article/osm-high-lines-paris-seoul-new-york/index.html>. Acesso em 04/08/2019.

TEDESCHI, Sirley Lizott; PAVAN, Ruth. A produção do conhecimento em educação: o Pós-estruturalismo como potência epistemológica. **Práxis Educativa**, v. 12, n. 3, p.772-787, 2017.

UVINHA, Ricardo Ricci. O futuro das experiências do lazer. In: AZEVÊDO, Paulo Henrique; BRAMANTE, Antonio Carlos (Org.). **Gestão estratégica das experiências de lazer**. Curitiba: Appris, 2017. Cap. 1. p. 19-29.

URRY, John. Mobility and Proximity. **Sociology**, v. 36, n. 2, p. 255-274, mai.2002.

VARGAS, Heliana. Turismo Urbano e os consumidores de lugar. In: Turismo, arquitetura e cidade. VARGAS, Heliana Comin; PAIVA, Ricardo Alexandre (Org.). **Turismo, arquitetura e cidade**. Barueri: Manole, 2016. Cap. 7. p. 151-163. (Série Intervenções Urbanas).

VAINER, Carlos. Grandes Projetos Urbanos. Significados e formas de avaliação. In: CUENYA, Beatriz; NOVAIS, Pedro; VAINER, Carlos. **Grandes Projetos Urbanos: olhares críticos sobre a experiência argentina e brasileira**. Porto Alegre: Masquatro, 2013.

VEAL, A. J. **Metodologia de pesquisa em lazer e turismo**. São Paulo: Aleph, 2011. 542 p. (Série Turismo). Tradução de Gleice Guerra e Mariana Aldrigui.

VELOSO, Gil. **Um viaduto chamado Minhocão**. São Paulo: Dedo de prosa, 55 p.

WARD, Stephen. Re-examining the International Diffusion of Planning. In: FREESTONE, Robert. **Urban Planning in a changing world: the twentieth century experience**. Londres: Routledge, 2000. P. 40 – 60.

WORLD TOURISM ORGANIZATION (Nova York). United Nations. **International Recommendations for Tourism Statistics 2008**. 2010. 134 p. Disponível em: <https://unstats.un.org/unsd/publication/Seriesm/SeriesM_83rev1e.pdf#page=21>. Acesso em: 18 abr. 2018.

YIN, Robert. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2015. 290 p.

ZAIDLER JUNIOR, Waldermar. **Rátulas: as superfícies mudas como lugar de fabulação**. 2014. 220 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Design e Arquitetura, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

ZUKIN, Sharon. **The cultures of cities**. 11. ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2008. 322 p.

APÊNDICE A – Termo de consentimento aplicado aos usuários do Parque Minhocão entrevistados

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisadora responsável Ana Carolina Padua Machado do curso de Mestrado em Turismo da Universidade de São Paulo. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas aos usuários do Parque Minhocão, visando a realização de uma dissertação de mestrado. Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será gravada e transcrita. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos não serão divulgados e que nesse caso será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade.

Você concorda?

Observação: Este termo foi lido para os entrevistados que responderam se concordam ou não. Todo o processo foi gravado.

APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido elaborado para agentes e atores envolvidos com o Minhocão:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como entrevistado, do estudo da pesquisadora responsável e aluna de pós-graduação Ana Carolina Padua Machado do curso de Mestrado em Turismo da Universidade de São Paulo, no. USP 10386556, que pode ser contatada pelo e-mail anacarolinapadua@usp.br e pelo telefone (15) 996073266. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com atores envolvidos, de maneira geral, ao Elevado Presidente João Goulart/Parque Minhocão, visando, por parte da pesquisadora a realização de sua dissertação de mestrado, intitulada “Para além de um viaduto: uma análise de usos e discursos sobre o Parque Minhocão”. Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será gravada e transcrita. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica e sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser.

Assinatura

São Paulo, ____ de _____ de 201x

Observação: Este termo foi entregue antes do início das entrevistas. O entrevistado leu e depois assinou (em concordância com o termo).

APÊNDICE C - Roteiro de perguntas para entrevistas aos usuários do Parque Minhocão:

- I. Você é de São Paulo? (Se sim, de que região? Se não, de onde?)
- II. Com que frequência você utiliza o Minhocão?
- III. Você tem um horário de preferência para utiliza-lo?
- IV. Que tipo de atividades você realiza por aqui?
- V. O que te faz escolher o Minhocão em relação a outras opções de parques da cidade de São Paulo? O que este espaço significa pra você?
- VI. Qual é a sua opinião sobre o futuro do Minhocão, dentre as diversas propostas que se resumem em demolição ou transformação em parque integral ou parcial?
- VII. Em caso de transformação em parque, você já percebe ou vê projeção de potencial turístico para a cidade de São Paulo?
- VIII. Você conhece ou já ouviu sobre experiências similares ao Minhocão no mundo?

Observação: Estas foram as perguntas guias para a condução das entrevistas. Se tratando de entrevistas semiestruturadas, na maioria das vezes são adicionados mais tópicos ou explorados certos aspectos relevantes para o conteúdo da pesquisa. Portanto, as entrevistas podem não se esgotaram somente com estas perguntas principais.

APÊNDICE D – Linha do tempo do Minhocão: